

EMMA V. LEECH

DAMAS OUSADAS - LIVRO 11

CAÇANDO O CAÇADOR



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

EMMA V. LEECH

DAMAS OUSADAS - LIVRO 11

CAÇANDO
O CAÇADOR

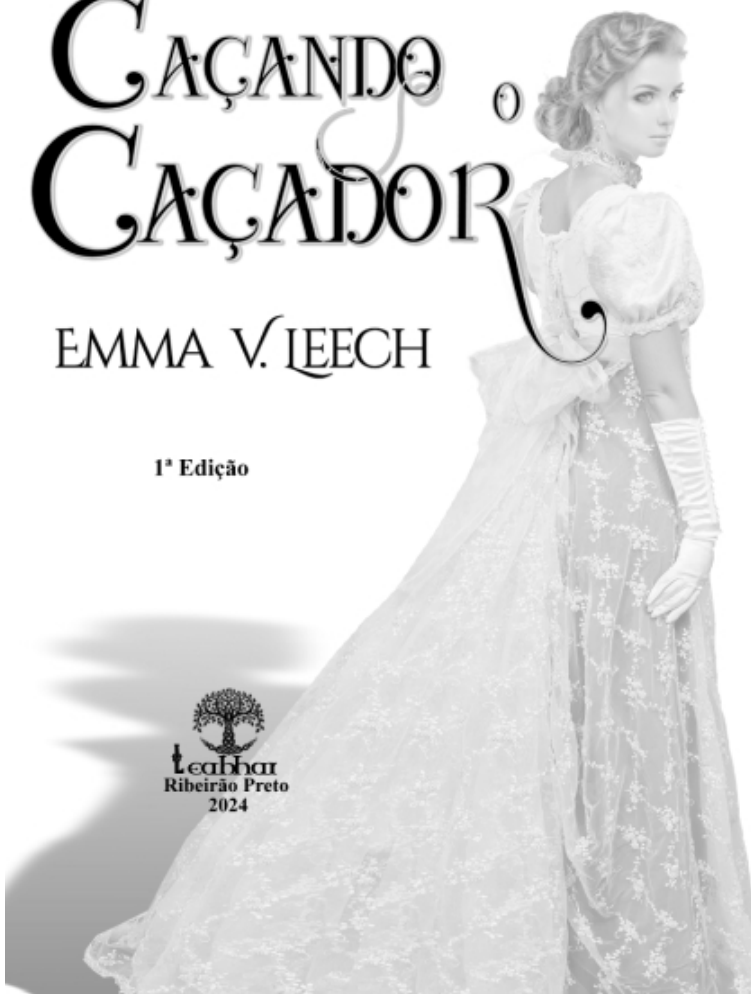

Leabhar

CAÇANDO O CAÇADOR

EMMA V. LEECH

1ª Edição


Leabhar
Ribeirão Preto
2024





Título original: To Hunt the Hunter
Girls Who Dare Livro 11
Copyright © Emma V. Leech, 2020
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Hamireths Costa
Revisão: Isabel Vasconcellos e D. Marquezi
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) FICHA CARTOGRÁFICA

LE111lbe

Leech, Emma V.
Título: Matilda e Montagu (recurso eletrônico) - Leabhar Books
Editora Ltda. 2023 - Ribeirão Preto - SP
Tradução de: Marilda & Montagu © 2020 Emma V. Leech
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital
ISBN 978-65-5444-168-1

1. Romance de época. 2.Série I. Costa, Hamireths. II. Título

80754

**CDD 82-32
CDU 134-3**

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por
Leabhar Books® Editora Ltda. 14025-200 – Rua Sete de Setembro, 1851
conj 1 – RP/SP – Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com.br

Membros do Clube do Livro das senhoritas Peculiares

Lady Prunella Adolphus, Duquesa de Bedwin – membro fundador das Senhoritas Peculiares e, secretamente, Miss Terry, autora de “*A História Sombria de um Duque Maldito*”.

Sra. Alice Hunt (nascida Dowding) – não tão tímida como antes; casada recentemente com o notório Nathaniel Hunt, proprietário do exclusivo clube de apostas Hunters, e irmão de Matilda.

Lady Aashini Cavendish (Lucia de Feria) – uma beldade estrangeira; recentemente, feliz e escandalosamente, casada com Silas Anson, visconde Cavendish.

Sra. Kitty Baxter (nascida Connolly) – quieta e vigilante, até que não esteja. Recentemente fugiu com seu amor de infância, Sr. Luke Baxter.

Lady Harriet St. Clair (nascida Stanhope) -Condessa St. Clair – séria, estudiosa, inteligente, puritana e usa óculos. Finalmente casada com o Conde St. Clair.

Bonnie Cardogan – (nascida Campbell) ainda muito franca e sempre em apuros ao lado de seu marido, Jerome Cadogan.

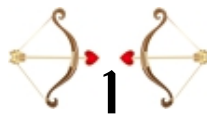
Ruth Anderson – (nascida Stone) herdeira, filha de um rico comerciante, vivendo pacificamente na Escócia, depois de ter domado um selvagem Highlander.

Minerva de Beauvoir – (nascida Butler) prima da Prue. Inteligente e engenhosa, loucamente apaixonada por seu genial marido.

Jemima Rothborn – (nascida Fernside) – felizmente instalada no Priorado, gerenciando habilmente a equipe e os aldeões e desesperadamente orgulhosa de seu marido heroico.

Lady Helena Knight – (nascida Adolphus) – vivaz, administradora, imprevisível e aventureira, tendo finalmente encontrado seu cavaleiro de armadura brilhante.

Matilda Hunt – loira, linda e arruinada em um escândalo do qual não foi culpada.



Querida Srta. Hunt,

Queria que estivesse aqui conosco, as coisas estão muito estranhas. Meu tio não me deixa sumir de vista. Fiquei zangada com ele, ontem, porque não me diz nada, então o castiguei, me escondendo. Quando me encontrou, me arrependi muito. Estava tão frenético, que parecia que ficaria doente. Não sei por que deixamos Londres tão rápido ou porque o tio está tão quieto e preocupado.

Sei que não devo pedir que venha. Tio Monty me proibiu de fazer isso. Ele diz que a senhorita não pode mais ser sua amiga. E que, se todos pensassem que gosta dele, seriam cruéis e nunca mais falaria com a senhorita. Não entendo por que isso ou porque existem regras tão estúpidas. Odeio todas essas regras e as pessoas que nos fazem obedecê-las. Quando crescer, não obedecerei às regras, se não concordar com elas, e não me importarei com o que as pessoas falem sobre mim por causa disso.

Queria lhe dizer que nós dois ainda somos seus amigos, não importa o que as pessoas estúpidas digam, mesmo que não possamos mais vê-la.

Sinto a sua falta.

— Trecho de uma carta da Srta. Phoebe Barrington para a Srta. Matilda Hunt.



24 de abril de 1815. Beverwyck, Londres.

Matilda observou, com emoções conflitantes, enquanto Helena escapava com seu novo marido. Os dois estavam desesperados para ficarem sozinhos, não pôde deixar de achar graça. Lady Helena foi a última de seus filhotes a se casar e garantir um futuro com segurança. Como Bonnie havia apontado, sobrou apenas ela. Não disse aquilo com qualquer malícia, na verdade, Bonnie estava sendo gentil, apenas queria vê-la tão feliz quanto as outras. De alguma forma, isso não a fez se sentir melhor. Além disso, tinha coisas mais

importantes para se preocupar do que brincar com a ideia de que estava procurando um marido. Desistiu de fingir que havia a menor chance de se apaixonar por outra pessoa, não quando Lucian ocupava todos os seus pensamentos. Talvez, um dia, se sentisse capaz de enfrentar a perspectiva, provavelmente quando estivesse velha demais para interessar a alguém..., mas, por enquanto, não podia negar o que seu coração estava dizendo. Lucian estava com problemas, embora de que tipo, Matilda não tivesse ideia, mas Phoebe temia por ele. Os dois precisavam dela, e, se havia algo que Matilda queria acima de tudo, era ser necessária.

Foi fácil escapar do grupo sem ser notada e, quando voltou para casa, ficou aliviada ao descobrir que sua mala estava feita, como havia pedido. Trocou-se rapidamente, enquanto a bagagem era carregada na carruagem, e quando desceu as escadas, encontrou sua criada pessoal, a Sra. Bradford, esperando por ela, seu rosto, uma expressão em branco. Matilda se preparou, pronta para o que estava por vir.

— Isso não vai funcionar, Srta. Hunt. Sei, tão bem quanto qualquer pessoa, que a senhorita é uma boa moça e que todos esses rumores perversos não são verdade, mas isso... isso é loucura e sabe disso.

— Sim. — disse Matilda, sorrindo para a mulher. Era atarracada, do tipo que não falava coisas sem sentido, exatamente o tipo de acompanhante que procurou, que não estava excessivamente preocupada com os deveres de acompanhante, se tivesse uma taça de champanhe e um companheiro para conversar — Senhora Bradford, sei que está certa e sinto muito se minha decisão está lhe causando angústia.

— Bem, está, Srta. Hunt, isso é um fato. A senhorita tem a minha promessa de que não vou dizer uma palavra dessa loucura, mas não farei parte dela. Isso é tudo o que tenho a dizer.

Matilda assentiu, sentindo-se um pouco aliviada que a verdade fosse dita. Se iria se queimar, preferiria não ter uma audiência para isso. Não que estivesse se esforçando para se arruinar, se tudo corresse bem, ninguém saberia de nada, mas, ainda assim, *era* uma loucura, não havia como fugir disso.

— Está tudo bem, Sra. Bradford. Irá para a casa de sua irmã?

— Sim, e como sei que a senhorita tem uma reputação a zelar, quando tudo isso acabar, poderá me encontrar lá, no seu retorno.

— Obrigada. — Matilda disse, calorosamente, sabendo que era tudo o que poderia pedir — E, pela sua discrição, eu agradeço.

— Ah, bem. — disse a Sra. Bradford — O mundo é um lugar cruel para uma jovem dama, às vezes, e sei que tem um bom coração, bom demais, e esse é o problema, mas deve fazer o que achar melhor. Tenha uma boa tarde Srta. Hunt, desejo-lhe boa sorte e que Deus a abençoe.

Matilda observou a mulher sair e depois se virou para o som de passos nas escadas.

— Bem, vá com Deus, eu que digo.

Matilda sorriu para a criada, enquanto descia as escadas correndo, pronta para a viagem.

— Oh, Sarah, dificilmente posso culpar a pobre mulher. Gostaria de sentir que perdi a cabeça, mas... bem, meu coração não vai me deixar descansar, até que eu saiba o que está acontecendo.

— Eu acho que a senhorita e Lorde Montagu tem negócios inacabados e essa é a verdade. — disse Sarah — E é o que as mulheres fazem, não é, seguem seus corações? Mesmo quando isso as leva ao perigo. Estarei ao seu lado, senhorita, não importa o que aconteça. Tem a minha palavra.

Matilda piscou para conter as lágrimas, tocada pelas palavras de Sarah. Ela era uma garota doce e de bom coração e sempre defendia firmemente qualquer decisão que Matilda tomava, não importando o quão boba fosse. Suspeitava que Sarah era muito romântica, e talvez um pouco ambiciosa, esperando que, por baixo de tudo aquilo, um dia fosse criada pessoal de uma marquesa. Bem, não havia esperança de que isso acontecesse, e foi o que Matilda havia lido, mas a verdade era que não estava convencida de que suas palavras haviam provocado efeito.

— Bem, então, é melhor irmos, ou não chegaremos antes do anoitecer. Está pronta, minha querida?

— Pronta para qualquer coisa. — disse Sarah com um sorriso — Vou verificar se todas as suas malas foram carregadas corretamente, volto em breve.

Matilda assentiu e foi se acomodar na carruagem. Enquanto aguardava, pegou a carta que Phoebe lhe enviara e a leu, pela quinquagésima vez.

— Estou indo, Phoebe. — disse baixinho, antes de dobrá-la e guardá-la, mais uma vez — Estou a caminho.



24 de abril de 1815, Dern, Sevenoaks, Kent.

Bertha Appleton trabalhava em Dern, desde menina. Começou como uma criada de copa, até ganhar um lugar na cozinha, onde seu talento foi rapidamente reconhecido pela cozinheira da época, a Sra. Drugget. Quando finalmente fora persuadida a desfrutar de sua aposentadoria, cerca de quinze anos depois, rapidamente recomendou Bertha para seu lugar. Um gesto que Bertha nunca esqueceu e, por isso, sempre visitava a Sra. Drugget, na pequena cabana, na propriedade dos Barrington. Uma coisa que se poderia dizer dos Barrington, era que sempre pagavam bem aos seus criados e cuidavam de suas necessidades. Tinham que fazer isso, porque, muitas vezes, lealdade não era barata, e com uma família com tantos segredos, seria difícil encontrar criados leais, isso era um fato.

Bertha, ou *Pippin*, como se tornara conhecida pelas últimas crianças Barrington, tinha visto três marqueses irem e virem, mas não havia dúvida de que o presente Montagu era seu favorito. Quando criança, era brilhante, animado e engraçado, e o rapaz mais inteligente que ela já conhecera. O

pequeno Lucian, ah, que sapeca era. Claro que isso foi antes dos dias sombrios, e nada foi o mesmo desde então. Ele, certamente, nunca mais tinha sido o mesmo. Tinha partido seu coração ver sua mudança, mas o que estava feito, estava feito e não havia sentido chorar sobre o leite derramado, não importando o quanto isso a entristecesse. Ainda assim, embora não fosse seu dever fazê-lo, cuidou do sujeito e de sua sobrinha, o melhor que pôde, e, sem dúvida, ultrapassou a marca, uma ou duas vezes, para fazê-lo.

Talvez fosse a preferida do mestre, mas ele sabia tão bem quanto ela, que isso não a abalava e que muitas coisas eram apenas aparência. Era tão popular com eles, quanto eles eram com ela, isso era muito bom. Então, foi com pouca surpresa que, ao levantar os olhos, se deparou com a pequena Srta. Phoebe, que entrou furtivamente nas cozinhas e estava ao seu lado, em segundos, puxando o avental.

— E o que posso fazer pela senhorita, minha pequena menina?

— Nada. — disse a garotinha, com um suspiro pesado — Estava me sentindo triste e queria ficar com alguém alegre.

— Ora, não me diga que seu tio não guarda muitos sorrisos para a senhorita? — Pippin perguntou, puxando uma cadeira na mesa da cozinha e servindo à garota um copo de leite.

— Sim, ele guarda, é claro, mas não está sorrindo muito, no momento. Não é o mesmo sorriso que coloca em seu rosto, quando está tentando se certificar de que eu esteja feliz, para que não me preocupe com ele.

Pippin suspirou por dentro. O problema era que a garota e seu tio eram farinha do mesmo saco. Era perspicaz demais para sua idade, ou para o seu próprio bem.

— Sabe por que voltamos, Pippin?

— Como se Sua Senhoria confiasse seus negócios para mim! — Pippin exclamou, com uma risada, embora soubesse muito bem por que, e a verdade disso a deixara doente do estômago. Pobre Lucian, parecia mais velho e preocupado quando retornaram. Não culpava Phoebe por sua preocupação, ela também sentia o mesmo. Sentiu a atmosfera baixar no casarão, no momento em que ele entrou pela porta, o peso do passado tão tangível, que era possível cortá-lo com uma faca. O maldito lugar estava cheio de segredos e Lucian carregava muitos deles, sozinho. Ela tinha esperança, por um breve momento..., mas não, não havia sentido em esperar por coisas que nunca aconteceriam. Dever. Deus, odiava essa palavra, odiava a maneira como aqueles meninos haviam sido ensinados e intimidados a acreditar que seu único propósito era servir ao nome da família, trazer honra, glória e poder à grande casa de Barrington. Era seu dever solene alcançar mais do que seus antepassados, seja através da política ou do casamento, não importava muito, apenas que os Barrington eram a maior família do país. Nunca houve qualquer conversa sobre felicidade ou amor, esses eram conceitos que os filhos de um Montagu não podiam ter. Coitadinhos.

— Bem, ele também não vai me dizer. — Phoebe disse, com um suspiro,

enquanto Pippin deslizava um prato de biscoitos na frente dela. Com um gesto afiado, mandou as duas criadas da cozinha saírem, dizendo-lhes para encontrar trabalho em outro lugar, por ora. Todos os criados eram leais a Montagu, mas não fazia sentido dar-lhes motivos para tagarelar, se pudesse ser evitado.

— Estava ansiosa para ir ao Gunter e ao Astley e todos os outros lugares que Tio Monty prometeu que iríamos, mas não posso reclamar, pois ele parece tão miserável, que faz minha barriga doer.

Pippin sentiu seu coração apertar em seu peito. Não pela primeira vez, se amaldiçoou por sua cegueira, todos aqueles anos passados, por não ter percebido mais cedo o que estava acontecendo debaixo daquele telhado, debaixo de seus narizes. Ela não era, de forma alguma, uma mulher que tolerasse a violência, em sua opinião, havia pouco no mundo que não pudesse ser resolvido com um pouco de honestidade e uma boa conversa, durante uma xícara de chá, mas, lembrar daqueles dias, trouxe tudo de volta, e queria muito machucar os responsáveis. Mas não era seu lugar. Não tinha poder naquela época, muito menos agora. Fez o que pôde, todos fizeram. Ela, o Sr. Denton e a Sra. Frant, mas os criados eram limitados no que podiam alcançar, e arriscaram tudo o que ousaram. Agora fazia o que podia, mais uma vez, por menor que parecesse ser. Puxando a cadeira ao lado de Phoebe, se sentou.

— Os adultos, às vezes, têm que fazer coisas que não querem fazer, meu cordeirinho, e pode não parecer fazer o menor sentido agora, mas seu tio está cuidando da senhorita, da melhor maneira possível. Confia nele, não confia?

— Claro que sim. — disse Phoebe, com os olhos arregalados, com a ideia de que Pippin poderia pensar o contrário — O problema é que, às vezes, acho que ele não confia nele mesmo. Está sempre lendo aquele livro horrível, depois fica tão pálido e determinado, como se tivesse se convencido a comer uma lesma.

Apesar de tudo, Pippin sentiu seus lábios se contraírem. Phoebe tinha muita imaginação e falava umas coisas de vez em quando. Ainda assim, sabia exatamente o que a garota queria dizer e desejou sinceramente ter posto fogo no maldito livro, quando teve a chance. Não ousou na época, pois sabia que o livro continha muitas informações que o jovem marquês poderia precisar. Se ela soubesse, então, o que mais continha, não teria hesitado. O pobre Lucian permitia que a voz de seu pai ainda o intimidasse, mesmo do além-túmulo, mas agora era tarde demais. O mal estava feito.

— A senhora acha que ele se casaria com a Srta. Hunt, se não fosse por esse livro?

Pippin olhou para Phoebe, um pouco surpresa, embora, porque, não tenha ideia. Farinha do mesmo saco, de fato. Não se conseguia passar nada por nenhum deles.

— Isso realmente não importa, não é? — perguntou com delicadeza — Ele nunca fará algo que o deixará feliz, se isso prejudicar o nome da família. Sabe disso.

O rosto de Phoebe escureceu, uma tempestade familiar entrou em seus olhos, sua mandíbula ficou apertada e, naquele momento, se parecia tanto com o garotinho energético e vibrante que Pippin conhecera, que queria chorar. Phoebe se levantou, tão rapidamente, que a cadeira em que estava sentada tombou para trás.

— Odeio isso! — gritou, suas mãos esbeltas fechadas em punhos — Odeio esse nome horrível. Não quero ser uma Barrington. Eu preferiria ser uma Smith ou uma Brown ou... ou *qualquer outra coisa*, se isso significasse que ele seria feliz e... e... Oh, *eu odeio isso!* — com um soluço estrangulado, Phoebe se virou para correr, mas Pippin se levantou e a pegou, puxando-a para um abraço forte e segurando-a com força, enquanto a garotinha gritava toda a sua frustração, até ficar exausta e se acalmar. Então Pippin sentou-se na cadeira, com Phoebe no colo, e acariciou seu cabelo, lembrando-se de outra criança e de outra vez, muitos anos atrás.



Sr. Knight,

Parece que devo felicitá-lo por seu recente casamento com Lady Helena. O senhor fez uma escolha excepcional. Ela é uma jovem espirituosa e me lembro o quanto gosta de um desafio. Admiro-o demasiadamente por ter conseguido fazer com que Bedwin o aceitasse. Estou ansioso para ouvir como conseguiu tamanha proeza, mas, no final das contas, o homem tem muito bom senso e percebeu que é uma união adequada, não obstante as opiniões da ton. Desejo a ambos felicidade, de todos os homens que mereçam, acredito que o senhor mereça mais.

Agradeço sua carta sobre Burton. Ele, de fato, está se transformando em uma pedra no meu sapato. Infelizmente, não é o único. Hesito em fazer esse pedido nas circunstâncias, mas preciso das habilidades excepcionais de seus homens. Se conseguir se afastar de sua adorável esposa, por alguns minutos, por favor, instrua-os a descobrir tudo o que puderem sobre meu tio, Theodore Barrington. Quero saber para onde vai, quem vê e, mais particularmente, quem está financiando sua estadia em Londres, pois acreditava ter cortado tudo, exceto uma mesada muito modesta. Sim, sou um sobrinho perverso, não acha? Vou deixá-lo especular sobre meus motivos. A maioria das pessoas me desenhou como um vilão, então fico curioso para saber o que fará dessa informação. Naturalmente, minhas próprias fontes também estão investigando o problema, mas ele está ciente dos meus métodos e, como os seus trilharam um caminho diferente, seria interessante combinar forças. Como sempre, descobrirá, de forma devida, a minha gratidão por sua assistência, nesse assunto.

— Trecho de uma carta do Muito Honorável Lucian Barrington, Marquês de Montagu para o Sr. Gabriel Knight.



24 de abril de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

Já estava escurecendo quando a carruagem ultrapassou a primeira das impressionantes guaritas do Palácio de Dern. Matilda colocou a mão no estômago, para acalmar a súbita erupção das borboletas. Enquanto respirava fundo, seu coração acelerava, se perguntando, mais uma vez, se aquilo tinha sido uma boa ideia. O que Lucian pensaria, ao encontrá-la à sua porta, àquela hora? Sem dúvida, o que qualquer homem pensaria, que mudara de ideia e decidira se tornar sua amante. Não podia culpá-lo. E, bem, teria que se arriscar. Uma mão quente e definitivamente suada e pegajosa cobriu a dela, fazendo com que Matilda sorrisse para a sua criada.

— Coragem, Srta. Hunt, chegamos até aqui.

— De fato, chegamos. — Matilda respondeu, com uma risada sarcástica de descrença.

Bem, era impossível voltar atrás, agora. Teria que ver para qual caminho o destino a levaria, a partir daquele momento.

Um laçao imponente a ajudou a descer da carruagem, resplandecente, nas cores preta e prata, habituais de Montagu. O Sr. Denton, o mordomo, se apresentou para recebê-la. Matilda gostou imediatamente do galês durante sua breve estadia no castelo, no início de março, e sua opinião não foi prejudicada pelos modos do mordomo.

— Boa noite, Srta. Hunt. Receio que não esperávamos visita. — disse, sem revelar a menor suspeita de julgamento.

— Eu sei. — respondeu Matilda com um sorriso pesaroso — Na verdade, eu não esperava vir até aqui, só que...

Ela hesitou, sem saber o que dizer.

— Só que?

Os olhos do mordomo tinham um brilho de esperança, então Matilda decidiu que poderia fazer pior e confiar nele. Se estivesse cometendo um erro terrível, talvez ele lhe dissesse, assim, ela poderia voltar para casa e ninguém saberia.

— Oh, Denton. Para falar a verdade, não sei o que estou fazendo, apenas tive a... a sensação mais estranha de que Lorde Montagu... que ele estava em apuros e que precisava de alguém. Uma... uma amiga. Oh, minha nossa, como isso soa ridículo quando dito em voz alta, mas parecia perfeitamente razoável na cidade.

Matilda havia praticamente se convencido a dar meia volta e retornar à carruagem, quando Denton fez a coisa mais extraordinária para um mordomo. Estendeu a mão e pegou a dela. Apertou seus dedos tão brevemente, que ela achou que pudesse ter imaginado aquilo, mas depois ele

agravou a quebra de etiqueta, sorrindo para ela.

Deus do céu.

— Obrigado. — disse ele, e então, de repente, voltou a ser o mordomo sério e distinto que ela conhecera antes — Venha por aqui, Srta. Hunt. Acredito que esteja cansada da sua viagem. Pedirei que tragam chá para o salão.

Matilda trocou um olhar com Sarah, que parecia tão atordoada quanto ela, antes de seguirem Denton para dentro do castelo. Mal haviam dado dois passos pela porta, quando viram Phoebe segurando a mão de uma senhora mais velha, de cabelos grisalhos e corpulenta. Com um grito de felicidade, Phoebe soltou a mão e correu até Matilda, chegando nela com tanta força, que Matilda quase perdeu o equilíbrio.

— Senhorita Hunt! Senhorita Hunt! — gritou a garota, agarrando-se a Matilda com uma força surpreendente, considerando sua estrutura esbelta e soluçando descontroladamente.

— Phoebe! — Matilda disse, ficando de joelhos e abraçando-a fortemente. Quaisquer dúvidas que pudesse ter, voaram para longe em um instante, enquanto Phoebe se agarrava a ela como um molusco — Pronto, minha querida. Não chore mais. Está tudo bem.

— A senhorita veio. — Phoebe soluçou, sufocada, enquanto enxugava os olhos e limpava o nariz com as costas da mão — Eu sabia que viria. O tio disse que a senhorita não podia, mas eu sabia...

— Matilda?

Seu nome, falado como se de muito longe, fez com que ela virasse a cabeça, e Matilda sentiu sua respiração ficar presa.

Lucian.

Nunca o tinha visto parecer nada além de imaculado, e vê-lo agora, vestindo apenas calças escuras, uma camisa amarrotada, com as mangas empurradas até os cotovelos e sem gravata... Como era injusto que parecesse mais bonito do que nunca, em desordem, quando, em contrapartida, ela provavelmente deveria estar parecendo uma aberração, em razão de sua partida abrupta e algumas horas sendo sacolejada dentro de uma carruagem.

— Boa noite, Lucian. — cumprimentou, nem um pouco surpresa com sua voz trêmula, mas um tanto espantada com o fato de ter conseguido proferir as palavras.

Os criados sumiram, com um breve comando de sua cabeça, o Sr. Denton discretamente levando Sarah com ele, deixando os três sozinhos.

— A senhorita enlouqueceu? — perguntou, olhando para ela, como se não pudesse acreditar que estivesse ali.

— É claro que ela não enlouqueceu. Ela veio porque sabia que algo estava errado. Eu disse que ela viria. Eu *disse*. — a voz de Phoebe estava indignada, e seu aperto sobre Matilda, implacável.

— Phoebe, sabe muito bem que ela não pode ficar, nós discutimos sobre isso. — começou, a confusão em seus olhos tão evidente, que Matilda teve

que suprimir o desejo de rir. Pobre Lucian. Ele a perseguiu por tanto tempo e, quando finalmente tentou fazer a coisa certa, ela apareceu na sua porta.

— Irá ficar, não vai, Srta. Hunt? — Phoebe perguntou, prestes a ter um ataque de birra, caso Matilda dissesse não.

— Sim. — respondeu Matilda, embora olhasse para Lucian enquanto falava — Vou ficar um pouco, até ter certeza de que os dois estão bem. É isso que os amigos fazem. Não é mesmo, milorde?

Lucian apenas a fitava, sua expressão indecifrável.

— Pippin, — ele chamou suavemente — pode aparecer, sei que está aí.

Um momento depois, a senhora que, mais cedo, segurava a mão de Phoebe, apareceu. Então, esta era a amada cozinheira de quem Phoebe havia falado, durante sua última visita. A mulher não parecia nem um pouco envergonhada por ter sido pega ouvindo, nem parecia impressionada com o olhar frio de Lucian.

— Leve a Srta. Barrington até a preceptora, por favor, e depois mande refresco para a biblioteca.

— Milorde. — disse a mulher, fazendo uma reverência, antes de se aproximar de Phoebe — Agora, meu cordeirinho, faça o que seu tio diz.

Phoebe voltou os olhos imploradores para Matilda — Não irá permitir que o tio a mande embora, irá Srta. Hunt?

— Phoebe! — Lucian exclamou, claramente exasperado.

Matilda sorriu e balançou a cabeça — Ele nunca foi capaz de me obrigar a fazer nada que eu não queira, Phoebe, então, não vou. Prometo.

Phoebe soltou um suspiro aliviado e beijou a bochecha de Matilda — Boa noite, Srta. Hunt, e muito obrigada por ter vindo.

Matilda observou Phoebe desaparecer, antes que pudesse enfrentar Lucian novamente.

— Por quê? — ele exigiu, um tom furioso por trás daquelas duas palavras — Por que veio?

— Porque o senhor está aqui, sozinho, e acho que algo está muito errado. Eu disse que seria sua amiga, Lucian. Falei de verdade, e não abandono meus amigos.

Matilda não conseguia ler nada nos olhos dele e não tinha a menor ideia do que Montagu estava pensando, se estava furioso ou muito feliz, ou as duas coisas. Talvez nenhum dos dois. Antes que pudesse adivinhar, ele se virou.

— Venha então. Podemos tomar chá confortavelmente, enquanto tenta me explicar que tipo de loucura a dominou.

Matilda o seguiu, satisfeita por ir até a biblioteca, um dos cômodos que mais gostou quando visitou o castelo anteriormente. Era um espaço luxuoso, tomado por painéis de carvalho e tapetes grossos. Havia muitas áreas de estar e lamparinas que lançavam focos dourados de luz, em intervalos convidativos, atraindo-o a se sentar e ficar confortável com um livro. Notou isso com frequência em Dern. Apesar de toda a sua grandeza e pompa, de vez em quando tropeçava em um cômodo que dava uma diferente impressão de

privacidade. Este era um desses cômodos, e suspeitava que isso mostrava a mão de Lucian nesse aspecto. Ele havia feito um lar para si e para Phoebe, entre os cômodos deste palácio cavernoso, esculpindo alguns espaços nos hectares de esplendor magnífico, onde poderiam ficar à vontade, embora à vontade não fosse uma palavra que descrevesse a atmosfera atual.

Lucian acenou para que Matilda se sentasse e depois caminhou até a lareira, inclinando-se sobre ela, para observar as chamas. Embora tivesse passado a viagem inteira pensando no que diria a ele, Matilda estava perdida e demasiadamente aliviada, quando Denton apareceu carregando uma bandeja de chá.

— Preparamos o quarto amarelo para a Srta. Hunt, milorde. — disse ele, habilmente arrumando as xícaras e pires e colocando um prato com uma seleção de tortas salgadas e outra de pequenos doces diante dela. O tipo de coisa que tenta até mesmo o apetite mais relutante.

Matilda pensou ter visto a explosão de algo nos olhos de Lucian, mas não conseguia adivinhar o que aquilo significava e, o que quer que fosse, Denton o ignorou firmemente, por não encontrar o olhar gélido de seu mestre.

— Devo servir o chá, Srta. Hunt?

— Por favor, não se incomode. — disse Matilda, intrigada com a tensão óbvia de Lucian e agora desejando que o mordomo obediente se retirasse, para que ela pudesse descobrir a causa.

— Sua criada está desempacotando seus pertences. — Denton continuou, com uma calma displicente — Esteja certa de que também cuidarei do conforto dela, Srta. Hunt.

— Obrigada, Denton, isso é muito gentil. Diga-lhe que não espere por mim. Vou cuidar-me sozinha, esta noite.

— Muito bem, senhorita.

Matilda se perguntou se estava imaginando o calor nos olhos de Lucian e decidiu que tinha sido um dia tão agitado, que seria melhor não dar importância a isso. Suas emoções estavam todas desequilibradas e, em seu estado atual, ela, sem dúvida, estava dando muita importância, sem necessidade.

Logo eles estavam sozinhos, mais uma vez, e Matilda seguiu o exemplo do mordomo, fingindo que Lucian não estava lá, assim evitava encontrar aquele olhar frio, desconfortavelmente inquisidor, que podia sentir preso sobre ela.

— Leite? — perguntou, sem olhar para cima.

— Sim.

— Açúcar?

— Não.

Lucian respondeu por monossílabos, Matilda manteve os olhos no chá, até que estivesse satisfatório, e então se atreveu a levantar os olhos, junto com a xícara que oferecia. O escrutínio dele era tudo o que esperava, e a xícara tremelicou um pouco no pires, até que Lucian se dignasse a aceitá-la.

Para seu alívio, ele a pegou e sentou-se na cadeira à sua esquerda, em vez

de ao lado dela, na poltrona.

Bebericaram o chá em silêncio, pelo que pareceu uma eternidade para Matilda, cujo estômago estava se amarrando em um nó górdio. Finalmente, ele falou.

— A senhorita é muito boa, Matilda. Tola além da medida, complacente além de qualquer coisa que qualquer pessoa razoável poderia esperar, e... e estou tocado, mas isso não poderá continuar. Precisa entender. A senhorita reforçou para mim, repetidas vezes, a importância de tudo o que espera, e agora está disposta a jogar tudo fora, e para quê? Sei que não veio aqui para ser minha amante. Não sou tolo o suficiente para acreditar nisso. Assim, arriscaria tudo em troca de nada?

— Se precisa de mim, como acredito que precisa, sim, Lucian. Eu arriscaria.

Segurou seu olhar e, desta vez, foi ele quem desviou primeiro, inquieto. Montagu raramente deixava as pessoas verem o que sentia, e permitia apenas a ela alguns breves relances de seu coração, mas sua confusão era evidente, agora.

Matilda sorriu — É o que nunca conseguiu entender. Não pode me forçar à sua vontade, com promessas de riqueza ou poder, mas quando me confiou um pouco do seu verdadeiro eu, me tratou como uma amiga, uma confidente. Para isso, eu moveria montanhas, se necessário.

Ele soltou um suspiro e pousou a xícara de chá — Não posso deixar de pensar que o destino esteja rindo de mim.

— Como?

Ela observou enquanto se virava para encará-la — Não consigo entender a tentação que a senhorita representa, mesmo agora? Não tem ideia, realmente, do controle necessário que estou exercendo, para me manter sentado aqui e não ao seu lado, para não a tomar em meus braços e persuadi-la a ficar comigo para sempre, e *não* como minha amiga, Matilda? Não apenas isso, pelo menos. A senhorita me disse, uma vez, que estava feliz por eu não a ter pedido em casamento, para salvar sua reputação, pois preferia ser arruinada a se casar com um homem mais morto do que vivo.

Matilda corou, lembrando-se daquele confronto em particular, muito vividamente.

— Oh, não, não se atreva a se arrepender. — disse, seus olhos prateados brilhando — A senhorita estava certa. Estive frio e morto por dentro, há muitos anos, mas, a senhorita e Phoebe não me deixam em paz, não permitem que eu me esgueire no escuro, onde pertenço. As duas... estão sempre...

Ele se levantou de repente, passando a mão pelos cabelos, e Matilda sentiu o coração apertar. Parecia quase zangado, certamente frustrado. Ela sabia que o havia pegado desprevenido, despreparado para vê-la. Se ele soubesse, nunca teria visto esse lado dele, nunca teria permitido que ela vislumbresse essa versão desgrenhada, menos do que intocada do marquês.

— Sempre o quê? — Matilda perguntou gentilmente.

Houve um silêncio tenso — Me fazendo desejar ser diferente.

— Diferente como? — o coração de Matilda deu um baque desconfortável em seu peito, e estava muito consciente do sussurrar de suas palavras.

— Se... Se meu pai e Philip estivessem vivos, se eu tivesse sido apenas o segundo filho... o sobressalente... eu poderia tê-la cortejado. — soltou uma gargalhada — Meu Deus, o que estou dizendo? Mesmo assim, papai teria ficado furioso. Ele nunca teria permitido.

Matilda largou a xícara de chá, antes que pudesse deixá-la cair — Ele o teria deserdado?

— Provavelmente.

— Mas o senhor teria feito isso, de qualquer maneira?

Ele se virou para ela e assentiu, segurando seu olhar — Sim.

Matilda prendeu a respiração. *Oh.*

Afastou-se dela e foi até a porta — Termine seu chá, Matilda. Pedirei a Denton que lhe mostre seu quarto. Boa noite.

Não olhou para trás, apenas fechou a porta atrás dela. Matilda não sabia o que fazer com a conversa que tiveram, e eles não mencionaram seu tio



Milorde,

Agradeço suas amáveis palavras e bons votos sobre meu recente casamento. Confesso que presumi erroneamente que o senhor, de todas as pessoas, ficaria horrorizado por eu ter rebaixado Lady Helena aos olhos da sociedade. Regozijo-me com seus comentários e estimativa do meu caráter. Entre os cavalheiros de posição mais alta com quem lidei, o senhor sempre foi o mais honrado e verdadeiro, nem sempre uma experiência agradável, mas, ao menos, sabemos qual é a nossa posição.

Apenas para constar, vi seu tio na casa do Barão Fitzwalter... Acredito que ele estava hospedado lá. Sempre confiei no meu instinto e o meu era de profunda apreensão para com o cavalheiro. Não acredito que o senhor seja perverso, ou que atacaria alguém, muito menos um membro da sua família, sem uma forte motivação. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para buscar as informações de que precisa.

— *Trecho de uma carta do Sr. Gabriel Knight para o Honorável Lucian Barrington, Marquês de Montagu.*



25 de abril de 1815 Dern, Sevenoaks, Kent.

Matilda acordou com a forte convicção de que estava sendo observada. Com um pequeno grito, se sentou na cama e descobriu Phoebe sentada, de pernas cruzadas, na beirada do colchão.

— A senhorita ficou. — disse simplesmente, sorrindo para ela.

Soltando um suspiro de alívio, Matilda recostou-se nos travesseiros e fechou os olhos.

— Sim. — concordou.

Assim que seu coração se acalmou, abriu os olhos novamente e olhou para a criança. Parecia adorável, na sua camisola de algodão branca, com o cabelo todo arrumado com pequenas fitas de pano, fazendo-os cair em cachos.

— O tio ficou feliz em vê-la, não ficou? — Phoebe sorriu para ela e

Matilda pigarreou, não totalmente certa de como responder — Bem, talvez ele não tenha dito, porque sabe que a senhorita pode ter problemas por ter vindo. Ele fica zangado quando está preocupado, entende.

— Fica? — Matilda perguntou, observando, com diversão, Phoebe rastejar sobre a cama e se acomodar próximo dela.

— Oh, sim. Ele nunca me repreende quando sou travessa, ou pelo menos não corretamente, mas se eu o assustar, como quando me escondi... então é diferente. — ficou quieta por um momento — Podemos fazer um piquenique? Vai ser um dia adorável, hoje.

— Eu não sei. — disse Matilda, tentando não imaginar um piquenique com Lucian e Phoebe. A imagem era muito tentadora para ser boa para ela. Com dificuldade, lembrou-se do porquê estava ali, porque arriscara seu próprio futuro, e não era para se divertir, mas para descobrir o que fez Montagu fugir da cidade, com Phoebe — Acho que talvez seja melhor se lavar e se vestir, antes que tenha problemas com a Srta. Peabody. Vejo-a no café da manhã, e então podemos descobrir o que seu tio tem em mente.

— Tudo bem. — disse Phoebe, descendo da cama — Mas tente convencê-lo de que um piquenique é uma boa ideia. Tenho certeza de que ele diria sim, se a senhorita pedisse.

Matilda riu e observou Phoebe sair correndo do quarto.



— Bem, a senhorita está uma pintura e isso é um fato, se posso lhe dizer. — Sarah disse, com um suspiro satisfeito, enquanto dava os retoques finais no cabelo de Matilda — E este quarto é simplesmente suntuoso. Até meu quarto é bem arrumado. Imagine viver em um lugar assim!

Matilda enviou um olhar reprovador para Sarah — Não, Sarah, não imagine. Lembre-se do que eu disse e não tenha ideias românticas. Estou aqui para ser amiga de alguém, que não tem noção do que é um amigo, apenas isso.

Sarah fez um barulho descontente, que não soou como se aprovasse a ideia, mas Matilda não estava com disposição para insistir. Além disso, ela, de fato, estava muito bonita. Inspirada pelo quarto amarelo ensolarado e pelo lindo dia, do outro lado das janelas, escolhera um vestido amarelo alegre, com uma fina sobreposição de tule amarelo, bordada com minúsculos pontos pretos. Era adorável, e uma cor tão alegre, que esperava que inspirasse a sorte para sorrir em seus esforços. De qualquer forma, aquilo elevou seu ânimo, e isso era o principal.

Matilda desceu as escadas e encontrou Denton esperando para cumprimentá-la.

— Bom dia, Srta. Hunt. Espero que tudo tenha sido satisfatório?

Com uma risadinha, Matilda assentiu — Eu desafiaria uma rainha a encontrar uma única coisa que não a satisfaça. É tudo lindo e muito além de qualquer coisa que já experimentei.

Denton acenou em aprovação — Sua Senhoria gosta das coisas assim, Srta.

Hunt, e nos esforçamos para garantir que tudo esteja de seu agrado.

— Ele é um mestre exigente? — Matilda perguntou, interessada.

— Apenas na medida em que espera que todos façam o seu melhor, senhorita. Os padrões que estabelece para si mesmo são muito mais exigentes do que qualquer coisa que exige de seus criados.

Matilda assentiu, sem se surpreender com aquilo — Trabalha aqui há muito tempo, não é mesmo?

— Trinta e cinco anos, Srta. Hunt. Eu cheguei em Dern como lacaio, até que Lorde Montagu me deu a grande honra de me tornar seu criado pessoal, quando ainda estava em tenra idade, mas sempre tive a ambição de ser mordomo, o que Sua Senhoria sabia muito bem. Graças a ele, ocupo o cargo há quase quinze anos.

A conversa foi interrompida quando chegaram à sala de café da manhã, então Matilda agradeceu e entrou. Lucian estava sentado à mesa, lendo uma carta, parecendo tão imaculado e friamente elegante como sempre, a camisa amassada da noite passada, uma lembrança distante, embora Matilda nunca esqueceria. Ele olhou para cima quando ela se aproximou e a observou por um momento, antes de se levantar, ainda segurando a carta.

— Senhorita Hunt. — disse ele, nunca tirando os olhos dela.

— Mas como estamos muito formais esta manhã. Ainda está bravo comigo?

Ele franziu a testa, como se a pergunta o intrigasse e depois olhou para a carta, e sua carranca se aprofundou. Colocou-a sobre a mesa e limpou a garganta — Eu não estava bravo com a senhorita... Matilda.

Matilda sorriu para o lacaio, que puxou uma cadeira para ela, à esquerda de Lucian, sentado à cabeceira da mesa. Uma vez sentada, aceitou uma xícara de chocolate quente, antes de olhar para Lucian. Ele ainda estava de pé e a olhava.

— Tem alguma coisa errada? — Matilda perguntou, um pouco ansiosa.

Ele balançou a cabeça e se sentou novamente.

— Não. — respondeu baixinho — Nada.

Fitou-o interrogativamente, incerta de seu humor e um pouco assustada com a intensidade com que ele a olhava. Constrangida agora, pegou um pão fresco e o rasgou ao meio, aplicando manteiga, antes de considerar as conservas.

— A geleia de cereja é excepcional. — disse Montagu — Tivemos a melhor colheita em anos. Eu costumava passar mal quando menino, após comer muitas.

Matilda o olhou de soslaio, divertidamente — Não consigo imaginá-lo se entregando a nada em excesso, o senhor é muito controlado. Aposto que também não bebe.

Suas sobranceiras se uniram — Eu bebo, mas não muito, certamente não em excesso. Não é a marca de um cavalheiro, controlar impulsos como esses? O excesso de qualquer coisa é inapropriado, não concorda?

— Suponho que dependa de até onde se leva a teoria. A embriaguez e a gula, ou qualquer vício em excesso, são, de fato, inapropriados para qualquer pessoa. Mas controle demais pode ser tão prejudicial quanto controle algum, se exercido com muita rigidez.

— Então discordamos. — disse, com uma nota tensa na voz — Se deseje que eu me comporte.

Matilda sentiu o rubor subir pela garganta e voltou sua atenção para o café da manhã.

— Por que deixou Londres?

Ela se atreveu a olhar para cima e o viu levantar a mão, um movimento pequeno e discreto que, no entanto, fez os criados saírem, um após o outro, e fecharem a porta atrás deles.

— Não quero falar disso agora.

— Mais tarde, então? — pressionou, lembrando do porquê estava ali.

— Talvez.

— O que deseja fazer?

Ele a olhou demoradamente, dos pés à cabeça, o que fez seu estômago tremer.

— Passar o dia aproveitando minha extraordinária sorte em ter sua companhia. — respondeu suavemente.

Matilda lambeu os lábios, não conseguindo acalmar a súbita explosão de nervosismo, que a deixou totalmente agitada.

— Phoebe sugeriu um piquenique.

Ela sabia que não deveria ter dito isso, era muito sedutor, como se este fosse um lugar fora da realidade, um lugar onde pudessem existir, sem que o mundo se intrometesse em seu idílio. Essa era uma fachada perigosa, mas na qual ela podia acreditar facilmente.

— Então é melhor não a decepcionar. Fico contente em ter uma desculpa para cancelar a reunião com meu advogado. Vou reorganizá-la para amanhã de manhã. Pedirei que Denton ocupe o sujeito e o mantenha entretido. Não desejaríamos que nosso dia fosse interrompido.

Embora ela tentasse o seu melhor para se concentrar em seu café da manhã, Matilda começou a agir desajeitadamente, deixando a faca bater em seu prato.

— Diachos! — exclamou envergonhada, e então, a pouca compostura que possuía a deixou rápido, quando Lucian estendeu a mão, do outro lado da mesa.

Ele arrastou a ponta do dedo pelas costas da mão dela.

— A senhorita é real. — disse, com um riso suspirado, soando espantado e tão perplexo quanto ela se sentia.

— Claro que sim. — respondeu, divertida — Dificilmente seria tão desajeitada, de outra forma.

— A senhorita é tudo o que eu sonho, exatamente como é.

— Lucian. — Matilda protestou, com a sensação mais estranha no peito, como se alguém tivesse entrado e apertado seu coração.

— É verdade.

Ela fechou os olhos por um momento e, quando os abriu, a mão dele ainda descansava ao lado da dela, na mesa, com a palma para cima, próximo, mas não tocando. Ele não faria isso, percebeu. Montagu havia dado sua palavra e não a quebraria. Esse breve toque foi o máximo que ele se permitiria. Matilda engoliu em seco, sabendo que era uma tola, mas aproximou a mão. Seu coração batia descompassadamente, e sua consciência gritava *perigo*, mas ela o ignorou e levantou a mão, apoiando a palma na dele. Seus dedos se entrelaçaram, nenhum deles disse mais nenhuma palavra, nenhum deles olhou para o outro, apenas para o lugar onde suas mãos se tocavam. O momento era insuportavelmente doce, ridiculamente inocente e, no entanto, o ar entre eles fervilhava, com tudo o que não era dito, com tudo o que não podiam ter.

A porta se abriu e Matilda puxou a mão, quando Phoebe correu para dentro da sala.

— Ela ficou! — gritou a garota triunfante, enquanto atravessava o espaço em segundos e jogava os braços em volta do pescoço de Lucian — Eu disse! Eu disse!

— De fato, disse. — Lucian disse secamente — E, vendo que está de tão bom humor, acha que poderia se abster de me estrangular e arruinar minha gravata? E sente-se como uma jovem dama. Prefiro que a Srta. Hunt não acredite que tenha sido criada por lobos.

— Ora, bobagem. A Srta. Hunt não se importa. Não é mesmo, Srta. Hunt? E sua gravata está perfeita, como sempre, mas vou me sentar, porque estou faminta! Isso é geleia de cereja? É muito gostosa, é a minha favorita. Já experimentou, Srta. Hunt? Podemos chamá-la de Matilda, por favor? Gostaria que me chamasse de Phoebe. Ela pode, não pode, tio?

— Duvido, tendo em mente que ela não consegue dizer uma palavra no momento.

Phoebe bufou e Lucian levantou os olhos para os céus. Matilda apenas observou, totalmente encantada, e com uma sensação fatalista de pânico crescendo em seu peito. Estava em *grandes* apuros.



Após o café da manhã, foram feitos arranjos para o passeio. Matilda já participara de vários piqueniques, oferecidos pela *haute ton*, em muitas ocasiões. Pouco diferia de comer em uma sala de jantar luxuosa e formal, exceto que os pobres criados tinham a onerosa tarefa de levar tudo para fora e colocá-lo sob a copa das árvores. Então ela se admitiu surpresa quando encontrou Phoebe e Lucian esperando do lado de fora, com um pônei e um cabriolé muito modestos, contendo uma enorme cesta de vime amarrada na parte de trás. Lucian segurava as rédeas, com Phoebe praticamente saltando impaciente ao lado dele.

— Como isso é charmoso. — Matilda exclamou, quando um laçao a ajudou subir. Acomodou-se ao lado de Phoebe.

— Há um lugar adorável, sob um grande carvalho, no Mast Head, e, no sopé da colina, tem um pequeno riacho. — Phoebe disse, os olhos brilhando de excitação. Levantou um grande frasco de vidro, com uma corda amarrada no gargalo, fazendo uma alça — Podemos pegar espinhelas também, e é sempre tão bonito, mas é muito longe para ir andando, eu sugeri o cabriolé. É uma boa ideia, não acha?

— É perfeito. — Matilda assegurou, enquanto Lucian incitava o pônei, a um trote pungente.

Lucian olhou para ela — Decerto, me pinta como muito arrogante, para me sentar sob um lençol, e comer usando a mão.

— Sim. — admitiu Matilda, ganhando um sorriso divertido.

— Que opinião ela tem de mim, Bee.

— E o que esperava que eu pensasse? — Matilda rebateu.

— Mas eu disse que ele não é como as pessoas pensam. — Phoebe explicou — Meu tio não é tão orgulhoso e frio quanto parece.

Matilda sorriu, com a garantia sincera de Phoebe — Isso é porque ele a ama mais, Phoebe. É diferente para o resto de nós, meros mortais.

— Mas não para a senhorita, sei que ele sente o mesmo. Não é verdade, tio? — foi uma observação inocente e infantil, mas o impacto no coração de Matilda foi devastador. Um rubor subiu pela garganta e ela virou a cabeça, fingindo estar absorta no cenário que passava.

— Não *exatamente* da mesma maneira, criança. — Lucian respondeu, embora a nota provocadora que Matilda esperava ouvir não estivesse evidente.

— Não, claro que não. Matilda é adulta, uma dama.

— De fato.

Um silêncio desconfortável caiu entre eles, ao qual Phoebe estava alheia, graças a Deus, e a garotinha tagarelava e ria, e logo a atmosfera se dissipou. Era impossível ficar desconfortável com sua companhia animada e as coisas engraçadas que ela dizia.

No caminho, Lucian parou o pônei, para que pudessem admirar os cervos que abundavam no vasto parque, ao redor do Palácio de Dern.

— O parque foi fechado pela primeira vez em meados do século XV. — disse Lucian, ao ver dezenas de cervos pastando pacificamente em um campo aberto — Hoje existem cerca de quatrocentos veados vivendo no parque.

— Eles são selvagens. — Phoebe disse, com um suspiro pesado.

— Phoebe está determinada a domar um. — Lucian lançou à sobrinha um olhar de reprovação.

— Mas eles são tão bonitos. — Phoebe retrucou — Eu só queria acariciar um.

— De fato, e alimentá-los com bolo e amarrá-los com fitas, sem dúvida. — Lucian disse, com o levantar de uma sobrancelha — Que destino lamentável para uma criatura tão bela.

— Ora, bobagem. — Phoebe zombou — Aposto que gostariam de bolo e

fitas, se tivessem a chance de experimentá-los.

Lucian riu, uma risada sincera, e Matilda ficou tão surpresa, que olhou para ele, de olhos arregalados. Ele avistou sua expressão chocada e parou abruptamente.

— O que foi?

— Covinhas. — disse Matilda, imperceptivelmente.

Meu Deus, ela estava condenada.

Lucian franziu a testa, olhando entre ela e Phoebe.

Phoebe bufou — Eu disse! — cantarolou, rindo do tio, e pulando no assento — Ha-ha! *Eu disse!*

Lucian zombou dela — Não seja ridícula, não tenho covinhas.

— Ele tem, não tem, Matilda?

— Temo dizer que sim. Que chocante! — Matilda respondeu, balançando a cabeça, como se fosse a coisa mais escandalosa que já ouvira — Espere até que a *ton* saiba disso.

— Agora temos algo com que chantageá-lo. — Phoebe disse, com um sorriso presunçoso — Podemos obrigá-lo a fazer o que quisermos.

— Dois contra um, como as mulheres são cruéis. — ele lamentou, e Matilda não conseguia olhá-lo, não conseguia suportar o calor de seus olhos. Ela não deveria ter vindo, sabia que não deveria, mas não conseguia se arrepender de um momento sequer deste dia, *não* se arrependeria.

Lucian virou o pônei para um caminho estreito de samambaias, que levava colina acima, serpenteando por arbustos de espinheiro e grossos aglomerados de teixo e vigas de chifre, e graciosos e elevados freixos. Um faisão se levantou da samambaia, com um ruído indignado e uma rajada de asas, e Lucian acalmou o pônei assustado, que balançou a cabeça e bufou, antes de seguir em frente.

— Esta parte do parque não mudou, desde a Idade Média. — disse Lucian — Há vastas áreas que foram replantadas recentemente, ou seja, há dois séculos. Barracas de faia e alamedas arborizadas. Há o passeio da castanheira e outros de faia e carvalho. Eles são muito grandiosos, mas eu gosto daqui. É mais ermo e terrivelmente antigo. Pode sentir isso, eu acho. A natureza antiga do lugar, uma conexão com uma terra imperturbável, que às vezes falta em outros lugares. É pacífico.

Pare com isso! Matilda queria dizer em voz alta. Exigir que ele não falasse daquela maneira, não revelasse mais de um homem sobre quem queria saber tudo. Matilda se sentiu atraída por ele, desde o início, embora nunca tivesse entendido o porquê. Sua beleza, talvez, ou sua maldita arrogância, pois ela nunca foi capaz de recusar um desafio. No entanto, nos últimos meses, isso mudou. *Ele* havia mudado. Havia permitido que ela visse o homem, não o marquês, e, a cada vislumbre, o seu interesse aumentava, seu desejo por mais dele a levava adiante. Tinha oferecido tolamente sua amizade, e não poderia voltar atrás.

Agora, aqui estava ela, se apaixonando, forte e rápido demais, por um

homem que nunca poderia ter, a menos que o compartilhasse com uma esposa. Como poderia amar um homem e vê-lo ir para casa, com outra, ter uma família com ela, e chamar sua esposa de amada, em público? Não importando a verdade de seus sentimentos... não. *Não*. O coração dela doía.

A floresta se abriu novamente e eles atingiram a crista de uma colina, coroada por um único e orgulhoso carvalho. Era grosso e retorcido, com um vasto tronco e um pesado dossel verde baixo. Lucian parou o pônei e desceu, movendo-se para o outro lado, para dar a mão à Matilda. Ela aceitou, evitando o seu olhar, e a soltou, no momento em que desceu.

— Venha. — Phoebe disse, sorrindo para Matilda e segurando o frasco que havia trazido, enquanto pulava do cabriolé, em uma enxurrada de saias, antes que seu tio pudesse levantá-la — Eu quero mostrar o riacho.

Deixaram Lucian cuidando do pônei e desceram a colina, até onde um riacho sinuoso brilhava e borbulhava, ao sol da primavera, preocupando-se em contornar pedras e seixos brilhantes. Era exatamente o tipo de lugar que Matilda amava quando criança, quando se escondia da sua preceptora e escapava para seu próprio mundo de pequenas aventuras, onde podia tirar as meias e remar, procurando pequenas criaturas sob as rochas e pegando pequenos peixes. Observou divertida como Phoebe fazia exatamente isso, amarrando as saias e espirrando a água, enquanto tentava pegar as elusivas espinhelas prateadas, com seus espinhos afiados e olhos brilhantes.

Matilda observou por um tempo, encorajando-a e lamentando quando o peixe se mostrava mais hábil e escorregadio. Tomando sua vez, ela quase caiu, para o deleite de Phoebe, e encharcou as luvas. Porém, era uma boa desculpa para tirá-las, pois o dia estava quente, e o lindo dia que Phoebe havia prometido pendia agradável e dourado, sobre os arredores verdejantes. Não resistiu a um olhar ocasional para o alto da colina. Lucian havia soltado o pônei, que estava vasculhando a grama e mastigando o conteúdo, pacificamente. Como aquele lugar era lindo. Podia ver por que era o lugar favorito para visitarem. Não viu Lucian, a princípio, e teve que procurá-lo, encontrando-o sentado no fundo da sombra do grande carvalho, com as costas contra o tronco.

— A senhorita pode voltar, se quiser.

Matilda olhou para trás e viu Phoebe a observando, com um sorriso satisfeito, e sentiu uma onda de vergonha, por ter sido pega, espiando. Phoebe apenas sorriu amplamente.

— Ora, vá em frente. — insistiu a criança — Ficaré feliz se for falar com ele. Não consegue ver como ele ficou pela senhorita ter vindo?

Sim, Matilda pensou desesperadamente. Sim, ela conseguia ver. Apesar de saber melhor, subiu a colina, suas saias deslizando pela grama do prado, passando por primulas amarelas e botões-de-ouro brilhantes, dentes-de-leão ousados e cicutas.

— A senhorita parece uma fada do campo. — Lucian observou, quando ela se aproximou — Como a personificação da luz do sol, nesse vestido amarelo.

— Tantos belos elogios, não me farão perder a cabeça. — Matilda mentiu, jogando as luvas molhadas no chão e tentando manter a voz impassível.

— Eu não estava tentando. Eu que perdi a minha, garanto-lhe.

Ele colocou dois cobertores grossos no chão, ao lado da cesta, e Matilda se sentou, arrumando cuidadosamente as saias, distante dele.

— A senhorita se sentou tão longe. Sou tão indigno de confiança assim? Não temos a Phoebe para satisfazer o decoro? Certamente não acredita que eu seja tão depravado, a ponto de fazer amor com a senhorita, com ela por perto.

— Claro que não! — Matilda exclamou, nervosa.

Não era *dele* que ela duvidava. Foi um choque descobrir que confiava nele depois de ter sido tão direto, sobre ela se tornar sua amante. Ele conhecia os sentimentos dela e, por fim, parecia tê-los aceitado. Então, estava confiando nele, com sua reputação, sua virtude. Tudo. Ele não trairia essa confiança. Acreditava naquilo.

— Tem medo do seu tio?

A pergunta escapou, um pouco mais direta do que pretendia, mas Matilda precisava colocar uma distância emocional entre eles, tanto quanto no espaço do cobertor do piquenique.

Lembre-se por que veio aqui.

Seu comportamento mudou em um instante, e ela se arrependeu de sua exigência, mas ainda assim, precisava perguntar. Não estava aqui para se tornar sua amante. Realmente não tinha o direito de estar aqui, não como ela era, nem amante, nem uma amiga aceitável, nem de um jeito nem de outro. Era injusto com Phoebe permitir que ela acreditasse que Matilda poderia fazer parte de suas vidas. Deveria ajudar Lucian a resolver qualquer problema em que ele estivesse... se estivesse ao seu alcance... e depois deveria ir embora.

— Sim.

Ela não esperava tal resposta e ficou momentaneamente surpresa demais para reagir. Então, o que ela viu nos olhos dele era medo. Que estranho. Havia pensado em Lucian... não, em Montagu, pois estava começando a ver que essas eram duas personalidades distintas, como sendo arrogantemente confiante, destemido, sem emoção. Poderosos. No entanto, seu tio, aquele homem um tanto desajeitado e que sorria com os olhos, de forma brilhante, fizera com que Lucian ficasse branco como alabastro e fugisse da cidade. *Por quê?*

— Devemos falar dele?

Lucian não estava olhando para ela, suas sobranceiras loiras estavam unidas, seu olhar intenso e seus dedos longos e elegantes estavam quebrando um graveto, em pedaços cada vez menores, e organizando-os, como uma pequena fogueira. Um pesado anel de sinete de ouro rutilava em seu dedo mínimo, a crista da águia chamando sua atenção.

— É por isso que eu vim.

— É mesmo?

— Sim.

Ele afastou a pequena pilha de galhos, o gesto irritado, e depois recostou a cabeça no tronco da árvore e fechou os olhos.

— Lucian, o que aconteceu entre vocês? Seu tio me disse que tentou matá-lo.

— É verdade.

Matilda ofegou quando seus olhos se abriram, um acesso de prata, como o cardume de peixes no riacho abaixo.

— O que é justo é justo. — disse, com tom zombeteiro — Era a minha vez.



Minha querida Aashini,

Irei me ausentar por alguns dias. Mandeí dizer ao meu irmão que vou ficar na sua casa. Se alguém perguntar, confirme e diga que peguei um resfriado e estou indisposta. Eu sei que é deplorável da minha parte pedir isso, mesmo assim, peço, minha querida amiga. Por favor. Garanto que estou segura e em sã consciência... mais ou menos. Não se preocupe comigo, embora eu saiba que seja em vão pedir. Explicarei tudo quando retornar. Eu sei que, de todas as pessoas, é quem entende que, às vezes, devemos correr o risco de defender o que é mais importante para nós. Obrigada, de todo meu coração.

—Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para Lady Aashini Cavendish



25 de abril de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

Matilda o fitou, seu estômago agitado — Não pode estar falando sério. De verdade? Lucian, me conte o que aconteceu?

Ele se levantou, em um movimento fluído, e caminhou até o outro lado do carvalho.

— Lucian! — chamou, mas ele não respondeu.

Incapaz de deixar por isso mesmo e sabendo que ele mudaria de assunto, na menor oportunidade, Matilda se levantou e foi atrás dele, abaixando-se sob um galho baixo, para poder segui-lo. Apoiou-se no galho, como se precisasse se agarrar a algo sólido, enquanto a realidade mudava sob seus pés. Parou atrás dele, vendo apenas o conjunto rígido de seus ombros.

— Ele tentou machucá-lo? — perguntou.

— Não, não tentou. Ele *me* machucou, *tentou* me matar. Já tentou, muitas vezes.

Matilda apenas observava as suas costas, sua respiração parada.

— Por quê? — sussurrou.

Lucian soltou uma gargalhada incrédula — Pense, Matilda.

— O título. — disse, percebendo imediatamente o quão óbvio era — Oh, meu Deus... Oh, Lucian. Mas certamente, se o senhor...

— Se eu o quê, Matilda?

Ele se virou para encará-la, sua expressão dura, sua voz tão fria como jamais ouvira, tão indiferente, como se estivesse falando sobre o clima.

— Contasse a alguém? — uma sobranceira loira se levantou — Eu tentei contar. Na primeira vez, tinha doze anos, tia Marguerite me deu um tapa no rosto e disse que eu era perverso e odioso, além de um mentiroso horroroso, com uma imaginação maldosa. Tentei novamente, um ano depois, e enfrentei perguntas sobre minha sanidade, minha estabilidade emocional e se estava são o suficiente para assumir o controle, quando atingisse a maioridade. Bedlam foi mencionado, para a felicidade do meu tio, então, mais uma vez, fui forçado a recuar. Ninguém nunca acreditou em mim, Matilda. Bem, a senhorita o conheceu, me diga, ele não é gentil? Tão genuíno, tão preocupado com o bem-estar de todos. Ele é tão terrivelmente razoável, tão descontraído, charmoso e simpático, e eu... eu não sou.

Matilda sentiu seu peito se contrair. Quando ele tinha doze anos. O primeiro atentado contra sua vida foi quando tinha *doze* anos?

— Acredito que ele possa ter se contentado em controlar o poder através de mim. Acredito que essa era a sua intenção. O problema era que, ao contrário de Thomas, eu não era nem um pouco obediente. Tio Theo tentou destruir tudo o que nosso pai nos ensinou, tentou desacreditá-lo, assim como suas ideias. Provavelmente pensou que seria algo fácil de fazer. Não era difícil ver o quão impaciente papai era conosco, seu desprezo nada velado sobre a natureza doentia e a timidez de Thomas, e minha falta de entusiasmo pelos malditos esportes e todas as coisas que acreditava que faziam de um homem o que ele era.

Lucian fez uma pausa e Matilda não se atreveu a falar, não queria interromper sua explicação e sentiu o quão difícil era para ele falar dessas coisas. Então ela esperou, pacientemente, enquanto ele continuava.

— Meu pai desprezava Theo e nos ignorava, então o tio acreditava que nos voltaríamos contra seus valores com facilidade. O que ele nunca entendeu foi que eu não me ressentia de tal tratamento. Meu pai *era* Montagu. Não importava o que se pensava do homem, detinha o título e o poder, e aquilo lhe fazia muito bem, tanto para a família quanto para aqueles que dependiam dele. Meu irmão, Philip, era tudo o que Montagu deveria ser, tinha uma afeição aos modos, de uma forma que nenhum de nós tinha. Eu sabia disso e não me ressentia dele. Eu o admirava, por Deus... se quiser mesmo saber a verdade, eu o adorava, como um herói. Meu tio nunca entendeu, não podia. Não quando ele se ressentia tanto do próprio irmão.

— Como? — Matilda perguntou, dificilmente ousando, mas queria saber a verdade.

Ele deu de ombros — Um acidente de cavalo, a primeira vez. A sela da minha montaria se desgastou... com uma pequena ajuda. Cedeu quando dei um salto, que meu tio me assegurou que eu poderia fazer, embora o obstáculo fosse mais alto do que qualquer coisa que já tivesse enfrentado antes. Felizmente, só quebrei o braço, e o tio ficou tão tomado por remorso, tão

terrivelmente arrependido. Demitiu um dos cavaleiros por isso. Acho que eu sabia mesmo assim, no meu íntimo. Nenhum dos criados teria deixado algo assim acontecer, mas ainda éramos amigos na época, ele ainda era *tio Theo*, apesar de nossas divergências. Não foi até um ano depois e o terceiro *acidente infeliz*, que o véu caiu dos meus olhos. Finalmente, me permiti acreditar que estava vivendo com um monstro, mas já era tarde demais.

Havia uma pontada tão desoladora nas palavras, todas pesadas de arrependimento, de culpa.

— Por que tarde demais? — perguntou, confusa, pois Lucian estava vivo e por isso seu tio havia falhado.

— Ele encontrou uma maneira de me manipular, machucando Thomas.

A respiração dela prendeu, o choque daquelas palavras, as implicações...

— Lucian, eu sinto...

— Não. — disse friamente, afastando-se dela. Passou a mão sobre os olhos e deu meia volta sobre a árvore, recostando-se no tronco.

Matilda o seguiu, hesitante.

— Não direcione seus doces sentimentos para mim, Matilda. Foi Thomas quem sofreu, Thomas quem... — parou e balançou a cabeça — Não mais. Chega... *Não posso* mais falar sobre isso.

Matilda assentiu, ouvindo a angústia por trás de sua raiva. Não precisava que ele explicasse que nunca havia falado sobre isso antes. Era óbvio. Observou-a com cautela, enquanto ela se aproximava. Bom Deus, não é de admirar que mantivesse todos à distância, quando até mesmo aqueles mais próximos a ele não podiam ser confiáveis. Que tolice considerar confiar em uma estranha, quando sua própria família o traiu, em um piscar de olhos. Ela ansiava pelo menino aterrorizado e solitário que devia ter sido, e pelo homem que se tornara, frio, poderoso e isolado. Mas não era frio, esse era o problema. Estava sozinho, mas não era nem um pouco malvado.

Como ela teve coragem, não sabia, mas levou a mão à bochecha dele, uma oferta de conforto, para alguém que precisava tão desesperadamente.

— Também sofreu, Lucian. Ele o machucou muito, e *sinto* muito. O senhor não deveria ter sido machucado e ter ficado sozinho. Eu sinto muito, quer aceite isso ou não. Não pode me impedir, espero que entenda. Gostaria de poder fazer alguma coisa para melhorar isso.

Lucian a observou, e sua expressão fez algo doloroso se desenrolar em seu peito, como se não soubesse como interpretar suas palavras, como se ninguém lhe tivesse dito coisas assim antes.

Ele balançou a cabeça negativamente, como se estivesse pedindo que Matilda parasse, mas, em seguida, fechou os olhos e virou o rosto contra a palma de sua mão, buscando o conforto que ela lhe oferecia.

— Sem mais perguntas. — disse, suavemente — Apenas me dê hoje. Por favor, Matilda. A senhorita deve ir embora, nós dois sabemos disso, mas sou egoísta o suficiente para tomar este dia para mim, se permitir.

Matilda assentiu, acariciando a maçã de seu rosto com o polegar, um rosto

que poderia parecer tão frio e austero, mas que estava quente sob seu toque.

— Apenas um dia. — murmurou, sabendo o que faria e sentindo seu sangue ferver em suas veias, por sua própria audácia.

Ela deu um passo, aproximando-se mais dele, seus corpos quase se tocando. Seu olhar se aguçou, de repente atento — Posso...

— Não.

Matilda não tinha resistência contra ele, não se Lucian a tocasse, como ele tão claramente queria. Nunca saber o que era beijá-lo era um pensamento terrível demais, mas ela podia arriscar apenas isso.

— Não se mexa. — alertou-o.

Se ele a tocasse, ambos estariam perdidos. Matilda pegou seus pulsos e pressionou as mãos de Lucian no tronco da árvore.

— Vai ser assim, ou não terá nada.

— Mas... — ele começou, e ela balançou a cabeça.

— Não pode me tocar. Promete?

Ele soltou uma gargalhada dolorida.

— Prometo. — Lucian prometeu a contragosto, seu tom sombrio.

Matilda olhou para baixo, na colina, e viu que Phoebe ainda estava ocupada, pegando peixes, antes de olhar para Lucian, cujos olhos estavam fixos nela.

— Me disse, uma vez, que seria mais doce, se eu instigasse nosso primeiro beijo. Lembra-se disso?

Um movimento de cílios loiros fechou sua expressão, por um momento — Não me lembre de tudo o que eu disse e fiz. Estou ciente de quão pouco mereço isso, e ainda assim, eu estava certo, não estava?

— Vamos ver. — disse ela, colocando as mãos sobre o peito dele.

Seu coração trovejava sob a palma da sua mão, o que era reconfortante, pois ele estava exteriormente tão plácido como sempre, exceto pela maneira como seus olhos ficaram escuros, as pupilas arregaladas e dilatadas. Ela deslizou as mãos sobre os ombros dele, depois ficou nas pontas dos pés e se inclinou, pressionando a boca timidamente contra a dele. Sua respiração ficou presa e a sensação a iluminou como um relâmpago, quando o desejo atravessou seu corpo. Lucian manteve sua palavra e não tentou tocá-la, embora sua respiração estivesse acelerada, naquele momento. Matilda moveu sua boca sobre a dele, outro aperto suave de lábios, e ele proferiu um som baixo, que fez seu coração saltar. Matilda recuou e ele a seguiu, buscando mais, mas ela pressionou um dedo em seus lábios, um aviso.

— Isso é retribuição? — perguntou, a voz rouca — Irá me provocar e torturar, mesmo depois de eu ter dado a minha palavra de que não a tocaria?

Matilda riu e quase concordou, mas decidiu ser honesta. — Não, essa sou eu me atrevendo a acariciar um tigre. É autopreservação, Lucian, e sabe disso.

— Então, pelo amor de Deus, pegue o que quiser. Estou morrendo aqui.

Então ela o fez, pressionando mais perto, os seios contra seu peitoral firme, a boca se firmando sobre a dele. Lucian inclinou a cabeça e ela ofegou,

quando sua língua traçou a linha de seus lábios, procurando, pedindo permissão. Era demais e não o suficiente, quando sua língua encontrou a dela e estocou. Oh, ela estava perdida, isso era muito doce, muito delicioso. Ele não se moveu, não quebrou sua palavra e, no entanto, estava totalmente no controle, aproximando-a com seu beijo, fazendo-a querer mais e mais, a cada pressão daquela boca pecaminosa e perversa. Ela o tinha visto usar palavras como armas, visto a impassividade cruel daquela boca quando estava mais austero, e, ainda assim, agora era tão dolorosamente macia, tão suave, tentando-a, por um caminho que Matilda não podia tomar.

Matilda se aproximou ainda mais, seu corpo vivo de necessidade, o lugar entre as coxas que clamava por ele latejando e úmido. Bom Deus, mas Phoebe estava por perto, e ela... e ela queria...

Matilda se afastou dele e deu um passo para trás, respirando com dificuldade.

— Matilda.

O nome dela era um apelo. Seus olhos diziam *mais, por favor, e não vá*. Ela não conseguia olhar para ele, ciente de quão perto estava de pedir que Lucian a tocasse, que fizesse o que quisesse.

— Sinto muito. — disse ela, balançando a cabeça e se afastando dele — Eu... Eu não deveria ter...

— Não, — ele ordenou, sua voz afiada — não se arrependa, pelo amor de Deus. Vou me lembrar disso até o dia em que morrer, Matilda. Não fez nada de errado. Maldição, eu a quero tanto, eu não sei... — deu uma risada branda, embora não houvesse humor nela — Como posso permitir que vá embora? Me diga como.

Matilda queria chorar, mas se forçou a sorrir, embora não pudesse suportar virar e olhar para ele — Pode dizer *adeus, Matilda*, e eu vou embora. É bem simples. Mas não irei, até saber o que posso fazer para ajudá-lo.

Ele soltou um som enojado — Não há nada que possa fazer, e suponho que isso a salvará. É a única coisa que pode me forçar a mandá-la embora. Meu tio sempre falhou em colocar um ponto final na minha vida, então, ele vai me fazer pagar em vez disso. Ele vai me machucar através daqueles que amo, como sempre fez.

— Phoebe! — Matilda disse com pressa, quando se virou para ele, a mão cobrindo o coração, quando foi atingida por um medo — É por isso que deixou Londres. É por isso que estava com medo, estava com medo de que ele a machucasse.

Lucian assentiu, sua expressão grave e arrependida — E por sua causa, Matilda. Se ele tivesse a menor ideia de como me sinto em relação a você...

A respiração dela ficou presa com o que viu nos olhos dele. Ele quis dizer...?

— Olhe!

Matilda quase morreu de susto, pois não tinha ouvido Phoebe se aproximar, presa que estava no que Lucian estava dizendo.

— Eu peguei um!

Houve um momento de silêncio, antes de Lucian os resgatar.

— Não tenho certeza de que isso nos alimentará, se esperava fornecer almoço, Bee.

Matilda olhou para ele com admiração. Lucian se agachou para inspecionar a captura de Phoebe, de uma única espinhela, espantada com o quão calmo ele parecia estar, quando, em contrapartida, ela ainda estava trêmula devido ao beijo e a implicação do que ouvira. Prática, supôs. Lucian teve anos e anos para aprender a disfarçar seus sentimentos, esconder tudo, menos o que desejava que as pessoas vissem dele.

— Não seja bobo. — Phoebe bufou, revirando os olhos — Não podemos comer o peixe, mas estou faminta. Podemos fazer nosso piquenique, agora?

Lucian inspecionou o peixe, antes de olhar para sua sobrinha.

— Parece que caiu na água. — constatou, observando o vestido amarrotado e sua bainha encharcada e enlameada — Mas é um peixe muito bom, e é claro que está faminta, existe em outro estado, criança, acredito que tem as pernas tortas. Mas sim, acho que talvez devêssemos comer agora. Vá e desempacote nosso banquete.

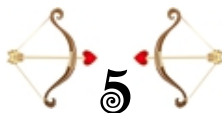
Phoebe deu um pequeno grito de triunfo e correu, rodeando o tronco da árvore, onde fariam o piquenique. Lucian olhou para Matilda, sua expressão um tanto triste.

— Que excelente acompanhante ela é. — ele murmurou — E nenhum piquenique, por mais luxuoso que seja, me satisfará hoje, temo.

Matilda corou, mas segurou seu olhar, enquanto ele se endireitava e lhe oferecia a mão. Ela aceitou e a levou até os lábios, beijando seus dedos, seus olhos nunca deixando os dela.

— Venha, — disse ele, suspirando — antes que eu a roube, sob o pretexto de brincar de esconde-esconde. Estou perigosamente perto de um comportamento desprezível, garanto.

Matilda sorriu, decidindo que era melhor não mencionar que ela estava perigosamente perto de ir pelo mesmo caminho.



Theo,

Eu quase perdi tudo, seu velho idiota. É este o agradecimento que recebo por ajudá-lo? Quero o que me foi prometido. Tudo. É melhor encontrar uma maneira para que eu possa entrar, porque, se eu falhar, cairá junto.

— Trecho de uma carta ao Sr. Theodore Barrington, de um correspondente desconhecido.



25 de abril de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

Era como viver em um sonho, o tipo de sonho que ela nunca ousou se permitir imaginar. Era bom demais para ser real, muito próximo de tudo o que sempre quis e sabia ser bom para ela. Sonhos como aqueles apenas levavam à insatisfação e a decepção, quando se percebia que a realidade nunca poderia ser comparada. No entanto, lá estava ela, fazendo piquenique em Dern, cercada por flores silvestres, sentada à sombra de um carvalho, em um dia quente de primavera, com Lucian e Phoebe.

Phoebe estava de bom humor. A garotinha confidenciou-lhe que ela tinha a honra de ser sua pessoa favorita no mundo todo, além de Lucian, embora Pippin ficasse em terceiro lugar. Então, ter suas duas pessoas favoritas juntas, a deixava muito feliz e com vontade de rir, o que era bastante contagiante e impossível de resistir. Não importava o quanto Matilda tentasse proteger seu coração, era uma aventura sem esperança. Poderia ter tido mais sorte se Lucian não fosse tão irresistível naquele cenário.

Ele ainda estava imaculado, e, em cada centímetro, o marquês, e Matilda percebeu que o estava vendo com algumas de suas defesas reduzidas. Não todas. De vez em quando, captava o olhar cauteloso nos olhos dele, uma cautela que dizia que ela não era a única pessoa que estava arriscando as coisas. Lucian havia perdido todas as pessoas com quem se importava, exceto Phoebe, e Matilda não tinha dúvidas de que não permitiria ser ferido novamente. As revelações sobre seu tio foram tão chocantes, que só tornaram a sensação onírica do dia mais pronunciada, pois, se isso realmente era um sonho, certamente também era um pesadelo. Tinha tantas perguntas, nenhuma das quais poderia fazer, por medo de estragar o dia que prometera dar a ele.

— Concordo, Sidney é um bom nome para um peixe. — Lucian disse, com expressão de gravidade — Mas, no entanto, ele deve ser devolvido ao riacho.

— Ah, mas, tio! — Phoebe fez beicinho — Não posso levá-lo para casa?

— Não. O pobrezinho irá morrer. Imagine o quão solitário ficará.

— Mas vou fazer companhia para ele. — Phoebe protestou.

Lucian enviou a Matilda um olhar apelativo.

— Sim, mas a senhorita não é uma espinhela. — Matilda disse gentilmente

— E talvez ele tenha uma esposa, filhos, até. Ficarão preocupados com ele.

Phoebe bufou — Eu não tinha pensado nisso. Muito bem, mas o senhor terá que vir também.

Ela puxou o braço de Lucian, e Matilda observou, enquanto caminhavam de mãos dadas até o riacho, para libertar Sidney. Agacharam-se junto à água, duas cabeças incrivelmente loiras, curvadas, o sol transformando-as em ouro, brilhando como um campo de cevada. Matilda respirou fundo. Um dia. Apenas um dia perfeito. Deve ser o suficiente. Sorriu quando Phoebe acenou para ela, acenando de volta, recuperando o fôlego, quando Lucian mandou um beijo pelo ar, assim que Phoebe voltou sua atenção para o riacho. Ela riu e fingiu pegá-lo, fazendo-o sorrir.

Um estalo de galhos e o grasnido indignado de um pássaro a fizeram desviar o olhar dele, em direção à floresta pela qual haviam atravessado, esperando ver alguém andando pela vegetação rasteira. Matilda apertou os olhos para a luz do sol, mas não viu ninguém. Devia ser um cervo, sem dúvida, ou talvez um guarda-caça. Ela voltou sua atenção para Lucian, que segurava a mão de Phoebe, enquanto a garota se despedia de Sidney, e suspirou. Recompondo-se, Matilda arrumou o piquenique, antes que ficasse sentimental.

Ela não estava disposta a desperdiçar o pouco tempo que tinham com arrependimentos, haveria dias suficientes para isso, mais tarde.

— Para a senhorita!

Matilda levantou os olhos após fechar a cesta e deu de cara com um buquê de flores silvestres. Um emaranhado de botões-de-ouro, dentes-de-leão e cicutas a cumprimentou, e Matilda exclamou, tocada.

— Que lindo! Obrigada, Phoebe. Elas são muito adoráveis. Pedirei à Sra. Frant que as coloque em um vaso, do lado da minha cama.

— E quando elas morrerem, pegarei mais. — Phoebe disse, enquanto Matilda se levantava — As rosas são lindas, não são, tio? Poderíamos fazer um buquê grande. Tenho certeza de que a Srta. Matilda vai gostar das cor-de-rosa.

— Eu adoro as cor-de-rosa, — Matilda respondeu — mas terei partido antes disso, querida.

O rosto de Phoebe caiu — Não! A senhorita não pode ir ainda. Porque acabou de chegar.

— Sinto muito, mas eu devo. Não deveria nem estar aqui, querida. — disse Matilda, estendendo a mão e pegando a dela — Mas tem sido tudo tão lindo. Eu nunca vou me esquecer.

— Mas a senhorita vai voltar. De novo.

Não era uma pergunta, e havia um olhar firme na expressão da garota, que Matilda se esforçou para segurar. Teria sido fácil mentir, aplacá-la com

promessas, mas isso não era justo.

Matilda balançou a cabeça e viu os lábios de Phoebe tremerem. Olhou impotente para Lucian, cuja expressão estava limpa de emoção, sua mandíbula firme. Antes que Matilda pudesse dizer alguma coisa, ele pegou Phoebe no colo e se afastou com ela. Matilda conseguia ouvir sua voz, baixinho, mas não o que estava dizendo e sua garganta ficou apertada, quando viu Phoebe agarrando seu pescoço, seu rosto pressionado no seu ombro. Lucian a abraçou forte, e Matilda não conseguiu mais olhar.

No momento em que voltaram, Phoebe não estava tão mais calma, porém estava controlada. Ela ajudou Lucian a colocar o pônei de volta no arreio e, em seguida, subiu no cabriolé. Inclinou-se ao lado de Matilda, que não podia fazer nada além de abraçá-la.

Quando chegaram a Dern, a Sra. Frant pegou o ramalhete desorganizado, como se fosse o mais exótico dos buquês. A Srta. Peabody exclamou horrorizada, quando viu a aparência selvagem de sua tutelada, e arrastou uma descontente Phoebe para que pudesse banhá-la.

Deixada sozinha na grande entrada, Matilda se virou para Lucian.

— Sinto que estou fazendo mais mal do que bem. — admitiu, incapaz de esconder o tremor em sua voz — Eu queria tanto ajudar, mas a pobre Phoebe... E-e estou fazendo t-tudo erra...

— Matilda, se não quer que eu a abrace, pelo amor de Deus, não chore. — Lucian protestou.

— Eu sei, no entanto, — disse, impotente — quero que me abrace, por favor.

As palavras saíram antes que pudesse pensar melhor, e Lucian não precisava de outro convite. Matilda fechou os olhos e encostou a cabeça em seu ombro, enquanto os braços de Lucian a rodeavam, puxando-a para ele. *Oh, isso*, seu coração gritou. Ele cheirava a linho limpo e sabonete de barbear, um leve e persistente aroma de bergamota exalava de sua pele.

— É melhor ter algo lindo por um curto período, do que não ter nada. — Lucian disse, suavemente — Admito, levei muitos anos para aceitar essa verdade. É muito fácil se perder em ódio, amargura e arrependimento, muito fácil perder a felicidade que podemos encontrar em algo fugaz. É algo que luto para fazer, mas Phoebe está me ensinando a ser melhor, assim como a senhorita.

Matilda engoliu em seco, forçando as lágrimas a não caírem.

— Eu devo ir. — disse ela, totalmente miserável, apesar das palavras dele.

— Sim.

— E o senhor tem que se casar.

— Sim.

Matilda respirou fundo — Não irá me persuadir a ser sua amante, então?

— Não posso. — disse com a voz pesada — Não é o que a senhorita quer. Nós dois sabemos disso e não vou convencê-la a mudar de ideia. Além disso, Phoebe a ama. Um dia ela entenderá o que fiz, o que pedi. Como eu poderia

olhar nos olhos dela? Como eu poderia explicar? Eu faria qualquer coisa para mantê-la comigo, Matilda, mas sei o que quer e, embora não veja da mesma forma, a senhorita está certa. A sociedade *irá* julgá-la. Não trarei filhos ilegítimos ao mundo, se puder evitar. É errado forçar uma criança a suportar o estigma, e a senhorita, de todas as pessoas, precisa de uma família ao seu redor. — recuou um pouco para vê-la melhor, levantando seu queixo com um dedo — É perfeitamente óbvio para qualquer tolo que será uma mãe maravilhosa, eu seria cruel de fato, se tirasse isso da senhorita e, apesar do que possa pensar, apesar das muitas evidências do contrário, não sou totalmente sem coração... egoísta, sim, muito acostumado a seguir meu próprio caminho..., mas não sem coração.

— Eu aceitaria. — disse, de repente, precisando que ele soubesse o porquê. — Eu ficaria, sem pensar duas vezes, nem precisaria me pedir. Eu poderia me contentar, com o senhor e com Phoebe, mas..., mas não posso compartilhá-lo com uma esposa, Lucian.

Lucian paralisou e olhou para ela. Matilda não conseguia ler nada de sua expressão, que, agora percebeu, dizia o bastante. Ele escondeu qualquer forte emoção por trás daquela máscara fria, provavelmente um hábito que não conseguia, quebrar depois de tantos anos.

— Nem mesmo se a senhorita sozinha fosse a dona do meu coração? — perguntou, e lá estava a emoção que ela ansiava, o anseio claro em sua voz.

— E se *eu* me casasse, Lucian? O senhor aguentaria, sabendo que eu voltaria para casa, para o meu marido, para a cama dele?

Ele praguejou descontroladamente e se afastou dela. Passou as mãos pelos cabelos, seus ombros estavam rígidos, todos os ângulos do seu corpo tensos. Por apenas um momento, a fachada do marquês frio, que nunca levantava a voz, nunca demonstrava a sua raiva ou impaciência, ou qualquer coisa, caiu. Ela supôs que deveria sentir um pouco de triunfo nisso, por ser a responsável por essa reação, mas não podia sentir nada além de tristeza pelos dois.

— Pronto, consegue ver? — disse ela suavemente — É impossível.

— Sim. — Sua resposta foi entredente, ríspida e irritada — E, com algumas palavras, provou que sou um desgraçado sem coração, afinal.

O silêncio que se seguiu pareceu preencher o grande corredor, pulsando contra os magníficos painéis de carvalho, o enorme brasão esculpido na parede, lembrando-a de todas as razões. Retratos de gerações de Barrington os encaravam, sem dúvida, tendo visto muitos dramas se desenrolando sob eles, para se impressionar com uma trágica história de amor.

— Ainda temos hoje. — disse ela, tentando aliviar a voz e o clima — E eu vi tão pouco de sua esplêndida residência. Pode me mostrar?

Demorou um momento antes que ele respondesse, antes que se virasse e a encarasse novamente.

— É claro. — disse Lucian educadamente, e estendeu o braço para ela.

Matilda hesitou, incerta do que ele estava sentindo — Está com raiva de mim?

— Da senhorita? — suas sobranceiras loiras se uniram, intrigadas — Não. Nunca com a senhorita. Com as circunstâncias, o destino e todas as coisas sobre as quais não tenho poder, mas nunca com a senhorita.

Matilda assentiu e foi com ele, enquanto a escoltava pelo vasto castelo. Pouco a pouco, a tensão que fervilhava entre os dois diminuiu, e Lucian mostrou-lhe seus lugares favoritos, pinturas de ancestrais famosos, conversaram. Falaram de tudo e nada e, apesar da tristeza em seu coração, Matilda se viu rindo e apreciando a companhia dele. Era muito fácil fazer aquilo, e esse era o problema.

— O senhor não é nem um pouco como pensei que fosse.

Ele riu daquela observação — Não sou? Não se iluda. Eu sou o mesmo homem. A senhorita apenas traz à tona o melhor... e o pior... de mim. Estou feliz agora, feliz por ter vindo até mim, e, por isso, estou me comportando. A verdade é que estou tentando desesperadamente...

Lucian soltou um suspiro e balançou a cabeça.

— Eu não deveria abrir a boca. A senhorita me faz agir de forma imprudente, tolo além da medida. Digo a mim mesmo que não posso piorar essa situação, mas, a cada momento em sua companhia, a ideia de permiti-la me deixar se torna mais difícil de suportar.

Ela sorriu, encontrando algum conforto no fato de que ele se sentia da mesma forma — Eu sei, e é por isso que o senhor não é como eu pensava. Aquele homem não teria me deixado ser sua amiga. Não teria permitido que eu viesse aqui e não teria tentado me seduzir. Quanto do senhor que realmente é Montagu, e quanto dele é quem seu pai queria que o senhor fosse?

Ele não respondeu, apenas lançou um olhar curioso, de soslaio, e mudou de assunto.

— Fale-me sobre suas amigas. — disse ele, pegando sua mão e entrelaçando seus dedos. Era um gesto muito íntimo, mas parecia tolice se opor agora. Ela o havia beijado, a ideia parecia impossível — A senhorita esteve no casamento de Lady Helena?

Matilda assentiu, olhando para ele e lembrando da sensação de seus lábios, querendo aquilo de novo e muito mais — Sim, estive. Foi uma ocasião maravilhosa. Acredito que eles serão muito felizes, porque estão muito apaixonados.

— Sortudo, Sr. Knight. — disse ele, suavemente.

— Nunca considerou Helena como sua noiva?

Por que, diabos, perguntou aquilo? Ela se odiou por isso, no momento em que a pergunta saiu de sua boca, mas era tarde demais para voltar atrás.

— Bedwin nunca teria aceitado a união. — disse ele, balançando a cabeça — Não fazia sentido adicioná-la à lista.

— A lista. É claro que há uma lista. — disse, com uma gargalhada amarga, querendo chorar, gritar de frustração.

— Matilda...

— Não, vamos mudar de assunto. — pediu, determinada a seguir em

frente. Quanto tempo tinham? Horas? Matilda deveria ir embora, seria a primeira coisa que faria quando amanhecesse, e não conseguira nada de seu objetivo — O que vai fazer com seu tio?

— Prometeu que não falaríamos dele, hoje.

— Sim, mas eu estar aqui está perturbando Phoebe e dificultando tudo para nós dois. Devo partir amanhã, sabe disso tão bem quanto eu. Então, o que irá fazer? Não pode se esconder aqui com Phoebe para sempre.

Seu rosto escureceu — Não tenho intenção de fazer isso. Foi um choque enorme vê-lo em Londres, quando acreditei que estivesse na Índia. Eu precisava de tempo para pensar, e temia... temia que ele já tivesse chegado a Phoebe. Não poderia baixar a guarda, e é muito mais seguro aqui. Já lidei com ele antes, vou lidar de novo.

— Irá mandá-lo de volta para Índia?

— Sim. Na Índia ele tem um pouco de liberdade, e mais conforto do que merece, mas deve ser cauteloso.

Ela observou algo frio e resoluto em seus olhos, sua mandíbula ficando tensa.

— Algo deve ter dado errado. Alguém o ajudou a voltar para a Inglaterra, e vou descobrir quem. Seja quem for, será tratado como ele. No entanto, por mais que me entristeça admitir, não tenho sangue frio o suficiente para mandar assassinar ninguém. No calor do momento, eu poderia ter feito isso. Após a morte de Thomas, poderia tê-lo matado, sem um pinga de arrependimento. Mas não consigo ordenar uma execução. Suspeito que meu pai poderia ter feito isso, certamente veria minha incapacidade de agir e de tomar a decisão como uma falha, mas existem linhas que jamais cruzarei. Não vou me tornar como meu tio Theodore, nem mesmo pelo nome da minha família.

— Fico feliz em ouvir isso. — disse ela fracamente, perguntando-se sobre a vida que ele levava, sobre como deveria ser viver com o fato de que seu parente mais próximo pretendia matá-lo — Mas por que após a morte de Thomas? O que mudou?

— Ouviu falar da morte do meu irmão? — perguntou Lucian, impassivelmente.

— Na verdade, não. Acredito que, quando aconteceu, eu tivesse meus próprios problemas. — disse ela, sorrindo um pouco, para tirar a dor do comentário, pois sabia agora que havia sido logo após o primeiro encontro, a noite em que sua vida havia mudado. Ela perdeu o pai e a reputação, no espaço de algumas horas — Uma amiga me contou sobre isso, embora apenas que ele havia morrido. Não sabia das circunstâncias.

— Ela não saberia. — disse, sombriamente — Ninguém sabia. Foi preciso muito trabalho para esconder a verdade.

— Lucian?

Os dedos dele apertaram a mão dela — Ele morreu em um clube de cavalheiros. As circunstâncias eram previsivelmente sórdidas. Meu tio pode

não ter forçado o ópio goela abaixo, ou a bebedeira descontrolada, ou qualquer outra coisa que tenha tomado, para calar seus demônios, mas Theo foi o responsável pelos demônios que levaram meu irmão a isso. Se o tivesse visto, algum dia após a morte de Tommy, o teria matado.

— Sinto muito, Lucian.

Ele deu de ombros — Era inevitável. Thomas estava em uma estrada que levava apenas a um destino e queria que a jornada fosse feita o mais rápido possível. Ele alcançou seu objetivo.

As palavras eram planas e sem emoção, e teria sido fácil presumi-lo insensível, acreditar que não se importava — Deve ter doído quando ele o deixou sozinho.

Ela observou enquanto ele fechava os olhos e soltava um suspiro.

— Como. — começou — Como sempre consegue fazer isso? Qualquer outra pessoa teria apenas dado suas condolências, mas a senhorita não. A senhorita é brutalmente honesta e inflexivelmente gentil, e sinto que consegue ver dentro da minha maldita alma. A senhorita me faz querer contar-lhe tudo. Me faz querer desabafar, e, ainda assim, isso é injusto, pois não posso dar nada em troca.

— Mas, ao me contar, está me dando sua confiança. — disse, apertando os dedos dele — E isso é um presente que eu jamais esperei. Afinal, sei que não é algo que o senhor oferece espontaneamente.

Ela e observou, o brilho cauteloso estava de volta aos seus olhos — Não é uma história bonita. — disse Lucian, balançando a cabeça. Matilda se aproximou dele e pegou as suas duas mãos.

— A vida nem sempre é bonita, Lucian, e a viveu, quero ouvir a sua história. Eu não vou quebrar.

Um sorriso irônico tocou sua boca, uma das covinhas que ela notou, fazendo uma breve aparição. A respiração de Matilda prendeu, quando ele se aproximou ainda mais, fazendo com que quase se tocassem — Não, não vai quebrar. A senhorita parece delicada como uma renda, mas, na realidade, é feita de aço, Matilda Hunt. É a pessoa mais forte que já conheci, e a mais adorável, por dentro e por fora.

— Oh, não seja doce comigo. — implorou, sentindo seus olhos ficarem quentes — Irá me fazer chorar de novo, então irá se arrepender.

— Não, não vou. — murmurou — Se eu a fizer chorar, permitirá que a abrace novamente, e quero isso, mais do que tudo.

— Lucian...

Matilda balançou a cabeça, tentando se lembrar da conversa — Vai me contar tudo o que aconteceu?

— Eu vou. — concordou, embora sua voz estivesse mais baixa e seus olhos dissessem que não estava pensando no passado, agora — Hoje à noite, quando Phoebe tiver ido para a cama, vou contar toda a história triste.

— Perfeito. — Matilda não conseguia desviar o olhar dele, presa naqueles olhos, como se ele tivesse lançado um feitiço — Isso é... ótimo.

Sua respiração aumentou e Matilda sabia que deveria colocar distância entre eles, mas não podia, não iria.

— Eu quero muito beijá-la.

As palavras soaram angustiadas, e Matilda conhecia a dor delas muito bem, porque se sentia exatamente como ele.

— Eu sei, eu também quero, mas não devemos...

Ela murmurou, um protesto impotente, na melhor das hipóteses.

— Faça-me parar. — ele pediu, sua voz mais ríspida, agora — Diga-me não.

— Não consigo.

Lucian soltou as mãos dela, levantando as suas para embalar seu belo rosto e erguendo-o em direção ao dele.

— Vou enlouquecer quando for embora. — sussurrou, e então seus lábios desceram sobre os dela, suaves no início, saboreando, persuadindo, uma série de toques delicados, que se tornaram um beijo infinitamente terno. Mas havia muito desejo, reprimido por tanto tempo, e um breve tempo havia se passado, antes que tal gentileza se dissipasse, deixando desejo, necessidade e desespero.

Matilda deslizou os braços em volta do pescoço de Lucian, precisando de mais dele. Ela se aproximou e ele gemeu contra sua boca. Lucian moveu uma mão e se acomodou no quadril dela, puxando-a para mais perto de seu corpo. Matilda suspirou forte, quando sentiu seu membro duro, insistente e urgente, contra sua barriga. Sabia que deveria ficar chocada, deveria protestar, mas essa era a última coisa que faria, em vez disso, se jogou contra ele, como se não conseguisse se aproximar o suficiente.

Os lábios dele deixaram sua boca, arrastando beijos quentes por seu maxilar, por seu pescoço e Matilda queria gritar com o prazer que estava sentindo, desejando pedir mais, exigir tudo o que pudesse lhe dar. Ele a moveu então, e Matilda estava atordoada demais para entender o porquê, até perceber o toque frio da parede nas suas costas. Ela se inclinou aliviada sobre ele, precisando de algo para firmá-la, pois suas pernas não seriam mais capazes de segurá-la. Queria deitar-se e arrastá-lo com ela, sentir desesperadamente seu peso sobre seu corpo, sobre a pulsação implacável entre suas pernas.

— Lucian. — Matilda soluçou, enlouquecida de desejo.

— Meu amor. — sussurrou contra o pescoço dela — Meu amor mais querido, nunca quis nada como a quero nesse momento.

— Nem eu, e me esforcei tanto para não querê-lo.

Ele sorriu levemente, tocando sua testa na dela — Não deveria me querer. Não sou digno de seu afeto e fui um completo idiota por pensar o contrário. Qualquer um que não consiga ver isso é um tolo, mas o mundo está cheio de tolos e mentirosos.

Ele tomou sua boca novamente e não havia mais nada dentro dela, além da necessidade de possuí-lo. Seu corpo doía e clamava, a sensação de vazio no

fundo de seu núcleo exigia ser preenchida, Matilda arqueou os quadris contra ele, buscando alívio. Tremendo impaciente, ela grunhiu com o choque prazeroso que encontrou, enquanto se movia contra seu corpo duro.

Lucian soltou um som ríspido, arrancando sua boca da dela — Oh, Cristo, Matilda. Se deseja sair daqui da mesma forma que chegou, não deveríamos...

As palavras morreram em sua boca, quando Matilda o atacou novamente, além do pensamento racional, tudo era vontade, instinto e desejo. Este homem sempre foi e sempre seria o escolhido, não importava o quanto lutasse contra. Lucian era seu destino e esse fato parecia anular todo o resto.

Olhou-o, fascinada pela escuridão de seus olhos, o preto inundando a prata.

— Matilda, — disse, sua voz suave, reverente — Matilda, sei que não devo pedir porque não tenho direito, mas...

Ele paralisou e praguejou, depois virou a cabeça em direção à porta pela qual haviam entrado.

Vozes ainda longe perfuraram sua consciência, mas estavam se aproximando, e um senso mirabolante de autopreservação firmou, de forma tardia.

— Estão nos procurando.

Lucian fechou os olhos e respirou fundo — Maldição.

Como um ato de desafio, ele roubou um último beijo, antes de se afastar e ir para o outro lado, virando as costas para Matilda.

Matilda respirou fundo, tentando se equilibrar, enquanto fazia um rápido inventário do estado de seu cabelo e vestido, ficando satisfeita por não estarem demasiadamente desgrehados, pressionou as costas das mãos nas bochechas, para esfriar o rubor que a consumira. Era uma tarefa inútil. Estava queimando por dentro, e agora sabia o quão imprudentes tinham sido. Antes, daquele dia, ela apenas o queria, porém não conhecia o toque de seus lábios e como era estar em seus braços. O beijo que compartilharam, aquela manhã, tinha sido uma coisa casta, uma simples promessa do que poderia ser, um fósforo aceso, causando um incêndio, em comparação com o que acabara de acontecer entre eles. A sua imaginação fornecia imagens, evocava uma ideia de como poderia ser, mas a realidade queimou aquelas suposições bobas, como papel de seda, deixando em seu lugar o calor ardente da verdade. Era mais difícil ainda ter que ir embora, afastar-se dele, sabendo o que agora conhecia.

— Aí estão. — disse uma voz frustrada, quando Phoebe apareceu, arrastando uma relutante Srta. Peabody — Procuramos em todos os lugares.

— Sinto muito, querida. — disse Matilda, aliviada por conseguir falar, e, pela primeira vez, se saindo melhor do que Lucian, que ainda estava de costas para elas.

— Seu tio estava me mostrando o castelo.

De alguma forma, conseguiu dizer sem corar, não que isso importasse. Ela ainda podia sentir o calor fervendo sob sua pele, devia estar assustadoramente ruborizada. Para sublinhar esse fato, a Srta. Peabody estava evitando seus

olhos e parecia extremamente desconfortável. Matilda se perguntou o que a preceptora estava pensando, mas decidiu que não se importava. As pessoas faziam suposições sobre a sua moral há anos, ao menos agora, fizera algo que correspondia a dita reputação. Por mais absurdo que parecesse, havia um sentimento perverso de satisfação nisso.

— Está quase na hora do jantar. — Phoebe disse, olhando surpresa para Matilda. — A senhorita não vai se trocar?

— É tão tarde assim? — Matilda disse chocada, pensando quanto tempo eles deviam estar vagando sozinhos pelo castelo.

— Mantemos o horário do campo em Dern. — disse Lucian se desculando.

De alguma forma, Matilda se forçou a encontrar seus olhos e descobriu que Lucian não estava tão composto quanto costumava ser, algo sombrio e inquieto era visível em seus olhos, e seu cabelo estava ligeiramente bagunçado. Feito seu, percebeu, desviando o olhar novamente, quando seu rubor ameaçou aumentar, ao se lembrar da seda macia e calorosa de seus cabelos loiros deslizando entre seus dedos.

— Acredito que seja melhor eu me trocar imediatamente. — disse, radiante demais — Me acompanha até meu quarto, Phoebe? Caso contrário, ficarei perdida por anos e perderei tudo, inclusive o jantar.

Phoebe riu e saltou até ela, pegando sua mão — Claro. Não é tão difícil quando a gente se acostuma.

Matilda conteve o comentário óbvio. A garota havia recuperado o bom humor e não queria acabar com ele novamente, então seguiu Phoebe e não olhou para trás, para ver se Lucian a estava observando.

Não precisava.



Querida Prue,

Tem visto a Matilda ultimamente? Parecia tão distraída no casamento de Helena. Estou sendo boba, não tenho dúvida, mas tive a estranha sensação de que ela estava com algum tipo de problema, ou que algo estava errado. Suponho que eu esteja me preocupando por nada. Mas eu a visitei e seu mordomo agiu de forma muito evasiva. Saiu da cidade por alguns dias, mas ele não disse para onde e... Oh, apenas me ignore. Certamente estou sendo introneteada.

Como está se sentindo? Deve estar muito animada. Não demorará muito para que possamos conhecer o mais novo membro da família.

— Trecho de uma carta da Sra. Minerva de Beauvoir para Prunella Adolphus, Sua Graça a Duquesa de Bedwin.



25 de abril de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

Matilda demorou para se vestir para o jantar. Precisava do maior tempo possível, para sufocar o calor latente que ardia em suas veias. Era inútil, e não fazia sentido negar o perigo em que estava. Aquela noite, após Phoebe ir para a cama, ficariam sozinhos novamente. A ideia a encheu com uma onda de antecipação, em vez do terror e da ansiedade que deveria estar sentindo. Tranquilizou-se dizendo que não seria tão imprudente, a ponto de perder a propriedade e deitar-se com Lucian. Não era demasiadamente tola assim. No entanto, como queria ser! Teria outra chance de experimentar uma paixão assim? Não seria com Lucian, isso era verdade. Em algum momento, ele desposaria alguém, e ela não estaria presente para vê-lo fazendo isso. Seu coração se despedaçaria, se o visse com outra mulher. Matilda iria embora, talvez passasse o verão na Escócia, com Ruth, onde não teria notícias de Lucian, e lá poderia cuidar do seu coração quebrado em privado.

Era o melhor que poderia fazer.

— Está tudo bem, senhorita?

Matilda levantou os olhos, percebendo, tarde demais, que mal falara uma palavra com Sarah e estava admirando o além há algum tempo, mesmo após estar pronta para descer.

— Perdoe-me Sarah, receio que esteja distraída. — Matilda começou a colocar as luvas, livrando-se dos pensamentos e da perspectiva sombria que a esperava.

— Ele a beijou, não foi? — disse a garota, com um sorriso reflexivo — Como foi, foi adorável?

Matilda não corou desta vez. Apenas deu uma risada leve e assentiu.

— Sim. — respondeu, percebendo o quão ridiculamente inadequada era a descrição — Foi muito adorável.

Sarah deu um suspiro feliz e se abraçou, sem dúvida enchendo a cabeça com visões de uma vida em Dern, sendo a criada pessoal de uma marquesa. Matilda não tinha coração nem energia para lembrá-la de que estava vivendo uma fantasia. Não quando também estava fantasiando. A única diferença era que Matilda sabia que era real, e de manhã, teria uma surpresa desagradável.

Matilda abriu a porta e encontrou Phoebe esperando por ela.

— Finalmente! — exclamou, sorrindo para Matilda, depois apressou-se para pegar sua mão — Céus! Que vestido lindo, o azul é da mesma cor dos seus olhos, sabia? A senhorita está linda.

— Obrigada, e devo retribuir o elogio. Está muito linda, será uma beldade quando crescer.

Phoebe assentiu — Eu sei, o tio também diz que sim. É bom ser bonita?

Matilda riu um pouco da pergunta — Bem, suponho que sim. Mas eu acho que irá me exceder e muito. Seu pobre tio será assediado por muitos de seus admiradores.

Phoebe encolheu os ombros, aparentemente nada impressionada com a ideia.

— Bem, não importa, porque não me casarei com ninguém. O tio ficaria muito triste se eu o deixasse sozinho, eu não suportaria.

— Mas ele não vai estar sozinho quando crescer, querida. — de alguma forma, Matilda manteve a voz leve, embora as palavras ameaçassem sufocá-la — Ele irá se casar em breve, então, terá muitos priminhos com quem brincar. Consegue ver, ele não vai estar sozinho.

Uma expressão beligerante se instalou nas feições delicadas da criança. Matilda se repreendeu pela súbita onda de prazer em saber que Phoebe a queria ali, e não uma das noivas em potencial na lista de Lucian.

— Ele não quer se casar com nenhuma dessas mulheres estúpidas, e elas não vão me querer aqui, porque irei atrapalhar. Vão brigar por minha causa, porque o tio quererá que eu fique e, sua esposa, que eu vá embora, e com bons motivos, porque estou decidida a não gostar dela. Se ele se casar com qualquer uma dessas mulheres, nós seremos muito tristes.

— Phoebe. — Matilda começou, sabendo que deveria fazer alguma coisa ou dizer algo, que acalmasse o coração da pobre menina.

— Não. — Phoebe bateu o pé e olhou para Matilda — Eu não sou cega, sei que ele a ama, e a senhorita também, e deveriam se casar. É tão estúpido. Quem se importa com um nome? Estão todos mortos! *Estão todos mortos!*

Mamãe e papai estão mortos, mas ele não está morto, e a senhorita também não.

Matilda se ajoelhou e abraçou Phoebe fortemente, sentindo seu pequeno corpo tremer de emoção — Sinto muito, Phoebe. Eu sei que deve lhe parecer muito estúpido. Na verdade, é tudo muito estúpido. Há tantas coisas na vida que são cruéis e injustas, mas também há muitas que são boas. Não se deixe odiar alguém, antes mesmo de conhecer. Tenho certeza de que, seja com quem for que seu tio se case, gostará dela. Afinal, se ele gostar dela o suficiente para desposá-la, estou certa de que irá gostar dela também.

Phoebe bufou silenciosamente, mas não disse nada. Matilda respirou fundo, desejando que isso não fosse tão difícil. Tentou mais uma vez.

— Além do mais, seu tio não me ama, não o suficiente para se casar comigo. Somos apenas amigos, bons amigos. Isso é tudo.

Phoebe procurou um lenço, pegando um da manga do vestido. Enxugou os olhos e assoou o nariz, antes de enviar a Matilda um olhar de descrença tão piedosa, que poderia ter rido, se as circunstâncias fossem diferentes.

— Venha. — Phoebe disse, sua voz concisa, deixando óbvio que essa conversa não havia acabado.

Matilda seguiu obedientemente, desejando que Phoebe fosse um pouco menos perceptiva e esperando, com fervor, que conseguissem passar o resto da noite sem mais incidentes.



Phoebe fervilhou durante o jantar inteiro. Suspeitava que seu tio estava ciente de seu humor, já que dispensou todos os criados, assim que a refeição foi servida. Sem dúvida, não queria que testemunhassem um escândalo. No momento, estava muito zangada para falar, então apenas comeu e fingiu que estava se comportando, enquanto pensava em todas as maneiras de manter Matilda em Dern. Considerou entrar no quarto de Matilda e pintá-la com manchas, para que todos pensassem que havia contraído sarampo, mas, após uma profunda reflexão, chegou à conclusão de que elas saíam fácil com água e sabão, e não seriam convincentes. Pensou então em encontrar algo no armário do boticário, que a deixasse enjoada ou sonolenta, mas isso era perigoso demais. O que era uma pena, pois, se fosse como em A Bela Adormecida, seria terrivelmente romântico, mas a vida nunca era como nos contos de fadas e não era tola a ponto de acreditar que era.

Em seguida, considerou soltar todos os cavalos, para que não houvesse nenhum para puxar a carruagem de Matilda, mas Phoebe nunca passaria por todos os cavaliços, sem que alguém a visse, então essa também não era uma boa ideia. A melhor ideia que teve até o momento foi trancar Matilda em seu quarto e esconder a chave. As portas eram de carvalho maciço e as fechaduras muito fortes. Levaria algum tempo para conseguirem libertá-la. Porém, essa era apenas uma solução de curto prazo, e que a colocaria em muitos problemas, mas era o melhor que tinha no momento, e lhe daria tempo para

pensar.

— O que está tramando, mocinha?

Phoebe levantou os olhos e encontrou seu tio a observando. Ora. Ele sempre soube quando estava disposta a travessuras. Tinha o tipo de olhar impenetrável, que fazia com que se quisesse se contorcer em seu assento, como se soubesse exatamente o que estava pensando. No entanto, ela tinha muita prática em lidar com isso, e, embora nunca tivesse mentido para o tio, não achava que precisasse contar a ele tudo o que pensava.

— Como fazê-lo parar de se comportar de forma irracional. — murmurou baixinho.

— Perdão, como fazer o quê? — Lucian perguntou, pois ela, deliberadamente, falou baixinho demais, para que ouvisse. Ficou surpresa por ele ter ouvido alguma coisa.

— Nada. — Phoebe olhou furiosa para a tigela de sobremesa diante dela, imaginando se deveria afastá-la em protesto contra a estupidez dele, mas amava o creme doce, e isso não o impediria de ser estúpido, então, seria um desperdício. Bufando, pegou sua colher e deu uma colherada desafiadora.

— Vai ter uma indigestão se continuar fazendo careta para a sua comida assim. — observou Lucian.

— Eu não me importo.

— Poderá acontecer, se azedar o seu creme.

Phoebe bufou, desgostosa — Não é possível coalhar o creme com um olhar, não mais do que o senhor pode fingir que não está apaixonado por Matilda. As duas coisas são tão óbvias, que é ridículo!

Houve um tipo de silêncio ensurdecedor, que fez os pelos de sua nuca se levantarem e suas bochechas ficarem quentes, mas ela não se desculpou. Em vez disso, pegou sua tigela e a colher e saiu correndo da mesa, batendo a porta atrás dela.



Matilda engoliu em seco, sem saber bem o que fazer ou dizer.

— Talvez seja melhor eu ir atrás dela.

Ela se levantou, mas Lucian estendeu a mão e pegou a sua.

— Não. — disse — Não, deixe-a ir. Ela vai encontrar Pippin. Nossa cozinheira é uma maravilhosa fonte de conforto, sem mencionar os biscoitos frescos.

— Ela trabalha aqui desde que era um menino, acredito? — Matilda perguntou, na esperança de levar a conversa para um terreno mais seguro, enquanto se sentava novamente.

Lucian assentiu — Não tenho certeza de como eu teria sobrevivido, se não fosse por Pippin. A Sra. Frant e Denton também, na verdade. Eles são muito mais leais do que eu mereço, estou certo disso.

— Duvido que seja verdade. Se as pessoas são leais, é porque desejam ser, porque conquistou a confiança e o respeito deles.

— Ou porque são muito gentis para serem qualquer outra coisa. — sorriu para ela, soltando sua mão, Matilda soltou a respiração que segurava.

— Ela tem medo que a sua...

Matilda teve que fazer uma pausa por um momento, para respirar fundo e começar de novo, ciente de que estava ultrapassando o limite.

— Phoebe tem medo de que, quando se casar, sua esposa não a queira aqui, que ela seja causa de ressentimento ou antagonismo.

O rosto dele escureceu — Esta é a casa de Phoebe e eu sou seu guardião. Nunca estará em discussão que ela esteja em outro lugar, não existe essa possibilidade, é algo inegociável.

Matilda não pôde deixar de sorrir um pouco. Falou o marquês.

— O que?

Matilda balançou a cabeça, sabendo que não cabia a ela interferir. Muito já havia sido dito.

— Não. — insistiu — A senhorita tem uma opinião, fale.

Por que estava fazendo aquilo com ela? Matilda teria se perguntado, exceto que não era para ela, era para Phoebe.

— Lucian, não importa o tamanho desta casa, sua esposa será parte da sua família, da sua vida e de Phoebe. Compartilharão refeições juntos. Seria natural que ela se envolvesse no mundo de Phoebe, talvez para escolher suas roupas ou levá-la para passeios.

— E?

— E assim, se Phoebe estiver correta e sua esposa se ressentir dela, quantas oportunidades de tornar a vida da pobre garota um inferno se apresentarão durante o dia? Por outro lado, se Phoebe não gostar de sua esposa, como parece estar determinada a não gostar, tornará a vida da pobre mulher um inferno.

Lucian franziu a testa para a taça de vinho, girando a haste de um lado para o outro, entre os dedos — E o que quer que eu faça?

Matilda riu — Não tenho a menor ideia, mas deve escolher com cuidado. Entendo que seu casamento será por poder, terra e estirpe, e quaisquer outros ideais elevados que seu título exija, mas lembre-se de que Phoebe também está envolvida nisso tudo, e que sua decisão a afetará, quer queira ou não.

Sabia que as palavras estavam cheias de amargura, mas não pôde evitar. A última coisa que queria era falar sobre o casamento dele, mas suportaria, por causa de Phoebe.

Um silêncio desconfortável se estabeleceu entre eles. Lucian não falou, a testa franzida de descontentamento. Matilda se perguntou se estava zangado por ter falado de coisas que não eram da sua conta.

— Perdoe-me, eu não deveria ter dito nada. Não é meu lugar opinar sobre isso.

Ela fez o possível para não parecer frágil e na defensiva, mas suspeitava que havia falhado.

Lucian deu-lhe um olhar sob os cílios — Eu sei que não está nem um

pouco arrependida de ter dito isso, e nem deveria estar. Pedi sua opinião, e está devidamente anotado.

Matilda soltou um suspiro, esperando que pudessem mudar de assunto, embora soubesse que ele ficaria relutante em manter sua promessa — Disse-me que contaria sobre seu tio e sobre Thomas.

Ele respirou fundo, girando o vinho que restava na taça e olhando desanimado para ela. Sabia o que ele estava pensando, pois estava pensando exatamente a mesma coisa. Havia maneiras muito mais agradáveis de passar a noite, sua *única* noite juntos. Falar de coisas que Lucian provavelmente acharia dolorosas, dificilmente seria algo que ele desejaria.

No entanto, havia prometido, e Matilda sentiu que ele precisava falar sobre isso. Sempre que suas amigas se livravam de seus problemas, se sentiam melhor. As soluções sempre ficavam mais fáceis de ver, depois que o problema era compartilhado e discutido com alguém que tinha seus melhores interesses em mente. Isso, pelo menos, poderia oferecer. Esse era o motivo de ter ido atrás dele.

— Lucian?

Ele fechou os olhos por um momento.

— Muito bem. — concordou, mas com tanta relutância, que Matilda se sentiu péssima por insistir — Venha, então. Vamos até a biblioteca.

Matilda colocou o guardanapo de lado e se levantou, quando Lucian puxou sua cadeira. Ao saírem, Lucian instruiu Denton que eles não deveriam ser perturbados e que os criados poderiam se retirar, assim que o trabalho terminasse. Matilda reprimiu uma emoção de antecipação, lembrando-se severamente de que era apenas porque deveriam falar de assuntos privados.

— Ainda não me lembro para que lado fica. — disse, tentando aliviar um pouco o clima, enquanto aceitava o braço dele.

— Esse lugar é um labirinto. — admitiu — E que Deus a ajude se colocar algo em algum lugar e não se lembrar onde.

— No entanto, é perfeitamente maravilhoso para brincar de esconde-esconde. — apertou o braço dele e sorriu.

— Pode pensar que sim. — disse, ironicamente — No entanto, é possível se esconder indefinidamente em uma casa como esta. Está cheia de cômodos ocultos e passagens secretas. Pode ficar cansativo, se não conseguir ser encontrado, depois de meia hora. Aqui é possível esperar uma eternidade, e, se não conseguir encontrar o caminho de volta..., pode não ter escolha.

Matilda estremeceu.

— Muito bem, ganhou, a ideia já não é mais atrativa para mim.

Ele riu, e ela ficou contente por seu bom humor ter sido um pouco restaurado.

Lucian abriu a porta da biblioteca e gesticulou para que Matilda entrasse. Entrou na biblioteca, sorrindo prazerosamente, por estar de volta àquele espaço adorável.

— Acho que este é um dos meus cômodos favoritos. — Matilda disse,

virando para ele, e perdendo a respiração, quando uma forma escura se separou das sombras, atrás da porta aberta.

Matilda gritou.



Eu avisei que meu sobrinho não deveria ser subestimado, embora, se as condições em seus moinhos fossem tão desprezíveis quanto relatado, é um tolo. Estava fadado a ser descoberto. Sempre há benfeitores querendo se intrometer em assuntos privados.

O plano anexo lhe dará o que precisa. É hábito do meu sobrinho se retirar para a biblioteca, depois do jantar. Ele não sabe que estou ciente desse túnel, um segredo que seu pai guardava com muito afinco. Se conseguir passar pelos criados e chegar a ele sem ser visto, o pegará completamente desprevenido. O resto é contigo.

— Trecho de uma carta do Sr. Theodore Barrington ao Sr. David Burton.



25 de abril de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

Lucian se virou e enfrentou a ameaça, enquanto ela se destacava na figura de um homem com uma capa preta. Matilda sentiu seu coração disparar, uma sensação fria e doentia atravessando seu corpo, quando viu que a figura carregava uma faca.

— *Você!* — Lucian disse, sua expressão de desgosto.

Houve uma risada misteriosa, e o homem jogou o capuz para trás.

Matilda agarrou uma peça do mobiliário mais próximo, enquanto seus joelhos ameaçavam ceder. David Burton estava diante deles, todo e qualquer vestígio do homem amável e educado, com quem havia considerado se casar, desaparecera de seu rosto. Essa criatura era algo completamente diferente. Zombou quando virou a cabeça e a viu.

— Que surpresa a encontrar aqui, sempre soube que era ele a quem desejava. Prefere ser a prostituta de um tolo com título, do que se casar com um homem decente.

— Como se atreve a entrar na minha propriedade e difamar meus convidados? — Lucian indagou, antes que Matilda pudesse falar.

Lucian parecia totalmente indiferente ao fato de que havia uma lâmina mortal apontada para seu coração.

— O Sr. Burton tem uma estranha noção do que torna um homem decente. — disse Matilda, tentando desviar a atenção de Burton de Lucian, pois estava

muito claro porque ele estava ali.

Matilda se perguntou se havia uma chance de os criados a terem ouvido gritar, mas Lucian havia dispensado todos e as paredes de Dern eram grossas e antigas. Ninguém viria.

— Uma convidada, não é? — Burton disse com uma risada — Isso é divertido, e sim, eu me atrevo. Destruí minha vida, então, uma pequena transgressão parece o mínimo que posso fazer, embora receie ter que cortar sua garganta, antes de partir.

Disse aquilo naturalmente, seu tom de conversa tornando a ameaça ainda mais arrepiante.

— Lucian não o arruinou. — Matilda disse furiosamente, desesperada para descobrir uma maneira de dar uma chance a Lucian. As paredes eram tudo o que ele tinha às suas costas, então, não havia nenhum lugar para onde ir e nenhuma arma à vista — Fez isso consigo mesmo, quando tratou aquelas pobres pessoas com menos respeito do que qualquer criatura decente trataria um animal.

O Sr. Burton franziu um pouco a testa — Acha que é por isso que estou aqui? Por vingança? Bem, sim, há satisfação em matá-lo por isso. Admito que me agrada retribuir tudo o que perdi. No entanto, recuperarei tudo, assim que eu terminar, e isso sempre fez parte do plano.

— Plano? — Matilda ecoou, perguntando-se sobre o que, diabos, ele estava falando. Ela o viu dar um sorriso arrogante para Lucian.

— Vai explicar, ou eu explico? Não duvido que já tenha entendido, a essa altura.

Lucian devolveu um olhar de puro desprezo e Burton riu — É muito divertido, na verdade, quando se pensa nisso. Se não fosse pelo seu interesse neste belo pedaço de mercadoria, seu tio nunca teria me contatado. As páginas de escândalo estavam cheias dessa história, e sabe como seu tio adora fofocas. Importava os jornais ingleses, enquanto estive na Índia, onde leu como a criatura do norte e de berço inferior e o marquês estavam disputando a mesma fêmea. Ele se interessou pela história e me deu uma mãozinha. Quando soube mais sobre o homem que eu era, ficou satisfeito em encontrar alguém implacável o suficiente para pegar o que queria.

— Sim, e tão confiável quanto ele, a meu ver. — Lucian comentou, recostando-se na parede e cruzando os braços. Parecia perfeitamente à vontade, apenas o brilho perigoso em seus olhos traindo qualquer emoção — Deixe-me ver se entendi direito. Meu tio lhe disse como entrar em Dern sem ser visto, assim como sobre o túnel escondido que dá na biblioteca. Admito que não acreditava que soubesse do túnel. Meu pai mantinha essas coisas entre ele e seus filhos, mas, de alguma forma, descobriu e desenhou um belo mapa, para que pudesse colocar um ponto final na minha vida. Theodore feliz, então, herda o título. Em troca deste serviço, ele prometeu restaurar sua fortuna e sua reputação e o ajudará a ser bem-visto na nobreza. Irá apresentá-lo às pessoas certas e colocá-lo nos lugares certos, irá até mesmo encontrar

uma noiva digna, já que a Srta. Hunt abriu os olhos e se recusou a aceitá-lo. Interrompa-me se eu estiver errado.

— Não, não, continue. — disse Burton, com um sorriso que fez o coração de Matilda saltitar de medo. Ela não podia acreditar que os dois estavam discutindo a morte de Lucian, de uma maneira tão simplória.

Lucian soltou um som divertido — Temo que haja uma pequena falha nesse plano.

— É mesmo? — Burton disse, arqueando uma sobrancelha escura.

— Sim. — Lucian disse, o menor traço de um sorriso tocando seus lábios — Meu tio é um mentiroso.

— Mas não se preocupe com isso, milorde, farei com que ele cumpra sua palavra.

Matilda estremeceu com a risada em sua voz, mas Lucian apenas olhava para ele, aquele sorriso tímido ainda em seus lábios.

— Não tem a menor ideia no que se meteu, seu pobre tolo. É apenas um peão. Descartável. Se tiver sucesso, ele o enforcará pelo meu assassinato, e sua sincera manifestação de tristeza será digna de uma tragédia grega. Não conseguirá sair dessa, vivo, prometo. A menos que saia agora. Faça isso, e eu até lhe darei uma vantagem de cinco minutos, antes de soar o alarme. Minha palavra de cavalheiro.

— Perdoe-me, meu velho, — disse Burton, zombando do sotaque de Lucian — receio não poder fazer isso.

— Não. — Lucian disse, sua voz ficando mais fria, pingando condescendência — O seu maior anseio é por ser um de nós, não é? No entanto, não tem a mínima ideia do que significa ser um cavalheiro, porque é um plebeu ignorante. Vai cortar minha garganta porque é um ser humano insignificante demais para agir como um homem. Um cavalheiro duelaria com honra, e, o melhor, venceria. *Você...*

Disse, um mundo de desgosto e gerações de criação distinta carregando aquela única palavra com um desprezo indescritível.

— ...não tem coragem para isso, sua escória covarde.

Matilda observou com o coração na boca, perguntando-se o que, diabos, Lucian estava fazendo, ao incitá-lo com tanta selvageria. Esperava, a qualquer momento, que Burton o atacasse e o matasse, ali mesmo, exceto que viu, agora, que as palavras de Lucian haviam sido calculadas, com uma precisão cruel, dando-se a única chance que tinha. Estava provocando Burton de propósito, com a coisa mais provável de irritá-lo, sua falta de estirpe.

— Pistolas ao amanhecer? — Burton disse, balançando a cabeça, embora o desejo de retribuição brilhasse em seus olhos — Ah, não. Qualquer idiota pode ter sorte com uma bala.

Lucian acenou com uma mão negligente, como se isso fosse um mero detalhe — Espadas então, como nos dias dos meus antepassados.

— Acha que pode me vencer, apenas porque pratica no Angelo? — Burton acenou com a faca para Lucian, quando Matilda sentiu uma gota fria de suor

escorrer pela espinha — Não sabe o que é uma briga, seu covarde. Onde eu cresci, tínhamos que lutar por nossas malditas vidas, não ficávamos brincando de Espadinha de madeira, furando os outros, em um clube luxuoso. E não suponha que eu não saiba como segurar uma espada, pois não terá tempo de lamentar. Não duraria cinco minutos em uma luta de verdade.

— Então sairá com honra e sem nenhum arranhão no corpo. — Lucian disse, facilmente — Prove-me o quão digno é. Ensine-me a respeitá-lo na ponta de uma espada. Faça o Marquês de Montagu se ajoelhar para o melhor espadachim. *Eu o desafio.*

Matilda fechou os olhos. Ouviu aquela frase com tanta frequência, nos últimos anos, e não importava o quão chocante e arriscado fossem os desafios, ninguém jamais estivera em sério perigo. Ouvindo essas palavras, agora, neste contexto, sentiu-se mal do estômago. Não era um desafio como beijar um estranho, dançar sob a luz do luar em um jardim. Este desafio era questão de vida ou morte, mas era a única chance que Lucian tinha de escapar dos planos daquele lunático.

Ela se perguntou, com terror, quais eram as chances de Lucian. O Sr. Burton parecia transformado em algo agressivo e brutal, um homem que mataria sem um momento de remorso. Lucian era um pouco mais alto, mas não era mais forte, então Burton parecia ser a escolha óbvia para sair vitorioso. Lucian era sofisticado e elegante, muito bem-criado para esse tipo de confronto. Olhou em descontrole ao redor da biblioteca, procurando algo que pudesse usar como arma.

Uma estatueta de bronze, de cerca de dez centímetros de altura, chamou sua atenção. Tinha uma base pesada de mármore. Respirando fundo, começou a dar alguns passos para trás, mas mal tinha se movido, quando o Sr. Burton notou. Burton se virou e agarrou seu pulso, puxando-a para ele e pressionando a faca na pele delicada de seu pescoço. Um grito morreu em sua garganta, seu medo era tão avassalador, que estava apavorada demais para respirar.

— *Não!* — Lucian gritou, estendendo as mãos — É a mim que quer, é a mim que veio buscar. A Srta. Hunt é inocente nisso, ela nunca o traiu. Não está aqui por mim, mas por minha sobrinha, Phoebe. A Srta. Hunt ama a criança e queria garantir seu bem-estar. Ela não vai me aceitar, Burton. Não será minha amante, embora eu tenha tentado ao máximo seduzi-la, garanto. É boa demais para qualquer um de nós dois.

— Isso é verdade? — o Sr. Burton exigiu, sua voz no ouvido dela, suave, quase gentil.

Matilda olhou para Lucian. Tremia demais, a respiração errática, e sabia o que deveria fazer. Os olhos de Lucian imploraram que dissesse a coisa certa, mas não acreditava que o Sr. Burton pretendesse deixá-la viva ou, se o fizesse, perceberia, em breve, que não poderia se dar ao luxo de correr o risco. Ele não poderia ter testemunhas do seu crime. Ela era um risco, e não importava se ainda a queria, ele não podia arriscar deixá-la falar o que tinha visto.

Se eles fossem morrer, de qualquer maneira, gostaria que Lucian soubesse

a verdade.

— Não, — disse, a palavra pouco mais que um sussurro — vim pelos dois. Eu amo Phoebe, mas amo Lucian também, com todo o meu coração.

Talvez, pela primeira vez, tenha visto uma emoção genuína brilhando nos olhos de Lucian: triunfo, alegria e tanta dor, que ela sentiu ecoar em seu próprio coração. No entanto, o Sr. Burton não lhes daria mais tempo para refletir sobre sua declaração.

— Vadia imunda. — rosnou — Teria me casado contigo. Eu a teria tratado com respeito, como uma rainha, teria dado qualquer coisa que desejasse, mas prefere se rebaixar, se desgraçar com *ele*.

— Sim. — Matilda disse simplesmente, sentindo uma lágrima escorrer pela bochecha.

Lucian fechou os olhos e ela o viu se recompor. Era quase imperceptível, invisível para qualquer um que não o conhecesse bem, que não entendesse o controle monumental que ele exercia sobre si e suas emoções.

— Então, Sr. Burton, — disse ele, a voz fria, um brilho perigoso nos olhos — venha e corte minha garganta, pois é isso que veio fazer. Não serei o primeiro nobre a morrer nas mãos de um arrivista covarde, com pretensões de gentileza. Não há honra entre homens do seu tipo. É de uma raça de malditos covardes, que preferem derrubar seus superiores do que ser melhor que eles, apesar de toda a sua postura e imitação do papel de um cavalheiro.

— Não é melhor do que eu. — Burton zombou, e Matilda sentiu a indignação endurecer seu corpo, sentiu o músculo pesado em seu braço tenso.

A mão que segurava seu pulso se apertou de forma furiosa, esmagando seus ossos, ela prendeu a respiração com a dor, mas não fez nada, apenas respirou superficialmente, tentando manter alguma aparência de calma.

— É o que diz. — Lucian disse com a voz arrastada, parecendo estar entediado até a morte, por toda aquela conversa — No entanto, é covarde demais para provar. Então, é melhor andar logo com isso e me matar. Foi *para isso* que veio aqui, acredito? Por mais edificante que essa pequena conversa tenha sido.

— *Tudo bem.* — disse com os dentes cerrados, a raiva do Sr. Burton era palpável agora, enchendo a biblioteca com um odor rançoso e azedo, quase perceptível na boca, por causa de seu próprio medo — Se está tão interessado em ser humilhado e acabado, suponho que posso satisfazê-lo. Assim a Srta. Hunt poderá ver quem é o melhor.

— Como disse. — Lucian respondeu, seco como poeira — Às vezes eu pratico no salão de baile, pois oferece muito espaço. Tenho um belo par de espadim de duelo, caso se atreva. Pertenciam ao meu avô, ou prefere o florete? Entende a diferença?

Zombando agora, Lucian arqueou uma sobrancelha imperiosa.

— Espadim, então. — respondeu Burton, sucintamente.

Tendo visto seu irmão treinar quando jovem, Matilda sabia que um florete sem corte geralmente era usado para praticar. Um verdadeiro florete era afiado

apenas na ponta. Um espadim, no entanto, tinha uma lâmina afiada em ambos os lados.

— Excelente. — Lucian respondeu — Podemos?

Ele gesticulou para a porta e Burton balançou a cabeça.

— A Srta. Hunt e eu seguiremos atrás. Afinal, não queremos que ninguém soe o alarme.

O maxilar de Lucian se apertou quando viu que Burton moveu a lâmina da garganta para a costela de Matilda, escondida da vista imediata. A implicação era clara o suficiente. Se qualquer um deles tentasse angariar ajuda, Matilda sofreria por isso.

Lucian abriu a porta do escritório, e o coração de Matilda pareceu prender na garganta, ao ver Phoebe com a mão levantada, pronta para bater na porta. Ela estava de camisola, com os pezinhos descalços, e parecia absurdamente jovem e frágil.

— Phoebe!

Ela podia ouvir o terror na voz de Lucian, o esforço necessário para estabilizá-lo. A criança não conseguia ver Burton, que havia cavado a faca na costela de Matilda, um pouco mais fundo. Sentiu a picada, enquanto pressionava a carne macia.

— O que está fazendo fora da cama?

— Vim me desculpar. — Phoebe disse sem graça — Eu não quero que fiquem com raiva de mim. É apenas que...

— Eu sei. — Lucian disse rapidamente, estendendo a mão para tocar sua bochecha — E não estamos com raiva. Prometo, querida. Estava certa, Phoebe, tudo o que disse, e *sinto* muito por isso, mas agora deve me ouvir. Lembra do outro dia quando falamos sobre... sobre pesadelos? O que deve fazer se o *pesadelo* voltar?

Matilda viu a garota olhar para o tio por um momento e então seus olhos se arregalaram, seu rosto ficou sem cor, mas ela assentiu, um aceno quase imperceptível de cabeça.

— Boa menina. — Lucian disse — Agora vá. *Rápido*.

Phoebe olhou para ele e Lucian assentiu, ela se virou e saiu correndo. Matilda soltou um suspiro errático, fechando os olhos e agradecendo a Deus.

— O que foi isso? — perguntou Burton, desconfiado.

— A Srta. Barrington foi repreendida, mais cedo, por não ir para a cama de bom grado. Ela finge pesadelos, para ficar acordada até tarde. — Lucian disse levemente — Era apenas um lembrete de que ela estaria em apuros, se não voltasse para o quarto imediatamente.

Burton deu um empurrãozinho em Matilda — Continue andando.

Matilda achava típico que um lugar do tamanho do Palácio de Dern, que era administrado por um vasto exército de criados, que não pudesse conjurar um laçao solitário, no tempo que levava para atravessar a distância, nada considerável, da biblioteca para o enorme salão de baile. Esse era o caminho, no entanto, e assim, ninguém estava sabendo de nada. Não havia ninguém

para soar o alarme, a menos que a mensagem enigmática que fizera os olhos de Phoebe crescerem incluísse instruções para obter ajuda. O Sr. Burton, prestativo, puxou um metro de corda de seda de uma cortina quando passou, e amarrou os braços de Matilda fortemente, atrás das costas.

— Nem pense em tentar correr — alertou-a, acenando com a faca que segurava em seu rosto, a título de ilustração.

— É um ser humano desprezível. — disse ela, perguntando-se como ousava falar e mal tendo fôlego suficiente para dirigir-lhe aquelas palavras — Mesmo se nos matar, não conseguirá se livrar disso. Lucian está certo, o tio dele é muito mais inteligente e muito mais perigoso. Não percebe que está fazendo o trabalho sujo dele e será pego e enforcado por isso também?

— Cale a boca.

Ele a esbofeteou, um golpe desleixado o suficiente para arrancar o ar que ainda restava dos pulmões de Matilda. Nem tinha sido um golpe particularmente forte, embora tivesse doído demais, mas ninguém nunca a havia tocado com raiva antes, e aquela violência casual era impressionante.

— Toque nela de novo e vou desmembrá-lo inteiro, membro por membro.

A voz gelada chamou sua atenção de volta para Lucian, e ela forçou um sorriso.

— Estou bem. Por favor, tenha cuidado, Lucian.

Ele segurava uma caixa de couro grande e estreita, os olhos em Burton tão gelados quanto ela jamais os vira. Lucian colocou a caixa no chão, puxou os fechos para trás e a abriu. Duas espadas elegantes jaziam em uma cama de seda azul. Lucian pegou uma e ergueu uma lâmina longa e perversamente brilhante, com um protetor de mão ornamentado e gravado. Com a ponta da sua bota brilhante, e um gesto de desprezo, chutou a caixa para que deslizasse pelo chão, até o Sr. Burton.

Matilda observou, incrédula, enquanto Burton pegava sua própria espada, a faca que segurava foi transferida para a mão esquerda. Certamente aquilo era um pesadelo. Coisas assim não aconteciam mais. O mundo era um lugar diferente da época de seus avós, quando os homens duelavam até a morte, ou se mutilavam com essas lâminas mortais. Sim, os cavalheiros ainda duelavam pela honra, ocasionalmente, mas raramente, e com pistolas, onde havia uma chance muito maior de sair ileso. Isso era loucura.

No entanto, os dois homens estavam se preparando, tirando casacos e coletes e desamarrando as gravatas, para que nada impedisse seus movimentos. Pegaram as espadas novamente, o Sr. Burton pegou a faca na mão esquerda também e se moveu para o centro do salão, circulando um ao outro.

Matilda ofegou de horror, quando os dois homens se uniram em uma enxurrada de movimentos, o estrondo de aço contra aço, um som que ela nunca tinha ouvido, em um contexto tão violento. O Sr. Burton riu e avançou, empunhando a lâmina com força bruta. Naquele instante, Matilda estava certa de que Lucian morreria. Ambos eram homens poderosos, mas o Sr. Burton

estava cheio de raiva e violência e parecia impossível que Lucian, criado para ser um marquês, pudesse sobreviver a tal ataque. Alguém já se atreveu a desafiá-lo no Angelo, ou ele podia vencer porque ninguém tinha coragem de vencê-lo?

No entanto, Lucian resistiu ao ataque e, quando os dois homens se soltaram, estava muito vivo e não tinha um arranhão nele. O Sr. Burton renovou seu ataque com igual violência, tal força por trás de cada ataque que, se o tivesse acertado de verdade, Lucian certamente teria sido rasgado até os ossos. De uma ponta a outra do salão, com Lucian sempre em retirada, o Sr. Burton grunhia com esforço, toda a força de seu corpo por trás de cada giro da lâmina letal. Burton atacava sem parar, furioso e feroz, até que estava respirando com dificuldade, o cabelo molhado, o suor escorrendo pela testa. Enquanto se afastavam, mais uma vez, Lucian o observou com uma calma enervante, sua respiração imperturbável, olhos prateados indiferentes. Era um olhar calculista, totalmente sem sangue, e Matilda percebeu, naquele momento, que havia subestimado Lucian, tanto quanto o Sr. Burton. Estava analisando Burton, julgando a qualidade de seu oponente. Não estava recuando, não estava se forçando a uma postura submissa, mas permitindo que seu oponente gastasse toda a energia que queria, sem se esforçar nem um pouco.

Antes que esse pensamento realmente fosse absorvido, Lucian se moveu, avançando com a lâmina estendida. Burton aparou, acertando a lâmina com um golpe forte, que colidiu com o som de um sino no espaço, mas Lucian se virou quando ele passou, a espada se movendo sem esforço, enquanto ele a passava nas suas costas, girando em um movimento quase rápido demais para ser acompanhado. Quando ele se afastou, o Sr. Burton tinha um corte ensanguentado na frente da camisa, o tecido aberto, revelando uma linha vermelha.

Burton olhou para ele, como se também não tivesse certeza de como ou quando ocorreu. Rosnando, voltou à ofensiva, atacando Lucian com toda a ferocidade de um animal ferido. Agora, no entanto, ela podia ver que Lucian não estava prestes a ser morto diante dela, observou com admiração silenciosa. Cada um daqueles ataques selvagens e implacáveis de corte e empuxo foi facilmente desviado com um movimento sem esforço do pulso de Lucian. Repetidamente, Burton atacou, sua espada caindo com força mortal, e, toda vez, a lâmina de Lucian a acertava de volta, com uma facilidade desprestenciosa.

Na verdade, Lucian teve a ousadia de parecer estar entediado até a morte, uma expressão bem calculada, para fazer o Sr. Burton perder a cabeça. Functionou admiravelmente.

Burton o atacou com um rugido de frustração. Lucian parou, virando o ataque para um lado e avançou, forçando seu oponente para trás, sem parar. Burton enfrentou a ameaça e atacou. Sua espada errou o alvo, mas o ímpeto continuou o golpe, muito poder para ser interrompido com rapidez suficiente.

Lucian acertou o lado direito, indefeso, cortando seu braço. Burton gritou de raiva e dor e agarrou a ferida, quase largando a faca da mão esquerda e dando alguns passos cautelosos para trás, reavaliando a ameaça.

Os dois homens se envolveram mais uma vez e agora Matilda observava, ainda com o coração na boca, mas com a crescente percepção de que não era Lucian que estava aprendendo uma lição aqui, e sim o Sr. Burton. Lucian Barrington, o Marquês de Montagu, não era um aristocrata ocioso e arrogante, que desperdiçava seus dias em indulgência e busca de prazer. A quantidade de habilidade exibida aqui levou anos e anos de prática, uma dedicação obstinada, que deve ter começado décadas atrás, e nenhuma quantidade de força bruta poderia deixar de lado tal destreza requintada. Na próxima vez que os homens se afastaram, havia uma linha vermelha e aberta na bochecha de Burton, e aquele sorriso insolente tocou a boca de Lucian. Todos os traços de tédio haviam desaparecido dos olhos, agora prateados, nada além de uma calma perigosa a ser vista no olhar cintilante, dirigido ao Sr. Burton.

Circularam, de um lado para o outro no salão, mas, desta vez, era Lucian que empurrava o Sr. Burton para trás, sem parar. Burton estava balançando descontroladamente agora, tentando usar a faca, sempre que conseguia se aproximar o suficiente, em seu rosto, um grunhido feroz de raiva. Quando Lucian o fez girar duas vezes pelo vasto salão, ficou claro que o Sr. Burton estava cansando. Lucian também estava respirando mais forte, agora, um rubor nas bochechas e seus cabelos loiros pálidos escurecendo de suor, mas não havia uma marca nele. Por outro lado, a camisa de Burton havia sido cortada em fitas, manchas vermelhas ameaçadoras florescendo, como rosas estranhas e sangrentas sob o linho fino.

— Eu pensei que queria me ensinar uma lição? — Lucian comentou, provocando-o — Se foi uma lição para desperdiçar meu tempo, está indo admiravelmente bem. No entanto, tive a impressão de que, na verdade, queria me matar. Avise-me quando quiser começar, pois não gostaria de perder esse evento.

Matilda poderia ter chutado o demônio imprudente, enquanto suas palavras alimentavam o temperamento do Sr. Burton e pareciam dar-lhe um segundo fôlego. Voou para cima de Lucian, os golpes mais calculados desta vez, sua concentração absoluta. Não fez nem um pouco de diferença. Lucian enfrentou todos os seus golpes e esquivou de todos, e o Sr. Burton recuou, com um assobio de dor e uma nova faixa vermelha, do outro lado.

— Diabo! — Burton rosou.

— Oh, não tem ideia. — Lucian respondeu com um sorriso sombrio, e agora, finalmente, Matilda podia ver a raiva em seus olhos. Era fria e severa, do tipo que queimaria por anos, décadas e vidas — Esteve jantando com o diabo, todo esse tempo, pobre tolo, e esqueceu de trazer seus talheres. Sou apenas sobrinho dele, um mero fingidor, embora ele tenha me ensinado bem o suficiente. Vai eviscerá-lo, eu realmente deveria matá-lo de uma vez. Seria mais gentil. Gostaria que eu fosse misericordioso, Sr. Burton? Devo acabar

com tudo agora?

— Experimente. — Burton zombou, apesar de sangrar de meia dúzia de golpes.

— Acho que não. — Lucian respondeu, seu sorriso, uma expressão terrível — O querido tio Theo me chamaria de assassino e contaria ao mundo como ele sempre suspeitou de que eu não estava em posse das minhas faculdades. Tenho certeza de que ele está armado com uma ladainha de pequenas anedotas, que me pintariam como um louco, capaz de assassinato a sangue frio. Não, não, Sr. Burton. Corra para casa e conte tudo a ele. Conte como falhou em cumprir suas ordens, eu deveria pagar para ser uma mosca naquela parede, em particular.

— Ainda não terminamos. — Burton rosnou — De forma alguma.

— Muito bem, se está tão ansioso para que eu o corte em um pedaço de cada vez, fico feliz em ajudar.

O som de metal sobre metal soou de novo, e, desta vez, Lucian arrancou a espada da mão de Burton, com a ponta de sua própria lâmina e enviou a arma deslizando pelo chão. Matilda não conseguia entender exatamente como havia feito aquilo, e, pelo olhar incrédulo dele, nem o Sr. Burton.

A ponta da espada de Lucian repousava sobre seu peito, sobre seu coração.

— Está morto. — disse ele, suavemente.

Burton olhou para ele com ódio mortal, enquanto Matilda soltava um suspiro de alívio. Estava tudo acabado.

— Pegue.

Ela estremeceu ao som da voz de Lucian, gotejando desprezo. Certamente ele não tinha...?

Com descrença, ela observou Lucian permitir que seu oponente recuperasse sua espada, e o choque de metal soou mais uma vez. Queria gritar de frustração, até que, mais uma vez, Lucian tirou a espada da mão de Burton, enviando-a para longe. A ponta da espada parou na garganta de Burton, deixando um delicado arranhão vermelho.

— Morto de novo, Sr. Burton.

— Lucian! — Matilda gritou do outro lado do salão, mas o desgraçado estava muito imerso para ouvi-la, ou olhar em seus olhos bastante aterrorizados.

— Pegue. — disse ele, as palavras precisas e arrancadas.

Burton caminhou até sua espada, nunca tirando os olhos de Lucian. Sua expressão não era menos assustadora, a fúria apaixonada que vinha da humilhação, do desejo de retribuição. Quando se reuniram desta vez, houve uma nova imprudência nos ataques de Burton, nascida do desespero. A indiferença fria com que Lucian havia começado desaparecera agora, um brilho assassino em seus olhos, que Burton teria feito bem em prestar atenção. Mas Burton estava nas garras da mesma sede de sangue, e quando o ataque selvagem dele foi revertido, como todos os outros, sua fúria encheu o salão. Solto um grito de raiva e tentou chutar Lucian, que se esquivou do seu

caminho, com uma risada.

Burton se levantou, fervendo, o peito arfando com esforço, o rosto, uma máscara selvagem, quando impulsionou a mão e jogou a faca em Lucian. Matilda gritou, enquanto a faca girava no ar, caindo de joelhos com um soluço, quando a espada de Lucian atingiu a faca com um retinido, fazendo-a cair no chão. *Oh Deus. Oh Deus.*

Esse pesadelo nunca vai acabar?

Burton voou para cima de Lucian, acertando a espada com força e atingindo a costela de Lucian, com o ombro, jogando-o no chão. Lucian rolou, e o brilho bruxuleante da sua espada foi refletida na luz, um brilho dançante nas laterais, atingindo e cortando a coxa de Burton. O homem largou a espada e caiu com um grito agonizante, enquanto o sangue escorria da ferida.

Lucian se levantou, olhando para o Sr. Burton, antes de avançar e chutar a espada para fora do seu alcance.

— Acredito que já teve o suficiente, senhor. — disse, friamente — Mandarei um médico para cuidar de suas feridas, mas espero que me perdoe se enviá-lo para outro lugar, para o tratamento.

Recuou, respirando com dificuldade, e então se virou para Matilda, com o rosto pálido ao vê-la, como se estivesse em outro lugar e emergindo de uma névoa espessa para a luz.

— Matilda! — disse, soltando um suspiro.

— Milorde!

Ambos se viraram, quando Denton e uma dúzia de lacaios correram para o salão de baile.

— Peça a alguém que chame um médico, Denton, e tire esse desgraçado da minha casa.

— Imediatamente, milorde.

Lucian se virou para Matilda e sorriu, movendo-se rapidamente em sua direção, mas um movimento atrás dele chamou sua atenção. Burton pegou algo na bota, algo que agarrou na mão e levantou.

— Lucian!

O som era tão alto na grande extensão do salão, que o tempo pareceu suspender. Passou-se um momento até ela perceber o que era.

Um tiro.

Denton e os lacaios gritaram, todos correndo na direção de Burton, enquanto Lucian cambaleava.

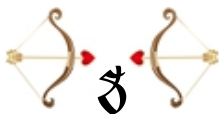
Não. Não.

Não, não, não.

— Lucian! — gritou, lutando para se levantar, atrapalhada pelos laços que prendiam seus pulsos — Lucian!

Correu em direção a ele, quando uma mancha vermelha floresceu em seu ombro esquerdo, manchando o branco imaculado de sua camisa. Ele colocou a mão sobre a mancha, olhando surpreso, quando seus dedos saíram pingando sangue e riu baixinho.

— Que se dane a honra. — disse e depois caiu de joelhos.



Não sei se algum dia terei coragem de enviar essa carta. Se eu algum dia contarei tudo o que está no meu coração. Não sei se seria um conforto ou uma maldição para a senhorita e eu não seria capaz de trazer-lhe dor, por nada nesse mundo, embora não espere que acredite nisso. Quando isso aconteceu? Quando essa coisa me dominou e invadiu meu coração e mente, e todos os momentos do meu dia e meus sonhos? Isso é algo que ainda não posso responder. No entanto, o porquê disso é bastante óbvio.

Estou muito acostumado a ter meu caráter assassinado para prestar atenção a palavras mais duras. Elas perderam seus poderes sobre mim há muito tempo, para penetrar minha pele insensível, e já se passaram décadas, desde que um comentário afiado conseguisse me machucar. Suas palavras de condenação foram diferentes. Por que eu me importo tanto com o que pensa de mim? Talvez porque sua bondade emana da senhorita, porque todas as pessoas que estão sob a sua proteção são cuidadas e amadas, não importa o que lhe custe para isso. Invejei tanto as suas amigas, que fiquei doente com isso. Queria ser um dos escolhidos, aqueles cujas vidas foram douradas pelo seu cuidado e atenção. Há tantas coisas das quais me arrependo na minha vida, Matilda. Houve tantas decisões horríveis, tantos erros. No entanto, apesar da dor que isso me traz, nunca me arrependerei de amá-la. Eu a amo, entende, amo tanto, que me assusta. A senhorita me faz querer ser melhor, ser um homem que possa olhar com orgulho. Um homem que a senhorita poderia amar, se as coisas fossem diferentes.

—Trecho de uma carta do Mais Honorável Lucian Barrington, Marquês de Montagu para a Srta. Matilda Hunt... nunca enviada.



25 de abril de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

Finalmente alguém libertou seus pulsos, e Matilda se jogou do lado de Lucian.

— Chame um médico! — gritou, ao que o homem enfurecedor balançou a cabeça.

— Não. Denton, busque Pippin.

— Pippin! — Matilda exclamou, aterrorizada. O sangue jorrava da ferida, atravessando os dedos onde ele pressionava a mão — Foi baleado, seu homem impossível. Precisa de um médico, não da cozinheira!

Sorriu para ela, embora a expressão estivesse um pouco tensa — Pippin é de uma longa linhagem de curandeiras, meu amor. Ela é uma curandeira habilidosa, prefiro que cuide de mim, do que qualquer maldito charlatão. Denton, suponho que o Sr. Edwards permaneceu para participar de nossa reunião pela manhã? Ótimo. Busque-o. Preciso dele aqui, imediatamente.

— O Sr. Edwards é médico? — Matilda perguntou esperançosa, ainda um pouco duvidosa de como uma cozinheira poderia se tornar uma médica competente.

Lucian franziu a testa.

— Não, meu advogado. — disse, antes de voltar a emitir ordens sobre o que deveria ser feito com Burton e quem deveria ser chamado.

Decidindo que o homem impossível estava ocupado demais para se importar que a sua vitalidade estivesse saindo de seu corpo, a um ritmo aterrorizante, Matilda puxou as saias expondo suas anáguas e rasgou a costura.

Lucian ficou em silêncio, o olhar caindo para os tornozelos dela.

— Agora eu tenho a sua atenção, não é mesmo? — disse acidamente, amassando o material, antes de tirar a mão da ferida e pressionar o tecido, com força, contra ela.

Lucian empalideceu e respirou fundo.

— Oh, me desculpe. Sinto muito. — arrependida, começou a chorar, e Lucian levou uma mão até seu rosto, pausando, quando percebeu que estava vermelho com seu próprio sangue.

Matilda agarrou-a e segurou-a no rosto, não se importando com nada além de que deveria saber que era amado.

— Precisa encontrar Phoebe, querida. — disse, suavemente — Ela está se escondendo e deve estar assustada.

— Claro, vou encontrá-la. — disse, embora, a ideia de deixá-lo, por um momento, rasgasse seu coração — Mas...

— Vou ficar bem. Vá encontrá-la e coloque-a na cama. Diga para ela não se preocupar.

— C-como eu p-posso? — exigiu, seus olhos atraídos para o tecido da anágua, que estava escurecendo com o sangue dele.

— Milorde? Me disseram que o senhor foi machucado... Oh, céus!

Ambos olharam para cima, quando a Sra. Appleton correu em direção aos dois.

— Pippin! — Lucian disse, seu alívio palpável — Estou muito feliz em vê-la.

— Ah! — disse a mulher, pressionando a mão na boca, os olhos se enchendo de lágrimas — Oh, meu garoto. O que aquele homem perverso fez agora?

— Por favor, Pippin. Sem drama, eu imploro.

Pippin fungou, piscou forte, e se manteve firme sob controle, seus ombros enrijecendo. Assentiu, sua expressão viva.

— Drama, até parece. — disse, indignada — Acho que não. Agora saia do caminho, por favor, Srta. Hunt, e deixe-me ver o que deve ser feito.

— Phoebe! — disse ele, seus olhos implorando, enquanto olhava para Matilda.

— Claro. — assentiu, incapaz de recusar, embora não quisesse ir embora

— Onde ela pode estar?

— Consegue encontrar o caminho para a Galeria Longa?

— Acredito que sim.

— Fique ao lado do meu retrato, o de Lawrence. Chame-a. Ela virá.

Sua voz estava tensa, quase sem ar, e seu rosto estava de um tom assustador, muito pálido. Matilda olhou para ele, não querendo sair.

— Por favor.

Ele fechou os olhos.

— Muito bem.

Matilda ficou de joelhos novamente, depois se inclinou e pressionou os lábios na boca dele, não se importando nem um pouco que a Sra. Appleton, e quem mais estivesse no salão, pudessem ver.

Lucian suspirou, um leve sorriso persistente em seus lábios.

— Eu precisava disso. — disse, enquanto ela recuava, um reflexo divertido em seus olhos.

— Serei o mais rápida que puder. — prometeu, e apertou a mão dele com força, antes de correr para encontrar Phoebe.



Para a frustração de Matilda, deu duas voltas erradas, antes de finalmente achar a Galeria Longa. Ficou diante da quantidade desdenhosa de gerações de Barrington e levantou a lamparina. Os olhos pratas e frios de Lucian brilharam para ela, em seu retrato.

— Phoebe! — chamou para a escuridão, além da piscina de luz de lamparina — Phoebe, querida, sou eu, Matilda. Está tudo bem. Pode sair agora.

Houve um longo silêncio e Matilda esperou um pouco, antes de chamar novamente.

— Phoebe! — um som de raspagem a fez parar, segurando a lamparina no alto e prendendo a respiração — Phoebe?

Matilda observou com espanto, quando o enorme retrato e a parede com painéis, que estava fixada, se abriram, em dobradiças silenciosas, e um rosto pálido e assustado espiou o lado de fora.

— Matilda?

Colocou a lamparina no chão e correu até a garota.

— Phoebe! Graças a Deus.

Phoebe correu para seus braços, com um soluço — Ele está bem? Tio Theodore está aqui? Ele o machucou?

O coração de Matilda se apertou e ela abraçou Phoebe, mais fortemente — Não, ele não está aqui, amor. Está bem segura.

Phoebe olhou para cima, imediatamente.

— M-mas tio Monty...

Sua expressão mudou, horror nos olhos, ao tocar um dedo na bochecha de Matilda — I-isso é sangue.

Matilda hesitou, querendo fingir que tudo estava bem, mas sabendo o quanto Lucian gostava da verdade, e o quanto Phoebe o apreciava por isso.

— Sim. Ele está machucado, amor, mas vai ficar bem. — disse, rezando para que estivesse dizendo a verdade. Não suportava pensar na alternativa.

— Machucado? Quem o feriu? Oh não, o que aconteceu? Eu devo ir até ele...

— Phoebe, não, amor. Não no momento... Eu acho que não...

Mas Phoebe se arrancou dos braços de Matilda, que não pôde fazer nada além de pegar a lamparina, mais uma vez, e correr atrás da menina. Para seu imenso alívio, viram Denton subindo as escadas, quando Phoebe estava prestes a correr por elas.

— Onde ele está? — gritou a criança, lágrimas escorrendo pelo rostinho — Onde está meu tio?

— Pronto, pronto, Srta. Barrington. Sua Senhoria foi levado para seu quarto e Pippin está com ele. Confia em Pippin para cuidar dele, não confia?

— S-sim. — gaguejou Phoebe, tremendo muito — M-mas eu quero vê-lo.

— E verá. — disse o mordomo gentilmente, pegando a mão dela — Venha, mas deve esperar até que Pippin diga que pode entrar. Pode me prometer?

Phoebe assentiu e depois fez uma pausa, estendendo a outra mão para Matilda, que correu para pegá-la, sentindo que precisava da tranquilidade, tanto quanto Phoebe.

A espera no corredor escuro pareceu uma eternidade, um relógio em algum lugar marcava os minutos, enquanto o coração de Matilda o acompanhava, com batidas tediosas e sofridas. Phoebe se agarrou a ela e Matilda a segurou forte, sabendo que ambas estavam passando pelo mesmo pesadelo, onde nenhuma delas ousava respirar, caso o mundo se despedaçasse ao seu redor.

Olharam para cima, quando a porta se abriu e um homem pequeno e magro, com um rosto sério e de óculos saiu, segurando um maço de papéis.

— O que ele está fazendo com o tio? — Phoebe exigiu, sua voz estridente de ansiedade.

O homem franziu a testa para Phoebe, enquanto fechava a porta silenciosamente atrás dele — Sua Senhoria tinha alguns negócios que precisava cuidar. Nada para se preocupar, criança.

Phoebe se virou para Matilda, seus olhos refletindo todo o terror que Matilda estava sentindo, enquanto a menina expressava a pergunta que ela não se permitia considerar — Que negócios ele precisa fazer em um momento como esse, ferido? O que são esses papéis?

Antes que Matilda ou qualquer outra pessoa pudesse detê-la, Phoebe passou correndo pelo homem, abriu a porta e entrou correndo no quarto do tio. Matilda sabia muito bem que não deveria segui-la, mas sua reputação, provavelmente, estava além da salvação, e pouco se importava com isso, naquele momento. Lucian era tudo o que importava. Seguiu Phoebe, observando a garota se jogar na cama, fazendo Lucian respirar fundo.

— Tio! — Phoebe gritou, quando Lucian estendeu o braço do lado ileso.

— Está tudo bem, querida. — disse, embora parecesse terrivelmente pálido e exausto — Não se preocupe. Pippin está cuidando muito bem de mim.

— M-mas o que aconteceu? Para que serve essa faixa?

— Eu lutei um duelo. — Lucian disse solenemente, observando com diversão, enquanto a expressão de Phoebe se iluminava, com admiração.

— Com pistolas? — perguntou, franzindo a testa.

Lucian balançou a cabeça — Uma luta de espadas.

— Então por que o senhor está ferido? — exigiu, conhecendo claramente a habilidade de seu tio, pois seu desprezo por ele ser ferido dessa maneira era evidente.

— Não, amor. Ganhei o duelo, mas o canalha atirou nas minhas costas. Me acertou no ombro.

— Canalha! — Phoebe gritou de fúria — Mas, se o senhor sabia que era um canalha, por que, diachos, virou as costas para ele? Isso foi muito bobo da sua parte!

Lucian a abraçou com mais força.

— Eu sei, Phoebe. — disse, sua voz travando — Fui extremamente bobo, e sinto muito por isso.

Matilda desviou o olhar, com medo de chorar, e, em vez disso, se moveu em direção à Sra. Appleton.

— Ele vai ficar bem?

O rosto da mulher estava impassível, a voz firme — A ferida está limpa, a bala foi em linha reta e não atingiu o osso, louvado seja o Senhor. Ele está cansado agora, devido a perda de sangue, mas é com a infecção que temos que nos preocupar. Vou administrar um pouco de láudano, mas ele relutará contra isso, não tenho dúvidas. Láudano o deixa doente, mas está com muita dor. Não que ele permitirá que saiba disso. — a Sra. Appleton deu-lhe um olhar direto, cheio de curiosidade — Ele vai precisar de cuidados. É provável que a

senhorita queira voltar para casa, já que não estará apto para entreter os hóspedes por algumas semanas, a meu ver.

Matilda enrijeceu, perguntando-se se a Sra. Appleton pensava em mandá-la embora. Por cima do seu cadáver — Não, ele precisa de cuidados. Precisa de *mim* e eu não vou a lugar nenhum. — disse Matilda, olhando para ela — De qualquer forma, não até que ele esteja bem o suficiente para me dizer com a própria boca, entendeu?

Para surpresa de Matilda, o rosto da cozinheira se suavizou imediatamente, a aprovação aquecendo seus olhos.

— Sim, acredito que entendi. Bem, a senhorita não precisa se preocupar que as pessoas descubram sobre isso. Sabemos como manter segredos em Dern, Srta. Hunt.

Matilda deu um sorriso triste, tocada pelo apoio da mulher — Suspeito que o Burton cuidará disso.

— Eu não contaria com isso, senhorita. Os criados aqui são leais e não estão muito satisfeitos com o que aconteceu, hoje à noite. Acho que, se o Sr. Burton quiser ver o médico que Sua Senhoria chamou, terá que concordar em manter a boca fechada.

Matilda olhou com espanto, e a Sra. Appleton riu.

— Conhecemos a reputação de Sua Senhoria, e não é tudo conversa. Ele consegue ser um demônio quando coloca uma coisa na cabeça, mas há um bom coração ali, o que é uma coisa milagrosa, depois de tudo o que suportou. Trata todos os criados de forma justa, o salário é bom e a maioria deles gosta de sua reputação. Acrescenta um toque de arrogância às suas próprias vidas, eu acho. De qualquer forma, ele é o nosso demônio e ser atacado na sua própria casa... bem, eles estão prontos para linchar alguém, posso garantir.

— Eles não fariam...

Matilda começou, alarmada, embora pouco se importasse com o que acontecesse com Burton, agora.

— Não. — disse a Sra. Appleton, sombriamente — Mas apenas porque ele proibiu. O demônio deve ser levado para a pousada mais próxima, e um médico providenciado, às custas de Sua Senhoria. A honra deve ser servida, Srta. Hunt.

Seu tom seco e o olhar da mulher disseram a Matilda que seus pensamentos sobre o código de honra masculino eram muitos e variados, mas não disse mais nada.

— Pippin.

As duas olharam para o lado, quando Lucian chamou, cansado.

— Phoebe precisa ir para a cama, agora. — disse, embora os braços de Phoebe tivessem se apertado em volta do seu pescoço — Mande chamar a Srta. Peabody.

Matilda observou enquanto a mulher corria para a porta e colocava a cabeça para fora, para falar baixinho com Denton, que devia estar de sentinela.

— Eu não quero ir.

A voz abafada de Phoebe emergiu do pescoço de Lucian e ele acariciou seus cabelos. Seu rosto estava branco e tenso de dor, e Matilda percebeu que devia estar lhe custando caro manter uma face corajosa na frente da criança.

— Eu sei, querida, mas nós dois precisamos descansar um pouco, agora.

A criança soltou um soluço.

— Não morra. — implorou — Por favor, por favor... não morra. Não me deixe sozinha. Prometa.

Lucian fechou os olhos e segurou a garota em um abraço, seu aperto nela aumentando — Prometo fazer o meu melhor para viver até ficar um velho rabugento. Afinal, levarei esse tempo todo para transformá-la em uma dama bem-comportada.

Phoebe soluçou mais forte e o coração de Matilda doeu, um nó na garganta tão grande, que mal conseguia engolir. Lucian olhou para ela, sua respiração superficial agora, um fino brilho de transpiração em sua testa. Forçando-se a permanecer calma, se moveu para a cama e colocou as mãos nos ombros de Phoebe.

— Venha agora, querida. — disse gentilmente — Seu tio precisa descansar, se quiser que ele melhore, e também deve estar exausta. Todo mundo precisa de uma boa noite de sono, para superar todo esse transtorno. Prometo que cuidarei muito bem dele, enquanto dorme.

Phoebe virou a cabeça, olhando para Matilda, seus cílios loiros salpicados de lágrimas — A senhorita vai ficar e cuidar dele? Até ele ficar bom de novo?

— Matilda, — Lucian começou, sua voz fraca, mas cheia de protesto — sabe que não pode...

— Sim. — Matilda disse com firmeza — Vou ficar até que ele esteja bom de novo. Prometo.

Phoebe soltou um suspiro irregular.

— Bem, se a senhorita ficar com ele, assim como Pippin, — disse, ainda relutante — suponho que consiga dormir um pouco. Sei que não vai deixar nada de ruim acontecer com ele.

Matilda sorriu, sufocada demais para responder, enquanto Phoebe beijava a bochecha do tio — Boa noite. Melhore rápido, por favor.

— Boa noite, querida.

Matilda ajudou Phoebe a sair da cama e a levou até a porta, encontrando a Srta. Peabody esperando por ela. Matilda abraçou Phoebe, prometeu novamente que cuidaria de seu tio e observou a criança seguir sua preceptora pelo corredor.

Ao voltar para o quarto, descobriu a Sra. Appleton fazendo uma careta para Lucian.

— Vai tomar o remédio, milorde, nem que eu tenha que abrir sua boca e colocá-lo lá dentro, eu mesma.

Lucian olhou para a mulher e Matilda se viu aliviada ao perceber que sua vontade de ferro não o deixara. Isso era um conforto.

— Não tenho mais cinco anos de idade, Pippin, por mais que goste de pensar isso. Consigo me virar muito bem sem...

Sua respiração prendeu e seus lábios se fecharam, seu corpo ficando tenso, enquanto sucumbia à dor óbvia que estava sentindo.

— O senhor estava dizendo? — disse a Sra. Appleton, com um erguer imperioso de uma sobancelha, ele não poderia ter melhorado.

— Maldita seja, sua velha intrometida...

— E o senhor vai agir de forma civilizada, marquês ou não, e na frente da Srta. Hunt também. O que ela vai pensar do senhor, discutindo comigo, como um menino rabugento, e não tomando seu remédio, quando sabe que estou fazendo o que é melhor para o senhor?

Lucian devolveu um olhar gélido, mas segurou a língua, enquanto a Sra. Appleton media uma dose de láudano.

— Espere, — disse bufando, enquanto a Sra. Appleton lhe dava um olhar de advertência — eu gostaria de falar com a Srta. Hunt em particular, antes que me dê uma dose, sua tirana maldita. *Se me permite?* — acrescentou, concisamente.

— Cinco minutos. — respondeu a mulher, balançando o dedo para ele. Ela se moveu em direção a Matilda ao sair, falando em voz baixa — Não o deixe falar muito. Está lutando contra a dor, mas está se desgastando. Deve descansar.

Matilda assentiu e foi se sentar ao lado de Lucian, pegando sua mão na dela. Ele suspirou, olhando-a sob olhos de pálpebras pesadas, a exaustão o alcançando.

— Matilda. — disse, o nome dela pouco mais do que uma lufada de ar.

— Estou aqui.

Ele riu baixinho — Ainda tenho dificuldade em acreditar nisso. Já estou delirando de febre? Eu sonhei contigo?

— Não. — Matilda levou sua mão aos lábios e pressionou a boca em sua palma — Não. — repetiu contra a pele dele, a voz embargada de emoção.

— Diga de novo. — disse ele, seus olhos prateados atentos, embora um pouco brilhantes demais.

Ela sabia o que ele queria dizer e riu desta vez, ou talvez tenha sido um soluço, um som estranho de engasgo, que pegou em sua garganta — Eu não deveria.

— Eu sei. Diga mesmo assim.

Matilda olhou para ele e levantou a mão livre, segurando seu rosto e acariciando sua bochecha — Eu o amo.

Ele olhou para ela, felicidade e perplexidade emaranhadas em sua expressão — Por quê?

— Não, — ela disse, enquanto lágrimas brotavam de seus olhos. Matilda balançou a cabeça — direi quando estiver bem.

Lucian fez um som descontente e ela beijou sua palma da mão novamente.

— Eu fiz mudanças em alguns documentos. — disse ele, a alteração da

conversa a confundindo — Se... se algo acontecer comigo...

Matilda balançou a cabeça com veemência. Ela não conseguia pensar nisso agora.

Lucian sorriu um pouco e apertou a mão que segurava a dele.

— Não sou tão fraco assim, e não tenho intenção de ir a lugar nenhum, ainda, garanto, mas..., mas coisas acontecem. A vida é... *incerta*, e... ele vai tentar de novo, Matilda.

Matilda soluçou e cobriu a boca.

— Não chore. — disse, apertando a mão dela, puxando-a para se deitar ao seu lado. Ela foi se movendo-se com cuidado, aconchegando-se em seu lado bom — Eu preciso dizer isso, e Pippin voltará, insistindo em me fazer engolir essa coisa vil, embora isso me deixe doente como um cachorro. Por favor, não fique para testemunhar isso, eu imploro.

Matilda balançou a cabeça — Prometi a Phoebe. Não quebro minhas promessas, cuidei de meu pai e de Nate também, ocasionalmente. Seu leito de doença não contém horrores que eu não tenha testemunhado.

— Não estava apaixonada por eles. — disse Lucian, secamente — Permita ao homem um pouco de dignidade.

Matilda se apoiou no cotovelo — Não estava apaixonada por eles, é verdade. Mas os amava. Isso é o que se faz quando se ama alguém, fica com ele, não importa o que aconteça, seja nos momentos bons ou ruins, seja bonito ou não.

Lucian franziu a testa e ela o olhou, sentindo seu amor por ele, como um peso em seu peito, expandindo-se e enchendo-a.

— Isso não vai mudar o que sinto.

— Ah, sim. — ele murmurou — Tenho certeza de que terá muitos pensamentos apaixonadamente românticos sobre mim, assim que me ver colocando os bofes para fora.

Apesar de tudo, ela riu da indignação dele — Oh, Lucian. Meus sentimentos não são tão superficiais assim. Realmente não tem ideia do que é ser amado, se acha que tal coisa poderia fazer a menor mudança nos meus sentimentos.

— Talvez não. — disse ele com um suspiro, sua voz ficando fraca — Mas acho que sei o que é amar, ou, pelo menos, estou aprendendo.

A respiração de Matilda prendeu, e ele enrijeceu, o rosto tenso de dor.

— Lucian, precisa tomar o láudano.

— Ainda não. — disse, contido. A respiração dele acelerou, e olhou para ela, os olhos cheios de medo, brilhando com uma intensidade febril que a assustou.

— Me escute. Eu a fiz guardiã legal de Phoebe. Se... se algo acontecer comigo, mantenha-a longe do meu tio, *não importa o que aconteça*. Prometa-me, Matilda. Eu sei que é pedir muito, mas eu peço. Ela é tudo o que tenho, e jurei protegê-la. Por favor, por favor, meu amor...

— Sim. Sim, claro. — disse Matilda, alarmada com a súbita urgência com

que falava e precisando acalmá-lo — Seria uma honra, Lucian, mas o digo agora, não vai a lugar nenhum. Nunca o perdoarei se me deixar assim. Não pode morrer. *Não o deixarei* morrer, eu-eu n-não vou. — sua voz quebrou e Lucian a segurou contra ele, silenciando-a suavemente.

— Obrigado. — a tensão deixou seu corpo todo, de uma vez — Muito obrigado. Não pode nem imaginar...

— Sim, eu posso. — soluçou — Sei o quanto a ama, como se ela fosse sua própria filha, e eu a amarei como se fosse minha também. Eu já sei, seu tolo. Certamente sabe disso?

— Sim. — disse, e Matilda ouviu o sorriso em sua voz — E foi assim que se arruinou, todos aqueles anos atrás, agindo altruisticamente, esforçando-se para conceder os desejos daqueles que amava, sem se importar com o custo que pagaria.

— Às vezes esse é o preço que o amor exige, Lucian. Se não está preparado para pagar, não é amor.

— Meu Deus, como é corajosa. — Lucian olhou-a, encantado — Nunca conheci ninguém assim, em toda a minha vida.

— Quão sortudo foi. — disse Matilda tentando sorrir para ele, mas Lucian estava fechando os olhos agora, a respiração ficando mais pesada, seu corpo começando a tremer — Lucian?

Ele não respondeu, e o tremor persistiu. Com medo, agora, Matilda desceu da cama.

— Senhora Appleton! — chamou, aliviada quando a mulher abriu a porta imediatamente e correu para a cabeceira da cama — É febre? — perguntou ansiosa, enquanto a mulher colocava a mão na testa de Lucian.

— Não, ainda não. — respondeu suavemente — Isso vai demorar um pouco para fazer efeito. Isto é o seu corpo protestando contra tudo o que foi feito. — pegou o pequeno copo, no qual medira uma dose de láudano, e sentou-se ao lado de Lucian, deslizou o braço sob o pescoço dele e levantou um pouco a cabeça — Vamos, meu garoto. Tome isso e descanse um pouco.

— Pippin. — protestou, o nome dela dito com irritação.

— Faça o que estou mandando agora, Lucian, por sua velha Pippin, isso, bom rapaz.

Ele bufou, mas engoliu a mistura com uma careta e praguejou baixinho.

— Matilda.

— Ela está aqui. — assegurou a Sra. Appleton, colocando-o de volta sobre os travesseiros — Homem de sorte, não é mesmo, ter uma enfermeira tão bonita assim?

— Ela não deveria...

Ele disse, a respiração acelerando.

A Sra. Appleton deu uma risada leve — Acredito que ela não seja o tipo de dama a quem possa ordenar, milorde. Acredito que vai firmar os pés aqui, gosto dela. — acrescentou, dando um tapinha na mão dele — Agora durma um pouco e pare de se preocupar, não tem motivo para isso. Phoebe está

segura e a Srta. Hunt está aqui. Está tudo bem.

Matilda observou enquanto Lucian desfalecia, deslizando para a inconsciência.

— Bem, — disse a Sra. Appleton com um suspiro — Se eu fosse a senhorita, iria me lavar e dormir algumas horas, pelo menos. Provavelmente serão longos, dias se deseja ficar aqui com ele.

— Mas Sra. Appleton...

Matilda protestou, odiando a ideia de deixá-lo.

— Vamos, vamos. — disse bruscamente — Se quer ser de alguma ajuda, deve estar bem descansada, e a senhorita teve um choque também. Vou ficar aqui com ele, vai dormir em paz, agora, então, faça o mesmo. Irei buscá-la se houver alguma mudança, tem a minha palavra.

— Promete? — Matilda disse relutantemente.

— Sim, e chega dessa coisa de “Sra. Appleton”. É Pippin para a família, e parece que a senhorita faz parte dela, agora.

Matilda piscou com força e engoliu em seco, sem saber o que dizer.

— Pronto, pronto. — Pippin disse baixinho, indo até Matilda e dando-lhe um abraço — Ele vai ficar bem, tem a minha palavra. Só podemos esperar que um escape por um triz, com o Todo-Poderoso, o faça perceber que os vivos são com quem devemos viver nossas vidas, os mortos tiveram sua vez. — deu a Matilda um olhar de aprovação — Ele poderia ter uma mulher como a senhorita ao seu lado, espero que tome essa própria conclusão, no seu tempo. Nunca conseguiu fazer nada, isso é certo. Demônio teimoso.

Ela riu do espanto nos olhos de Matilda e pegou seu braço, guiando-a até a porta.

— Sim, eu sei. Sou um pouco direta com minhas opiniões. Acredite em mim, não é a primeira a comentar, nem será a última. Agora, vá e descanse um pouco. Quero que a senhorita assuma os cuidados de Sua Senhoria, pela manhã.

Dispensada, Matilda se viu parada do outro lado da porta de Lucian. Muito entorpecida para fazer o contrário, se moveu ao longo do corredor, notando, pela primeira vez, o quão perto seu quarto era do dele. Entrou e encontrou Sarah esperando por ela. A criada correu para ela e a abraçou, e Matilda ficou ali, abraçando-a de volta.

— Oh, senhorita. É verdade? Sua Senhoria foi baleado?

Matilda soltou Sarah e deu um passo para trás, e Sarah deu um pequeno grito, ao ver suas mãos sujas. Levantando-as até o rosto, viu que ainda estavam cobertas com o sangue de Lucian, seu vestido azul, manchado com ele. O soluço ficou preso em sua garganta e Sarah a abraçou novamente, cada vez mais forte quando Matilda desabou.

Vagamente, estava ciente de Sarah a despindo, ajudando-a a lavar o sangue de suas mãos e rosto e guiando-a para a cama. Apesar de seu cansaço e da exaustão que puxava sua mente, demorou muito para dormir e, quando o fez, sonhos de espadas e vilões a atormentaram na escuridão.



Meu querido Charles,

Agradeço gentilmente por sua hospitalidade, nos últimos meses. É bom saber que meus velhos amigos não me abandonaram. Estava certo, é claro. Foi muito tolo da minha parte buscar uma reconciliação com Lucian em público, ou mesmo de qualquer outra forma. Mas não existe maior parvo do que um velho tolo e meu coração ficou tão feliz em vê-lo novamente, que esqueci nossa inimizade e permiti que meus sentimentos tirassem o melhor de mim.

Lamento não poder esperar para falar-lhe pessoalmente, antes da minha partida abrupta, mas não queria me intrometer nas celebrações de sua família, após o feliz casamento de sua adorável sobrinha. No entanto, receio ter recebido, esta manhã, notícias terríveis. Notícias que me levam a acreditar que meu sobrinho não é, como sempre temi, totalmente são. Devo partir para Kent, para descobrir a verdade do que aconteceu, embora confesse que temo um pouco. Desejo que ele não descubra minha presença próximo a Dern, pois acredito que devo temer pela minha vida.

Parece que o Sr. Burton foi mortalmente ferido pelo meu sobrinho, que o atacou sem provocação. Falei com o homem... que foi gravemente maltratado pelo meu sobrinho... antes de partir para Dern. Ele desejava implorar a Montagu que o deixasse em paz, pois acredita que fora difamado injustamente, e tudo pelos desejos perversos de meu sobrinho pela senhorita com quem Burton aspirava se casar. Eu o alertei dos perigos, mas a pobre criatura iludida acreditava que poderia apelar para a boa natureza do meu sobrinho. Infelizmente, como eu sei a meu custo, ele não possui uma. Em circunstâncias normais, eu pediria que não

falasse disso para ninguém, para salvar o nome da família, mas a fofoca se espalhará em breve, receio, então, não faz muito sentido manter segredo. O que devo fazer? Acredita que Bedwin poderia intervir e me ajudar? Estou no limite do meu juízo.

— Trecho de uma carta do Sr. Theodore Barrington para Charles Adolphus, Barão Fitzwalter.



26 de abril de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

Lucian acordou com muitas náuseas e dor. Desorientado, tentou abrir os olhos e gemeu, quando a claridade queimou sua cabeça sensível. Deus, estava com frio. Por que estava com tanto frio? No entanto, os lençóis pareciam grudar em sua pele, seu corpo estava úmido de suor. Mexeu-se na cama e a dor o atravessou, roubando o fôlego e fazendo seu estômago revirar. *Por Deus*. Embora a agonia quase o fizesse perder os sentidos, se virou de lado e seu estômago embrulhou, vomitou impotentemente.

Vagamente, registrou uma voz pedindo que as cortinas fossem fechadas, e que alguém havia, misericordiosamente, fornecido uma tigela para apagar a mistura vil que ele havia colocado para fora. Um copo foi levado à sua boca, e ele bebeu com gratidão, querendo mais e protestando quando a água doce foi retirada.

— Devagar. — disse uma voz suave — Apenas pequenos goles.

Lucian tentou mais uma vez abrir os olhos, mas não encontrou nada além de formas borradas, enquanto um pano quente limpava seu rosto. Ele estremeceu.

— Frio. — murmurou.

— Eu sei. — disse a voz. Uma voz tão adorável. Ele quis sentir aquilo novamente.

— Frio.

— Pobre Lucian, sinto muito, meu amor.

Meu amor. Meu amor. Sua mente se agarrou às palavras e se segurou firme nelas. *Meu amor. Matilda.*

— Matilda?

— Sim, querido, estou aqui.

Foi inundado por um alívio. Matilda estava aqui. Ela estava aqui. Matilda o amava. No entanto, se Matilda estivesse aqui, então... A vergonha aumentou, o calor da humilhação lutando contra o frio em seus ossos, quando percebeu que *ela* estava cuidando dele. Ela segurou a tigela... *Por Deus, não.* Balançou a cabeça.

— Não. — disse — Não. Não desse jeito...

— Não fique zangado. — ela o acalmou — Eu não vou embora, então, vai

ter que suportar.

Lucian soltou um som áspero de raiva e frustração misturados. Não queria que ela fosse, não podia suportar que fosse embora, mas vê-lo daquele jeito, era intolerável.

— Lucian, acalme-se. Prometo que não estou nem um pouco repugnada. Na verdade, parece ridículamente bonito, nessas circunstâncias, então, não precisa se preocupar.

Ele gemeu, um pouco indignado, mas aliviado também. Ela não o deixaria. Apesar do fato de que estava acamado, suando, vomitando e com muita dor, Matilda ficaria ao lado dele. Lucian não tinha esse direito, essa devoção amorosa, sua mente estava lúcida o suficiente para compreender essa verdade. No entanto, queria, precisava tanto e a amava. Que Deus o ajudasse, a amava tanto, que temia que a emoção o engolissem por inteiro, como a baleia engoliu Jonas. No entanto, não poderia tê-la. Mesmo que ousasse considerar desafiar gerações de Barrington, centenas e centenas de anos de criação da mais alta estirpe, de apego ao poder...

Lucian podia sentir a fúria e o desprezo de seu pai queimando-o, de onde quer que estivesse, no além, com a mera ideia. Mesmo assim, mesmo que pudesse desafiar tudo o que foi criado para acreditar e deixar de lado sua chance de aumentar o poder e a riqueza da família, como era seu dever... era muito perigoso enquanto seu tio vivia. Todos com quem já se importou foram tirados dele, seja por acidente ou por desígnio. Apenas Lucian tinha sido terrivelmente difícil de matar, como se algum feitiço tivesse sido lançado sobre ele, tornando-o intocável.

Quase...

Ele sentiu um traço suave de dedo sobre a cicatriz em seu pulso e sua respiração parou. Seu tio quase conseguiu. Uma vez. E não precisou levantar um dedo. Lucian estava fraco e solitário demais para lutar contra ele por mais tempo. A vergonha aumentou novamente e ele afastou a mão da âncora que o segurava, deslizando-a sob as cobertas. Matilda deveria ir embora. Se Theodore a descobrisse aqui, se percebesse que era mais do que desejo que Lucian sentia por ela...

Por Deus.

— Deve... *deve* ir. — forçou as palavras, embora seu coração protestasse veementemente — Perigoso, muito perigoso.

— Eu não vou a lugar nenhum, meu amor, e, se quiser me expulsar, deve ficar bom, para que faça isso pessoalmente.

Frustrado, Lucian tentou abrir os olhos, se concentrar. Maldição, Pippin deve tê-lo dopado de novo, pois era como nadar contra um melado. Uma memória repentina arrebatou sua mente, arrastando-o para fora do curso, para a escuridão. Seus pulmões estavam queimando, sua mente dissipando, a pressão da água o sufocando, enquanto se afogava. Drogado. Ele foi drogado. Era isso que parecia, era pesado... desorientador. A limonada não estava com um gosto estranho?

— Vamos fazer um piquenique no lago, rapazes. Podemos nadar e nos refrescar.

O rosto jovial de seu tio estava cheio de prazer com a ideia, ele e Thomas estavam felizes.

A respiração de Lucian ficou presa em sua garganta.

— *Thomas!* — disse, tentando gritar, mas a água não parava de engoli-lo, abafando seus gritos e o puxando para o fundo daquelas profundezas verdes.

Viu seu irmão brincando alegremente na beira do lago, enquanto Lucian se debatia dentro da água. Seus membros pareciam chumbo. Estava tão cansado, e seria tão fácil se deixar afundar. Tio Theo estava parado junto ao lago e Lucian tentou mais uma vez gritar, para chamar a sua atenção, mas então veio a clareza. Aquele momento terrível, no qual não podia mais deixar de reconhecer a verdade. Theo o estava vendo. Estava observando-o se afogar. Tudo ficou óbvio em um instante. Deveria morrer ali, um trágico acidente, que não foi acidente nenhum.

A raiva queimou através da droga, dando-lhe uma última explosão de energia, o suficiente para lutar para voltar para onde pudesse tocar o fundo do lago. Desajeitado e desorientado, desabou na lama à beira do lago, Thomas correndo para o seu lado, gritando, e, de repente, ele estava sendo levado de volta para a casa.

Lucian se debatia, impotente, o toque vil das mãos do monstro sobre ele, sua voz doce e jovial repreendendo-o gentilmente, diante dos criados e da tia-avó, Marguerite.

— O pestinha travesso deve ter bebericado o meu frasco de conhaque. — disse Theo, dando uma bronca, um tio indulgente, que não queria repreender o sobrinho rebelde — Quase se afogou, rapaz tolo.

— Oh, Lucian, o que vem a seguir? — Marguerite estava tão enojada como sempre.

Marguerite Bolorenta, entouu a voz de Phoebe.

— Sim, bolorenta. — concordou com Phoebe, que estava sentada sobre seus joelhos, comendo biscoitos.

Marguerite era uma velha miserável, e ele a odiava.

— Não o repreenda, Marguerite. Meninos fazem travessuras e ele aprendeu a lição, aprendeu um pouco demais a lição. Não vai fazer isso de novo.

— *Não!* — Lucian forçou a palavra, tentando contar — Não, não fui eu, foi ele. Foi *ele!*

Mas podia ver seus sorrisos, ver que acreditavam em seu tio e não nele. Apenas Pippin fez uma careta. Pippin, que foi até a cabeceira da cama dele, embora não fosse sua cuidadora. Pippin, que não o deixaria sozinho...

— Lucian, quieto agora, meu querido. Acalme-se. Seu tio não está aqui. Estão todos seguros.

— *Phoebe!* — ele gritou, o terror tomando conta dele. Phoebe não deve ser arrastada para lugares escuros, nem para o lago, nem presa nos túneis, nem torturada com mentiras e sorrisos benignos, que escondiam dentes afiados. Ela

não viveria nos pesadelos — Não a deixe... ela não deve... não sozinha.

— Ela não está sozinha. Eu prometo. A Srta. Peabody está com ela e há lacaios do lado de fora da porta, Denton organizou tudo. Temos criados extras na propriedade também. Vou mantê-la segura para o senhor, meu querido.

Lucian cedeu. Seu coração estava batendo forte, muito rápido, muito lento, muito... *alguma coisa*... Tudo doía. Sentiu-se estranho. Frio. Frio e morto, como Thomas. Morto e tinha partido com aquele sorriso estranho no rosto. *Não*... Balançou a cabeça, não querendo que a memória viesse à tona, lutando contra ela, mas Thomas estava lá, esperando.

— Sinto muito, Lucie. Eu não entendi o que ele era, até que fosse tarde demais, não percebi. Fazer as pazes, no entanto... não poderia viver com isso... com o que eu fiz. Não poderia manchar minha garotinha com isso. A culpa foi minha. Tudo culpa minha, não sua... sinto muito...

— Não, Thomas, *não... não...* não foi você. Não vá... não me deixe... Podemos lutar contra ele, juntos, desta vez.

No entanto, não foi Thomas quem respondeu.

— Não vou deixá-lo, querido.

Lucian agarrou aquela voz adorável novamente, tentando se libertar do pesadelo, longe do rosto fantasmagórico e medonho de seu irmão, na noite em que o encontrou, morto, sozinho na sala de um clube de cavalheiros.

Lucian se lembrou da sala, do clube. Um dos salões de jogos da moda, cheio de escuridão e vícios e todos os tipos de devassidão que poderia oferecer. Thomas havia morrido ali, sozinho e devorado vivo pela culpa, pelos demônios que o impulsionaram. Um soluço rasgou sua garganta e ele tentou desviar o rosto da cena, naquele quarto sórdido que cheirava a ópio, desespero e morte. Virou a cabeça e Matilda estava lá. *Ela estava lá*, adorável e inocente demais para estar lá, naquele lugar terrível. Ela era incongruente, como uma miragem, uma terrível tentação, o desejo mais perigoso de todos...

— Pronto, Lucian.

Dedos quentes se enrolaram nos dele, segurando-o com força, ancorando-o.

— Matilda. Não deveria estar lá... Não deveria... não deveria estar *aqui*.

— Sim, eu devia, e estou aqui. Não vou a lugar nenhum. Descanse agora, meu amor.

Ele dormiu.



30 de abril de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

— Senhorita Hunt, hora de acordar.

Matilda piscou. Sua cabeça doía e sua boca estava seca, seus olhos estavam arranhando. Levantou com um susto, quando o pânico atingiu seu coração.

— Lucian!

— Ele está bem, não se alvoroce. Acabei de trazer uma boa xícara de chá.

Matilda esfregou os olhos arenosos, um pouco desorientada, mas aliviada ao descobrir que Pippin estava certa. Lucian estava inquieto e irascível, desde

que a febre começou, mas estava relativamente em paz, agora. Um rubor queimava suas maçãs do rosto e ele arrancou o lençol novamente, em algum momento, expondo um peitoral lindamente esculpido e braços musculosos. Matilda corou ao perceber que Pippin a observava admirá-lo. Pegou o lençol e o cobriu de volta. Matilda deveria estar acostumada com aquela imagem, depois de cuidar dele pessoalmente, nos últimos dias..., mas, aparentemente, não.

— Desculpe acordá-la, mas a senhorita mal comeu, nem bebeu uma gota de chá, o dia inteiro, e eu não tenho tempo para cuidar da senhorita também, então isso não deve continuar assim.

Matilda assentiu e aceitou a xícara de chá que ela oferecia, bebendo com gratidão. Apenas agora percebeu que estava com sede.

— Há um bom bolo de frutas também, então, certifique-se de comer um pedaço. Isso vai animá-la.

— Obrigada. — Matilda disse, seu olhar voltando para Lucian.

— Ele vai ficar bem. — Pippin a acalmou — A senhorita viu como ele está em forma e forte e, mais do que isso, está determinado a proteger aqueles com quem se importa. Ele não vai a lugar nenhum.

Matilda suspirou, confortada pelas garantias da cozinheira. Ficou impressionada e aliviada, ao descobrir que a confiança de Lucian em Pippin era bem fundamentada. Quantos dias se passaram, desde que ele se machucou? Três? Quatro, talvez? Perdeu a noção do tempo. Ambas fizeram turnos para cuidar dele, permitindo ao valete que fizesse as coisas que Lucian teria morrido de mortificação, se elas as tivessem feito. Embora Matilda estivesse bastante ansiosa, quando descobriu que Pippin pretendia tratar a ferida de bala com mel e ervas, os resultados falavam por si. A febre se instalou, mas a infecção estava sob controle. Pelo menos não piorou.

— Lucian disse que suas ancestrais eram mulheres curandeiras.

Pippin olhou para ela e sorriu ironicamente, sua expressão plácida — Sim. Duzentos e quarenta anos atrás, uma de minhas avós maternas foi enforcada como bruxa. Os homens sempre temeram as mulheres sábias. Nos torna perigosas, entende, poderosas, de maneiras que eles não gostam, nem entendem. Felizmente, esse absurdo foi esquecido, agora, mas eu fui ensinada da mesma forma que elas. Eu, por minha mãe, como sua mãe foi ensinada, antes dela, e assim por diante. Lucian... Sua Senhoria... passou a apreciar minhas habilidades, quando ainda era menino. Também precisava delas, com mais frequência do que eu gostaria de lembrar.

— Por causa do tio dele?

Pippin assentiu — Ele contou?

— Apenas um pouco. Que o Sr. Barrington tentou matá-lo.

Pippin soltou um som desdenhoso — Ele fez pior do que isso. Tentou destruí-lo e ainda está tentando. Aquele homem horrível conseguiu vencer com o pobre Thomas, torturou e acabou com aquele pobre menino, de todas as formas...

Balançou a cabeça, apertando os lábios contra o que era obviamente uma emoção muito forte — Thomas era tão jovem, e frágil também. Não tinha nenhuma chance contra uma criatura tão vil como Theodore Barrington. Aquele homem disse tantas mentiras. Fez Thomas odiar Lucian, e foram anos, até Thomas perceber como havia sido manipulado. Quando percebeu, quando entendeu que havia se virado contra seu próprio irmão, e que tudo tinha sido mentira, isso acabou com ele. Theodore poderia ter pegado meu Lucian também, o mandado pelo mesmo caminho, só que eu vi o que ele era, não tão rápido quanto gostaria, mas enxerguei, e me certifiquei de que Lucian soubesse que eu sabia, acreditei nele. Fiz de tudo para protegê-lo, depois disso. O melhor que pude, de qualquer maneira.

— Foi tão ruim assim? — Matilda se sentiu mal ao ver o olhar de Pippin.

— Pior do que pode imaginar.

Matilda hesitou, não querendo se intrometer, mas...

— Tem uma cicatriz... no pulso dele.

As feições gentis de Pippin escureceram, algo que prometia retribuição brilhava nos seus olhos, geralmente quentes e cheios de bondade e compaixão.

— Era apenas uma criança, estava sozinho, e ninguém acreditava nele. Pensaram que a perda de seus pais havia desequilibrado sua mente, porque todos viam como seu tio gostava dele. Mas, assim que eu soube da verdade, era possível ouvir a ameaça em cada garantia do Sr. Barrington, quando dizia que *nunca mais* deixaria Lucian ficar sozinho novamente. Todas aquelas palavras amorosas, que usava diante de todos, aquelas que o faziam soar tão gentil, sempre tinham outro significado. Essa era a maldade dele. Para Lucian, estava sendo ameaçado à vista de todos, mas ninguém podia ver a ameaça, além dele.

Matilda olhou-a com um horror silencioso, entendendo a necessidade de Pippin de se recompor, enquanto sua voz tremia, então ela se virou. A mulher foi até a cama e acariciou os cabelos que cobriam a testa de Lucian. Quando falou novamente, estava mais calma, porém ainda cheia de raiva.

— Aquele homem infestou essa família como um câncer, e a matou, um pouco de cada vez. Tentou destruir Lucian, e quase conseguiu, mas eu não permitiria que aquele demônio o pegasse. Eu sabia que ele estava no limite, então fiquei de olho nele. Eu o encontrei. antes que...

A voz dela embargou pegou.

— Tinha apenas quinze anos. Seu irmão o abandonou, não queria mais nada com ele. Thomas havia dito muitas coisas horríveis para ele, por causa das mentiras de seu tio. Lucian estava tão isolado, lutando por todos os lados, e todos achavam que Theodore era um homem tão adorável. Escondi o que Lucian havia feito, eu o enfaixei e fingimos que ele havia contraído uma gripe e precisava descansar, ou o mandariam para um hospício. Seu tio teria gostado disso. O tio poderia não conseguir herdar o título, mas teria o controle de tudo.

— Oh, Deus. — Matilda cobriu a mão com a boca, lembrando-se da maneira como Lucian, às vezes, mexia nos punhos de suas mangas, um gesto inconsciente, que agora entendia.

Sentiu-se doente de tristeza, de raiva, com a necessidade de punir Theodore Barrington com o fogo do inferno, e nunca mais o deixar se aproximar de Lucian ou Phoebe.

— Agora só resta Lucian. — disse Pippin — Ele é tudo o que há entre aquele homem perverso e o maldito título que tanto cobiça, mas aquele monstro não aceita. Eu não vou deixar. *Não* vamos deixar, não é, Srta. Hunt?

— Por cima do meu cadáver, Pippin.

Pippin devolveu um sorriso inflexível — Mas não será o seu cadáver, senhorita, esteja certa de que não será o seu cadáver.



Querida Aashini,

Estou preocupada que Matilda não esteja melhor. O que o médico disse? Não podemos visitá-la? Imploro que mantenha as terríveis especulações sobre Montagu longe dela. Esses rumores somente lhe trarão tristeza. Tio Charles diz que ele é louco, mas acho difícil de acreditar. As histórias são todas muito bárbaras, mas... não sei o que pensar.

— Trecho de uma carta de Sua Graça Prunella Adolphus, Duquesa de Bedwin, para Aashini Anson, Condessa de Cavendish.



2 de maio de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

— Por que ele não acorda?

Phoebe agarrou a mão de Matilda que a apertou, para tranquilizar a criança.

— Porque precisou de muita energia para combater a febre, então seu tio precisa dormir, para recuperar suas forças.

— Mas ele *vai* acordar? — perguntou, olhando para Matilda, os olhos arregalados de medo.

— Sim. — Matilda respondeu, com muito mais confiança do que poderia ter tido, há alguns dias.

Sua febre finalmente baixou quando o sol nasceu, e, embora tenha estado suando e agitado durante toda a noite, dormia agora e o rubor em suas bochechas havia diminuído.

Phoebe se virou para Matilda e a abraçou, enterrando o rosto nela.

— Estava tão assustada. — disse, com a voz abafada.

Matilda se ajoelhou e puxou a criança para um abraço forte — Eu também, mas Pippin é terrivelmente inteligente e sabia exatamente o que fazer.

— E a senhorita ficou. — Phoebe disse, as palavras densas — Prometeu que ficaria, e ficou.

— É claro. Eu nunca quebraria uma promessa, Phoebe.

— E a senhorita o ama, não é?

Matilda abriu a boca, sabendo que deveria contar à garota alguma mentira para fazê-la aceitar que o futuro não mudaria, mas o terror que sentiu nos últimos dias a desgastou, não conseguia pensar em uma maneira de contornar a verdade.

— Sim. — disse, impotente, pois o que mais poderia dizer — Sim, eu o

amo.

— Queria que a senhorita fosse minha mãe.

Matilda ofegou, as palavras acertando em seu coração com a precisão de uma flecha — Oh, Phoebe, querida.

— Eu sonho com isso, às vezes. — disse, ainda agarrada a Matilda — Não me lembro da minha verdadeira mãe e nunca conheci meu pai. Quando sonho em ter uma mãe e um pai, eles se parecem com a senhorita e com meu tio.

Matilda tentou falar, mas não conseguiu. Respirou fundo e se forçou a responder e a conter as lágrimas — Parece um sonho adorável, Phoebe, mas, às vezes, os sonhos são apenas isso, belas imaginações, que desaparecem como fumaça, quando tentamos pegá-las. A vida real não é tão simples, e, às vezes, as coisas que mais queremos são as que estão mais distantes de nós.

— Mas a senhorita deveria lutar por elas. — disse Phoebe, teimosamente — O tio diz que quando sabemos que algo está certo, devemos bater o pé e dizer. Ele diz que coisas terríveis acontecem quando as pessoas fingem não ver algo ruim ou injusto, porque é mais fácil ignorá-lo.

Matilda assentiu, ouvindo a voz de Lucian, e sabendo, agora, por que disse aquelas coisas, porque a verdade era tão terrivelmente importante para ele, e por que não protegeu Phoebe da realidade com mentiras bonitas, mas gentilmente disse a ela o que deveria esperar do mundo.

— Sim, isso é verdade, minha querida, mas, às vezes, o mundo é muito grande e muito poderoso, e sabe que não pode vencer.

A expressão amotinada brilhando nos olhos de Phoebe, enquanto olhava para cima, não era encorajadora.

— Mais uma razão para enfrentar o mundo. — disse, teimosa até o fim — Odeio valentões. O tio-avô Theodore é um valentão, e eu também o odeio.

Matilda ficou agradecida quando Dentou apareceu, após uma batida suave na porta, para buscar a Srta. Barrington, para sua aula de francês. A garotinha foi relutante, e Matilda voltou para a cabeceira de Lucian.

Uma mecha grossa de cabelo loiro pálido havia caído sobre sua testa e Matilda a afastou, aliviada ao descobrir que o calor terrível e ardente não estava mais agindo como uma fornalha em sua pele. Ele se mexeu sob o toque dela, virando a cabeça na sua direção, e Matilda não conseguiu resistir ao desejo de acariciar seu rosto. A picada de sua barba era um deleite secreto, algo que nunca imaginou que experimentaria. Sorriu, fascinada pela sensação afiada e suave de uma só vez, e então sua respiração prendeu, quando os olhos dele se abriram.

Estavam lúcidos desta vez, claros e cansados.

— Garota teimosa. — murmurou — Deveria ter ido embora.

— Sabe muito bem que nunca farei algo, que me for mandado. — ela retrucou, tentando não se jogar sobre seu peito e chorar aliviada.

De alguma forma, sua voz estava razoavelmente calma, apenas o menor tremor traíndo sua emoção.

Ele suspirou, fechando os olhos novamente.

— Sede.

— Ah, é claro. Aqui.

Serviu-lhe um copo de água fresca e sentou-se ao lado dele, deslizando o braço sob seu pescoço, para ajudá-lo a levantar a cabeça. Bebeu, drenando o copo.

— Mais. — exigiu, antes de acrescentar — *Por favor.*

Matilda escondeu um sorriso — Acho melhor esperar um momento e ver como reage, primeiro. Seu estômago está vazio.

Como se fosse uma deixa, seu estômago fez um som vociferante de protesto e Matilda riu.

— Que inconveniente. — disse, com um suspiro — A senhorita está determinada a não me deixar dignidade alguma, não é?

Matilda começou a fazer alguns comentários para acalmá-lo e aplacar seu orgulho masculino ferido, mas, em vez disso, um soluço subiu à garganta, e todo o medo que ela estava segurando tão furiosamente emergiu, como uma onda. Levou a mão à boca, tentando se segurar, mas não adiantou e a barragem se rompeu.

— Eu estava t-tão a-assustada! — disse entre lágrimas.

Tantas vezes quis chorar, por seu próprio terror, pelo perigo que enfrentou, pelo perigo em que Lucian sempre esteve e por todos os erros que haviam sido cometidos contra ele. Então, chorou agora, por ele, pelos últimos dias de preocupação e pelas noites sem dormir.

— Matilda!

Lucian a chamou com o braço bom e ela foi até ele, chorando em seu peito.

— Não chore, meu amor. Eu imploro. Não consigo... Não suporto vê-la chorar. Oh, Senhor, Phoebe a ensinou que ela me tem na mão quando chora, aquela criatura terrível?

— N-não, — Matilda soluçou, instável — m-mas posso acreditar.

Fez um esforço hercúleo para se acalmar e se acomodou contra ele, fungando um pouco. Era tão adorável estar aqui, com a cabeça em seu peito, ouvindo a batida do seu coração, em um ritmo constante, forte e uniforme. O som era reconfortante e maravilhoso, depois de vê-lo tão mal. Com um suspiro de alívio, continuou ouvindo as batidas e fechou os olhos.



Lucian olhou para cima, enrijecendo quando a porta do quarto se abriu. Matilda havia adormecido ao seu lado e ele não tinha nem o coração nem a vontade de acordá-la. Estava exausta, havia sombras escuras sob seus lindos olhos, e ela se encaixava perfeitamente. Nunca quis que ela estivesse em outro lugar. No entanto, era uma mulher solteira, com uma reputação manchada e algo assim, se vazasse..., a arruinaria completamente. Nenhuma quantidade de influência de seu irmão ou de seus amigos poderia salvá-la.

Aliviado, viu Pippin entrar. Ela parou por um momento, examinando a cena, sem comentários, embora Lucian tivesse certeza de que viu um brilho de

aprovação em seus olhos. Não é de surpreender que tenha aprovado Matilda. Sabia que aprovaria. Eram parecidos, de uma maneira estranha, mais corajosos e mais resilientes do que qualquer um poderia imaginar.

— Bem, o senhor está acordado, então. — Pippin disse, indo até a cama e o observando criticamente.

— Faz parecer como se eu estivesse fingindo. — respondeu, com um toque de reprovação.

Pippin bufou.

— Não seja tolo, mas o senhor nos deixou aterrorizados, não se engane. — assentiu em direção a Matilda — Ela é um cavalo de Tróia. Não saíria do seu lado por um momento, se eu não a tivesse arrastado para fora, uma ou duas vezes.

Lucian sentiu sua garganta ficar apertada.

— Ela não pode ficar, Pippin. Sabe que não pode.

Para sua surpresa, Pippin fez uma careta para ele — Diga-lhe isso, pois eu não vou. Ela não é uma criança que precisa de proteção, mas uma mulher adulta, com um coração forte e uma mente própria.

— Mas Theo...

— Maldito homem. — disse Pippin, chocando-o — Não vamos deixá-lo arruinar mais vidas.

Lucian riu, um som amargo, ao qual estava bem acostumado — Eu tentei, Pippin. Pensei que tinha construído uma gaiola para aquele monstro e que era o suficiente para detê-lo. Achei que estaríamos seguros.

— Não, o senhor não tentou. — Pippin disse, não indelicadamente — Sabe tão bem quanto eu que esse tipo de mal tem que ser eliminado absolutamente. Não pode virar as costas para isso. Nem por um momento. Até Phoebe sabe disso, e sabe por que o senhor a ensinou. Não sei o que estava pensando, quando virou as costas para aquela criatura do Burton.

Ele bufou — Não estava pensando, estava olhando para Matilda.

Ela sorriu para ele e balançou a cabeça — *Homens*. Se distraem com muita facilidade.

— Acha que eu deveria tê-lo matado. Theo, quero dizer, não aquela desculpa patética de homem, que veio aqui para cumprir suas ordens.

Não era uma pergunta e Pippin olhou para ele, um daqueles olhares penetrantes, que faziam com que se perguntasse se poderia ler sua mente. Sua expressão permaneceu pensativa.

— Não. Não acho isso. Não precisa manchar sua alma dessa forma. O senhor já lidou com o suficiente por uma vida. Mas acredito que ele precisa morrer.

— Então quem? — exigiu — Quem mais vai lidar com ele, se não eu?

Pippin encolheu os ombros — Às vezes, o universo acerta as coisas sozinho, e acho que já passou da hora dele pagar por seus pecados. Seu jogo ainda não acabou, porém também não terminamos de jogar. Mas não se preocupe com isso, ainda não. Ficará claro com o tempo. A deusa proverá.

Sempre provê.

Apesar de tudo, um formigamento percorreu sua nuca. Não que Lucian estivesse prestes a perguntar o que ela queria dizer com aquilo. Para começar, ele estava cansado demais para entendê-la, não que houvesse como entender Pippin, quando ficava toda mística.

— Se vai invocar a deusa e lançar feitiços, pode simplesmente fazer isso em outro lugar, sua bruxa velha e louca. — murmurou, embora com um carinho tão óbvio, que ela apenas lhe sorriu.

— Um dia, vou convencê-lo.

— Mas não será hoje. — disse, com um suspiro, fechando os olhos.

— Está tudo bem. — disse Pippin, sua voz suave agora — Ela cuida do senhor, mesmo assim, quer acredite ou não. Sempre cuidou.

— Que bom.

Estava exausto, e Matilda era um peso quente ao seu lado. Em algum lugar remoto, podia ouvir Pippin ainda falando, as palavras muito distantes e soando estranhamente desconhecidas, como uma bênção. Senhor, era uma velha feiticeira curiosa, com seus modos pagãos. Seu pai a teria dispensado imediatamente se soubesse. Felizmente para Pippin, seu pai pouco se importava com seus criados. Lucian a amava muito, por tudo o que havia feito por ele. Não se importava se ela praticava magia na cozinha, depois de escurecer, ou queria dançar desnuda ao redor de uma fogueira, desde que ele não tivesse que testemunhar nada daquilo. Ela o protegera quando ninguém mais o faria, tinha visto o que todos os outros se recusavam a ver, mas era simplesmente uma mulher de carne e osso, com um bom coração e um bom conhecimento de ervas, nada de bruxaria. Riu da ideia de Pippin em vestes brancas esvoaçantes, adorando seus ícones pagãos, debaixo do nariz de seu pai, e adormeceu, contente com aquela imagem.

Querida Aashini,

Escrevo às pressas, apenas para dizer que estou bem, e não deve se preocupar comigo. Muita coisa aconteceu e não posso explicar. Digo apenas que estou onde quero estar, onde sou mais necessária do que poderia ter imaginado. Sei que estou abusando da nossa amizade, ao pedir que minta por mim, mas por favor, por favor... me dê um pouco mais de tempo, se puder.

P.S. Anexo uma carta que peço que encaminhe para Nate e Alice por mim.

—Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para Lady Aashini Cavendish.



4 de maio de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

— Se eu tiver que olhar para essas quatro paredes, por mais um minuto, não serei responsável pelas consequências.

Matilda suspirou, notando apreensivamente o brilho implacável nos olhos de Lucian. Claramente, não era um homem que lidava bem em ficar sentado, sem nada para fazer. Lucian estava cansado demais para protestar, mas agora estava ficando nervoso. Já havia assustado a metade dos criados, e Matilda era perversa o suficiente para ficar contente com o fato. Matilda o queria só para ela.

— Mais um dia. — rebateu, mantendo a voz conciliadora — Por mim. Não é pedir muito, é?

Olhou-a e bufou, cruzando os braços sobre o peito — Maldição, isso não é justo.

— Como assim? — exigiu, reprimindo uma risada da frustração em seus olhos.

— Sabe muito bem que não posso lhe negar nada, não depois... depois de tudo.

— Ah, Lucian. — riu, balançando a cabeça — Não fique tão mortificado. Fiquei mais do que feliz em cuidar de você, e não foi como se estivesse sozinha. Pippin é maravilhosa, tem muita sorte em tê-la. Ela o ama como um filho, percebe isso?

Matilda o observou, divertida com seu desconforto.

— Deus sabe por quê. — murmurou — Esta família não lhe trouxe nada além de problemas, estou certo disso. Espanta-me que ela não despreze todos nós. — deu-lhe um olhar de soslaio, seus olhos prateados brilhando de curiosidade — O que acha dela?

— Acabei de lhe dizer. — disse Matilda, sorrindo — Ela é maravilhosa.

Matilda notou a maneira como ele a estudava e considerou a questão. Havia algo notavelmente reconfortante em Pippin... calmante.

— Ela é uma mulher tremendamente forte, confiante e capaz. Eu a adoro. Ela é afetuosa. Maternal.

Lucian assentiu, aparentemente satisfeito.

— Quer que eu leia um pouco?

Ele lançou um olhar ansioso para o sol, do outro lado das janelas, e suspirou.

— Não. Obrigado.

Matilda mordeu o lábio, um pouco divertida. Começou a ler *Orgulho e Preconceito* para ele, que pareceu gostar, a princípio, mas ficou tenso e desconcertado, a partir do momento em que Elizabeth Bennet deu ao Sr. Darcy sua recusa pungente à sua proposta de casamento. Matilda sentou-se na cama ao lado dele e pegou sua mão, entrelaçando os dedos.

— Não deveria estar aqui. — sua voz estava tensa agora e Lucian se virou para olhar para ela, com os olhos preocupados — Sobre o que a *ton* está falando? Ouviu alguma coisa? Theo deve estar trabalhando para me desacreditar, sabe disso. Certamente haverá histórias rodando pela sociedade, me pintando como um vilão ou um louco, ou as duas coisas.

— Hoje não, Lucian.

Pippin a alertou que não deixasse Lucian a par das páginas de escândalo, não até que estivesse mais forte, também não era como se Matilda soubesse. Tinha medo de ver e Pippin parecia pensar que aquilo poderia esperar. Lucian soltou um suspiro frustrado e virou a cabeça novamente, recostando-se nos travesseiros e olhando para a janela.

— Conte-me sobre Thomas.

Ele não respondeu a princípio, e por tanto tempo, que ela pensou que, talvez, tivesse adormecido.

— Thomas me amava. Meu pai só tinha tempo para Philip, e minha mãe idolatrava Thomas, porque era uma criança muito doente e que precisava dela, mas Thomas me amava. Ele me seguia por toda parte e me chamava de Lucie. — Lucian se virou para ela, enviando-lhe um olhar de advertência, que prometia retaliação — Nunca mais vou dirigir-lhe a palavra, se repetir isso. — disse sucintamente — E mataria qualquer outra pessoa, se me chamasse assim, mas não me importava quando Thomas me chamava de Lucie. *Minha pequena sombra*, era o que Pippin dizia dele.

Matilda apertou a mão dele, encorajando-o — Que meigo.

— Era doce, a criança mais doce que já viu. Nunca ficava bravo com ninguém, estava sempre sorrindo. Odiava discussões ou disputas e, se nosso

pai gritasse conosco, se escondia atrás de mim, o que deixava papai ainda mais irritado. Thomas tinha medo do nosso tutor e não era muito bom com matérias da escola, então, eu ensinava algumas coisas. Disse que entendia melhor, quando eu ensinava.

— Eu gostaria de tê-lo conhecido. — disse Matilda.

Lucian riu, voltando-se para ela — Thomas a teria adorado, e sei que seria recíproco. Era tremendamente engraçado e charmoso, todo mundo o amava. Eu teria ficado com um ciúme terrível, sem dúvida, mas ele adorava coisas bonitas. Coisas bonitas e pessoas felizes, todos sorrindo.... — deu um suspiro melancólico — Pobre Thomas.

— Ele... tirou a própria vida?

Lucian deu de ombros — Sim. Talvez não intencionalmente, não na noite em que morreu, mas esse era seu objetivo, ia acontecer, não importando o que eu fizesse. Eu tinha vindo à cidade, uma semana antes, para procurá-lo. Estava preocupado. Pippin diz que era algum sexto sentido, e talvez fosse verdade, não sei. Só sabia que tinha que encontrá-lo.

— Mas não conseguiu?

Lucian balançou a cabeça — Não andávamos no mesmo círculo. Thomas havia virado as costas para a sociedade respeitável, anos antes. Eu mal o via, não importava o quanto implorasse para que voltasse para casa. Ele acreditava que estava além da redenção, manchado por seus pecados e indigno do meu perdão. Porém, estranhamente, naquela noite, foi até um clube, não que o lugar não fosse um covil de iniquidade, era apenas mais elegante, um lugar onde os ricos podiam entreter seus vícios com conforto. Não ia lá há meses, mas paguei os criados para que me avisassem quando aparecesse.

— Foi atrás dele.

— Mas era tarde demais.

Matilda se aproximou, sentindo sua tensão, embora sua voz permanecesse calma.

— Eu estava procurando em lugares horríveis, seus lugares habituais. Sem dúvida, ele esperava que, ao ir a lugares tão terríveis, alguém fizesse o trabalho que estava tentando realizar e o matasse.

— Sinto muito, Lucian.

— Parecia em paz. Havia um sorriso estranho em seu rosto, como se tivesse descoberto a resposta para uma boa piada. Eu nunca consegui tirar aquela imagem da minha cabeça.

Matilda se deitou ao lado dele, abraçando-o o melhor que pôde. Sentiu o peso quente de seu braço cercá-la e descansar em seu quadril.

— Estava lá, naquela noite.

Matilda levantou os olhos — Como assim?

— Foi preciso muito dinheiro e organização para silenciar todo mundo. Ainda havia murmurinhos sobre sua morte, naturalmente, mas levei seu corpo para casa, comigo. Esperei o quanto ousei, quase uma semana, e depois falei que foi um acidente de cavalo, em Dern. Mas, naquela noite, na noite em que

o encontrei, mandei chamar homens que trabalhavam para mim, homens em quem confiava implicitamente, para vir ao clube e levá-lo para casa. Pretendia esperar até que o lugar fechasse e depois retirar Thomas pelos fundos. Enquanto esperava em um dos quartos privados... você entrou.

— Foi *naquela* noite? — Matilda repetiu, mal conseguindo acreditar, e, ainda assim, se lembrava.

Matilda se lembrou de entrar naquele quarto e não saber que Lucian estava lá, porque estava terrivelmente quieto, e então se virou, quase gritando, incerta se ele era real. Estava tão imóvel, sobrenatural, parado ao lado da janela, sob a luz do luar. O homem mais bonito que ela já tinha visto, como um anjo caído. No entanto, sabia que algo estava errado. Era como se ele não estivesse lá, como se algo estivesse faltando, alguma evidência de vida. Nas noites que se seguiram, Matilda atribuiu isso à crueldade e à indiferença, uma natureza insensível, que não dava a mínima para meros mortais insignificantes. Nem havia considerado...

— Sinto muito por como me comportei. — sua expressão era indecifrável, mas suas palavras eram sinceras, pesadas de remorso — Eu... Eu simplesmente não conseguia pensar. Estava tão consumido por Thomas, pela tristeza, em como evitar que o nome do meu irmão fosse arrastado para algum escândalo sórdido e... Não conseguia pensar em nada, Matilda... Tenho vergonha de dizer que não me importei.

— Está tudo bem. — disse, abalada, ouvindo a angústia em sua voz.

— *Não*. — balançou a cabeça, a raiva palpável. — Não está tudo bem. É difícil entender, até mesmo agora, mas eu... eu a culpei. Seu escândalo me colocou naquele maldito clube, quando eu precisava manter tudo em segredo. Tornou muito mais difícil encobrir a verdade e fiquei furioso contigo. Eu a odiei por isso, e... queria puni-la por sua própria estupidez, por estar lá.

Ele respirou fundo e Matilda tentou fazer o mesmo, mas seus pulmões não pareciam estar cooperando.

— Não tenho orgulho do que fiz, Matilda. A verdade é que estou doente de vergonha, e não a culparia, se não conseguisse me perdoar. Eu nem sei por que... não faz sentido porque eu a odiava tanto. Só que... que era tão linda, tão inocente... no lugar onde meu irmão havia morrido.

Sua voz falhou e ele fechou os olhos.

— Lucian, — disse baixinho — Lucian, está tudo bem. Eu já o tinha perdoado, e isso... isso torna muito mais fácil de entender. Estava de luto por seu irmão. Como poderia pensar em outra coisa?

Ele se virou para o lado bom, movendo-se com cuidado e gemendo um pouco de dor, mas a puxou para os seus braços — É muito boa, muito indulgente. Eu acredito que seria capaz de perdoar o próprio diabo.

— Não, — disse imediatamente, furiosa com a ideia. Afastou-se um pouco para poder olhar para ele — isso eu não posso fazer. Pippin me contou, pelo menos em parte, sobre seu tio, sobre o que fez contigo e com Thomas. Eu nunca soube o que é odiar alguém antes, não realmente. Acreditei que o

odiava, Lucian, algum tempo atrás, mas não é nada, comparado com o que sinto por seu tio. Ele não vai machucá-lo de novo, não vou deixar.

Ela observou o espanto crescer em seus olhos enquanto falava. Lucian estendeu a mão e acariciou seu rosto.

— Me protegeria?

Havia diversão em sua expressão, tristeza também.

— Sim.

Ele sorriu com isso, seus olhos prateados tão quentes quanto ela já os tinha visto, mas Matilda sabia que Lucian achava impossível. Acreditava que ela é quem precisava de proteção.

— Não consegue nem se proteger, meu amor, o que significa que devo fazer isso em seu lugar. Não pode ficar em Dern, de outra parte, não consigo imaginar o que está sendo dito sobre mim, mas sei que não deve ser nada lisonjeiro. Se for descoberta aqui...

— Serei arruinada. Sim. Eu sei disso.

— Então, pelo amor de Deus, arrume suas coisas e vá embora, antes que seja tarde demais.

Matilda olhou para ele, imaginando como poderia fazer isso. Já tinha sido difícil o suficiente antes, quando não sabia a verdade e acreditava apenas que ele era rico, poderoso, dono de um título e que precisava ter seus herdeiros, com uma mulher igual em posição. Agora, porém... Como poderia deixá-lo, esse homem que sempre esteve sozinho e queria tanto que ela ficasse, embora não fosse capaz de dizer em voz alta?

— É isso que quer? — perguntou, piscando para conter as lágrimas, imaginando se ele mentiria, para fazê-la ir embora.

— O que *eu* quero? — exigiu, incrédulo — Quando, em nome de Deus, importa o que *eu* quero?

Ela deu um pulo com a fúria em sua voz e ele praguejou, segurando-a mais perto, enterrando o rosto nos seus cabelos.

— Perdão. Sinto muito. Perdoe-me.

— Está tudo bem. — disse, tentando não chorar, agarrada a ele.

Ele gemeu, tanta miséria e frustração no som, que não chorar era quase impossível. Matilda não queria que Lucian se sentisse assim, não quando estava com ele. Se não pudesse fazer mais nada por ele, certamente poderia fazê-lo feliz. Sem saber o que fazer, Matilda virou o rosto para ele e se aconchegou em seu pescoço, beijando sua pele.

Ele paralisou completamente, a respiração aumentando. Encorajada, Matilda continuou beijando o ponto sensível sob a orelha dele, esfregando os lábios sobre a sua mandíbula, intrigada com a sensação da barba sob sua boca. A mão dela, que havia pousado no braço dele, evitando o ombro machucado, se moveu por vontade própria, ou assim parecia. Para grande desgosto, nos últimos dois dias... ele estava bem o suficiente para se sentar e se mover um pouco... seu valete o vestira com um camisolão. O desejo de tocá-lo, porém, de tocar aquele belo corpo, que vira exposto quando estava inconsciente e fora

de si, com dor, era uma tentação além do suportável. Ela não tinha ousado antes. Parecia uma violação de confiança, quando ele estava tão vulnerável, mas agora...

Ela puxou o laço que segurava a camisola fechada e deslizou a mão por baixo do tecido. Imaginando como teve tal ousadia, Matilda recuou um pouco, para que pudesse olhar para cima e ver o seu rosto.

Estava olhando-a, os olhos escuros.

— Perigoso. — disse com a voz rouca.

— Eu não me importo.

A boca dele encontrou a dela, um momento depois, urgente e quente, exigente, e Matilda suspirou, aliviada. *Sim. Sim. Isso, oh, por favor...* Seu corpo parecia cantar as palavras em voz alta. Ele podia ouvir tão claramente quanto ela? Desfez outro laço, dando-se melhor acesso, e ele fez um som baixo de contentamento, quando seus dedos curiosos descobriram o disco plano de um mamilo, que enrijeceu em um pequeno nó sob seu toque.

— Tire isso. — exigiu, puxando o material.

— Oh, Deus, Matilda! — gemeu — Por que trabalhou tanto para me salvar, se vai me matar agora?

— Não seja tão dramático.

Riu dele, mas seu olhar sugeriu que Lucian não estava brincando.

— Não quer ser minha amante. — lembrou-a, um pouco sucintamente — Lembra? Disse que merecia mais do que isso, e estava certa, mas eu não sou um santo, amor. Está sozinha comigo, na minha cama. Não me peça para ser o árbitro do bom comportamento, aqui. Não fui feito para esse tipo de trabalho.

Matilda o olhou, considerando suas palavras.

— Sim. — disse — Sim, é. Confio em você.

Matilda confiava. Lucian não se aproveitaria. Ela suspeitava que ele não o faria, mesmo que implorasse, o que estava se tornando cada vez mais provável, a cada momento em sua companhia.

Lucian fechou os olhos, murmurando uma exasperação, jogando-se de volta contra os travesseiros — Isso é tão injusto.

— É isso que se ganha por ser tão honrado. — provocou-o, sentando-se e ajoelhando-se ao lado dele. Puxou a camisola dele, mais uma vez — Tire isso. Estou morrendo de vontade de tocá-lo, há dias, e não vou perder minha oportunidade agora.

Sua única oportunidade. Matilda não disse isso. Quando estava pensando em ir embora, não poderia ter imaginado algo assim. Não estava pensando nisso agora. Ela se recusava. O bom senso estava suspenso, arremessado pela janela, junto com a cautela, autopreservação e qualquer noção de decoro. Não sentia falta de nenhum deles.

— Lucian! — protestou quando ele não se mexeu.

— *Matilda!* — suplicou com os olhos.

Matilda puxou sua camisa novamente e ele suspirou, tirando o braço bom da camisola, antes dela ajudá-lo a retirar o tecido pelo ombro ferido. Respirou

fundo, seus lábios se comprimindo em uma linha tensa, enquanto o movimento empurrava seu ombro, e então a camisola se foi, jogada no chão.

O lençol havia caído em seus quadris e, exceto pelo curativo por cima do ombro, ela estava livre para olhar e tocar. Sua expressão era cautelosa agora, observando-a com atenção, enquanto ela o absorvia. Deus, era perfeito. Suas maçãs do rosto estavam um pouco mais acentuadas do que o normal, e havia sombras sob seus olhos. A luz do sol da manhã estava sobre ele, dourando os pelos do seu peitoral e sua barba, que tinha a cor de ouro, mais escura do que o dourado pálido de seus cabelos.

— Venha aqui. — disse, a ação de seu controle frio habitual infundindo sua voz.

Matilda estremeceu. Ela se moveu conforme as instruções, montando no colo de Lucian, embora mal soubesse como se atrevia, mas queria demais estar perto dele para fingir uma timidez que não sentia.

— Queria me tocar. — disse ele, e houve uma pausa após a observação despreocupada que lhe dizia que Lucian estava longe de estar calmo sobre isso.

— Sim. — olhou-o, notando a rápida subida e descida de seu peito — Pensei em você muitas vezes, em beijá-lo, tocá-lo. Cheguei a pensar que a única maneira segura de poder tocá-lo era quando estava desfalecido, por causa do láudano, mas nunca me aproveitei da situação.

— Tolice da sua parte. — disse, sua voz ficando mais tensa.

— Sim, não foi?

Matilda levantou a mão e colocou em sua bochecha, acariciando a barba macia e espessa, movendo o polegar sobre o lábio inferior. Ele mordiscou, agarrando a pele com os dentes e fazendo-a ofegar. Ela riu e continuou sua leitura, vagorosamente, embora o corpo sob seu toque estivesse ferozmente tenso, vivo. Lucian estava se mantendo imóvel, permitindo isso. Ela deslizou as mãos pelos braços dele, sobre a curva do músculo definido e de volta para cima, e depois para baixo, sobre seu peito. Os músculos do estômago dele tremeluziram e se contraíram sob seu toque, fazendo-a abrir um sorriso. Movendo as mãos de volta para cima, percorreu a dispersão de pelos do seu peitoral, depois seguiu o caminho que se escondia sob o lençol. Apenas o lençol estava entre eles, percebeu tarde demais. Lucian estava nu debaixo dela, não que Matilda se importasse. Ou, pelo menos, ela se importava, mas não da maneira que deveria.

— Chega. — disse ele, alcançando-a, puxando-a para perto. Ela caiu para frente, tomando cuidado para não atingir seu ombro ferido. Matilda se apoiou nos braços e olhou para Lucian, ainda sentada sobre seus próprios joelhos. Lucian a puxou pelos quadris, e ela se sentou sobre ele, descobrindo-o duro embaixo dela, e o quão intimamente pressionava contra seu corpo. Ela ofegou quando um choque de prazer surgiu pelo seu corpo.

— Oh!

A mão de Lucian deslizou no cabelo dela e a puxou para baixo, fazendo

com que suas bocas se encontrassem. Depois suas duas mãos ousaram em seus quadris, pressionando-a firmemente contra seu membro, fazendo-a arquear o corpo, disparando outra onda de prazer. O desejo irrompeu por ela, uma necessidade enlouquecida de estar mais perto dele... de estar o mais perto que duas pessoas poderiam estar... aquilo a estava comendo viva. Queria sua pele na dela, queria que ele preenchesse aquela sensação vazia dentro dela. Matilda estava faminta por ele, e o queria com muito fervor. O beijo ficou mais quente e as mãos dele se moveram para os fechos na parte de trás do seu vestido. Deus do céu, ele era melhor do que a criada pessoal de qualquer dama, pensou com desgosto, depois viu suas vestimentas caindo, em uma velocidade surpreendente. Vestido, corpete e chemise caíram sob aqueles dedos ágeis. A boca de Lucian deixou um rastro ardente de beijos em seu pescoço enquanto ele puxava as mangas de seu vestido pelos braços até...

Matilda mal teve um momento para perceber que estava exposta à visão dele, da cintura para cima, antes que sua boca estivesse sobre ela, quente e molhada, consumindo-a. Lucian chupou seu seio e o prazer a percorreu com tanta força, que não conseguiu segurar o gemido que saiu de sua boca. *Bom Deus*. Graças a Deus, as paredes de Dern eram grossas. Ela se pressionou contra ele, inclinando os quadris para encontrar aquela explosão extraordinária de prazer novamente, e, desta vez, Lucian gemeu, um som perverso, que a excitou profundamente. Lucian jogou a cabeça para trás, seus olhos fechados, e Matilda o olhou, fascinada pela imagem dele abaixo dela, como algum deus pagão do prazer, pura perversidade, pecado pleno. Seus olhos se abriram, quase pretos de desejo, apenas uma borda prata estreita brilhando.

— Mais. — disse ele, a palavra áspera.

As mãos dele alcançaram suas saias, puxando-as de debaixo dela, acomodando-as até que apenas o lençol de linho separasse seus corpos. Ela podia sentir o calor de sua excitação através do tecido, da forma e da força dele. O desejo de rasgar o lençol era tão forte, que Matilda sentiu que poderia morrer por desejá-lo, mas então ele se moveu, e quaisquer pensamentos foram obliterados. *Mais, mais...* seu corpo cantava a mesma música e ela se moveu contra ele, de novo e de novo, até que ambos ficaram sem fôlego, inconscientes de prazer. As mãos dele acariciaram a pele exposta, acima de suas meias, depois deslizaram para acariciar seu traseiro e apertá-la com mais força contra ele, até que ficasse entontecida. Ela moveu os quadris com mais força, procurando mais, enquanto o mundo começava a brilhar e ficar branco.

— Santo Deus, pare... *pare*. — disse ele, as palavras cerradas.

— Não! Oh, Lucian, *por favor... por favor...*

— Espere, amor... espere... — parecia desesperado agora.

Matilda não conseguiu fazer nada a não ser gemer, enquanto suas mãos impediam seus movimentos, ela fez o que Lucian pediu, embora estivesse tremendo e enlouquecida.

— Deixe-me tocá-la. — sussurrou, e Matilda sufocou uma risada histérica,

ao ouvir seu pedido.

Homem tolo, realmente achava que ela o recusaria?

O impulso de rir desapareceu quando ele a tocou. Matilda ofegou quando seus dedos percorreram os cachos entre suas pernas, deslizando entre as delicadas camadas de pele, para o calor dolorido abaixo.

— Meu Deus, amor. Eu a quis tanto, por tanto tempo...

A voz dele falhou, tudo o que Matilda sempre quis ouvir de Lucian, tão flagrante a cada palavra — Sonho contigo. Preenche meus dias e minhas noites. Quero que nunca vá embora, a quero comigo, sempre.

Matilda se perguntou se Lucian sabia o que estava dizendo ou se era apenas o desejo falando, seus dedos elegantes estavam massageando, deslizando dentro dela, acariciando e provocando, até que mal conseguisse compreender as palavras, muito perdida em seu toque, no calor avassalador que a queimava, de dentro para fora.

— Sim. — ela sussurrou, contorcendo-se sob os dedos dele, o prazer se tornando tão intenso, que ficou dividida entre recuar, querer escapar e implorar por mais.

— Sim. Oh... oh, eu não posso... oh, sim, *por favor... por favor...*

A mão livre dele a segurou no lugar, não permitindo que escapasse, não que ela quisesse, pois era muito gananciosa para isso. Queria tudo aquilo, tudo o que Lucian estava oferecendo, tudo o que podia oferecer.

— Venha até aqui, perto de mim.

Matilda se aproximou com a insistência dele, inclinando-se sobre Lucian enquanto ele acariciava seus seios, esfregando a bochecha contra a pele sedosa, beijando e arrastando a língua sobre ela, até que procurou e encontrou um mamilo rosado e fechou a boca sobre ele. O som que arrancou de sua garganta foi chocante... o som de uma mulher devassa e abandonada... e ela não se importava. Nem um pouco.

— Beije-me. — ele exigiu, parecendo tão louco e fora de controle quanto ela se sentia.

Matilda o beijou, pressionando os seios contra o peito dele, encontrando sua boca e beijando-o, com paixão feroz, com toda a frustração e desejo que manteve dentro de si por tanto tempo. Matilda se afastou com outro grito, agora frenético, quando seus dedos deslizaram sobre ela, acariciando e circulando, antes de voltar para dentro de seu corpo. Ela enterrou o rosto no pescoço dele, mal conseguindo suportar.

— Olhe para mim. — ordenou.

Foi a coisa mais difícil levantar a cabeça, encontrar seus olhos, mas fez o que ele queria.

— Matilda. — Lucian falou o seu nome em um suspiro, os olhos escuros e ardentes, de emoção crua — Minha linda garota. Eu a amo. Eu a amo tanto... deixe-me ver o seu prazer.

O choque daquelas palavras a envolveu em uma explosão de sensações tão intensas, que ela não pôde fazer nada além de agarrar seus braços, enquanto

seu corpo se movia, além de seu controle. Matilda estremeceu e gritou o nome dele, enquanto o prazer a rasgava com tanta força, que sentiu que havia deixado os confins de seu próprio corpo. Repetidas vezes, isso a percorreu, em intermináveis ondas de alegria. Lucian suavizou o toque, arrancando cada último e precioso choque de prazer de sua pele macia, antes de puxá-la para baixo novamente. Matilda estava esparramada sobre ele, atordoada e saciada demais para se importar em como deveria estar sua imagem, com o vestido caído e o cabelo todo bagunçado. Seus ossos pareciam estar saturados de mel, doces e pesados, e estava alegremente cansada.

Vagamente, tomou conhecimento de Lucian, de sua mão acariciando seus cabelos, de seu corpo duro sob o dela, ainda rígido de desejo não consumido. Isso não parecia justo.

— Lucian. — tentou, mas aquilo era um esforço muito grande, então fechou os olhos.



Lucian tentou respirar. Parecia um tremendo esforço. Seus pulmões estavam apertados, seu corpo dolorosamente sensível e duro como ferro. *Inspire, expire*, disse a si mesmo severamente, mas sua cabeça estava cheia do aroma dela, o leve traço de flor de laranjeira e o perfume quente e inebriante de sua excitação, fazendo-o tremer com a força de seu desejo. *Não* tiraria a inocência dela, não quando já havia lhe dado tanto, tanto. *Apenas respire...* Podia fazer isso. Não era uma besta irracional, que tinha que saciar sua luxúria, não importando o que acontecesse, mas um homem. Um homem que sentia como se estivesse prestes a enlouquecer, reconhecidamente, mas ainda um homem.

Lucian olhou de soslaio para Matilda e sufocou uma risada indignada, ao ver que havia adormecido. *Bem, maldição.* Não era esse o objetivo dele? Ela se mexeu um pouco, suspirando em seu pescoço. Sua respiração quente deslizou sobre sua pele, como uma carícia, fazendo-o estremeecer, e então Matilda se moveu em cima dele. Lucian respirou fundo, sufocando um gemido, enquanto ela se remexia, dormindo, movendo o corpo para que se encaixasse perfeitamente no seu, o membro dele embalado intimamente contra o sexo dela.

— Respire. — murmurou ferozmente, apertando os olhos — Não pense nisso. Não. Pense. Nisso.

Naturalmente, Lucian não conseguia pensar em mais nada. Estava tão perto de onde queria estar, e eles se encaixavam tão perfeitamente. Desesperadamente, tentou se concentrar na dor em seu ombro, que latejava, em conjunto com o resto de seu corpo. Não ajudou em nada. *Oh, Deus!* Não era possível morrer de desejo não realizado, assegurou a si mesmo, embora não totalmente convencido. Parecia uma certeza. Matilda o mataria. Bem, ele preferia assim do que qualquer um de seus outros quase acidentes com o ceifador.

Sem nenhum alívio à vista, se permitiu lembrar dos últimos momentos, dos sons do prazer dela, da sensação de seu corpo quente e doce. Matilda estava tão pronta para ele, molhada e querendo-o tão ferozmente, e Lucian queria tanto estar dentro dela, que estava pronto para gritar de frustração. No entanto, isso era mais do que ele ousou esperar, satisfazer-se perversamente com o seu amor ali, na sua cama. *Era* perversidade, refletiu, e esse conhecimento matou seu desejo insatisfeito, da forma mais eficaz do que qualquer outra coisa. Uma culpa nasceu dentro dele.

Essa linda mulher merecia muito mais. Matilda queria a segurança de um casamento, ser esposa de um homem que pudesse amar e se orgulhar, e mãe de uma família barulhenta e feliz, que amaria e protegeria, com o coração de uma leoa. Em vez disso, ela estava aqui, com ele, arriscando sua virtude, sua reputação, até mesmo sua vida, porque era muito amorosa, muito generosa para fazer o que deveria e fugir dele. Nunca fugiria dele, não, desde o início, não quando ela o odiava e deveria tê-lo temido, e não agora, quando o amava e deveria estar o mais longe possível de Lucian.

Parecia impossível lembrar de uma época em que ele a odiava, ressentia-se dela por estar lá, naquela noite terrível. Ele se retirou da sociedade por um longo tempo, depois que Thomas morreu, fazendo o seu melhor, de forma imperfeita, para cuidar de Phoebe, para fazer um lar para ela, onde estivesse segura. Quando voltou, presumiu que Matilda teria desaparecido da *ton*, mas não. De forma alguma. Lá estava ela, desafiadora e orgulhosa, com a cabeça erguida. Pouco a pouco, seu ódio se transformou em admiração e depois em fascínio. Quando finalmente falou com ela, e recebeu uma avaliação precisa e pungente, que destruiu seu caráter com eficácia, Lucian não sentiu nada além de orgulho dela, por enfrentá-lo tão ferozmente.

O resto estava além de seu controle.

Lucian tentou imaginar sua vida quando ela se fosse, mas seu coração se rebelou contra a imagem. Os anos sombrios que acenavam, sem Matilda em sua vida, fizeram seu peito apertar de medo. Não tinha certeza se poderia sobreviver.

No entanto, não importava quantas vezes passasse por isso, quantas vezes tentasse justificar tudo o que queria, a resposta nunca mudava. Era muito perigoso mantê-la por perto, enquanto seu tio vivesse, e, mesmo que o monstro morresse hoje... Lucian tinha um dever para com a família, para com seu pai, seus irmãos e o título. A ideia de virar as costas para gerações de Barrington, de decepcioná-las, fez com que se sentisse quente e doente. Podia ouvir seu pai o repreendendo com fúria indignada, mesmo que sua voz não fosse ouvida nesta casa, há mais de vinte anos.

Lucian estremeceu com um pressentimento. No entanto, não importava quanto tempo passasse listando todas as razões pelas quais não deveriam estar juntos, porque Matilda *deveria* ir embora... seu coração lhe dizia o contrário e prometeu que não poderia fazer isso. Isso o destruiria de uma forma, que seu tio nunca conseguira.

Matilda murmurou enquanto dormia, e Lucian se virou de lado, para olhar para ela, embora seu ombro protestasse com veemência, a dor de se mover fazendo sua respiração travar. Forçou ainda mais, suportando a dor e levantando o braço, para poder tocar seu rosto, tocar a pele sedosa, traçar a linha de sua bela boca.

A ternura brotou em seu coração. O que essas mulheres fizeram com ele? Desde o momento em que a viu, Phoebe o fez reconsiderar o tipo de homem que queria ser e poderia ter sido, se tivesse tido a oportunidade. Calou o coração por tantos anos, era muito mais seguro assim, mas, então, aquela criança entrou em sua vida e o abriu novamente, com facilidade. Lucian tentou reparar o dano, mas era tarde demais, e pouco a pouco descobriu que Matilda também havia encontrado a brecha, e ele estava perdido.

— Que rosto mais intenso.

Lucian olhou para baixo e encontrou os adoráveis olhos azuis de Matilda fixos nele. Ela estendeu a mão e tocou o espaço entre as sobrancelhas dele, suavizando o sulco.

— Achei que estivesse dormindo. — disse, com apenas um toque de reprovação.

— Hmmm... — disse, com um suspiro indulgente — Só um pouquinho, fiquei com tanto sono.

— Eu notei.

Sorriu para ele, uma luz maliciosa em seus olhos — Pobre Lucian. Posso ajudá-lo com alguma coisa?

Sua respiração prendeu quando Matilda se moveu contra ele, seu membro voltando à vida, em vingança.

— Não, — praguejou — maldição, Matilda. Pare com isso. Não é justo.

— O que não é justo? — murmurou, aproximando-se, arrastando pequenos beijos pela clavícula.

Ela fez uma pausa na garganta dele, antes de dar uma lambida experimental.

Ele fechou os olhos, tentando manter a sanidade.

— Pare.

Parou então, e Lucian podia sentir sua confusão, sentir o peso de seu olhar. Ele abriu os olhos, o coração apertando, com a incerteza em sua expressão.

— Não podemos, Matilda. — disse, desejando que não o testasse. Sua determinação já parecia tão tênue quanto fumaça, e se reduziria a nada, se ela o pressionasse.

— Mas me deu prazer. — disse, franzindo a testa para ele — E ainda sou virgem..., acho. Tenho certeza de que deve haver algo que eu possa fazer...

— Cristo! Não.

Matilda estremeceu de surpresa e ele se amaldiçoou.

— Não me faça pior do que já sou, amor. — implorou.

Ele se sentiu um pouco ofendido com a risada que aquele comentário recebeu.

— Sinto muito, querido. — disse, notando a indignação dele, e não parecendo nem um pouco repreendida — Passei muitos meses acreditando que era o demônio e, lamento dizer, mas arruinou todo o seu trabalho duro, nas últimas semanas. Porque não é nada disso.

Olhou-a, carrancudo.

— Devo lembrá-la, — disse, um tanto conciso — que é solteira, e que está na minha cama, seminua?

— Eu sei. — disse, serenamente — Não é adorável?

— Mas que diacho, mulher! O que farei contigo?

— Tenho certeza de que vai pensar em alguma coisa.

Lucian gemeu.

— É quase meio-dia. — resmungou — Denton vai me trazer alguma mistura horrível de Pippin, a qualquer momento, então, a menos que queira deixar o pobre sujeito completamente desconcertado, é melhor se vestir. Parece que foi seduzida.

Isso, graças a Deus, a fez se mexer, embora ainda aproveitasse a oportunidade para lhe dar um último beijo persistente, antes de se dignar a sair da cama. Lucian suspirou, observando, com profundo arrependimento, enquanto ela vestia suas roupas, prendendo seus lindos seios no espartilho e em todas as outras camadas, que ele tanto gostava de desfazer. Que nunca mais tivesse outra chance de tocá-la de tal maneira, fez seu coração doer. *Para o melhor*, disse a si mesmo. Era o melhor a se fazer. O melhor para ela, pelo menos. Parecia que isso poderia matá-lo.

Tilda,

Por que não respondeu a minha carta? Espero que esteja se sentindo melhor e que todo esse falatório horrível sobre Montagu não a esteja incomodando. Certamente não deve estar surpresa com isso. Sempre soubemos que tipo de homem era. Era claro desde o início e já passa da hora dele pagar por isso. Não sei que tipo de poder ele tem sobre seu coração, mas estou certo de que nem mesmo você pode amar um homem completamente perverso.

Estarei na cidade em alguns dias e então a visitarei... se tiver tempo para o seu irmão malvado.

— Trecho de uma carta do Sr. Nathaniel Hunt para a Srta. Matilda Hunt.



5 de maio de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

— Não tenha pressa! — Matilda repreendeu, quando Lucian parou subitamente e fechou os olhos.

Seu braço esquerdo estava imobilizado por uma ligadura, trazendo o braço até o peito, para seu desgosto, e o braço direito estava apoiado nos ombros dela, para dar equilíbrio. Lucian sucumbiu naquele ponto, quando estava apenas a pouco mais de um terço das escadas. Seu rosto ficou branco, e Matilda teve certeza de que não deveria tê-lo deixado sair da cama, porém, quando o visitou, aquela manhã, Lucian já estava devidamente vestido, barbeado e elegante, como sempre. O esforço claramente o deixara nauseado, mas Matilda sabia muito bem por que Lucian estava fazendo aquilo, porque não confiava em si mesmo para ficar sozinho com ela, no seu quarto. Homem tolo. Lucian sempre conseguia as coisas do seu jeito, então aqui estavam, descendo as escadas. Levou meia hora para fazê-lo concordar em usar a ligadura que seu valete havia arranjado e que Lucian havia, inicialmente, jogado de lado, irritado.

Phoebe estava extremamente excitada por vê-lo de pé, mas agora aguardava no início da escada, com olhos tomados por preocupação, enquanto seu tio respirava através da dor.

— Tio?

— Estou bem. — respondeu, forçando um sorriso — Estou apenas um

pouco... tonto.

— É por isso que deveria ter ficado na cama. — Matilda murmurou, irritada.

Ele lançou um olhar pesaroso para ela.

— Hmm, para que pudesse ter o prazer de me fazer perder a cabeça? — ponderou baixinho e perverso.

Matilda corou e sussurrou em troca — Isso foi culpa sua, então, não se faça de mártir, agora.

— Cruel. — murmurou, descendo lentamente os degraus — Tão terrivelmente cruel.

— Do que o senhor está falando? — Phoebe perguntou, cruzando os braços — Por que a Srta. Hunt está vermelha?

— Porque a estou chateando. — Lucian disse, sem dúvida, parando novamente quando ouviu o som de vozes elevadas.

— Não dou a mínima que ele *não está em casa*. — veio uma voz imponente e irritada — Ele vai muito bem me receber, é para o seu próprio bem.

— Matilda... — Lucian disse, enrijecendo imediatamente — vá. Depressa.

Mesmo que ela quisesse atender aos seus desejos, não teve tempo, pois Gabriel Knight irrompeu pelas portas, com Helena a reboque. Pararam quando viram Matilda e Lucian juntos, no meio da escada, ele com o braço em volta dos ombros dela.

— Matilda! — o choque de Helena era palpável, e seus olhos se arregalaram — Está... *aqui*.

— Estou. — Matilda disse, placidamente.

— Nem uma palavra. — Lucian começou, sua voz tão fria e autocrática quanto Matilda já ouvira — Se algum dos dois...

— Se a próxima palavra que sair da sua boca ameaçar minha esposa, haverá consequências. — o Sr. Knight rosnou, seus olhos ficando escuros — Mas ninguém ouvirá nada sobre Matilda, de nós.

— Nunca! — reafirmou Helena, com firmeza.

Matilda sorriu e colocou a mão no peito de Lucian.

— Helena é minha amiga. — lembrou-o gentilmente, sentindo a batida rápida de seu coração sob a palma da mão — Não vão dizer nada.

Ele assentiu, o rosto tenso.

— Talvez devesse voltar para a cama. — Matilda disse, calmamente.

Lucian lhe enviou um olhar firme, que a fez fechar a boca, então Matilda achou melhor não mencionar a ideia de novo. Não na frente do Sr. Knight, pelo menos. Homens e seu maldito orgulho.

— O que aconteceu? — o Sr. Knight perguntou, quando notou a ligadura, e se aproximou.

— Ele foi baleado. — Matilda disse, vendo, pelos seus olhares horrorizados, que essa parte da história não havia chegado às páginas de escândalo.

— Baleado? — Helena gritou, alarmada.

— Por aquele horrível Sr. Burton. — disse Phoebe, pegando a mão de Helena, seu rostinho furioso — Tiveram um duelo e o tio o derrotou de forma justa, mas o covarde atirou nele, pelas costas. Isso não é repugnante?

— Cristo! — disse o Sr. Knight, antes de correr para Lucian, para tirar o peso sobre Matilda — Aqui, apoie-se em mim.

— Eu não sou um maldito inválido. — Lucian retrucou, melhorando um pouco, apesar do bufo frustrado, o que ninguém pareceu prestar atenção, muito menos o Sr. Knight.

Entraram na biblioteca e Matilda o acomodou em uma poltrona, com almofadas, para que pudesse apoiar seu ombro ferido, ele, por sua vez, pediu que parasse de se preocupar. Para grande indignação da criança, foi pedido que Phoebe fosse retirada, para que os adultos pudessem conversar, e só foi apaziguada por uma promessa de Helena de visitá-la, antes de partir. Uma vez que Lucian estava confortável, seu olhar prateado e afiado baixou sobre seus convidados.

— Bem... — disse — imagino que tenham alguma história interessante sobre o meu paradeiro ultimamente, melhor compartilharem, tenho certeza de que é uma história lasciva.

Matilda observou com receio, enquanto Helena trocava um olhar com o marido.

— Sim, é por isso que estamos aqui. — disse o Sr. Knight, olhando para Lucian — E, para constar, não acreditei em nada.

Lucian bufou — Suspeito que seja minoria.

O Sr. Knight assentiu — Por mais que eu quisesse trazer boas notícias, porque me sinto responsável por deixar o desgraçado escapar das minhas mãos... bem, o que está sendo falado é que o senhor armou tudo. Que os relatórios sobre o estado dos moinhos, em Derbyshire, eram pura invenção. A história diz que o senhor caluniou Burton, por causa do interesse dele na Srta. Hunt e que quando veio implorar para que o deixasse em paz...

— Eu o recebi a sangue frio, sem dúvida?

O coração de Matilda se apertou com o tom gelado dele. Aqui estava Montagu, em panóplia completa. Podia ver a máscara deslizar no lugar, a mudança nele, afiada e vívida. Parecia totalmente indiferente às notícias que lhe trouxeram, quando, na verdade, Matilda sabia que aquilo o estava machucando profundamente.

O Sr. Knight assentiu — Dizem que ele está aleijado, depois do seu pequeno desentendimento. Não sei se isso é verdade, ou se é mais uma ilusão da fábrica de mexericos. Afinal, ouvimos dizer que ele estava morto há dois dias, mas esse rumor parece ter sido derrubado, pelo menos.

— O que aconteceu? — Helena perguntou, olhando para Matilda, não para Lucian — Estava aqui?

Matilda assentiu e tentou pegar a mão de Lucian, mas ele afastou a mão. Ela respirou fundo, sabendo por que ele fez aquilo. Para não ser frustrada,

estendeu a mão e a pegou, de qualquer forma, e entrelaçou seus dedos. Lucian olhou para ela e depois respirou fundo, fechou os olhos, e mostrou-se firme.

— Eu sabia que havia algo de muito errado, que o tio de Lucian estava tramando alguma coisa, por isso decidi vir aqui para Dern, para descobrir a verdade.

— Criatura tola. — Lucian murmurou, mas com carinho, desta vez.

Helena entreolhou os dois, sua expressão de fascínio extasiado. Matilda corou, mas continuou.

— O tio de Lucian é um monstro. — disse sem rodeios, e com tanta força, que não podiam contestar seu sentimento sobre o assunto — Não posso contar a história de Lucian por ele, mas foi severamente injustiçado por aquele homem horrível e perverso. Theodore Barrington mandou o Sr. Burton aqui, para matar seu sobrinho, assim ele herdaria o título, não foi a primeira tentativa, devo acrescentar. Foi apenas a inteligência e habilidade de Lucian que nos salvou de ter nossas gargantas cortadas, e, de qualquer maneira, quase morreu, porque aquele homem desprezível não tem um pinga de honra.

Sua voz tremia, respirou fundo, tentando se recompor. Matilda olhou para cima e encontrou os olhos de Lucian sobre ela, com adoração, e não pôde deixar de sorrir. Ele levou a mão dela aos lábios e beijou.

Matilda olhou para Helena e seu marido, encontrando os dois boquiabertos. O Sr. Knight se recompôs primeiro.

— Bem, — disse, limpando a garganta — vim até aqui para ver o que podíamos fazer. A questão é que a história que está circulando é que as condições desprezíveis nos moinhos do Sr. Burton não passavam de uma invenção. Isso por si só deve ser fácil de provar. Nós precisamos apenas enviar alguns representantes da imprensa, para entrevistar os envolvidos...

— *Nós?* — Lucian disse, olhando para o Sr. Knight, com suspeita — Por que o senhor se envolveria nisso?

O Sr. Knight franziu a testa, perplexo — Porque não é verdade, porque o senhor foi caluniado e eu sei disso.

— E então? — Lucian pressionou, parecendo realmente perplexo.

— E então, — disse o Sr. Knight, com cautela — vou ajudá-lo a limpar seu nome.

Matilda observou enquanto o rosto de Lucian clareava. Ele assentiu.

— Entendi. Os termos usuais, suponho?

O Sr. Knight franziu a testa — Termos? Não... *Não*. Eu... Eu não quero nada. Não haverá débito, nem pagamento.

Lucian parecia mais perplexo do que nunca, e bastante desconfiado — Por que não?

— Oh, Lucian, — disse Matilda, impotente. — ele quer ajudá-lo, meu querido, porque é a coisa certa a fazer. Porque será seu amigo, se permitir.

Lucian olhou para Matilda, depois para o Sr. Knight, e desviou o olhar, ainda franzindo a testa e incerto.

— Podemos confiar neles, Lucian.

Ele apertou sua mão com mais força, mas não disse nada. Quão impossível deveria ser aceitar que alguém estivesse ao seu lado, depois de tantos anos sendo isolado por seu tio, não confiando em ninguém, enquanto era pintado como um demônio, de coração gelado. Matilda se perguntou como ele havia sobrevivido, como seu coração não havia desistido, pois não tinha amigos e ninguém em quem confiar, além de Pippin, Denton e a Sra. Frant. Graças a Deus, Phoebe aparecera em sua vida.

O Sr. Knight pigarreou — Estava pensando que o ideal seria o senhor ir pessoalmente a Derbyshire, para falar com a imprensa. Tenho contatos com vários homens que matariam pela história. O senhor fez um trabalho admirável não se expondo, mas a modéstia não está lhe fazendo nenhum favor, agora. As pessoas precisam saber de tudo o que fez para ajudar aqueles que foram prejudicados e como consertou as coisas. Claro, eu não sabia que tinha sido baleado, então isso coloca essa ideia em risco.

— Não. — Lucian disse, balançando a cabeça — Não, o senhor está certo. Agora devo ir.

— Mas, Lucian, como pode pensar em algo assim? — Matilda protestou — São pelo menos três dias de viagem, em estradas ruins. Mal conseguiu descer as escadas!

Lucian enrijeceu e o temperamento de Matilda superou o bom senso.

— Ora, maldito seja o seu orgulho! Dane-se, Lucian! O Sr. Knight não o considera menos homem, por ter sido ferido por uma maldita bala! Irá desfazer todo o trabalho que Pippin e eu tivemos, cuidando do senhor, sua criatura obstinada?

Houve um longo e crepitante silêncio, durante o qual o Sr. Knight e Helena olharam entre os dois, com os olhos arregalados, e Lucian ficou muito quieto. Então lançou a Matilda um olhar cauteloso.

— Perdoe-me. — disse, um pouco incerto — Eu não quero... preocupá-la, mas tenho que ir, Matilda. Não gostaria que eu deixasse meu tio ter sucesso em destruir meu nome, não é mesmo?

— É claro que não. — disse, imediatamente, sabendo que deveria ser estranho para ele ter que se explicar, muito menos levar em conta os sentimentos de outra pessoa — Mas não poderia esperar, um dia ou dois?

Lucian se voltou para o Sr. Knight — Suspeito que não vai ser possível.

Matilda olhou para ele também, e o homem abriu as mãos, em um gesto indefeso, desejando claramente que pudesse dizer o contrário.

— Então eu irei também. — disse, cruzando os braços.

— De forma alguma! — Lucian retrucou, sentando-se ereto tão rápido, que teve que agarrar seu ombro, a pouca cor que havia retornado ao seu rosto foi embora, de uma vez. Disse as próximas palavras entredentes. — A senhorita vai voltar para casa, com o Sr. Knight e Lady Helena e, com sorte, ninguém saberá que esteve aqui. Só Deus sabe como a história não se espalhou, até agora. Deveria ter ido embora, dias atrás.

— Eu não vou deixá-lo. — Matilda cruzou os braços com mais força,

principalmente para que não pudesse ver suas mãos tremendo, com a ideia de deixá-lo. Olhou para o rosto pedregoso dele, sabendo que só estava zangado, porque queria protegê-la — Se não me levar junto, vou segui-lo e depois, sim, veremos o que é um escândalo, me forçando a persegui-lo pelo país.

— Matilda! — Lucian disse, indignado, mas Matilda apenas arqueou uma sobrancelha para ele.

— Acha que eu não faria isso?

Lucian praguejou baixinho e se virou para o Sr. Knight, que levantou as mãos, derrotado.

— Não olhe para mim em busca de ajuda. — disse, balançando a cabeça — Ela é uma das Senhoritas Peculiares. Se ela é for igual a esta aqui... ou as outras, se pensar nisso... o senhor não tem esperança nenhuma.

Helena bufou.

— Matilda não é apenas *uma* de nós. — disse, divertida com a frustração dos dois homens — É a melhor de nós, nossa líder e mãe coruja. Seríamos menos aventureiras e fortes, sem ela.

— Nisso eu acredito.

Matilda sorriu com o comentário exasperado de Lucian, e sentiu seu coração inchar de gratidão, quando Helena piscou para ela.

Lucian ficou quieto por um bom momento, antes de falar novamente.

— Meu tio não é bobo, muito pelo contrário, e o subestimamos por nossa conta e risco. Ele sabe, tão bem quanto nós, que podemos provar que está mentindo, e sabe sobre nossos próximos passos. Tenho certeza de que já tinha planejado todos os meus movimentos, se o Sr. Burton não conseguisse me matar.

Todos olharam para ele, horrorizados.

— Cristo! — disse o Sr. Knight — Ele é um demônio de sangue frio, não é mesmo?

Lucian devolveu um sorriso sombrio — Aprendi com o melhor, garanto.

— Lucian. — Matilda protestou, mas ele a silenciou, balançando a cabeça.

— Espero não ser o tipo de homem que ele é. Tentei não ser, mas é inútil me pintar como uma parte inocente. Ele esteve fazendo esse jogo durante a maior parte da minha vida, e quando decidi que não seria mais um peão, que pudesse manobrar como quisesse, também comecei a jogar. Sei como a mente dele funciona, e sei o que eu faria se fosse ele.

— Então, o que acha que ele está planejando? — perguntou o Sr. Knight.

Lucian encolheu os ombros, como se a resposta fosse óbvia — Ele quer me fazer sair de Dern, onde sou menos vulnerável, e me emboscar na estrada. Há menos salteadores por aí, hoje em dia, mas poderia ser arranjado, para parecer um assalto que deu errado, tenho certeza.

Matilda sentiu seu sangue esfriar.

— Então, veja, meu amor, — disse, voltando-se para Matilda e pegando a sua mão, mais uma vez — não quero que corra esse perigo.

— E se eu estivesse correndo mais perigo, afastada? — Matilda rebateu —

Eu estaria sozinha e desprotegida. E se ele se aproveitasse desse fato...

— Eu sei como todos nós podemos ir, e ninguém vai saber. Assim estaremos todos seguros. — murmurou uma vozinha.

— Phoebe! — Lucian disse indignado, quando a garota apareceu de um painel escondido nas paredes — Sua danada! Há quanto tempo está nos ouvindo?

— Bem, não é justo que o senhor me deixe fora disso. — ela protestou, movendo-se para ficar ao lado do tio, bastante imperturbável, apesar do olhar irritado de Lucian — Aquele homem horrível veio aqui para machucá-lo, e continua querendo fazer isso, e agora, as pessoas estão dizendo coisas terríveis sobre o senhor de novo, e não é justo.

Bateu o pé e seus olhos estavam lacrimejando, depois cruzou os braços sobre o peito.

— *Não é justo!* — disse novamente, enquanto uma lágrima gorda rolava por sua bochecha — Porque o tio Theodore é muito mau e o senhor não é nada como dizem.

— Phoebe, minha querida, não chore. — Lucian disse, impotente, estendendo o braço bom para ela.

Phoebe soluçou e correu para o colo dele.

— Tenho medo de que ele o machuque de novo, e não gosto de todas aquelas pessoas dizendo coisas horríveis sobre o senhor. — disse mais uma vez, agarrando o casaco dele com tanta força, que arruinaria a lapela.

Lucian não parecia se importar. Puxou-a para mais perto dele e a beijou na testa.

— Não importa o que os outros digam, Bee. Se sabe a verdade, não me importo com o que o resto do mundo pensa.

— Sim, o senhor se importa. Se importa com o que a Srta. Hunt pensa.

Lucian sorriu — Sim. Eu me importo muito com o que a Srta. Hunt pensa, e talvez o Sr. Knight e Lady Helena também, mas o resto do mundo pode ir para os infernos.

— Mas eles não vão, não é mesmo? — disse — Virão aqui e vão dizer que o senhor fez coisas horríveis e estragar tudo. O tio-avô Theodore virá e o levará para longe de mim.

Sua respiração ficou errática, Phoebe estava tão apavorada, que seu rostinho ficou branco e amedrontado.

— *Não.* — Lucian disse firmemente, levando a mão à bochecha dela — Ele não irá machucá-la e nem a mim. Não vai machucar mais ninguém que eu amo, nunca mais. Vou detê-lo desta vez, de um jeito ou de outro.

Olhou para Phoebe, e a garotinha estudou seu rosto, com uma carranca intensa, talvez se tranquilizando com a determinação do tio. Finalmente, relaxou e assentiu.

— Disse que sabia como eles poderiam viajar sem ninguém saber, Phoebe. — indagou Helena, sua voz gentil — Qual é o seu plano, querida?

— Ah! — Phoebe respondeu, se animando e enxugando os olhos na manga

do vestido — Isso é fácil, iremos disfarçados.

Minha querida Kitty,

Não sei se da Irlanda está ciente sobre o terrível escândalo que está circulando pela ton. Descobri apenas hoje, quando recebemos uma visita de Londres, que não falava de outra coisa.

Dizem que Montagu enlouqueceu e tentou assassinar o Sr. Burton, cuja vida está por um fio. Agora, o nome da pobre Matilda também está sendo arrastado pela lama, pois as más línguas dizem que ela é a causa do conflito, que Montagu está obcecado e o Sr. Burton está apaixonado por ela. É tudo horrível e Matilda precisará de nós para passar por isso. Estou me preparando para sair neste instante e sei que as outras Senhoritas Peculiares também a apoiarão, o que é um conforto. Achei que deveria avisá-la, caso ainda não estivesse sabendo e queira vir para apoiá-la. O que podemos fazer, não sei, mas, qualquer que seja a verdade sobre o que está acontecendo, Matilda deve saber que nós a protegeremos e que jamais iremos abandoná-la. Não importa o que aconteça.

— Trecho de uma carta da Sra. Ruth Anderson para a Sra. Kitty Baxter.



5 de maio de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

Embora Matilda, Lady Helena e até mesmo o Sr. Knight achassem o plano de Phoebe excelente, foi preciso muito mais persuasão para fazer Lucian concordar. No final, o único argumento que funcionou foi que, enquanto ele estivesse longe de Phoebe e Matilda, elas estariam desprotegidas e, provavelmente, seriam alvos de seu tio. Se o homem alcançasse qualquer uma das duas, as mãos de Lucian estariam atadas. Portanto, o melhor era que todos estivessem juntos e viajassem incógnitos, essa era a maneira mais segura de fazer isso.

O Sr. Knight e Lady Helena ficaram para jantar, mas recusaram um convite para passar a noite, preferindo voltar para Londres e ver o que poderia ser feito, para salvar a reputação de Lucian e garantir que a verdadeira história do

que havia ocorrido fosse contada. Para isso, Helena precisava de suas amigas, e o Sr. Knight... ou Gabe, como insistiu que fosse chamado... veria quais informações poderia encontrar sobre o paradeiro de Theodore Barrington.

Lucian ficou quieto, após a partida de seus convidados, mas Matilda sabia que estava tocado pela visita em seu nome.

— O Sr. Knight o aprecia. — Matilda disse, movendo-se para ficar ao lado dele.

Lucian estava parado em frente as janelas do escritório, olhando para fora, embora ela duvidasse que estivesse vendo a paisagem. Puxou as mangas da camisa, primeiro um e depois o outro punho, e o coração de Matilda acelerou.

— Knight está fazendo isso por Lady Helena, que está fazendo isso por você. — disse, sem olhar para ela.

Matilda suspirou e pegou sua mão — Eu sei que é difícil de acreditar, meu querido, mas existem pessoas nesse mundo que ficariam do seu lado, se deixasse.

Ele soltou um som baixo de divertimento e se virou para ela — Se existe, é por sua causa. Não negue, amor, sabe que é verdade.

Matilda respirou fundo — Talvez, mas isso é só porque eu o conheço e eles não. Minhas amigas confiam em mim. Se eu contar a verdade sobre o que tem passado, elas vão acreditar em mim.

Para sua frustração, Lucian balançou a cabeça — Elas vão acreditar que eu a convenci, não é a mesma coisa.

— O Sr. Knight e Helena acreditaram em você. Eles não sabiam que eu estava aqui, vieram para Dern por sua causa, Lucian, apenas por sua causa.

Lucian encolheu os ombros — Suponho que sim, mas tenho tido negócios com o Sr. Knight, nos últimos anos. Trabalhamos bem juntos e passamos a confiar um no outro. Isso conta para alguma coisa.

— Isso conta muito. Pense em quantas outras pessoas ficariam do seu lado, se soubessem a verdade?

Ele riu, um som cansado de derrota, que fez o coração de Matilda doer — Eu tentei, mas ninguém acreditou em mim. Meu tio é muito charmoso, muito simpático. É muito mais fácil acreditar em um homem que sorri, lisonjeia e o faz rir do que em um homem como eu.

— Minhas amigas acreditariam em você. Se ficar comigo e contar tudo o que aconteceu, elas acreditarão.

Não soube o que ele teria respondido, porque, nesse momento, a porta do escritório se abriu e uma mulher de idade avançada entrou. Estava vestida com pesadas camadas de bombazina preta, no estilo do século passado, e o tecido farfalhava intensamente quando se movia. Quem quer que fosse, não era alta, mas magra como uma vareta, seus olhos cinzas gelados e cabelos brancos, penteados em um estilo severo, que destacava as maçãs do rosto, em uma face austeramente bonita. Lucian largou a mão de Matilda e se afastou, no momento em que a porta se abriu. O olhar gélido da mulher passou dele para Matilda, sem um lampejo de surpresa, embora houvesse uma curva

desdenhosa em seus lábios estreitos.

— *Senhorita Hunt*, eu presumo. — disse, sua voz dura e as palavras secas e precisas — Vejo que, finalmente, a convenceu a ser sua amante, Montagu. Algo a menos com que se preocupar, imagino. Talvez, agora que conseguiu satisfazer seus instintos mais básicos, possa se concentrar em questões mais importantes?

Lucian enrijeceu, o rosto desprovido de emoção.

— A Srta. Hunt *não* é minha amante, tia Marguerite. — disse friamente — E a senhora vai se desculpar por falar assim dela. Ela é uma convidada na minha casa e merece ser tratada com cortesia.

Então, esta era Lady Astley, sua tia Marguerite.

A mulher bufou — Pense o que quiser, mas ela está aqui com o senhor, sozinha, e sem acompanhante, pelo jeito. Não sou boba, milorde, e já vi tudo isso antes, então, não pense em me enganar.

— Dane-se sua imprudência! Acredito que esqueceu com quem está falando. — Lucian disse, enfurecido, e, embora não tivesse levantado a voz, a fúria intensa em suas palavras fez os olhos de sua tia se arregalarem.

Pela reação dela, Matilda soube que Lucian nunca havia falado com ela daquela forma, antes.

Os olhos de Marguerite se estreitaram quando olhou de Lucian para Matilda e vice-versa — Perdoe-me, milorde, Srta. Hunt. — disse, inclinando um pouco a cabeça, embora não houvesse remorso em seus olhos.

— Por que está aqui? — Lucian exigiu.

Matilda queria ir até ele e pegar a sua mão. Podia sentir a tensão saindo dele em ondas. Esta era a mulher que havia esbofeteado seu rosto quando criança e o chamado de maldito mentiroso, quando tentou explicar que seu tio Theodore, seu sobrinho favorito, havia tentado matá-lo. Esta era a mulher que apoiou Theodore quando seus médicos, que foram devidamente bem pagos para dar os diagnósticos, sem dúvida, sugeriram que Lucian estava instável, quando insistia na ideia de tentar fazer *alguém, qualquer pessoa*, acreditar nele. Ela sempre favoreceu Theodore a Lucian e nunca acreditou no que ele tentava dizer, certamente essa mulher não poderia ser tão cega?

— Eu não tive alternativa. A *ton* está tomada por escândalos, todos girando em torno dessa criatura, — gesticulou para Matilda, como se fosse algo desagradável, que não deveria ser mencionado — e algum infeliz chamado Sr. Burton. Presumo que esteja ciente dos rumores. Aparentemente, o senhor o atacou e o deixou aleijado.

— E, sem dúvida, a senhora acreditou em cada palavra. — Matilda retrucou, quando a raiva que queimava dentro dela irrompeu — Como não proferiu nenhuma palavra de preocupação, perguntou o que realmente aconteceu, ou se Lucian está bem, tendo em mente que esteja vendo muito bem que ele foi ferido. Suponho que ainda negará o fato de que Theodore Barrington está no centro de tudo. A senhora realmente não sabe a verdade, que seu sobrinho enviou o Sr. Burton aqui para matar Lucian? Ou talvez faça

parte do estratagema? Preferiria que Theodore fosse Montagu? Isso a serviria melhor?

Sua tia empalideceu, sua pele se transformando em um belo pergaminho velho, antes que uma onda de cores manchasse suas maçãs do rosto.

— Eu não sei do que está falando. — disse, embora seu tom, anteriormente gelado, soasse um pouco ofegante agora — Montagu, o que ela quer dizer com essa acusação sem cabimento?

Lucian olhou para ela por um bom momento, e depois fez um som de desgosto.

— Maldita seja. — vociferou e virou as costas.

— Eu quero uma resposta! — o tom imperioso da velha soou através do escritório — Vim aqui para salvar a família de um desastre, para salvar nosso nome de ser arrastado pela sarjeta. Seu pobre pai e irmão devem estar se revirando em seus túmulos. Como ficariam desapontados com o senhor. A única resposta é que se case, e imediatamente. Se a *ton* tiver um casamento para se concentrar, estarão menos inclinados a rasgá-lo em pedaços. Com isso em mente, convidei Lady Constance para vir a Dern, ela chegará depois de amanhã.

— A senhora simplesmente escolhe ignorar. — Matilda disse, surpresa, olhando para ela, incrédula — O tio dele está tentando matá-lo, está tentando, desde que Lucian era um garoto, e a senhora simplesmente ignora isso e finge que não está acontecendo nada. E, ainda assim, age como se tudo fosse culpa dele, sua velha perversa e rabugenta.

— Lucian! Tire esta criatura daqui imediatamente. Como devo manter uma conversa sensata com...

— Com o quê, tia? — Lucian exigiu, virando-se agora para encará-la — Com a verdade na sua cara, a senhora quer dizer? Perdoe-me se eu estiver inclinado a ficar do lado da Srta. Hunt, já que ela nunca traiu minha confiança, mesmo quando eu não tinha o direito de esperar nada dela. Ela veio aqui, arriscando tudo, porque temia por mim, porque podia ver que tinha algo terrivelmente errado. *A senhora...* A senhora que deveria ter cuidado da segurança e felicidade da sua própria carne e sangue, mas preferiu não olhar além da fachada, e agora Thomas está morto, espero que ter a consciência de que é, em grande parte, sua culpa, a persiga até o túmulo. A senhora prefere que eu me junte a ele e evite mais aborrecimentos?

— Montagu! — disse, uma mão indo para a garganta delgada — Este melodrama é bastante impróprio...

— Responda a maldita pergunta!

Matilda e Marguerite pularam em choque, quando sua fúria soou pelo escritório. Matilda suspeitava que ele nunca havia levantado a voz dessa maneira, em toda a sua vida. O impacto foi claramente demais para Marguerite, que desmaiou e caiu no chão.

— Bom Deus! — Matilda gritou, e correu para puxar a corda, para que um criado viesse, antes de cair de joelhos ao lado da velha e pegar sua mão,

esfregando-a para reanimá-la.

— Ela está morta?

Se Matilda não o conhecesse tão bem, agora, teria pensado que Lucian não dava a mínima, tão fria foi a pergunta. Ela o conhecia, porém, e sabia o quão profundamente devia estar sofrendo, para perceber que, mesmo à luz de tudo o que havia acontecido, sua tia ainda não acreditava nele. Mesmo agora, acreditaria mais em Theodore do que em Lucian. Veio apenas para culpar Lucian pelo escândalo horrível e fazê-lo se sentir miserável, até mesmo invocando os nomes de seu pai e irmão, para aumentar sua culpa.

— Não, infelizmente. — Matilda respondeu, não vendo razão para não desejar à velha e miserável vaca estar a sete palmos abaixo do chão.

Matilda olhou para cima, enquanto Lucian dava uma risada assustada. Ele estava olhando para ela com tanta adoração, que sua respiração ficou presa.

— Eu a amo. — disse.

Matilda sorriu, embora seu coração estivesse partido.

— Eu sei. — disse, suavemente — Também o amo.

Eles não podiam dizer mais nada, pois Denton apareceu e ajudou Marguerite a sentar-se em uma cadeira. Outro criado foi enviado depressa, para buscar saís de cheiro e água. Matilda levantou os olhos, enquanto Lucian observava o processo, com uma expressão desinteressada.

— Vá ver Phoebe. — disse ela, não querendo que a velha perversa o machucasse ainda mais do que já havia machucado — Ela vai querer vê-lo antes de dormir, e isso irá animá-lo. Eu posso lidar com sua tia, garanto.

— Oh, não precisa dizer, acredito. — disse, um fio de diversão em sua voz — Mas não vejo razão para isso.

— Porque alguém além de você deveria. — Matilda disse, sua voz gentil — Alguém deveria ter feito isso quando era menino, e é um crime que ninguém tenha feito, mas estou aqui e ficarei do seu lado, pelo tempo que for possível.

Matilda não quis dizer que seria apenas até que ele se casasse. Não precisava dizer em voz alta, ambos sabiam disso. Marguerite estava certa sobre uma coisa, o anúncio público de seu noivado, com alguma dama intocada da *ton*, ajudaria muito a reparar o dano causado por seu tio. Os dois sabiam disso. Por mais difícil que fosse, depois de tudo o que se passara entre eles, depois de ouvi-lo dizer as palavras que nunca sonhou possíveis, um fato não havia mudado. Não poderia estar com Lucian, se ele se casasse com outra. Esse era o caminho para o sofrimento e a loucura. Nunca amaria outro homem, sabia disso e aceitava. Portanto, não se casaria, não teria a família que desejava, mas teria esse tempo com Lucian, não importando o quão curto fosse. Estava decidida a abraçá-lo, tanto para a alegria de se entregar inteiramente a ele, quanto para a devastação de ter que se afastar de Lucian. Sua decisão havia sido tomada e estava, senão em paz com isso, pelo menos resoluta.

— Lucian. — Matilda disse novamente, estendendo a mão para ele.

Veio até ela e se inclinou, beijando seus dedos com ternura, um gesto tão cortês e antiquado, que seus olhos se encheram de lágrimas.

— Agora ande, e vá ver aquela sua sobrinha terrível. Ela está fadada a fazer travessuras agora, e terá algo a dizer sobre Marguerite Bolorenta, que o fará rir, não duvido.

Lucian segurou a mão dela por um longo momento, observando-a, sua expressão indecifrável — Obrigado.

— Vou deixar que me compense. — sussurrou Matilda, ganhando um sorriso tremeluzente e o sinal de uma covinha.

Ela o observou sair, enquanto um criado aparecia com os saís de cheiro. Marguerite estava se mexendo agora, uma mão coberta de joias até as têmporas, enquanto gemia e suas pálpebras tremulavam.

Matilda a ajudou a se sentar, entregou-lhe água e os saís e preparou uma xícara de chá, assim que ela voltou a ter consciência o suficiente para segurar a porcelana com as mãos trêmulas. A velha não disse uma palavra, não que Matilda esperasse que dissesse. Ainda não. Diria o que pensava, assim que estivesse composta o suficiente, e então Matilda retribuiria o favor. Com um pouco de sorte, poderia causar um ataque do coração naquela criatura perversa.

— A senhorita nunca será a marquesa dele, não importa o que ele queira. O seu pai faliu e seu irmão administra um clube de apostas, não vou nem mencionar a sua reputação manchada. Teria sorte se tivesse desposado um homem como aquele calhorda do Sr. Burton, e deveria ter aceitado sua mão, em vez de causar todo esse alvoroço, carregando meu sobrinho idiota na palma da mão. Como tem a ousadia de pensar que poderia ser a próxima Marquesa de Montagu, está além de mim. Apesar de todas as suas falhas, Lucian nunca desgraçaria a família assim. A senhorita faria dele motivo de chacota. Então, pode tirar essa ideia da sua bela cabecinha, porque ele não vai desposá-la.

Matilda tomou um gole de seu chá, com todos os sinais externos de serenidade, tendo antecipado o ataque. Interiormente, vibrava de indignação e fúria, mas preferia enfiar alfinetes nos próprios olhos a permitir que aquela megera visse isso.

— Nunca esperei que ele se casasse comigo. — disse, acompanhando a resposta calma com um sorriso plácido.

— E, no entanto, nega que seja a amante dele. — a velha zombou.

Matilda ponderou aquilo.

— Não. Não agora, pelo menos, mas serei, por um breve período. Até ele se casar, eu o amo demais para compartilhá-lo.

— Não o ama o suficiente para compartilhá-lo, é o que quer dizer. — Marguerite zombou.

— Acredita nisso? — Matilda perguntou, franzindo a testa, enquanto considerava se aquilo poderia ser verdade — Acredito que consiga ver as coisas assim, mas receio não ser o tipo de mulher que pode fechar os olhos

para a verdade, ao contrário de algumas pessoas. Eu o deixaria infeliz, pois Lucian nunca poderia demonstrar afeição a sua esposa, sem me enlouquecer de ciúmes. Isso nos tornaria todos miseráveis. Eu o amo demais para forçá-lo a suportar isso. Lucian nunca teria um momento de paz, estaria sempre dividido entre nós duas. Seria muito injusto com ele e sua futura esposa. — Matilda tomou um gole de chá, exercendo um esforço supremo para evitar que a mão tremesse, mas sua voz continuava firme — Ele deveria, ao menos, tentar encontrar a felicidade, encontrar alguém com quem possa se sentir confortável, se não o amor. Sou egoísta o suficiente para esperar que Lucian não possa amá-la como me ama, mas devem encontrar algum tipo de contentamento. Caso contrário, seus filhos também serão infelizes, e isso eu não poderia suportar, não mais do que poderia suportar ver outra mulher carregá-los na barriga. Acredito que enlouqueceria.

— A senhorita é muito honesta para uma meretriz, isso eu admito.

— Ao contrário da senhora. — Matilda respondeu docemente — Duvido que já tenha dito uma palavra honesta para ele, em toda a sua vida.

A velha ficou em silêncio por um bom momento — *Não posso acreditar* nisso. — disse, sua voz estava rachada de emoção, seu rosto distorcido de dor — Não Theodore, ele... ele não faria isso. Ele não *poderia*...

— Sim, ele poderia. — disse Matilda, infundindo em sua voz todo o desprezo que sentia por aquela declaração tão ultrajante.

Estava ciente da angústia da velha, mas não sentia compaixão, não agora, ao saber por quantos anos Lucian sofreu quando criança, sem que ninguém acreditasse nele. Talvez Marguerite não tivesse sido cúmplice, mas estava voluntariamente cega para a verdade e não se preocupou em investigar nada. Matilda não podia sentir nem um pouco de simpatia por ela naquele momento, sabendo quão metodicamente Thomas havia sido destruído, para ferir Lucian o mais profundamente possível.

— Não só poderia como fez, e ainda está tentando. Pela primeira vez em sua vida, sugiro que escolha de que lado deseja estar, porque, lhe digo agora, se a senhora quer fazer mal a Lucian, fará de mim sua inimiga, e eu não descansarei, até saber que ele está a salvo de todos vocês.

Marguerite a estudou, os olhos se estreitaram — É uma pena que seja mercadoria estragada. Teria sido uma boa marquesa.

— O que irá fazer a respeito de Theodore Barrington? — Matilda exigiu, ignorando a observação.

— Fazer? — Marguerite ecoou — O que acha que eu *posso* fazer?

Matilda estava segurando seu temperamento por um fio — Lucian diz que a senhora exerce uma grande influência. Se disser a todos que foi ele quem enlouqueceu, que tudo o que sai da sua boca é mentira, a senhora pode, de alguma forma, restaurar a reputação de Lucian.

— Mais escândalo. — o rosto de Marguerite distorceu-se em desgosto.

— Não pode escapar disso, agora. — Matilda retrucou, querendo apertar o pescoço magricela daquela mulher horrível, por sua falta de compaixão.

Esta mulher não dava a mínima para a felicidade de Lucian. Tudo com o que se importava era com o maldito título e sua reputação imaculada. Toda a família era assim?

— Sua única escolha é sobre quem o escândalo recai. Deseja sacrificar Lucian ou Theodore? *Escolha*. Mas saiba disso: se optar por salvar Theodore Barrington, condenará Lucian. Se Theodore tiver sucesso, a senhora pode se despedir da continuação da linhagem Montagu. Ele é um homem velho demais para gerar filhos saudáveis. Pense nisso.

Estava pensando nisso, Matilda podia afirmar, e sabia também que aquele era o único argumento que poderia ter qualquer poder real sobre uma mulher como aquela. Matilda já havia encontrado essas criaturas antes, aquelas, cujo orgulho de sua própria linhagem e superioridade sobre outras pessoas era sua única fonte de contentamento. Que tolice. Matilda se perguntou quanto conforto esse conhecimento daria à Marguerite quando morresse, sozinha, sem ninguém para chorar por ela. Matilda preferiria ter seus filhos e netos por perto, sabendo que eles lamentariam sua morte e manteriam sua memória viva em seus corações, do que qualquer grande título. Com uma pontada afiada de medo, percebeu que estava prestes a abrir mão dessa possibilidade, mas não conseguia pensar nisso agora.

— Vou fazer os preparativos para o baile. — disse Marguerite por fim, e Matilda supôs que essa seria toda a resposta que receberia — Lucian deve anunciar seu noivado o mais rápido possível. Vou providenciar para que seja no dia dezenove desse mês. Duas semanas é pouco tempo para organizar um evento tão luxuoso, como deve ser, mas, uma vez que todos saibam o objeto do evento, não haverá recusas.

A velha parecia presunçosa e vingativa, e Matilda endureceu o coração contra a percepção de que duas semanas era tudo o que tinha. Não duvidava que essa mulher faria o anúncio por ele, se Lucian não o fizesse, e malditas sejam as consequências.

— Acho que a senhora deveria ir embora, agora. — disse Matilda, segurando a compostura por um fio — Achará a acomodação no The Royal Oak bastante adequada.

Marguerite virou os olhos cinzas para ela — Se atreve a me expulsar da propriedade, sua moçoila arrogante?

— Sim. — Matilda nivelou o olhar com ela.

Matilda ficou notavelmente indiferente a ela e seus comentários rancorosos. Odiava-a, tão profundamente, por todo o mal que fizera a Lucian e seu irmão, que era impossível temê-la, ou se importar com os insultos que proferia com tanta facilidade. Além disso, já tinha ouvido tudo aquilo antes.

— A senhora ficaria surpresa com o que eu sou capaz. — disse, com um sorriso firme nos lábios — Por exemplo, ousou dizer que farei tudo ao meu alcance para destruí-la, se a senhora não fizer todo o possível para proteger Lucian. A senhora falhou com ele, a vida toda. Falhe com ele novamente e farei com que sofra por isso. Há benefícios em ter perdido a reputação, porque

não tenho mais nada a temer, entende, e eu tenho amigos poderosos, deveria se lembrar disso.

Matilda se levantou e caminhou até a porta, parando para dar a Lady Astley um último olhar de desprezo.

— Pedirei a Denton que a acompanhe até a porta. — disse, tão friamente como se *fosse* a marquesa de Lucian, sabendo o quanto aquilo irritaria Marguerite Bolorenta — Não volte aqui, pois não é mais bem-vinda à Dern.

Com isso, saiu, sentindo uma profunda onda de satisfação ao olhar, pela última vez, para a fúria sombria de Marguerite, para a qual teve o prazer de fechar a porta.

Vamos em uma aventura! Sinto que estamos a caminho de matar um dragão e sei que prevaleceremos. Devemos prevalecer. E, como todas as melhores histórias, deve haver um final feliz. Só que essa é a parte que mais me preocupa. Como faço isso acontecer? Sei que se os deixar por conta própria, meu tio e a Srta. Hunt farão o que as regras estúpidas dizem que deveriam, mesmo que isso deixe todos infelizes. De alguma forma, devo fazer com que sejam corajosos o suficiente para quebrar todas as regras.

Ao menos uma.

Eu faria isso, se fosse eles.

— Trecho de uma anotação da Srta. Phoebe Barrington em seu diário.



6 de maio de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

Quando Matilda se acalmou, e o desejo de esmagar as coisas desapareceu, descobriu que Lucian havia se retirado para a noite. Covarde. Sabia muito bem por que havia feito isso, e a frustração a corroeu. Tinham tão pouco tempo juntos, e ela o queria tanto. No mínimo, queria dormir em seus braços, mas Lucian se transformara em um cavalheiro honrado e consciencioso com ela, quando menos exigia dele.

Matilda se lembrou de um jantar luxuoso, do qual participou no verão passado, amaldiçoando sua má sorte, ao descobrir que estava sentada ao lado dele. Ele a atormentou com pouco mais do que uma ponta do dedo tocando sua mão, deixando-a tonta e confusa, o desejo badalando em seu sangue. Lucian a avisou para não ser tola o suficiente, para supor que ele tinha um coração, sob sua fachada gelada, e que ela era tola de fato, se acreditasse que o que havia entre eles poderia acabar em qualquer lugar, menos em sua cama. Bem, estava errado. Tinha um coração, que ninguém jamais se dera ao trabalho de proteger, que havia escondido sob aquela camada de gelo, para impedir que mais alguém o machucasse. Ele estava certo, também. Matilda iria para a cama dele, se Lucian deixasse.

Soltou uma risada incrédula. Depois de todos aqueles meses, recusando seus avanços e dançando ao redor das chamas de sua atração, e agora... *agora*, quando estava pronta para se jogar em seus braços, com abandono e

sem arrependimentos, o diabo estava se fazendo de difícil.

Honestamente.

A vida era tão injusta. O desejo de jogar as coisas voltou de forma vingativa.

Foi assim que, na manhã seguinte, Matilda se preparou para a jornada, com dor de cabeça e olhos arenosos, tendo passado a noite acordada. Às duas da manhã, estava tão perto de deixar seu quarto para o dele e exigir que fizesse amor com ela, que acabou chorando de frustração. Não, tinha decidido. Não era da sua natureza implorar. Lucian a queria, muito, não fazia segredo disso e, como estavam viajando sob o disfarce de um casal com a filha... para o deleite incandescente de Phoebe... dividiriam um quarto. Sem dúvida, ele tentaria fazer outros arranjos, mas Matilda os frustraria. Poderia ter que desistir dele, pelo futuro de sua ilustre família, mas não o faria, até que ele anunciasse seu noivado. Até então, Lucian seria dela, e Matilda seria dele, e isso era tudo o que importava.

Como deveriam sair antes do amanhecer, caso Theodore tivesse alguém observando a estrada de Dern, Matilda simplesmente tomou uma xícara de chocolate e algumas torradas, em seu quarto, enquanto se preparava. Agora, se virou para um lado e para o outro, na frente do espelho de corpo inteiro, enquanto inspecionava seu disfarce, à luz de velas. Era uma pelisse verde simples, mas bem-feita, com uma touca de palha. O vestido por baixo era da mesma cor da pelisse, e Matilda jamais seria vista usando isso, em outras circunstâncias, pois era o estilo do ano passado e nada elegante, como ela estava acostumada. Como era, a vestimenta estava fazendo seu trabalho muito bem. Sarah também havia arrumado o cabelo de forma bem simples, na esperança de não chamar a atenção. Sua criada estava chateada por não ir com eles, mas se acalmou um pouco com a ideia de ficar em Dern, e ter algum tempo livre para explorar o lugar.

Estavam viajando sob o nome de Sr. e Sra. Bennet, sugestão de Matilda e, à primeira vista, pareceriam ser da burguesia. A única coisa que iluminava a manhã de Matilda, especialmente por estar irritada com ele, era a perspectiva de ver Lucian Barrington, Marquês de Montagu forçado a desempenhar o papel de um mero *senhor*. Matilda suspeitava que Lucian precisaria ser mantido fora de vista, o máximo possível, pois ninguém, em sã consciência, jamais o tomaria por outra coisa, senão um nobre.

Essa suposição foi confirmada no momento em que chegou aonde as carruagens simples e antiquadas aguardavam, em vez da luxuosa equipagem habitual de Lucian, estampada com seu brasão.

— O que, diabos, estão fazendo? — Lucian estava exigindo de Denton, da Sra. Frant e de Pippin, que carregavam suas próprias bagagens, em uma segunda carruagem.

Matilda olhou para ele e sentiu seus lábios se contorcerem, mesmo que sua incapacidade de se misturar pudesse causar problemas. Não era possível fazer uma bolsa de seda com cera de porco, o mesmo se aplicava a Lucian, que

poderia estar vestido com um saco de batatas e, ainda assim, ninguém teria dúvidas sobre quem e o que ele era. A primeira luz do amanhecer ainda não era forte o suficiente para iluminar o horizonte, mas as lamparinas da carruagem transformaram os cabelos pálidos de Lucian da cor do ouro e destacaram suas maçãs do rosto altas e aquele perfil aristocrático. Suas roupas podiam ser de qualidade inferior, mas nada mais sobre ele era.

Denton se moveu em direção ao seu mestre. Parecia ansioso, mas determinado.

— Vamos com o senhor, milorde.

— Absolutamente não. — Lucian respondeu.

— O senhor precisa de nós. — disse Pippin, cruzando os braços e se movendo para ficar ao lado de Denton, com o ar de uma mulher se preparando para uma briga — A Srta. Hunt está sem sua criada pessoal, e nem uma preceptora para a Srta. Barrington, já que a débil mental da Srta. *Peagoose* tem muito medo de sua própria sombra para vir conosco. Até a velha babá Johnson tinha mais determinação do que aquela criatura boba. Além disso, Denton já foi seu valete antes e ficará contente em repetir o trabalho, pois o senhor precisará de ajuda, já que está apenas com um braço e nunca se vestiu sozinho, um dia em sua vida.

Lucian os encarou — Eu deveria ser um Sr. Bennet comum, viajando com minha esposa e filha. Não posso carregar valetes e criadas e... o que, diabos, a Sra. Frant seria? — exigiu, claramente impaciente para estar a caminho.

— O senhor viajará com toda a família. Eu sou sua querida mãe, meu filho. — retrucou Pippin, com um brilho malicioso nos olhos — E estes são o Sr. e a Sra. West, seus sogros.

— Mamãe! — Matilda disse, com um sorriso perverso, enquanto estendia os braços para a Sra. Frant, pelo puro deleite de ver a expressão indignada de Lucian — Que prazer tê-la viajando conosco.

— Matilda! — exclamou Lucian, a exasperação em sua voz clara, mas, antes que pudesse se lançar em suas muitas objeções, Denton falou novamente.

— Milorde, — disse, com a voz grave — não conseguimos impedir que esse homem lhe causasse problemas nesses muitos anos, embora jure que tentamos o nosso melhor. Deixe-nos ir com o senhor e fazer o que pudermos para mantê-lo seguro, pois eu não ficaria em Dern, nem mais um minuto, se algo acontecesse a Vossa Senhoria, e sei que falo por Pippin e pela Sra. Frant também. Deixe que o ajudemos. Há segurança com mais pessoas e, pelo menos, se a verdade for descoberta, poderemos fazer o possível para mitigar os danos à reputação da Srta. Hunt.

Lucian olhou para Denton. Sua expressão era difícil de ler, mas seus olhos brilhavam à luz de lamparina. Deu um aceno tenso e se virou.

Denton soltou um suspiro.

Matilda sorriu e estendeu a mão, apertando a mão do mordomo — Obrigada.

— É uma honra servi-lo. — disse, um pouco mais reto — E a senhorita, *Lizzie*. — acrescentou, fazendo referência a “Orgulho e Preconceito” e piscando para ela.

— Ora, agradecida, papai. — Matilda se voltou, enquanto ele a colocava na carruagem.

Matilda tinha acabado de sentar-se, quando Phoebe desceu os degraus. Subiu na carruagem e se jogou no banco oposto, efervescente de emoção.

— Bem, alguém está com os olhos brilhando e muito animada, esta manhã. — Matilda disse com um sorriso.

— Eu estou, a senhorita está esplêndida, *mamãe*, e o senhor também, *papai*! — Phoebe disse, quando Lucian apareceu na porta aberta. A pequena se gabou e riu.

Lucian chamou a atenção de Matilda e balançou a cabeça.

— Todos os esforços de meu tio para me mandar para Bedlam, tenho certeza, serão justificáveis, antes do final do dia. — murmurou, antes de subir e sentar-se ao lado dela.

— Não fique zangado, Sr. Bennet. — disse Matilda, piscando para Phoebe, que sorriu de alegria — Ou o farei viajar com mamãe e papai.

Lucian gemeu, colocou o chapéu sobre os olhos e fingiu dormir.

Embora a decepção de Phoebe fosse eloquente, não precisaram usar seus disfarces durante o primeiro dia. Pippin... ou vovó, como Phoebe insistia em chamá-la... preparou um piquenique suntuoso, que comeram na carruagem. Lucian ficou em silêncio, sua pele estava pálida, e Matilda sabia que os solavancos da carruagem, nas estradas ruins, o estavam deixando desconfortável. Sabia também que o homem teimoso suportaria o fogo de Hades, antes de admitir. Então, Matilda fez o melhor que pôde, para manter Phoebe entretida e quieta, para não agravar seus nervos além do que Lucian já estava sofrendo.

Quando chegaram ao The White Hart, em Saint Albans, todos estavam cansados e nervosos. A irritação de Lucian aumentou perceptivelmente, quando lhe ocorreu que não poderia ordenar que toda a equipe do The White Hart estivessem à disposição, como sempre. Era o Sr. Bennet, e o Sr. Bennet tinha que esperar a sua vez, e não conseguiria o melhor quarto, nem o melhor tratamento e, se ficasse impaciente, poderia muito bem acabar com tudo aquilo.

Surpreendentemente, Denton parecia estar levando um golpe em seu orgulho ainda pior do que Lucian. Sua indignação era palpável, em nome de seu empregador, e Matilda pensou que todo o caso estava fadado ao fracasso quando, finalmente, a sala privada foi preparada para eles e o jantar foi servido imediatamente.

O jantar foi um evento tenso. Denton e a Sra. Frant pareciam estar sentados sobre espinhos, por estarem jantando com o marquês. Lucian beliscou a comida, comendo quase nada, apesar do incentivo de Matilda, para que mantivesse suas forças. Pippin, embora bastante à vontade, lamentou a falta

de tempero no ensopado de coelho... sem mencionar a falta do coelho... e o fato de os vegetais terem sido cozidos em uma pasta verde-acinzentada, e expressou uma decepção vigorosa com o pudim cozido, que, em sua opinião, era adequado apenas para uso como batente de porta. Apenas Phoebe parecia destemida, comendo o jantar sem reclamações e conversando alegremente, sem pestanejar, diante das estranhas circunstâncias em que se encontravam.

Quando o *Sr.* e a *Sra. West* se desculparam e se retiraram para descansar, com a *Sra. Frant* corando, como se fossem recém-casados, Lucian os observou ir, antes de se virar para Pippin e levantar uma sobrancelha loira pálida interrogativa.

Pippin devolveu um sorriso presunçoso.

— O que os olhos não veem, o coração não sente, milorde. — disse, antes que sua expressão ficasse rígida — E o senhor não deve puni-los por isso, espero. Já era hora deles se decidirem. Por quase vinte anos, ela o tem desejado e ele não percebeu. Demorou quase o mesmo tempo para pedir minha ajuda também. Ainda assim, consegui dar um jeito. Eles se casariam, se isso não significasse perder suas posições.

Ela o fitou com um olhar aguçado, e Matilda observou enquanto Lucian retribuía sua expressão com uma carranca.

— Usou a poção do amor, Pippin?

Lucian fez uma carranca quando olhou em volta, lembrando-se, tarde demais, de que Phoebe estava ouvindo e que a criança era muito perceptiva para não entender a essência da conversa.

— Claro que não foi uma poção de amor. — Lucian disse, exasperado — Isso não existe, Phoebe.

Pippin franziu os lábios, mas não disse nada. Em vez disso, se virou para Phoebe — Venha comigo, meu cordeirinho. Pode dormir com sua avó, esta noite. Tenho certeza de que não arejaram a cama corretamente, e a senhorita será uma ótima aquecedora de cama.

— Espere, o quê? — disse Lucian, enrijecendo — Não há uma cama arrumada no nosso quarto, para Phoebe.

— Sim, mas não vai querê-la tagarelando a noite toda, não quando a teve o dia todo. Além disso, senti falta da minha pequena *Srta. Barrington*, e será bom ter alguma companhia para variar.

— Não, Pippin...

Disse, com a voz inflexível.

Matilda percebeu a piscadela astuta que Pippin deu a Phoebe e o entusiasmo com que a criança respondeu, algo que Lucian não viu.

— Oh, sim, Pippin. Vai me contar histórias também, sobre quando o tio era um garotinho, com seus irmãos, e todas as coisas impertinentes que ele fazia?

— Acredito que posso ser persuadida. — disse Pippin, estendendo a mão e ignorando Lucian, alegremente.

— Viva! — Phoebe exclamou e correu até Lucian, para beijar sua bochecha — Boa noite, papai, boa noite, mamãe.

Ela beijou Matilda também e correu da sala com Pippin, o mais rápido que puderam.

— Tenho a nítida sensação de que estou sendo manipulado. — disse, amargamente.

Matilda sorriu — Não fique zangado. Este é o sonho de Phoebe se tornando realidade, e Pippin é uma velha romântica.

Lucian bufou — Romântica? Ela está me dando permissão para deflorar uma jovem inocente, não é nada romântico.

— Mas não é ela que está dando permissão, Lucian. — Matilda disse suavemente — Eu estou.

A respiração dele ficou presa e o primeiro leve toque de cor que Matilda viu em seu rosto, o dia todo, marcou suas bochechas. Lucian fechou os olhos, mas não antes de Matilda vê-los escurecer de desejo.

— Não. — a mão que repousava sobre a mesa se fechou em punho — Vou dormir na cadeira, no chão, se for preciso. Só Deus sabe o dano que terei causado à sua reputação, quando esse desastre acabar. Que eu seja amaldiçoado se arruiná-la, na verdade.

Matilda estendeu a mão e cobriu a dele, aliviando seus dedos fechados e abrindo o punho — Não posso voltar atrás agora, Lucian. Temos esse tempo juntos, esse teatrinho estranho que estamos encenando. Vamos, pelo menos, aproveitar ao máximo. Me dê algo para me lembrar de você, meu amor.

— Como um bastardo? — disse, com a voz dura e fria.

Matilda retirou a mão.

— Estou indo para a cama. — disse, com a voz instável — No mínimo, precisa descansar o ombro, ou sentirá uma dor terrível amanhã, e tenho certeza de que todos nós sofreremos por isso. Cabe a você decidir se deseja que esses dias juntos sejam de miséria e arrependimento, ou se serão memórias, que poderemos guardar para sempre. Não vou implorar, Lucian. Pode fazer o que achar melhor.



Lucian fechou os olhos quando Matilda deixou a sala. Quando uma bela criada entrou no quarto e flertou provocativamente com ele, perguntando se o Sr. Bennet precisava de mais alguma *coisa, qualquer coisa*, ele, bruscamente, pediu uma garrafa de conhaque e exigiu que não fosse perturbado. Seu ombro latejava como se o próprio diabo estivesse cutucando com sua maldita forquilha, estava cansado e irritado, e no momento em que Matilda disse que Pippin não estava lhe dando permissão para deflorá-la, mas sim ela mesma, tudo aquilo tinha desaparecido e a única pulsação de que estava ciente era muito mais embaixo. Lucian gemeu e colocou a cabeça entre as mãos. Era desprezível e Matilda estava fazendo o possível para encorajá-lo, para confundi-lo.

Totalmente miserável, olhou para a garrafa de conhaque e contemplou ficar bêbado e dormir na carruagem, mas sabia que não poderia enfrentar a

reprovação nos olhos de Matilda, pela manhã. Lucian teria que subir as escadas e entrar no quarto deles, sabia muito bem que ela não se deitaria e dormiria, sem dizer nada, embora Matilda, certamente, não precisasse implorar. Inferno, não precisava abrir a boca ou sequer olhar na direção dele. Faria qualquer coisa que Matilda quisesse, *qualquer coisa*, mas o pensamento de tirar sua inocência e depois se casar com outra mulher era tão obsceno, que a vontade era fazer algo violento e destrutivo, ou rastejar para um buraco escuro e chorar.

Embora fosse desaconselhável, seus pensamentos voltaram para a manhã que passaram em sua cama. Ele se lembrou do aroma inebriante de Matilda, flor de laranjeira e algo exclusivamente feminino e totalmente dela. Fechou os olhos e se lembrou da seda de sua pele e do bico quente e endurecido de seu mamilo, enquanto o chupava. Antes que soubesse o que estava fazendo, estava de pé, subindo as escadas, o coração martelando no peito.

Não precisava tirar a inocência dela, disse o diabo em seu ombro. Era possível trazer prazer a ambos, sem roubar sua virtude, e ele conhecia todos os caminhos. Lucian poderia lhe mostrar, poderia dar-lhe as memórias que pediu, memórias que seriam tudo o que ele teria, na paisagem congelada do futuro que o aguardava. Poderiam ter tudo isso. Ninguém saberia, ela ainda seria virgem, ainda sangraria quando o marido...

Lucian parou no meio da escada, enquanto uma dor atravessava seu coração, como se uma adaga o tivesse atingido. Apoiou-se na parede para se proteger do impacto e olhou para baixo, perplexo, quando não viu o sinal de uma lâmina, nem um traço de sangue, quando a ferida teria que ser mortal, sugando sua vida.

Matilda não seria dele. Não importava o que acontecesse entre eles, ela, um dia, pertenceria a outro homem. Lucian se casaria com uma dama de alta estirpe, que não se importaria com ele, e sim com seu título e riqueza, enquanto a única mulher que amaria estaria perdida para ele. Aquele pensamento era como morrer. Ele *morreria*. Não de uma vez. Geraria seus herdeiros e arranjaria o casamento de Phoebe com um cavalheiro que a apreciaria como deveria, mas morreria um pouco a cada dia, sem o amor de Matilda para sustentá-lo, até que não sobrasse mais nada.

Lucian respirou fundo, instável. *Não pense nisso*. Sabia como fazer aquilo, tinha muita prática. A dor estava enterrada profundamente e coberta de gelo, congelando-o e trancando-o, como sempre fizera com qualquer coisa que fosse dolorosa demais para suportar. Mas esse era o problema com Matilda, e com Phoebe também. Estavam quentes e vivas. Ambas descongelaram seu coração e fizeram com que sentisse coisas, coisas que não podia comprar, não podia ter.

Deu mais um passo, depois outro, avançando, porque não podia voltar atrás. Ele era Montagu e aguentaria. Matilda sobreviveria à perda dele e, embora não sobrevivesse à perda dela, se lançaria no gelo e passaria pelos movimentos da vida, até que seu título e Phoebe estivessem seguros.

Esta noite, porém, esta noite e todas as noites que tivessem, durante a duração desse esquema maluco, pertenceriam aos dois, e Lucian não desperdiçaria.

Senhor,

Tenho as informações que buscava, embora não ache que lhe agradeirão. Localizei o Sr. Barrington e posso informá-lo de que ele está estabelecido em quartos, em uma pequena aldeia, nos arredores de Loughborough. Eu o segui e tomei nota de todos com quem falou, como o senhor me pediu. Ele se encontrou duas vezes com um sujeito suspeito. Na investigação, descobri que é conhecido como Flash Jack e é um salteador de certa notoriedade. Logo após a reunião, descobri que este homem partiu imediatamente, com três outros de igual descrédito, com o destino de Matlock Bath em mente. Acredito que pretenda fazer mal a Lorde Montagu.

—Trecho de uma carta de um informante ao Sr. Gabriel Knight.



6 de maio de 1815. *The White Hart, St Albans.*

Matilda se preparou para dormir e se esforçou ao máximo para não ouvir cada rangido das tábuas do assoalho, que pudesse anunciar a aparição de Lucian. O White Hart era uma construção antiga, com quase quatrocentos anos, e o maldito lugar gemia e protestava, toda vez que alguém respirava um pouco mais forte.

Então, naturalmente, ela estava completamente perdida.

Lavou-se e vestiu uma de suas camisolas. Não viu motivo para não fazer isso. Seu disfarce... tal como era... era para enganar o público. Ninguém saberia que a Sra. Bennet gostava de roupas de cama luxuosas, não que fosse, de alguma forma, provocativa. Matilda não fez as malas para visitar Dern, com a ideia de seduzir Lucian em mente. Uma pena, pois poderia estar mais bem preparada, caso o fosse. Ainda assim, a camisola era de algodão muito fino e aparado com delicados cortes de renda ao redor do decote e das mangas. Matilda havia soltado o cabelo e agora estava sentada na penteadeira, escovando-o.

Seu coração saltou até a garganta, quando ouviu a porta se abrir e o zumbido do ruído de fundo da movimentada pousada ficar mais alto, quando Lucian entrou. Ele fechou a porta, silenciando o som, mais uma vez, e se encostou nela, olhando-a, sua expressão indecifrável.

Matilda engoliu em seco e se dispôs a não derrubar a escova de cabelo, de dorso prateado. Com muito cuidado, a colocou sobre a penteadeira e apertou as mãos no colo, para impedi-las de tremer.

— Deveria ter trancado a porta. — disse Lucian, com a voz rouca — Um lugar como esse não é seguro.

— Eu o estava esperando. — respondeu, aliviada por sua voz não tremer.

Lucian não respondeu, mas havia algo quente e agitado brilhando em seus olhos, que fez seu pulso disparar.

Ele não dormiria na cadeira, aquela noite.

Matilda observou, enquanto ele arrastava o olhar sobre ela. Parecia um grande esforço, o que era reconfortante. Lucian olhou em volta do pequeno quarto e, embora não tivesse reagido, Matilda sabia que ele estava descontente com o que via. Era pequeno e apertado, e, sem dúvida, muito menos luxuoso do que ele estava acostumado. Um músculo em sua mandíbula vibrou.

— É o melhor que o Sr. Bennet pode pagar. — disse, levemente — E a Sra. Bennet está muito satisfeita com isso. A cama é confortável.

E era mesmo. Parecia ser tão antiga quanto a pousada, e suas estruturas eram robustas. Lucian caminhou até a cama e analisou um cobertor vermelho escuro, sua mão elegante curvando-se em torno de um dos postes ornamentados.

— Não deveria estar aqui, Matilda, mas, pelo menos, poderia estar em um quarto melhor. Deve ser tratada como uma rainha, não...

— Pare com isso. — disse, com a voz firme e um tanto impaciente — Pouco me importo com essas frivolidades, já disse isso antes. Não me falta dinheiro, e não preciso nem quero que me compre nada. Acha que um quarto maior e móveis luxuosos poderiam me fazer amá-lo mais do que já amo, fazer com que estar contigo signifique mais do que significa?

Lucian não respondeu, mas seus ombros estavam rígidos de tensão. Matilda se levantou e caminhou até ficar atrás dele. Deslizou os braços em volta de sua cintura e apoiou a cabeça em suas costas. As mãos de Lucian cobriram as dela e seguraram firmes.

— Eu não quero sentir vergonha por levá-la para a minha cama. — disse, e a emoção misturada com dor, que percebeu em suas palavras, a raiva que ficou mais forte enquanto falava, fez seus olhos formigarem — Quero ficar contigo e quero que todo mundo saiba que é minha, que eu a amo e que sou amado, mas *não posso*, e isso está me matando.

— Eu sei. — disse, querendo chorar, mas tentando ser forte por ele, porque chorar não mudaria nada — Mas não somos os primeiros amantes dilacerados pelas circunstâncias, e não seremos os últimos. Lutaremos esta batalha contra seu tio, e, desta vez, nós venceremos, e você e todos que ama e cuida estarão a salvo. Até lá, teremos esses dias juntos, e isso deve ser o suficiente. Quer passemos ou não esses dias em uma carruagem, um quarto apertado em uma estalagem, ou em um buraco no chão, não importa nem um pouco, desde que estejamos juntos.

Ele se virou e pegou o rosto dela entre as mãos, acariciando sua pele com os polegares, os olhos prateados brilhando.

— Meu amor. — Lucian disse, olhando para ela.

Matilda sorriu — Sim. Sempre.

Ele inclinou a cabeça e a beijou, um toque delicado em sua boca, um prelúdio para outra carícia semelhante a uma pena e outra. Matilda suspirou e tocou a língua nos lábios de Lucian. Era como derrubar uma vela acesa sobre conhaque derramado.

Ele a puxou para seus braços, segurando-a firme e beijando-a com força, aprofundando o beijo, saqueando sua boca, com algo próximo ao desespero. Longe de ficar assustada, o coração de Matilda disparou e agarrou-se a ele, entrelaçando os membros ao redor dele como madressilva subindo uma treliça.

As mãos de Lucian deslizaram pela cintura dela, até seu traseiro, pressionando-a contra ele, massageando a carne macia, até que se abaixou e a levantou. Matilda arrancou sua boca da de Lucian, com um grito de surpresa, envolvendo as pernas ao redor de seu corpo.

— Seu ombro! — protestou, alarmada.

— Que se dane meu ombro. — amaldiçoou, carregando-a para a cama.

Colocou-a com cuidado no colchão. Matilda recuou e se deitou, e Lucian esperou até que se acomodasse, antes de se deitar sobre ela. Seus joelhos pressionaram as camadas de roupa ao lado das coxas de Matilda e ele olhou para baixo, observando-a, seus olhos, geralmente frios, cheios de calor e desejo.

— É tão linda. — disse, tão solenemente que Matilda só conseguiu engolir em seco, quando a emoção subiu por sua garganta — Não apenas por fora. Sua bondade, sua gentileza, emanam de você. É como olhar para o sol. Mesmo depois de desviar o olhar, ainda está impresso na mente, na alma. Mudou-me, Matilda, e gostaria que não tivesse feito, pois quero tantas coisas que só existem nos contos de fadas. Me fez desejar coisas impossíveis, e saber que não posso tê-las é muito pior do que acreditar que não existiam.

— É melhor ter amado e perdido...

Ela piscou com força e tentou sorrir, para tirar a angústia em seus olhos.

— Não, não é! — disse, ferozmente — Eu continuo tentando acreditar, mas não é.

— Não. — concordou, com a voz trêmula — Não é, e, ainda assim, não me arrependo. Nunca vou me arrepender. — estendeu a mão e puxou o casaco dele — Tire isso.

Lucian fechou os olhos e soltou uma gargalhada. Quando os abriu novamente, se recompôs e olhou-a com um sorriso irônico.

— Está sempre exigindo que eu tire minha roupa.

— Eu sei. — Matilda respondeu, com um suspiro pesado — Não consigo evitar. Não estou apenas apaixonada, mas louca de tanta luxúria. Conseguir aguentar?

— Farei o meu melhor. — disse, gravemente, e lutou para tirar o casaco.

Matilda o ajudou o melhor que pôde, puxando as mangas e depois desabotoando o colete e retirando-o de seus ombros. Lutou com a gravata dele e finalmente a afrouxou, antes de soltá-la. Ele praguejou, tentando retirar a camisa pela cabeça, sem mexer no ferimento, então finalmente seu torço estava nu e ela o absorveu. A ferida em seu ombro estava descoberta, agora, e sarando bem, embora ainda estivesse um pouco vermelha e sensível. A visão da ferida fez seu coração se contrair com temor, pois esteve tão perto de perdê-lo, então desviou os olhos, preferindo apreciar a vista de seu impressionante físico.

— Oh, Lucian. — disse, passando as mãos sobre o peito dele — Gostaria que pudéssemos ficar nus o tempo todo, nunca me canso de olhá-lo.

— Se continuar me olhando assim, não serei responsável pelas consequências. — murmurou, a voz tão baixa que causou arrepios em sua pele.

— Acho isso muito bom. — Matilda disse, entusiasmada.

Ele riu e puxou sua camisola — Minha vez. Tire isso.

— Mas eu ainda não tinha terminado. — Matilda protestou, puxando o cós de suas calças.

— É uma pena. — provocou, e Matilda guinchou e se contorceu, enquanto Lucian puxava a camisola para cima, até tirá-la pela cabeça, jogando-a no chão.

Lucian paralisou olhando para ela, seu olhar firme a devorando. Não havia nada do marquês gelado presente naquele momento. Estava todo em chamas e Matilda podia sentir o calor irradiando de seu corpo, como se um braseiro queimasse sob sua pele. Ele traçou a curva de seu seio com a ponta de um dedo hesitante, prendendo a respiração, como se tivesse ousado alcançar algo proibido.

Matilda ficou sem fôlego, arrepios correndo por seu corpo, enquanto Lucian ardia em chamas. Matilda queria agarrá-lo e atraí-lo para ela, para estar dentro dela, e nunca mais deixá-lo ir embora. Em vez disso, se manteve imóvel, permitindo que ele a tocasse como quisesse. O polegar traçou um círculo ao redor de seu mamilo, um movimento preguiçoso e carinhoso, que a fez arquear como um felino, buscando mais atenção da mão que o acariciava.

— Lucian. — disse seu nome, sua respiração vinda mais rápida, quando ambas as mãos a acariciaram e tocaram, com algo próximo à reverência. Estendeu os braços para ele, querendo que viesse até ela, desejando o corpo dele contra o dela, a boca sobre a sua.

— Sim? — disse, diversão brilhando na prata de seu olhar — Quer alguma coisa, meu amor?

— Sim. — disse, virando a cabeça para o lado, fechando os olhos contra o choque de prazer, enquanto Lucian beliscava levemente seus mamilos. A sensação a atravessou, atingindo seu núcleo, fazendo com que o lugar entre suas pernas latejasse e clamasse por atenção. Matilda arqueou os quadris, mas

ele se colocou escanchado sobre as coxas dela e não lhe ofereceu nenhum alívio.

As mãos de Lucian deslizaram por seu tronco e, por um momento feliz, pensou que ele a tocaria ali, procuraria o lugar íntimo que havia tocado antes e a deixaria em êxtase deslumbrante com os dedos espertos. Mas ele não fez isso, e Matilda bufou e fingiu irritação.

— Qual é o problema, minha querida? Por que não me conta?

Ela abriu os olhos e olhou-o com reprovação.

— *Sabe* qual é o problema. — acusou.

— Eu sei?

Lucian tentou parecer inocente e falhou miseravelmente. Parecia um anjo caído. Tinha o corpo e o rosto de um anjo, de qualquer forma, mas a perversidade queimava em seus olhos.

— Sim, sabe. Oh, Lucian, *por favor*. — implorou, contorcendo-se sob seu toque, enquanto suas mãos continuavam a acariciar seus seios, provocando os mamilos endurecidos, que enviavam ondas de choque, toda vez que roçava neles.

— Farei o que quiser, Matilda. Basta apenas me pedir. Comande-me.

— Me toque. — exigiu, ficando envergonhada — Me toque, como fez na sua cama.

— Tocá-la aqui? — perguntou, recuando um pouco e arrastando um dedo lentamente pelos cachos entre suas pernas.

— Sim. Sim. — Matilda assentiu, devassa e ansiosa.

— Assim? — devagar, tão, *tão devagar*, provocou coma ponta de um dedo, ao longo das dobras de seu sexo.

Matilda ofegou, abrindo as pernas o máximo que pôde, entre a gaiola das coxas de Lucian, exigindo silenciosamente mais.

— Lembra-se do jantar, na casa da Sra. Manning? — perguntou, atormentando-a com toques leves, para deixá-la louca de frustração.

— O quê? — Matilda retrucou, perplexa com a pergunta, enquanto sua paciência se desgastava. Ele queria conversar sobre aquilo, *agora*? — Aquele jantar em que fingiu que eu tinha concordado em acompanhá-lo ao Green Park, quando, na verdade, era tudo mentira?

— Esse jantar. — murmurou, ainda arrastando o dedo levemente sobre o sexo dela, apenas o suficiente para fazê-la tremer e se contorcer sob seu toque — Aquele em que a toquei na mão e desmoronou em pedaços.

— Oh, seu diabo! — gritou, rindo, mas totalmente exasperada — *Sim!* Sim, eu me lembro.

— Sabe o que eu estava pensando, naquela ocasião?

— Não. — Matilda fechou os olhos e pediu a Deus por paciência.

Seu corpo não passava de terminações nervosas, cada uma delas em alerta, hipersensível e ansiosa de antecipação, seu foco inteiramente concentrado no toque gentil de seu dedo.

— Estava pensando em você, assim, com seu lindo corpo aberto para

mim. Estava bastante desesperado. Tudo no que conseguia pensar era prová-la. Queria tanto experimentá-la, que não poderia me levantar sem que todos soubessem exatamente o que tinha feito comigo. Foi torturante.

Os olhos de Matilda se abriram e o olhou, espantada.

— Mas estava frio como gelo. — acusou-o — Nem mesmo pestanejou.

Seus lábios se curvaram — As aparências podem ser enganosas, meu amor. Nunca estive mais fora de controle na minha vida. Apenas agradei a Deus porque tinham muitos pratos para que eu pudesse controlar minha libido indisciplinada a tempo.

Matilda olhou-o, incrédula. — Queria...?

— Prová-la. — seus olhos brilharam, desejosos — Aqui.

Lucian ilustrou seu significado deslizando o dedo entre as dobras delicadas para o calor escorregadio de seu interior, e Matilda gritou, os quadris tremendo, quando o prazer a atravessou.

— Ali? — perguntou, erguendo a cabeça para encará-lo, assim que teve inteligência suficiente para falar novamente — Quer dizer que estava pensando na sua boca... *ali*?

— Sim. — concordou, um sorriso perverso puxando seus lábios e dando a ela um vislumbre tentador daquelas covinhas indescritíveis — Estava sofrendo um desconforto enorme por causa disso, também.

— Oh, meu Deus! — disse, jogando a cabeça de volta sobre o colchão.

— Eu queria muito, Matilda, e há tanto tempo. Posso? Por favor?

Matilda assentiu, sem forças. Uma pequena parte dela queria perguntar se isso era normal, dadas as circunstâncias, mas uma parte muito maior não dava a mínima se era ou não.

Matilda estava vagamente ciente de Lucian se movendo para fora da cama, ajoelhando-se entre suas pernas. Puxou-a em direção à borda do colchão, abrindo-a mais, até que ficasse exposta e vulnerável e então... e então ela não se importou com mais nada. Matilda gemeu quando a boca de Lucian a cobriu, quente, úmida e pecaminosa, e seu corpo convulsionou ao mesmo tempo, calor e prazer surgindo em uma onda inebriante enquanto se arqueava e tremia debaixo dele. O clímax a deixou sem fôlego e desesperada.

Ele riu, soprando uma corrente de ar sobre suas dobras, até que ela estremeceu. Seu hálito quente parecia uma brisa fresca contra sua carne ardente, e ele acariciou a pele delicada, no ápice de suas coxas.

— Tão doce, minha linda Matilda. Ainda mais doce do que mel. Sabia que seria, e quero fazer isso de novo.

Ele a provou novamente, até que Matilda não fosse nada mais do que sensação e carne trêmula. Seu mundo se estreitou e se restringiu ao lugar onde a boca e a língua dele a tocavam, lambiam e atormentavam, sem parar. Quando Matilda achava que ele não poderia extrair mais um grama de prazer de seu corpo trêmulo, Lucian começava de novo, até que ela estivesse indefesa e gemendo, abandonada ao seu toque, gritando descaradamente seu nome e implorando por mais.

Quando finalmente esteve satisfeito, deu um beijo carinhoso em sua coxa. Matilda estava atordoadá demais para notar, por um momento. Estava inebriada e confusa, incerta de qualquer coisa além do zumbido suave de prazer que ainda fervilhava em suas veias. Um movimento no quarto fez seus olhos se abrirem, porém, e se concentrou vagamente, até perceber que Lucian finalmente se despojara de suas botas e de todo o resto.

Sua respiração prendeu e, de repente, estava perfeitamente acordada.

Lucian subiu na cama, do outro lado dela e descansou contra os travesseiros, seus olhos cinzas prateados brilhavam. Colocou o braço bom atrás da cabeça e parecia bastante à vontade, a não ser pela rápida ascensão e queda de seu peito. Matilda se levantou e se virou para vê-lo, tirando o cabelo de seu rosto. Gananciosamente, ela o devorou, os membros longos e elegantes e os músculos esticados e esculpidos, todos perfeitos à luz de lamparina. Um brilho quente recaía sobre ele, lançando-o em ouro.

— Pelo amor de Deus, me toque. — disse ele, traíndo sua postura despreocupada, enquanto sua voz era rouca de impaciência.

— Com prazer. — respondeu Matilda, ousando se aproximar.

Ela se ajoelhou ao seu lado e encostou no seu tornozelo, puxando a palma da mão sobre a perna dele, sentindo o pelo crespo, enquanto se movia para cima, deslizando sobre o joelho e depois a coxa. Sua atenção se concentrou na parte mais masculina dele e não conseguia desviar. Ele era perfeito em todas as proporções, lindamente trabalhado, e Matilda sentiu sua respiração ficar presa.

O membro dele se contraiu sob seu olhar quente, e Matilda sorriu. Parecia acenar para ela, implorar por sua atenção. Lembrando-se de quão perversamente ele a atormentara, decidiu que poderia levar o tempo que quisesse. Lucian não iria a lugar nenhum. Então, seguiu com a ponta de seu dedo ao longo da pele surpreendentemente delicada, onde sua coxa encontrava seu torso, e então a arrastou de cima para baixo, novamente. Matilda enroscou os dedos no pelo áspero na base do seu membro e pegou-o suavemente, antes de traçar um padrão sobre sua barriga, com a outra mão. Os músculos do estômago dele se contraíram e saltaram sob seu toque, e ela sorriu.

— Matilda.

Seu nome era um som áspero, um apelo, e ela ergueu os olhos e encontrou os de Lucian semicerrados, escuros de desejo. Segurou o seu olhar e inclinou a cabeça, para dar um beijo em sua barriga.

Ele gemeu e fechou os olhos.

— Garota má.

Matilda sorriu contra sua pele e se atreveu a passar a língua pelo umbigo, pois parecia bobo não o fazer. Seus pelos arrepiaram em cascata sobre seu corpo e ela sentiu uma onda de satisfação por seus instintos estarem corretos. Então, e agora? Queria tocá-lo, queria ver se a pele lisa de seu membro era tão sedosa quanto parecia, mas, de repente, se sentiu incerta. Afinal, ele havia

perguntado primeiro.

— O que devo fazer?

Seus olhos se abriram, quentes e brilhantes como mercúrio.

— O que quiser. — disse, com urgência — Apenas, pelo amor de Deus, coloque suas mãos em mim, ou sua boca. Não me importo. Apenas me toque, *por favor*.

Sua boca? Minha nossa.

Decidindo que ainda não era corajosa o suficiente para isso, ela levantou a mão. Lucian estava queimando sob seu toque e incrivelmente duro, embora sua pele fosse tão fina, que deslizava como a mais delicada seda. Ele sibilou um suspiro, quando seus dedos passaram por sobre o membro e ela parou, em choque, se perguntando se havia feito algo errado.

— *Não pare*. — ele gritou, soando tão impaciente e turbulento quanto ela, antes.

Matilda olhou para cima e descobriu que ele havia jogado o braço sobre os olhos. A tensão irradiava dele, seus músculos rijos e definidos enquanto se mantinha imóvel.

Matilda voltou à sua exploração, acariciando o poço ardente gentilmente, tocando e explorando, com curiosidade.

— Não sei o que estou fazendo. — admitiu, animada, ganhando uma risada sufocada em resposta.

— Eu sei. — disse ele, as palavras roucas e sem fôlego — Mas isso não parece importar. Oh, Deus...

Ele gemeu, os quadris inclinando-se para cima, procurando mais.

— Mais forte. — ordenou — Assim.

Lucian esticou o braço e envolveu os dedos de ambos ao redor de seu membro, guiando seus movimentos.

Matilda fez o que ele instruiu, satisfeita com os resultados, pois a respiração de Lucian acelerou. Praguejou e se sentou para observá-la, seus olhos prateados queimando. Umidade brilhava na ponta rosada de seu membro, deixando sua mão escorregadia, pelo que, esfregá-lo e acariciá-lo, ficou mais fácil.

— Minha nossa, isso é... isso é... por Deus, eu... eu não posso mais... — murmurou, e, de repente, Matilda estava deitada de costas.

Lucian se acomodou entre suas pernas e, por um momento inebriante, acreditou que ele faria amor com ela adequadamente, fazendo-a dele, da única e irrevogável maneira que Matilda tanto queria. Mas ele não fez, em vez disso, deslizou sua ereção sobre o sexo dela, em um movimento lento e sinuoso. Matilda ofegou com aquela carícia íntima, sua excitação voltando em um instante. Ela virou o rosto para o pescoço dele, acariciando sua pele, sentindo seu pulso como algo selvagem e preso, enquanto batia freneticamente sob seus lábios, alcançando um ritmo crescente, e seu corpo ficou tenso.

— Oh, Cristo.

Lucian gemeu, sua respiração quente, enquanto se movia sobre ela, o membro a acariciando e fazendo-a ofegar e se contorcer embaixo dele. Ela levantou as pernas, embalando-o entre as coxas, e Lucian soltou um som áspero, seu corpo espasmando. O respingo quente de sua semente a atingiu como um choque sobre sua barriga. Ela fechou os olhos contra o sentimento de remorso, sabendo que Lucian a estava protegendo.

Neste momento, não queria o cuidado que ele estava tendo. Teria feito qualquer coisa para que ele a tomasse, para que ela guardasse sua semente dentro dela e gerasse seu filho, já que não poderia tê-lo. Matilda piscou, desejando que as lágrimas não caíssem, mas não conseguiu segurá-las desta vez e elas escaudaram seus olhos, impossíveis de parar.

— Matilda! — Lucian começou com a voz angustiada — Meu Deus, sinto muito, meu amor, sinto muito. Eu não deveria...

— Não, — disse ferozmente, agarrando-se a ele quando a teria deixado, envolvido em culpa e arrependimento e se odiando pelo que havia feito — Estou chorando porque sou gananciosa e queria mais, não por nada que tenha feito. Não piore as coisas se sentindo culpado por me dar o máximo que pode.

— Não basta. — disse, zangado — Não é bom o suficiente. Trago-lhe vergonha onde deveria haver apenas alegria.

— Não tenho vergonha. — disse, querendo sacudi-lo. — Não tenho vergonha em amá-lo. Tenho bastante experiência sobre como é viver com as opiniões dos outros sobre mim. Mas são as opiniões deles, não minhas. Ouço apenas a minha própria voz e não acho que fizemos nada de errado, também não quero que se sinta culpado por isso. Não vou conseguir suportar o fardo da sua culpa, Lucian, então, pare com isso agora.

Ela não conseguiu impedi-lo de levantar-se da cama. Lucian beijou sua testa e saiu de seu abraço. Matilda observou, enquanto ele despejava água em uma tigela e se afastava dela, para se limpar. Pegando outro pano, voltou para a cama e a limpou com ternura também, removendo todos os seus vestígios de seu corpo.

— Volte para a cama, Lucian. — insistiu, deslizando sob os cobertores. Estava com frio agora, sentindo falta do calor de seu corpo e precisando que voltasse para os seus braços.

Lucian não respondeu e manteve as costas viradas para ela, reservando um tempo para lavar os panos usados e colocá-los de lado. Apoiou-se no lavatório, a cabeça abaixada, os ombros firmes.

— Lucian.

Ele respirou fundo, se virou e voltou para a cama. Sem olhar para Matilda, deitou-se e a abraçou e ela aconchegou-se ao seu lado.

— Não fique zangado. — disse Matilda, com uma sensação de pânico crescendo em seu peito.

— Não estou zangado.

— Bem, não fique seja lá como quer que esteja. — retrucou — Não estrague tudo.

Ele respirou fundo e esticou o braço para apagar a vela na mesa de cabeceira e a aproximou dele, depositando um beijo na sua testa.

— Durma, meu amor. Temos outro longo dia, amanhã.

— Eu não quero dormir — Matilda protestou, embora a verdade fosse que mal conseguisse manter os olhos abertos. Ele era tão quente e a cama tão confortável, e o dia tinha sido tão longo e cansativo.

— Sim, quer. — disse, acariciando suas costas, acalmando-a, como se fosse uma criança rebelde.

— Mas vou sentir a sua falta.

Foi uma queixa fraca e chorosa, e sua resposta foi leve e divertida.

— Sonhe comigo, então. Assim como sonharei contigo.



Lucian não sonhou com Matilda, porque não conseguiu dormir, mas ela preencheu seus pensamentos, mesmo assim. Fechou os olhos, tentando ignorar a dor no seu ombro e, em vez disso, reviver as últimas horas, surpreso com a facilidade com que ela tirava seu controle. Era muito difícil se controlar e não romper aquela frágil barreira e torná-la sua. Mesmo agora, sua alma uivava com a dor da negação, não apenas porque a queria fisicamente, além de qualquer coisa, mas porque tinha fome de estar perto de Matilda e de mostrar como poderia ser entre eles. Em vez disso, ela mostrou a ele. Seu toque era doce, amoroso e desajeitado pela inexperiência, e ele estava totalmente desarmado. Nenhuma amante habilidosa conseguiu arrancar uma resposta dele com aquela velocidade surpreendente. Seu toque parecia ter apagado o passado de sua mente. Era como se ninguém nunca tivesse vindo antes dela, pois nada mais significava tanto.

Significava tudo.

Tinha sido tudo e quase não o suficiente. Tinha muita consciência da fragilidade do momento, da sensação de que deveria aguentar firme e se lembrar de cada segundo e guardá-lo para sempre, e depois ela chorou e ele quis chorar também, com a sensação crua em seu peito, com o peso da culpa e com a injustiça de tudo aquilo.

Sempre soube que o prazer físico e o amor eram coisas distintas, mas nunca apreciou o poder dos dois combinados. Como poderia suportar? Como poderia suportar não ter isso de novo, e para sempre? Calculou o tempo que levaria para chegar a Matlock Bath e voltar, e a quantidade de dias e noites zombava dele, quando confrontado com a eternidade de dias e noites que viriam depois. Procurou o gelo que sempre buscava, o peso reconfortante do dever e da honra. Todas as coisas nas quais se apegou, durante todos aqueles anos. Tais coisas lhe deram propósito e desejo de sobreviver, pelo menos até perder Thomas... e então descobriu a existência de sua sobrinha.

Phoebe lhe dera um novo propósito, juntamente com um medo crescente, o medo de falhar com ela, como falhara com seu pai. Mas Phoebe cresceria e se casaria, depois o deixaria, para que cumprisse com seus deveres e honra.

Matilda, aconchegada do seu lado, e seu aroma feminino tentador enchendo sua cabeça, faziam com que dever e honra parecessem insignificantes, aquela substância mudava tudo. Fazia com que tudo ficasse exposto à poderosa luz de seu amor, extremamente frágil. Temia que essa substância não o sustentasse, assim que Matilda fosse embora, que não seria forte o suficiente para fazê-lo suportar.

Não. Isso não funcionaria. Se não tivesse seu dever para com sua família, seu nome, sua honra, não sobreviveria ao seu futuro. Então, ressuscitou o gelo, forçando seus sentimentos para baixo, enterrando-os profundamente, na tundra congelada de sua alma, mas arderam dentro dele, quentes e ressentidos, derretendo sua determinação.

Venha imediatamente! Matilda está com problemas e devemos ajudá-la.

—Trecho de uma carta de Lady Helena Knight, copiada para cada uma das Senhoritas Peculiares.



6 de maio de 1815. Meia-Noite. Uma reunião das Senhoritas Peculiares. Beverwyck, Londres.

— Que, diabos, é isso? — Nate exigiu de Helena, enquanto jogava o chapéu e o casaco em Jenkins, o mordomo — O que, diabos, quis dizer, quando enviou aquela mensagem? Pobre Alice, ficou preocupada, o caminho inteiro, sem mencionar que fomos forçados a viajar com Leo, na calada da noite.

Enquanto Nate reclamava, Alice entregou Leo, que dormia pacificamente, para a babá.

Helena engoliu em seco, mas não se ofendeu com a fúria do homem, pois sabia que era advinda do temor por qualquer que fosse o problema que sua irmã estivesse passando. Helena se perguntou como ele receberia a notícia de que Matilda não estava apenas correndo grave perigo, mas, provavelmente, se tornara amante de Lorde Montagu. Bem, uma bomba atrás da outra.

— Sinto muito. — Helena disse, abraçando Alice, que parecia extremamente bem, apesar da ansiedade e da natureza tensa de sua jornada — Receio que não seja algo que pudesse ter sido evitado. Entre e nós explicaremos tudo.

Acompanhou os dois retardatários até a enorme sala de estar e Nate parou, quando viu o grupo reunido.

Prue estava sentada em uma cadeira próxima à lareira, com o duque parado atrás dela. Aashini e seu marido, Lorde Cavendish, repetiam a mesma posição, do outro lado. Nos sofás, arranjados em linha próximos à lareira, estavam Harriet e Bonnie, com seus maridos, Jasper e Jerome, depois Minerva e Inigo, e Jemima e Solo.

Nate se virou para encarar Helena, quando Gabe apareceu, parando ao seu lado, deslizando um braço na cintura da esposa.

— Acho melhor me dizer imediatamente. — demandou, com uma expressão inflexível.

Helena olhou para Gabe, que lhe abriu um sorriso, enquanto ela se sentava. Gabe permaneceu de pé, segurando sua mão, enquanto Helena se preparava para a tempestade que se aproximava. Estava pronta para começar, quando a porta se abriu mais uma vez, e seu tio entrou. Parou e arqueou as

sobranceiras, surpreso, ao ver todo mundo.

— Por Deus, não sabia que estávamos dando uma festa. — disse sorrindo.

— Não é uma festa, tio Charles. — disse Helena, com pesar — Mas acho melhor o senhor entrar, porque isso também o envolve.

— Como? — o velho parecia intrigado, mas aceitou o convite e sentou-se.

— Em primeiro lugar, — disse Helena, imaginando como, diabos, explicaria tudo — devem me prometer ouvir até o fim e não fazer suposições. Sei que vão achar muito difícil de acreditar, mas garanto que é *tudo* verdade.

— É mesmo, tudo verdade. — disse Gabe com a voz firme e o olhar fixo em Charles — Embora, receio, alguns aqui vão preferir não acreditar.

Assentiu para Helena, que respirou fundo e começou.

— O Sr. Theodore Barrington, tio de Lorde Montagu, é um delinquente. Tem feito de tudo para tirar a vida de Lorde Montagu, desde quando o marquês era apenas um garoto, e é... ao menos em parte... responsável pela morte do seu irmão mais novo, Thomas. Alguns dias atrás, mandou homens atrás de Lorde Montagu, para emboscá-lo, a caminho de Derbyshire. Montagu está viajando, até os moinhos que comprou do Sr. Burton, e que eram tão desumanos quanto relatado recentemente. O marquês não o caluniou e não está louco, porém corre perigo de morte e...

Helena respirou fundo, grata pelo aperto caloroso do marido em sua mão.

— E Matilda está com ele.



7 de maio de 1815. The White Hart, St Albans.

Matilda suspirou e enterrou-se mais fundo, debaixo das cobertas. O aroma desconhecido de bergamota e o corpo masculino quente de Lucian a envolviam, ela abriu os olhos para aquela nova e intrigante experiência que era acordar ao lado dele. Viu que estava sendo observada, quando olhou para cima e piscou sob a luz fraca, que se infiltrava pelas cortinas.

— Bom dia. — cumprimentou, um pouco tímida, incerta do que esperar dele, ou do que Lucian esperava dela.

Lucian abriu um sorriso, embora seus olhos estivessem com sombras, fazendo com que se perguntasse se havia dormido.

Levantou a mão para tocar seu rosto, ainda surpresa por poder fazer aquilo. Ele inclinou o rosto sob seu toque e beijou sua mão. *É meu*, ela não disse em voz alta. *Pertence a mim*. Aquelas palavras não ditas refletiam-se em seus olhos, e isso era o suficiente.

— Suponho que temos que nos levantar. — pronunciou relutantemente, com um suspiro.

— Suponho que sim. — concordou Lucian, e o eco de seus sentimentos também estava presente em sua voz.

O mundo real se intrometeria nesse pequeno idílio, como sempre fez, não que já tivesse parado alguma vez. A luz do dia entrava no quarto pelas

cortinas finas, brilhante e insistente, e ela podia ouvir o barulho da estalagem, como um murmúrio distante, o estrondo de carruagens e as vozes vindas da rua, o barulho e o zumbido cotidianos, de um dia bem encaminhado. Matilda foi atacada pela súbita e desesperada necessidade de fazer tudo aquilo desaparecer, de poder voltar no tempo e reviver a noite passada, para que pudessem repetir. Dessa vez, não desperdiçaria horas dormindo, dessa vez, o persuadiria a amá-la, como tanto desejava, e não se arrependeria. Esticando a mão por sob o cobertor, Matilda pressionou e circulou os dedos em torno de seu membro, descobrindo que seu corpo estava preparado para ela e se deliciando com o profundo gemido torturado de prazer que arrancou dele.

— Não, meu amor. Não temos tempo. — ele protestou, tentando pegar sua mão e detê-la — Temos que descer para tomar café da manhã, está tarde e precisamos seguir nosso caminho.

Matilda afastou a mão dele — Não estou com fome, podemos arranjar tempo.

Ela se abaixou e lambeu seu mamilo, Lucian tremeu. Satisfeita com a resposta, repetiu o gesto, dessa vez passando a língua por todo seu peitoral. Seu membro endureceu ainda mais e ficou quente sob sua mão, latejando, aumentando sua confiança. Ele respirou fundo, trêmulo, e depois balançou a cabeça, em negativa.

— Matilda, nós não... não podemos. — disse gemendo, mas ela o ignorou — Não deve... ah, sim, assim... não... *não*. Nós *temos* que nos levantar... oh, Deus...

Era intrigante, esse poder recém-descoberto sobre seu corpo. Ela não corria o risco de acreditar ser uma *femme fatale*, ou se considerar uma amante habilidosa, mas suspeitava que seu entusiasmo valia alguma coisa. Certamente, Lucian parecia muito sensível ao seu toque, se os sons atormentados que emitia fossem uma pista.

— Temos mesmo que nos levantar? — perguntou inocentemente, firmando o aperto nele e o observando jogar a cabeça para trás, no travesseiro.

— Sim. — disse, embora tenha desistido e começado a rir.

— Devo parar?

— Não! Oh, Matilda, faça o que quiser comigo. Eu sou fraco, um brinquedo em suas mãos. Eu me rendo. Por Deus, vai me enlouquecer.

Matilda também riu, surpresa com sua capitulação e determinada a fazer com que cada segundo valesse a pena.



De alguma forma, conseguiram descer para fazer o jejum. Phoebe saltou da mesa quando eles se aproximaram e abraçou primeiro Matilda e depois Lucian.

— Bom dia, mamãe! — disse sorrindo para Matilda, antes de dançar em direção a Lucian — E bom dia, papai! Não está uma manhã adorável?

— Está sim. — Matilda concordou, esperando que seu rubor não fosse

muito pronunciado, enquanto guiava Phoebe de volta à mesa.

Tomaram um café da manhã rápido e logo estavam prendendo as toucas e indo até a carruagem. Tardamente, Matilda percebeu por que havia tanto barulho e agitação, aquela manhã. Era dia de feira, e a cena diante deles era do estrondo de carroças e a condução do gado, enquanto vacas e ovelhas eram conduzidas em direção à St. Peter's Street. Para onde quer que olhasse, as ruas estavam cheias de pessoas, o ar pesado, com uma combinação de queijo e comida, estrume e corpos suados. Enquanto iam em direção à carruagem que os esperava, Matilda foi empurrada por um homem, que carregava uma bandeja de torta de carne, muito perfumada. Respirou fundo, quando foi atingida no cotovelo pela bandeja de madeira e o olhar gélido que Lucian dirigiu ao sujeito o fez empalidecer e apressar seus passos.

— Machucou-se? — perguntou, pegando seu braço, com delicadeza.

— Não, está tudo bem. — Matilda disse sorrindo, de forma tranquilizadora.

Ele a puxou para mais perto.

— Montagu!

Lucian se virou e, de repente, ficou paralisado. Matilda não conseguia ver quem o chamara e estava prestes a perguntar, quando Lucian colocou a mão nas suas costas.

— Entre na carruagem. *Agora*.

Antes que ela pudesse protestar, arrastou Phoebe para seus braços e as colocou para dentro. Viu Denton movendo Pippin e a Sra. Frant, com a mesma urgência, na carruagem atrás deles e ouviu Lucian gritar para o cocheiro sair.

Subiu atrás delas e enfiou a mão embaixo do assento, para pegar uma caixa de madeira pesada. Matilda ofegou quando ele abriu a caixa, revelando duas pistolas.

— Qual é o problema? — perguntou, puxando Phoebe para o seu lado — Quem o chamou?

— Não sei. — respondeu, com a expressão sombria — Não consegui ver ninguém, mas não espero que desejassem ser vistos, nem que eu os reconhecesse, se os tivesse visto. Só queria confirmar suas suspeitas e, tolo que sou, acabei confirmando.

O coração de Matilda deu uma batida violenta de ansiedade, mas ela tentou se controlar, para não entrar em pânico — Talvez fosse alguém que o conhecesse e não conseguiu vê-lo.

Lucian balançou a cabeça — Eu nunca duvidei que meu tio tivesse uma variedade de personagens desagradáveis na mão, para vigiar essa estrada, ante qualquer viajante, que correspondesse à minha descrição. Só queria ter certeza.

Fixou o olhar no mundo além da janela, enquanto a carruagem se movia lentamente pela multidão. Sua mão permaneceu sobre a pistola, no assento ao lado, sua tensão era palpável.

— *Idiota!* — praguejou baixinho.

— Lucian, não pode se culpar por se virar ao som do seu nome. É seu nome há décadas, é uma reação natural.

Ele bufou.

— Talvez, mas posso me culpar por trazê-la comigo. Como me deixei convencer a essa loucura...

Balançou a cabeça — Não. Isso não é justo, precisei de pouca persuasão. Eu a queria aqui, comigo. Foi puro egoísmo, e agora, coloquei as duas em perigo.

— Bobagem. — Matilda retrucou — Se tivéssemos sido deixadas para trás, também seríamos alvos. Seu tio saberia que poderia manipulá-lo, se uma de nós estivesse correndo perigo.

— Mas não estaria correndo perigo! — retrucou — Sou um marquês, pelo amor de Deus. Não acha que eu poderia ter contratado um exército de homens, para mantê-la segura? Em vez disso, a trouxe comigo nesta aventura estúpida, e agora...

— E agora, alguém descobriu quem é, e devemos ficar atentos. — disse Matilda, mantendo a voz calma, enquanto seu coração batia erratically no peito — Devemos nos apressar e despistá-los, apenas isso.

— Isso não é bom. — Phoebe balançou a cabeça e olhou para o tio, o rostinho sério e pensativo — Não podemos ter certeza de que os despistamos. Não sabemos se estamos seguros ou não. Então, devemos fazer uma armadilha para eles, confrontá-los. Assim, saberíamos exatamente onde estão.

— Receio que essa seja uma ideia bastante perigosa. — Matilda disse, com um sorriso apaziguador, e pegou a mão de Phoebe.

— Não. — as duas olharam para Lucian, enquanto fitava Phoebe, franzindo a testa — Ela tem razão.

Phoebe sorriu e pulou para cima e para baixo, em seu assento.

— Vamos enganá-los, papai? E depois amarrá-los e jogá-los no rio? Uma pena que não estamos no mar, poderíamos forçá-los a entrar em algum barco. — acrescentou, claramente animada que Lucian aprovara seu esquema.

— Que criatura sanguinária a senhorita é. — ele observou suavemente, embora sua expressão ainda fosse séria — E não sou seu pai, querida, por mais que eu deseje o contrário.

Phoebe franziu a testa, mas Matilda não teve tempo de considerar seus sentimentos no momento, porque estava alarmada com o que Lucian estava pensando.

— Lucian, — disse, rezando para que ele não estivesse falando sério — não pode estar pensando que isso seja uma boa ideia. Certamente, se nos apressarmos...

Ele fez um gesto com a cabeça — Não, eles vão procurar um lugar tranquilo para nos emboscar ou nos matar em nossas camas. Não, isso precisa ser encarado de uma vez.

— Mas...

— Deixe-me pensar, meu amor. — disse, parecendo distraído, enquanto

voltava sua atenção para observar o mundo lá fora.

Matilda não podia fazer nada além de segurar a língua e esperar, por Deus, que pudesse fazê-lo mudar de ideia.



— Isso é loucura. — disse Matilda, pela milésima vez — Nem ao menos temos certeza de que estamos sendo seguidos.

Lucian segurava sua mão e estava com um braço envolto em sua cintura, enquanto a guiava pelo terreno íngreme, que descia até a margem do rio.

— Eles estão nos seguindo. — Lucian disse, não precisava ver os capangas que seu tio enviara para saber que estavam atrás dele.

— Mas, Lucian, não sabe quantos são ou o que farão.

Lucian tinha uma ideia bem precisa do que eles queriam fazer, e todas essas ideias acabavam com ele morto. Outra coisa que sabia era que esses delinquentes, provavelmente, eram assassinos contratados, pagos para fazer um trabalho sujo. Portanto, não deviam lealdade a Theodore, apenas coletariam o dinheiro, após terem concluído o serviço. Dinheiro que seu tio não conseguiria com facilidade, já que Lucian controlava suas finanças e o Sr. Burton, que financiara as loucuras de Theodore, tinha seus próprios problemas. Lucian poderia estar viajando disfarçado... e estar furioso consigo mesmo, por permitir que seu desejo de manter Matilda e Phoebe perto anulasse seu bom senso..., mas não tinha problemas em garantir fundos apropriados. Além do mais, ele *era* Montagu, não importavam as ambições de seu tio, e esses pilantras sabiam disso.

Guiou Matilda e Phoebe pela margem íngreme, que levava ao rio Ouse e sob os arcos escuros e úmidos da Ponte Stratford. Trocaram de cavalo, em Stony Stratford, a menos de um quilômetro, e, embora não houvesse sinal de perseguição, Lucian podia sentir sua presença, como uma tempestade no horizonte.

— Não vou me esconder aqui, enquanto se coloca em perigo. — Matilda se opôs, cruzando os braços e olhando para os arredores sombrios sob a ponte, com desgosto.

— Fará o que estou mandando. — Lucian retrucou, desejando, apenas desta vez, que Matilda não fosse tão teimosa e corajosa. Adorava isso nela, desde o começo, e que o enfrentaria e acabaria com ele, sem pestanejar. Agora, porém, desejava sinceramente que não fosse o caso — Quero que mantenha Phoebe segura. — acrescentou, esperando que isso apelasse aos seus instintos maternos, se nada mais.

Matilda estreitou os olhos para ele — Se vou proteger Phoebe, por que deu a pistola para ela? — Matilda exigiu, indignada.

— Porque nunca manuseou uma pistola em sua vida, como já admitiu, e Phoebe é bastante hábil.

Seu coração doeu com o orgulho nos olhos de Phoebe, e Lucian sentiu uma onda de alívio, por ter ensinado essas coisas à garota. O instinto e suas

próprias experiências lhe disseram que ela poderia precisar de tais habilidades, mesmo que ele quisesse manter sua inocência intacta e sua visão do mundo imaculada. Às vezes, porém, a inocência tinha um preço muito alto, como Thomas descobrira. Então Phoebe estava preparada para um mundo que poderia ser cruel e perigoso, enquanto Lucian fazia o possível para não manchar muito mais a visão dela sobre isso.

Ele se agachou, os olhos fixos no olhar azul-acinzentado de sua sobrinha.

— Repita para mim o que vai fazer.

Phoebe levantou o queixo, seu rosto estava pálido, porém determinado.

— Levantarei a pistola e direi a eles, com clareza e firmeza, para *irem embora*, ou atirarei neles. Vou olhá-los nos olhos e falar em voz alta e não ter medo.

Lucian assentiu, sua garganta ficando apertada.

— E depois? — perguntou.

— Eu não vou abaixar a pistola, mesmo que abaiquem a deles, e vou manter minha guarda alta, pois eles podem voltar.

— E depois?

— Se me sentir ameaçada, não hesitarei. Vou atirar em quem pareça estar no comando.

— E depois?

— E depois vou disparar, como se o diabo estivesse correndo atrás de mim.

Lucian a puxou e a abraçou forte. Fechou os olhos e prometeu a si mesmo que faria seu tio pagar por tudo. Theodore pagaria por ter ignorado sua vida, todos esses anos, pelo mal que fez a Thomas. Por tudo.

— Pippin e a Sra. Frant vão ficar bem? — Phoebe perguntou, com a voz baixa.

Lucian assentiu — Sim, querida. Esses homens não estão interessados nelas. Teriam notado, se eu a tivesse deixado, ou Matilda, para trás, mas Pippin e a Sra. Frant estão mais seguras na aldeia, embora eu possa não estar, quando voltarmos para buscá-las. Pippin estava pronta para fazer parte do esquema.

— Ela estava muito zangada. — Phoebe concordou e abraçou o tio pelo pescoço — Eu amo o senhor. Tome cuidado, está bem?

— Eu prometo. — disse, gravemente — Mas, se algo de ruim acontecer, a Srta. Hunt cuidará de você, ela será a sua guardiã.

— Nada de ruim vai acontecer. — disse Phoebe, comprimindo a boca em uma linha firme — Atirarei em qualquer um que tentar machucá-lo.

Lucian levantou a mão e apontou o dedo para ela — Ficarão... ficará aqui, fora de vista, e não dará um pio, mocinha, ou salteadores e assassinos delinquentes serão o menor dos seus problemas. Quero sua palavra de honra, Phoebe.

Uma expressão amotinada cruzou o rosto de Phoebe e Lucian a olhou.

— Phoebe. — chamou com a voz baixa e cheia de advertência.

Ela bufou, furiosa.

— Muito bem, vou ficar aqui, quieta, como uma boa covarde, enquanto o senhor se coloca em risco de levar um tiro. — murmurou, cruzando os braços e olhando de volta para ele — Palavra de honra.

Lucian soltou um suspiro e a beijou.

— Eu a amo, Bee. Mantenham-se seguras, por mim. — virou-se para Matilda, que parecia tão irritada quanto Phoebe — Por favor, meu amor, certifique-se de que ela fique fora de vista.

Matilda olhou para ele.

— Suponho que espera que eu prometa também? — disse sarcasticamente e cruzou os braços. Seus olhos brilhavam na luz fraca, debaixo da ponte.

— E deve, amor. Tenho que saber que ela estará segura, se algo acontecer comigo. Se meu tio colocar suas garras nela...

Sua voz tremeu e ele parou, incapaz de completar o pensamento.

A expressão de Matilda mudou imediatamente e ela jogou os braços em volta do pescoço de Lucian — Prometo. É claro que prometo. Mas também deve me prometer não fazer nada bobo. Por favor, meu amor.

— Não tenho pressa em permitir a vitória do meu tio, garanto. Tenha um pouco de fé em mim. — acrescentou, com reprovação.

— Muito bem. — Matilda assentiu e se afastou dele, indo até Phoebe e colocando as mãos nos ombros da garota — Faremos o que pediu.

Lucian assentiu, satisfeito, depois se virou com a chegada de Denton.

— Tem alguém vindo. — hesitou em falar diante de Phoebe, mas a criança não era boba — Eu amo as duas. — Lucian disse e se foi.



Lamento pedir esse favor, de fato, acho mortificante ao extremo, mas estou ficando sem opções. Montagu congelou minhas contas e qualquer linha de crédito, e me sinto um pouco envergonhado.

Posso ser tão grosseiro, a ponto de perguntar se poderia me emprestar alguns fundos, até que eu possa remediar a situação?

— Trecho de uma carta do Sr. Theodore Barrington para Charles Adolphus, Barão Fitzwalter.



7 de maio de 1815. Ponte Stratford. Stony Stratford. Buckinghamshire.

Para o observador casual, a carruagem havia sido danificada e não conseguia se mexer, bloqueando uma grande parte da ponte. Os cavalos estavam soltos e comendo grama, na lateral da estrada, enquanto Denton fingia vasculhar um baú de ferramentas, escondido sob o assento do cocheiro. O cocheiro deles, e o cocheiro da carruagem que haviam deixado para trás, na aldeia, estavam ambos escondidos atrás da ponte. Todos armados.

Lucian ficou sentado na carruagem, esperando. Dificilmente esperariam que um marquês sujasse as mãos com trabalho braçal, não importando do que estivesse disfarçado.

Suas mãos seguraram firmes uma pistola, quando ouviu os cavalos se aproximarem. Quatro, pelo que parecia, o que lhes dava chances iguais. Lucian ouviu uma voz grosseira gritar com Denton, dizendo que ele não se machucaria, e pediu a Deus que o homem se lembrasse de fazer seu papel e se protegesse. A porta se abriu e um bandido grande, de bochechas vermelhas, preencheu a abertura. Usava uma gravata vermelha suja cobrindo o rosto e, ao ver Lucian, a puxou um pouco para baixo. Era um bárbaro enorme, com um nariz quebrado e pele manchada por cicatrizes, fedia a suor vencido, licor e fumaça, o que infestou a carruagem. Seus olhos azuis injetados de sangue foram de encontro à pistola que Lucian segurava e sorriu, mostrando uma fileira de dentes, em vários estágios de decadência.

— Bem, bom dia *pra* todo mundo, lorde. — disse, aparentemente destemido, ante a imagem que o recebera. Naturalmente, também segurava uma pistola.

— Bom dia. — Lucian respondeu sem pestanejar — Presumo que veio me matar, em nome do meu tio, e receber uma recompensa?

— *Ocê tá* bem-informado, Vossa Graça. — disse o sujeito, bastante amigável.

Lucian devolveu um olhar fulminante — ‘Milorde’ é o suficiente, sou um marquês, não um duque. Espero que isso não diminua a estima de seus camaradas por meus talentos, dado que o título seja menos elevado do que imaginava.

— Ah, não, Deus abençoe *ocê*, lorde. Todas as pessoa sabe que Montagu é um demônio sem *arma*. Aos meus olho, *ocê* é tão bom quanto *quarquer* duque. Pra não *dizê* *meió*.

— Muito reconfortante. — Lucian respondeu secamente — Mas, antes que coloque um ponto final na minha vida, me pergunto se poderíamos ter uma conversa particular?

O sujeito suspirou e empurrou o chapéu tricórnio com o cano da pistola, devolvendo uma expressão pesarosa — Bem, eu não teria *pobrema* com isso, mas *matá* um nobre é um negócio perigoso, e eu prefiro *fazê* o *trabaio* sujo e *ficá* livre, mas é tudo as mesma coisa *pras* pessoa como *ocê*.

— Bem, como é minha vida que está na balança, não é tudo a mesma coisa para mim. — Lucian disse, cruzando uma perna sobre a outra e recostando-se nas almofadas, aparentemente bastante à vontade — E, como disse, assassinar um nobre do reino é um empreendimento perigoso. Prometo que se fizer isso nunca mais vai dormir em paz. Veja, meu advogado está instruído a publicar um material extremamente desagradável, se eu morrer em circunstâncias suspeitas. O que significa que muitos homens igualmente desagradáveis ficariam muito descontentes se eu tiver um fim *prematureo*. Então, veja bem, isso não lhe traria apenas a inevitável dificuldade de se esquivar das garras da justiça por ter assassinado um nobre. Não apenas a justiça precisaria ser feita rapidamente, para dar o exemplo, mas aqueles homens cujos segredos sujos foram publicados para o mundo, provavelmente gostariam de buscar retribuição pelos problemas que lhes aconteceram. — Lucian deu-lhe o benefício de um sorriso frio — Entendeu o que eu quis dizer?

Um vislumbre de dúvida tremeluziu nos olhos injetados de sangue, e seu assassino esfregou sua mandíbula, sua expressão pensativa.

— Eles *dissero* que *ocê* é um sujeito perigoso de se cruzar o caminho. — respondeu, com o tom pensativo.

— Receio que seja verdade. — disse Lucian — E devo acrescentar que prefiro atirar antes de morrer, do que partir dessa para outra, sem lutar. Receio que nunca fui uma pessoa muito obediente. No entanto, tenho uma proposta, que acredito que valerá a pena, caso decida ficar para aquele nosso particular?

— Oh, sim?

Lucian segurou o olhar. Tinha muitas décadas de prática, escondendo seus próprios sentimentos, para trair qualquer lampejo de dúvida ou ansiedade. Este sujeito não veria nada além da fachada, apenas Montagu em seu estado mais frio e desdenhoso.

— Peça que considere os fatos, senhor. *Sou* o Marquês de Montagu e,

como tal, controlo as finanças de toda a minha família. Incluindo meu tio. Como reduzi severamente seus ganhos, há alguns anos, e, recentemente, aleijei o homem que tem financiado seus pequenos esquemas nesse meio tempo, onde acha que ele encontrará dinheiro para pagá-lo?

— *Ocê* acha que ele vai me *enganá*? — disse o sujeito, a cabeça inclinada para trás em desgosto, sua indignação era genuína.

— Receio que ele não tenha opção, pois não tem um tostão.

— Bem, maldição, o velho *cavalheiro* conseguiu *enganá* o velho Flash. — disse, balançando a cabeça e depois se voltando para Lucian, com os olhos estreitos — *Oia* aqui, como eu sei que *ocê* não *tá* me *enganano* também?

Lucian deu de ombros — Sabe quem eu sou, diz que já ouviu falar de mim, da minha reputação. O que seus instintos lhe dizem? Suspeito que um homem em sua profissão tenha aprendido a ouvi-los.

— Frio como gelo, do jeito que eles *dissero*. — o sujeito murmurou com óbvia admiração, enquanto considerava aquilo tudo.

Lucian segurou a língua por um momento, tentando se lembrar onde ouvira o apelido do sujeito antes e notando um grande rubi brilhando em um ouvido. Era bonito e incongruente, em um personagem tão delinquente e, sem dúvida, o meio pelo qual o sujeito ganhara seu nome.

— Por acaso é o Flash Jack? — perguntou, franzindo a testa.

O grande sujeito bruto se abrilhantou, sorrindo amplamente.

— Sim, lorde. Ouviu *falá* de mim também, hein?

Lucian assentiu — Certa vez conheci um amigo seu. Pelo menos, ele falou que estavam na mesma, er... linha de trabalho. Galloping Johnson, acredito que era assim que se chamava. Fizemos um pequeno negócio juntos, embora tenha sido há anos.

Os olhos de Flash Jack se arregalaram — Velho Johnny? Deus do céu, sim, ele me *contô*, uma vez, sobre um figurão chique *pra* quem ele *trabalhô*. Um *homi* bem intenso, disse ele, e que não deveria *sê* irritado, se *ocê* *soubé* o que é bom *pra ocê*. *Oia* só, *ocê* não quer *dizê*... *Ocê* não é aquele moço que *salvô* Johnny da força?

— Na verdade, sou sim. — Lucian respondeu, com um aceno frio e uma onda interna de alívio, de repente, certo de que estava de volta em terra firme — Estava em dívida com ele por informações que me trouxe, era um delinquente, não um assassino. Não vi razão para ele ser enforcado, então entrei em cena.

Lucian esperou enquanto Flash Jack o encarava firme. Devolveu o olhar do homem placidamente.

— Acho que *vô tê* aquele particular, lorde. — disse o sujeito, e subiu na carruagem.



— O que, diabos, está acontecendo lá em cima? — Matilda perguntou preocupada, andando de um lado para o outro.

Estava passando mal de tanto medo e seu coração estava batendo rápido demais. Fazia séculos, desde que os cavaleiros atravessaram a ponte e, desde então, não houve um pio de ninguém. Para seu intenso alívio, não houve tiros disparados, nenhum choque de espadas ou gritos de dor, mas... o que, diabos, estava acontecendo?

— Talvez devêssemos ir ver. — disse Phoebe, olhando pela lateral da ponte.

Matilda agarrou seu casaco e a puxou de volta.

— Não. Prometemos que ficaríamos aqui. — disse, embora a indignação de se esconder ali estivesse comendo seu estômago.

— Como boas garotinhas. — Phoebe retrucou com desgosto, cruzando os braços.

Matilda olhou para a criança e balançou a cabeça — É melhor seu tio sobreviver, pois não tenho certeza se terei resistência para vê-la debutando na sociedade.

Phoebe deu de ombros — Ele sempre diz que é a sociedade que precisa estar preparada para o meu debut, não eu me preparar para a sociedade.

Matilda sorriu, apesar de tudo — Acredito que ele esteja certo.

As duas se viraram com um suspiro, quando ouviram passos de fora da ponte e Phoebe levantou a arma, segurando-a com as duas mãos.

— Senhorita Hunt, Srta. Barrington... é o Denton.

— Oh, graças a Deus. — disse Matilda respirando aliviada.

Phoebe não abaixou a pistola. O mordomo apareceu, espiando cautelosamente pela lateral da ponte.

— Muito bem, Srta. Barrington, está todo mundo seguro. A senhorita pode abaixar a pistola.

— Tem certeza? — Phoebe perguntou desconfiada, sem se mexer um centímetro — Onde está meu tio?

— Sua Senhoria está fazendo arranjos com um Sr. Flash Jack, senhorita, e pede que venham conhecer seu novo companheiro de viagem.



Matilda fitou incrédula ao ver Lucian descansando na lateral da ponte, conversando atentamente com um homem grande, que parecia uma representação em carne e osso de todos os esboços de salteadores que ela já tinha visto. Correu em sua direção, Lucian estendeu a mão para ela, antes que Phoebe se jogasse sobre ele.

— Olá, Bee. — disse, levantando a garotinha e beijando-a — Fico feliz que não tenha atirado em Denton.

Ela riu quando o tio a colocou no chão novamente e balançou a cabeça, antes de olhar furiosamente para Jack.

— Não seja bobo, mas por que não atirou nesse homem? — apontou para o sujeito, que levantou os braços em um gesto de rendição.

— Ora, *num* fala assim, mocinha. O velho Flash Jack não machucaria *ocê*.

Eu não gosto de *machucá muié*.

— Mas teria matado meu tio. — disse Phoebe, fazendo uma careta para ele, ferozmente.

O calhorda apenas encolheu os ombros e balançou a cabeça pesarosamente — Era negócios, princesinha. *Num* tem nada de pessoal, mas agora seu tio me deu a honra de me *dá* um *trabaio*, então nós está tudo quite, não é mesmo, lorde?

— De fato. — Lucian disse gravemente, embora houvesse um vislumbre de travessura em seus olhos, que Matilda não tinha visto antes.

Isso a lembrou, de repente, do menino no retrato, que a Sra. Frant lhe mostrara, em sua primeira visita a Dern.

— Eu tenho procurado por um sujeito como Jack há algum tempo, e acontece que ele está desejoso de se aposentar da vida nas... *altas estradas*.

Matilda olhou para Lucian, com uma descrença evidente. Parecia presunçoso e bastante satisfeito consigo mesmo, não por apenas ter conhecido um notório salteador, mas tê-lo contratado.

— Ah, bem. — disse o grande bruto, pesarosamente — Pobre George Lyon, partiu dessa pra *meió*, mês passado, e eu não *sô* mais *jove*... É muito perigo pra pouca *recumpensa*, não é como nos bons e *véios* tempo. *Recunheço* que o momento *dos salteador* seguiu outros caminho. *Num tô cum* pressa de subir *os degrau* lá pra cima, e quero *discansá* tranquilo e *confortávil* a noite, então, já *tava* na hora de *trabaiá* honesto, pra *variá*.

Matilda olhou entre o rufião bastante aterrorizante e Lucian, com perplexidade. Phoebe pegou a mão dela.

— Um de seus amigos, George Lyon, foi enforcado em abril, por atacar uma carruagem de aluguel de Liverpool. — Phoebe explicou, gentilmente — Flash Jack diz que prefere não ser enforcado, e está cansado de dormir em lugares desconfortáveis, então trabalhará para o tio.

Lucian respirou fundo e balançou a cabeça, enquanto olhava para a sobrinha — Tenho a terrível sensação de que fui honesto demais com a senhorita, sua pequena marota. Também a proíbo... novamente... de imitar os estribeiros, nem ler os jornais, quando não estou olhando.

— Ah, mas, tio. — Phoebe disse em deleite, olhando para Flash Jack, agora com fascínio — Ele é um salteador de verdade, isso não é maravilhoso?

Pelo brilho nos olhos de Lucian, Matilda acreditava que achasse de fato maravilhoso.

Flash Jack pareceu inchar visivelmente à luz da admiração de Phoebe.

— Ah, mas veja bem, mocinha. Não mais. Agora, o velho Jackie vai *mantê* a senhorita e Sua Senhoria, e a linda dama aqui, longe de *pobremas*. — disse, lançando um olhar caloroso demais e aprovador sobre Matilda.

— De fato, — Lucian respondeu, puxando Matilda para o seu lado e virando-se para se certificar de que os cavalos haviam sido colocados de volta no arnês — mas agora devemos seguir nosso caminho, receio que não consigamos chegar ao Market Harborough antes do anoitecer, se não nos

apressarmos.

Matilda permitiu que ele as levasse de volta para a carruagem e se forçou a não falar nada, até que estivessem se movendo.

— Um dos homens de Jack levará John Coachman de volta a Stony Stratford, para buscar a Sra. Frant e Pippin. Então, nos encontraremos com eles em Northampton, antes de seguir para Market Harborough. — Lucian disse com perfeita calma, como se acordos com ladrões de estrada fossem algo natural.

Talvez sim, por tudo que testemunhou.

Matilda olhou para ele — Lucian Barrington, se não se explicar, neste instante, vou golpeá-lo. Como, diabos, sabe que aquele sujeito não está apenas esperando o melhor momento para matá-lo?

— Porque salvei o Galloping Johnson da forca. — disse, com perfeita gravidade — Há honra entre ladrões, amor.

E então caiu na gargalhada.

Matilda o encarou com espanto e indignação misturados — Não vejo nada de engraçado nisso. — protestou, cruzando os braços — Aquele homem horrível foi enviado aqui para matá-lo!

— Mas não foi nada pessoal. — Lucian respondeu, com apenas uma leve contração dos lábios.

Matilda levantou as mãos, desistindo.

— Tio, — Phoebe disse, uma pequena carranca puxando sua sobrancelha lisa — onde e quando o Sr. Flash iria se encontrar com o tio-avô Theodore, para coletar seu dinheiro?

— Que garota inteligente. — Lucian disse, olhando para a sobrinha com uma combinação de aprovação e profunda apreensão — Temo pelo seu futuro marido, profundamente. O pobre coitado nunca terá um momento de paz. Sei que não tenho.

Phoebe se vangloriou, enquanto Matilda olhava entre os dois.

— O que quer dizer... oh, não! — disse, balançando a cabeça em negativa para Lucian e cruzando os braços, enquanto seu coração disparava — Oh, meu Deus, não. Não pode estar falando sério.

— Mas meu tio está tão ansioso por provas da minha morte, meu amor. — Lucian disse, seus olhos brilhando, e não era maldade que se refletia neles, naquele momento. Era o brilho que se via na ponta de uma lâmina, um momento antes de atingir sua presa com precisão mortal — Acho que devemos providenciar isso. Não acha?



Chegaram na estalagem Three Swans, em Market Harborough, quando os últimos raios de sol estavam se pondo no horizonte. Para a intensa decepção de Matilda, apenas dois quartos estavam disponíveis. Como o dia passou cheio de tensão por todos os lados, dificilmente reclamaria da decisão de Lucian de dar um quarto para as mulheres, e ele e Denton ficarem com o

outro. Ainda assim, estava amargamente descontente. Tiveram tão poucas noites juntos, que perder até mesmo uma delas parecia um golpe pesado. Também não conseguiram um momento a sós, pois chegaram tarde e o jantar foi servido imediatamente, depois foram todos para cama.

Elas, ao menos, tiveram a sorte de garantir o maior quarto, que tinha duas camas de bom tamanho. Então, Matilda compartilhou uma com Phoebe, e a Sra. Frant e Pippin compartilharam a outra.

Embora estivesse exausta, após as provas do dia, Matilda não conseguiu dormir imediatamente. Phoebe se aconchegou nela, seus cachos macios fazendo cócegas em seu queixo, e seu pequeno braço em volta de sua cintura. Matilda abraçou a criança com força e se permitiu a tola indulgência de um sonho impossível, de um futuro em que poderia ficar com Lucian e serem, para Phoebe, os pais que ela tanto ansiava. Um lugar onde o mundo real nunca interferiu. Seus olhos formigaram com a impossibilidade daquilo e se repreendeu por ser uma tola.

Em vez disso, voltou sua atenção para os eventos do dia; sobre como Phoebe era ousada e como seu plano não havia sido descartado por Lucian, e sim executado. Ele nunca tratava a garota com condescendência, sempre ouvia e valorizava sua opinião. Que pai maravilhoso Lucian seria. Amaldiçoando-se, Matilda tentou novamente voltar sua mente para outras coisas e, em vez disso, preocupou-se com a noite em que Flash Jack deveria se encontrar com Theodore Barrington, em High Tor, nas colinas de Heights of Abraham.

Um confronto entre Lucian e seu tio parecia ser a receita para um desastre. Só poderia terminar em derramamento de sangue e, embora Lucian pudesse muito bem prevalecer, não precisava daquela mancha em sua alma, nem da mácula que tal escândalo deixaria em sua reputação. No mínimo, Matilda deveria estar com ele, Lucian não deveria estar sozinho quando enfrentasse aquele homem perverso, e jurou que ele não estaria. Não importava o custo.



Estamos tendo a aventura mais maravilhosa do mundo e agora estamos viajando com um salteador de verdade. Embora seja um delinquente que diz, ele mesmo, que já deveria ter tido a corda no pescoço... quer dizer enforcado, é claro... deu sua palavra de honra que nos manteria seguros. Sua honra parece tão preciosa para ele quanto para meu tio, então, acredito nele. Flash Jack... Jackie, como prefere ser chamado... também prometeu me ensinar a abrir uma fechadura, embora eu o tenha feito jurar não contar para o tio Monty. Nunca contaria uma mentira ao meu tio, mas não vejo por que deveria contar a ele sobre as coisas, antes de fazê-las.

—Trecho de uma anotação da Srta. Phoebe Barrington em seu diário.



8 de maio de 1815, a caminho de Matlock Bath.

Matilda passou o dia inteiro atormentada por uma terrível sensação de desconforto. Chegariam a Matlock Bath naquela noite e Lucian se encontraria com a imprensa, em Liddon Mill, na manhã seguinte. Olhou para o campo, além da janela, enquanto a jornada progredia e o cenário se tornava cada vez mais dramático. Leicestershire, Mount Sorrel e Loughborough iam e vinham e a vasta extensão do rio Trent, brilhando ao sol da tarde. O tempo se fechou quando chegaram a Derby e, quando chegaram ao Old Bath Hotel, os céus estavam escuros e proibitivos, a noite se instalou em Matlock Bath, como um pesado manto de lã.

Phoebe, que esteve de bom humor o dia todo, finalmente cedeu e dormia com a cabeça no colo de Matilda, que sorriu para ela. Durante o sono, a expressão travessa habitual de Phoebe foi substituída por uma expressão pacífica, tão inocente quanto um anjo. Estendeu a mão e enfiou um cachinho atrás da orelha da garota e acariciou sua bochecha acetinada. Dizer adeus a essa criança engraçada partiria seu coração, tanto quanto se afastar de seu tio.

Matilda piscou e se forçou a não pensar nisso.

Quando a carruagem finalmente parou, Matilda levantou os olhos e encontrou Lucian olhando para ela e para a mão que protegia a cabeça de Phoebe. Seus olhos se encontraram e ela viu algo feroz e quente na prata fria,

mas então um laçao abriu a porta e Phoebe se mexeu, e o momento foi perdido.

Matilda admitiu estar um pouco desconcertada por entrar no hotel, pela porta dos fundos.

— Estamos incógnitos. — Lucian a lembrou gentilmente, ao ver sua confusão — E não deveria estar aqui, mas conheço o gerente, e podemos confiar em sua descrição. No entanto, solicitei toda a ala sul do hotel para garantir nossa privacidade.

Matilda assentiu, imaginando se deveria se importar ainda com sua reputação manchada. Perguntou-se se toda a *ton* estava rumorosa agora. A notícia deveria ter se espalhado. Sempre foi assim. O mundo sabia que ela era sua amante? As amigas dela, o irmão? Matilda esperou sentir vergonha, mas isso não aconteceu. Haveria remorso por qualquer dor ou constrangimento que pudesse trazer para aqueles de quem gostava, mas todas as suas amigas estavam felizes e casadas, então, não poderia fazer mal algum a elas, agora. Estava tão livre quanto jamais seria para seguir seu coração, e assim o faria e, quando acabasse, viajaria e veria o quão longe poderia ficar de tudo o que mais amava.

O Old Bath Hotel era grande e luxuoso, e o gerente, o Sr. Elliot, cumprimentou Lucian com uma efusão de prazer obsequioso, que certamente o irritara. Matilda observou, um pouco divertida, quando Montagu surgiu, lidando com frieza e eficiência com o Sr. Elliot, garantindo que o jantar *fosse servido assim que conveniente...* o que o gerente interpretou corretamente como *imediatamente...* e que banho quente, pelo qual o hotel era famoso, fosse disponibilizado para uso privado do grupo, caso desejassem.

O jantar estava excelente, mas todos estavam muito cansados para se deliciar com as atrações do hotel e, por isso, foram levados para seus quartos. Matilda não ficou nem um pouco surpresa ao descobrir que tinha um quarto próprio, notando que o quarto de Lucian ficava no final do corredor, à direita. Deu-lhe boa noite, sem um murmúrio de reclamação, pediu um banho quente e sorriu um pouco, com malícia em seus olhos, quando fechou sua porta.

Matilda mergulhou na grande banheira de cobre, o aroma de flor de laranjeira enchendo o quarto, enquanto adicionava uma quantidade generosa de seu óleo de banho favorito. Desejando mais uma vez que tivesse algo um pouco mais sedutor para vestir, colocou a camisola de renda e o envoltório que a acompanhava, deslizou os pés em um par de delicados chinelos de cetim e escovou os cabelos, até brilhar. Beliscou as bochechas e, gentilmente, mordeu os lábios, até ficarem rosados, olhou seu reflexo, satisfeita. Bem, era certamente o melhor que poderia fazer nas atuais circunstâncias. Apagando todas, exceto uma vela, que levou consigo, Matilda abriu a porta do quarto e espiou o corredor escuro. Estava tudo quieto.

Seus chinelos faziam um som suave, enquanto atravessava o tapete grosso que levava ao quarto de Lucian. Parou por um momento do lado de fora da sua porta, imaginando se deveria ficar mais nervosa por ousar seduzi-lo. Não,

decidiu, sorrindo. Agora era tarde demais. A ironia da situação não passou despercebido.

Lucian a perseguia há quase um ano. O jogo de gato e rato que praticaram o colocou firmemente no papel de predador, caçando sua presa. No entanto, agora, lá estava ela, disposta a dar-lhe tudo o que ele queria, e o maldito gato estava correndo. Bem, já era hora dela fazer o papel da sedutora felina. Foi apelidada de *A Caçadora*, não foi? Aquele nome miserável a seguira, era sussurrado pelas suas costas e jogado na sua cara. Já passava da hora dela abraçar a situação. Melhor ainda, já era hora de viver de acordo com isso. Matilda abriu a porta.

Lucian estava sentado na escrivaninha. Olhou para cima, quando a porta se abriu, seu perfil revestido de ouro, pela única vela acesa na mesa, ao seu lado. Era o tipo de perfil que deveria ser estampado em uma moeda, os ângulos austeros de seu rosto, o nariz reto e a linha intransigente de sua mandíbula, a de um rei ou de um imperador romano. Lucian se virou para olhá-la, sua expressão não revelava nada, o que disse a Matilda mais do que ele poderia ter imaginado. Não demorou muito para Matilda perceber que quanto menos ele mostrava, quanto mais se esforçava para esconder qualquer traço de emoção, mais profundamente Lucian sentia.

— Ah. — disse baixinho — Achei que tivesse concordado um pouco fácil demais.

— Fácil demais, não é? — ironizou, fechando a porta atrás de si.

Matilda se virou para estudá-lo: os dedos longos e elegantes estavam segurando uma pena, a fina camisa branca estava aberta no pescoço, a gravata descartada e as mangas arregaçadas mostravam antebraços surpreendentemente poderosos. Resultado de todo aquele jogo de espadas que devia praticar tão intensamente, sem dúvida. Ninguém mais o via assim, sem a armadura que havia confeccionado com suas vestimentas impecáveis, título elevado e aquele brilho prateado reservado. Muito mais do que outros de sua posição, Lucian mantinha o mundo à distância e não permitia que ninguém se aproximasse, nem mesmo seus iguais. Ninguém via além da fachada, exceto ela e Phoebe. Mesmo seus criados de confiança só tinham vislumbres do que sabiam ser verdade sobre ele, que era gentil sob o exterior rígido, que não era frio como o gelo, mas caloroso e amoroso, e que queria muito proteger aqueles que amava, mantê-los seguros.

Ele pousou a pena — Não vou fazer isso, Matilda.

Ela não fingiu entendê-lo mal — Por que não, quando quero tanto quanto quer?

Seu rosto escureceu e ele se afastou dela — Não me faça dizer em voz alta. Sabe tão bem quanto eu.

— Diga-me, então. Diga-me por que devo me afastar do único homem que amarei, sem saber o que foi me deitar com ele.

Observou o rosto dele de perto, o pouco que podia ver, o ângulo altivo de uma maçã do rosto alta, o golpe dourado de cílios grossos lançados para

baixo, sua mandíbula rígida.

— Porque não está destinada a ficar sozinha, Matilda. Farei tudo ao meu alcance para garantir que ainda possa se casar bem e ter a família que deseja.

— Não! — gritou, a ideia de outro tomar seu lugar era impossível demais, dolorosa demais, para ser contemplada.

— Sim. — disse, falando entredentes — Eu não vou arruiná-la. Não vou pegar o que não posso ter, sem desonrar a nós dois.

— *Não!*

Essa única palavra foi gritada com frustração desta vez, quando ouviu seu tom frio e razoável, querendo sacudi-lo por isso. Sempre quis isso, percebeu, fazê-lo perder o controle, fazê-lo ceder às suas emoções. Conseguiu, supôs, até certo ponto. Agora Lucian estava traçando uma linha, uma linha que ela não podia ultrapassar, pois, naquele momento, ele trairia sua honra. Um soluço subiu por sua garganta, quando percebeu que ele não mudaria de ideia, não cederia. Lucian a forçaria a se guardar para um homem que nunca existiria, pois não havia homem que pudesse tomar seu lugar em seu coração, em sua vida. Embora soubesse que ele estava agindo da melhor maneira, embora entendesse seu raciocínio e o respeitasse, isso não suavizava o golpe. Pesar e uma profunda sensação de perda era tudo o que Matilda conseguia sentir.

Colocou a vela sobre uma mesa, pois suas mãos tremiam demais para segurá-la. Os soluços atormentaram seu corpo, embora fossem gritos silenciosos, sacudindo-a violentamente, enquanto outra parte do seu coração se despedaçou. Tudo desapareceria, assim que aquilo acabasse, sabia disso.

— Meu amor, por favor não....

Quando ele se aproximou, ela percebeu que havia realizado seu desejo. A fachada havia se rompido, sua expressão traía tudo, abrindo seu coração, as lágrimas em seus olhos, o espelho dos dela. Ele a puxou para seus braços, enterrando o rosto no pescoço dela e respirando fundo.

— Não me odeie. — implorou — Por favor, não me odeie. Sei que deveria, mas não posso suportar. Deixe-me amá-la, o melhor que puder, deixe-me dar tudo o que puder, mas não me faça me odiar por tê-la amado.

Matilda deu uma risada sufocada — Eu nunca poderia odiá-lo.

Lucian pegou o rosto dela entre as mãos e olhou-a, uma pequena diversão brilhando naqueles olhos prata.

— Pequena mentirosa. — murmurou — Já me odiou uma vez.

Matilda riu novamente, mesmo quando as lágrimas escorriam de seu rosto, e balançou a cabeça, negando — Não. Eu odiava Montagu, odiava esse maldito título, e ainda o odeio, pois isso nos separa. Eu nunca o odiei, Lucian, não, desde o primeiro momento em que percebi quem você realmente era.

— Eu sou Montagu. — disse, suas palavras gentis, mas firmes — Não nos separe, pois estamos inextricavelmente entrelaçados. Duas metades defeituosas de um todo, e totalmente apaixonado por você, Deus me ajude.

— No entanto, prefere me ver casada com outro. — disse, a dor de suas

palavras ainda eram cruas.

— *Ver?* — repetiu, a voz áspera de amargura — Não. Não quero ver. Morreria antes de me deparar com o homem que terá o que não posso ter. Mas se casará, porque seu coração é generoso demais para não ser gentil com algum pobre tolo, que cairá a seus pés para implorar por sua mão. Vai se casar e ter filhos e, nos próximos anos, serei apenas uma lembrança que evocará de vez em quando, e se recordará como a história de um livro que leu há muito, muito tempo.

Matilda queria protestar por ele pensar que fosse capaz disso, mas Lucian pegou sua mão e a segurou forte, levando-a à boca. Ela ofegou quando os lábios dele pressionaram seu pulso, sabendo que suas veias deviam estar vibrando sob o beijo, como as asas de um pássaro em pânico.

— Queria lembranças. — ele murmurou contra sua pele — Vou lhe dar algo para se lembrar.

Lucian a levantou, arrebatando-a em seus braços, e Matilda não queria mais discutir o assunto. Tudo o que queria era que aquela noite não terminasse. Matilda envolveu os braços ao redor de seu pescoço, enquanto Lucian a carregava para a cama, uma bela distância, desta vez, pois o quarto era grande e opulento. Ele não era mais o pobre Sr. Bennet, com sua renda modesta e o melhor quarto que podia pagar, mas o marquês de Montagu, um homem poderoso e rico, que era temido e admirado em igual medida: Lucian, o homem que sobreviveu à provação de sua infância e manteve seu coração intacto, e o deu a ela.

Deitou-a na cama, a prata em seus olhos brilhando na luz fraca do quarto. Matilda observou enquanto Lucian se afastava e pegava a vela que ela trouxera, e então começou a acender cada lamparina e candelabro.

— Quero vê-la. — disse em resposta ao seu olhar indagador.

Ela deveria ter corado, supôs, mas também queria vê-lo. A atenção dela estava ávida enquanto ele tirava a camisa pela cabeça, um pouco trêmulo, mas se movendo com mais facilidade do que antes.

— A ferida está cicatrizando bem. — observou Matilda.

Lucian olhou para baixo — Sim.

— Terá cicatrizes heroicas para exibir.

Ele riu, um som bastante amargo.

— Se ao menos essas fossem as únicas. — seus olhos se fixaram nela, enquanto desabotoava os botões das calças — A cicatriz mais profunda está bem escondida, mas saberá que está lá, meu amor.

Matilda assentiu., — Vou carregar uma igual.

A respiração dela prendeu quando Lucian se moveu em direção à cama, a luz das velas o lançando em ouro. Acostumar-se-ia fácil com isso, se perguntou, se eles tivessem tido um futuro junto? Teria sido capaz de olhar para ele, um dia, sem sentir seu coração acelerar, sua respiração ficar presa na garganta? Nunca saberia, mas suspeitava que não.

— Eu amo o jeito que olha para mim, — disse ele, enquanto se deitava de

lado, a cabeça apoiada em um braço.

Matilda estendeu a mão e o tocou, seus dedos rastejando nos pelos dourados em seu peito.

— Como eu o olho? — perguntou.

Lucian pegou sua mão e a levou à boca, beijando os nós dos dedos.

— Como se eu fosse tudo o que quisesse.

Matilda sorriu. — Mas é.

O sorriso deixou seus olhos e ele balançou a cabeça — Não sou, mas gostaria de ter tido a chance de tentar.

— Não fale assim. — ela implorou — Não agora. Faça isso desaparecer.

Ela estendeu a mão para ele e Lucian a puxou para mais perto.

— Eu vou. — prometeu.

Lucian cumpriu sua promessa, virando-a de costas e tirando a camisola e o envoltório, antes de beijar cada centímetro descoberto dela. Encontrou lugares que a fizeram tremer inesperadamente, como a pele sensível atrás dos joelhos, a parte de trás do pescoço. Matilda descobriu o prazer surpreendente de sua língua quente percorrendo a curva de seu traseiro, amando-a com ternura extraordinária, suas mãos e boca procurando e acariciando, levando-a ao pico repetidas vezes, até que estivesse entorpecida e exausta.

— Eu não posso mais, seu homem perverso. — protestou, rindo e atordoada, quando ele voltou para o lugar tenro entre suas pernas, mais uma vez. Certamente, Lucian não poderia comandar que seu corpo respondesse com abandono, mais do que já havia feito. Era possível morrer de excesso de prazer? Ela deveria estar correndo perigo. — Lucian, eu não posso!

No entanto, suspirou feliz, enquanto ele ignorava suas objeções.

— Sim, pode. — insistiu, deslizando um dedo no calor escorregadio dentro dela e encontrando um ponto sensível, que a fez exclamar com a intensa onda de felicidade.

— Lucian! — gritou, agarrando-se às roupas de cama, enquanto ele lambia gentilmente a delicada pérola de carne, que parecia tanto fasciná-lo.

Seu dedo voltou para aquele lugar mágico dentro dela e sua respiração ficou presa, quando o prazer a percorreu mais uma vez, curvando seu corpo em um arco tenso abaixo dele, antes que a liberação a tomasse, cada vez mais poderosa, levando-a ao seu ápice e deixando-a mole e extenuada.



— Estou tão sonolenta. — Matilda murmurou, sua frustração com o fato aparente.

Ela o olhou, lutando para manter os olhos abertos, mas Lucian riu e acariciou seu pescoço.

— Durma, meu amor. Não vou a lugar nenhum.

— Não. — protestou — Não vou desperdiçar mais uma noite.

— Vou acordá-la de novo daqui a pouco, prometo. Durma apenas um pouquinho.

Relutante, Matilda fechou os olhos, sua respiração ficou mais pesada e regular, em poucos minutos. Deus, era magnífica, tão sensível ao toque dele, tudo o que Lucian sonhara que seria e muito mais, e como *sonhava* com ela.

Lucian olhou para ela, maravilhado. Estava catalogando cada momento daquela noite, cada gemido de prazer, o som de seu nome gritado em êxtase, cada curva de seu belo corpo, para que pudesse se lembrar de tudo, quando ela não pertencesse mais a ele. Matilda suspirou enquanto dormia, e ele aconchegou seu corpo para mais perto, como se pudesse protegê-la do mal. Uma dor encheu seu peito, tão poderosa, que roubou seu fôlego. O pior mal que já havia acontecido a ela, que jamais *aconteceria* a ela, foi por sua causa e ele sentia uma tristeza enorme e culpa em razão disso. Virou o rosto para o pescoço dela, respirando o aroma de flor de laranjeira e lutando contra a onda de emoção que subia por seu peito. Era tão bonita e o amava. Como isso era extraordinário. Nunca esperou, nunca procurou, assumindo que o amor não era algo que pudesse experimentar por si mesmo. Havia lido sobre isso em poemas e romances com a curiosidade de alguém que lê sobre uma terra estrangeira, sabendo que nunca a veria com seus próprios olhos, e que nunca esperaria encontrá-la, na realidade. No entanto, aqui estava ele, e se perguntou se era uma bênção ou uma maldição.

Quando seus pais e Philip morreram, foi jogado à deriva, seu mundo bem ordenado virou de cabeça para baixo. Até aquele dia, sabia exatamente o que era esperado de todos eles, de Philip como herdeiro, dele e de Thomas. De repente, seus pais e Philip se foram, e os criados começaram a tratá-lo como tratavam seu pai, e todas as lições que ouvira seu pai dar a Philip passaram a ser dele, da noite para o dia. O livro que seu pai escrevera, detalhando tudo o que Montagu deveria ser, tornou-se sua bíblia, seu talismã contra o fracasso, a única coisa que fazia o chão sob seus pés parecer firme.

Lembrou-se do mordomo de seu pai colocando-o em suas mãos, no dia em que recebeu a notícia de que sua família estava morta. Seu pai mal tinha esfriado e Lucian, então com onze anos, sentou-se na grande cadeira de couro, no escritório que se tornara seu, lendo seu dever com o estômago em um nó, tentando, em vão, não chorar.

Montagu nunca mostrava emoção, e ele era Montagu, agora.

Isso havia sido escrito nas primeiras páginas, com palavras como dever e honra sublinhadas em tinta preta espessa. Lucian engoliu as lágrimas e fez um voto aos mortos, a si mesmo, de que deixaria seu pai e Philip orgulhosos. Ele não os decepcionaria. Seria tudo o que Montagu deveria ser. Protegeria o título, sua família, seu irmão...

Bem, já havia falhado com seu irmão, e agora essa mulher havia abalado seu mundo novamente. Por essa mulher surpreendente, queria deixar tudo de lado. Fechou os olhos ao ouvir a voz de seu pai: o sermão sobre dever, sobre casamento para promover os interesses do título, e nunca por qualquer outro motivo. Que estranho que ele pudesse se lembrar do timbre exato de sua voz, o som ressoante de um homem acostumado à obediência cega. Lucian não

achava que seu pai tivesse pronunciado a palavra *amor*. Não tinha certeza se o homem tinha acreditado que isso existia. Certamente, não exibiu nenhum sinal disso.

Lucian mal se lembrava de sua mãe, além do fato de que era absurdamente linda, como uma boneca de porcelana perfeita. Sempre fora uma figura distante em suas vidas, austeramente bela, frágil e intocável. Detestava barulho ou bagunça, e três meninos pequenos, que nunca eram nada além de barulhentos e bagunceiros, tinham pouco apelo, então, raramente se cruzavam. Seu pai se orgulhava dela, Lucian se lembrava disso, como uma bela peça de porcelana ou uma bela pintura. Raramente os via juntos, o que tornava o fato de terem morrido juntos um tanto irônico.

Tinha sido um casamento aristocrático típico, considerado um sucesso por sua espécie: um casamento por poder, dinheiro e procriação, que proporcionara três herdeiros saudáveis..., pois a natureza doentia de Thomas fora um segredo bem guardado. No que dizia respeito à *ton*, eram a família perfeita. Não admira que seu pai tivesse sido tão presunçoso, tão orgulhoso.

Lucian ousou se permitir, como nunca antes, imaginar Matilda como a mãe de seus filhos, e teve que bater à porta para a imagem, ao mesmo tempo em que muitas emoções pesadas cresciam dentro dele. Respirou fundo e forçou o sonho a ir embora, antes que pudesse desvendar o que restava de suas defesas. Não importa o quanto a amasse, o quão digna fosse de ser sua esposa, aos olhos do mundo, ela o prejudicaria, enfraqueceria o nome orgulhoso, que permaneceu por tantas gerações, e seu pai e Philip se revirariam em seus túmulos.

A culpa arranhou seu coração, pesando sobre ele. Por que não poderia ter essa única coisa que realmente queria para si mesmo?

Lucian estendeu a mão para acariciar o cabelo de Matilda, peneirando os fios dourados entre os dedos, e a fina cicatriz em seu pulso brilhou clara, à luz das velas. Lucian a observou, pela primeira vez em quase dezoito anos. Odiava, odiava a prova de sua fraqueza, sentindo uma onda familiar de vergonha. Havia pensado em escapar de seu dever, uma vez antes, dominado pela solidão e pelo fardo da responsabilidade. Pensou que poderia ir em frente, mas, no final, não foi capaz de trair sua família, seu destino, os desejos de seu pai, mesmo nas profundezas do desespero. Então Pippin o salvou, e seu tio nunca soube que Lucian quase havia feito seu trabalho por ele.

Lucian não deixaria seu tio vencer, não poderia decepcionar seu pai e Philip, não poderia permitir que Thomas tivesse morrido por nada. Não havia como escapar. O futuro do título era tanto um laço no pescoço, quanto a circunstância pela qual deveria viver.

Destino.

Fechou os olhos e respirou fundo. A flor de laranjeira, o aroma almiscarado de um corpo feminino exuberante e algo inteiramente próprio da mulher em seus braços o envolveram, afugentando a desolação, pelo menos por enquanto. O perfume de seu corpo era uma combinação inebriante, que enchia

seus sentidos e o deixava tenso de desejo.

— Matilda, — sussurrou, pressionando seu membro dolorido contra as curvas suaves de seu traseiro exuberante — Matilda, acorde, amor. Preciso de você.

Ela suspirou e se virou em seus braços, a vibração de suas pálpebras revelando um lampejo azul, como o vislumbre de um céu límpido em um dia de verão.

— Lucian. — sussurrou, puxando o pescoço dele, abaixando sua cabeça para um beijo.

Ele aceitou o que lhe era oferecido, exigindo mais, aprofundando o beijo, como se algo como o desespero o tivesse dominado. Sua respiração prendeu quando a mão dela deslizou por seu corpo e se curvou em torno de seu membro excitado, já escorregadio por seu desejo por ela.

Matilda interrompeu o beijo de Lucian, para beijar-lhe a mandíbula, arrastando mais beijos pelo pescoço, peito, demorando para provocar seus mamilos, beliscando-os com os dentes. Lucian fechou os olhos e deixou a felicidade tomar conta dele, sua mente ficando nebulosa, quando a boca doce de Matilda se abaixou. Com outras amantes, sempre esteve no controle. Preferia assim, até aquele momento, mas com ela, tudo era diferente. Lucian falava pouco com suas companheiras de cama normalmente, preferindo ações às palavras, mas agora não conseguia parar. Palavras de amor e carinho saíram de seus lábios, e não as teria interrompido, se pudesse. Matilda merecia ouvi-las, mesmo que ele não tivesse o direito de dizê-las.

Matilda se acomodou entre as pernas de Lucian, sua respiração quente tremulando sobre ele, uma tortura inebriante, que ela provavelmente não entendia que estava infligindo.

— Oh, Deus! Por favor! Por favor, amor. — ele implorou, além do orgulho, desesperado por sua boca nele — Eu a quero tanto.

— Assim? — ela perguntou, e deu uma lambida hesitante, da raiz à ponta do seu membro.

A mente de Lucian ficou escura e engoliu uma maldição, agarrando-se ao lençol abaixo dele, reagindo como um inocente àquele golpe tímido de sua língua. As palavras que haviam saído de seus lábios com tanta facilidade, momentos antes, fugiram, deixando-o entorpecido de choque.

— Sim. — murmurou, a respiração saindo de seus pulmões — Ah, sim, bem assim... *Oh, Deus!*

A sensação decadente de sua boca se fechando sobre ele era tão avassaladora que se sentiu como um garoto inexperiente, pronto para gozar, ao primeiro toque da mão de uma garota.

— Gosta disso? — Matilda perguntou, a indagação um pouco tímida.

Lucian fez um som sufocado, em algum lugar entre riso e desespero. Como ela fez isso com ele? Esteve entediado até a morte, nos últimos anos, a mais habilidosa das amantes apenas traria uma liberação, nada mais. No entanto, mal um toque de sua boca e ele estava à beira de um precipício, segurando-se,

como se sua vida dependesse disso.

— Sim. — conseguiu dizer, de alguma forma desenterrando a memória do que eram as palavras e como usá-las — Sim, gosto muito disso.

— Ah, bom. — disse, satisfeita — Eu também.

Suas palavras dispararam direto para a virilha dele e o pequeno som de prazer que ela fez, enquanto repetia a ação, era quase mais do que ele poderia aguentar.

— Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus. — murmurou, rezando para que pudesse aguentar. Não queria que essa deliciosa tortura acabasse antes de começar.

— É como seda quente aqui. — disse, em tom reverente, passando a ponta do dedo sobre ele, o fazendo tremer — Gosto do seu sabor.

Lucian gemeu e jogou o braço sobre os olhos, agarrando-se à sanidade, por um fio. A necessidade de virá-la de costas e se perder dentro dela era tão poderosa que poderia ter gritado de frustração e arrependimento, à menor provocação.

Matilda voltou a falar com ele, inexperiente, mas com uma confiança crescente. Lucian se concentrou em respirar, em se agarrar ao prazer proibido e extraordinário daquela noite, que seria tão fugaz quanto o nascer do sol, a sua beleza lembrada de forma imperfeita, nunca à altura da realidade impressionante, quando revisitada pela mente, em outro momento.

— Quero-o dentro de mim, Lucian.

O apelo em sua voz desfez seu controle, o pouco que restava, e ele a alcançou, puxando-a para seus braços, saqueando sua boca. Ele a rolou de costas e se moveu rápido, entre suas pernas. Matilda se abriu para ele imediatamente, dando-lhe as boas-vindas ao berço de seu corpo. Seus corpos se moviam por instinto, prontos para se encaixar, então Lucian congelou, no ponto de deslizar dentro dela, para a perfeição que sabia que o esperava.

— Lucian. — implorou, e ele ouviu o apelo em sua voz, ouviu as demandas urgentes de sua própria carne, enquanto enterrava o rosto em seu pescoço e respirava fundo, firmando-se — Está tudo bem, por favor, eu quero isso.

Ele fechou os olhos, querendo enfurecer-se e esbravejar, enquanto balançava a cabeça negativamente, detestando-se por negar qualquer coisa que ela quisesse, quando na verdade queria dar tudo. No entanto, isso não seria dar, mas receber, e ele *não* podia desonrá-la completamente, não podia arriscar engravidá-la, e não tinha controle suficiente para prometer que não deixaria isso acontecer.

Ela soltou um som entre uma risada e um soluço.

— Maldito seja, Lucian, e sua maldita honra.

— Sim. — concordou, totalmente miserável. Lucian se virou de costas e a soltou, um pouco surpreso quando ela se aproximou — Sinto muito.

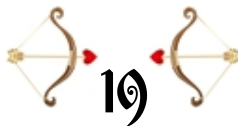
As palavras soavam vazias, patéticas, e ele nunca se odiou mais.

— Eu sei. — disse, pesar e perdão na voz.

Ela se moveu sobre ele, seus cabelos fazendo cócegas em seu peito,

enquanto pressionava beijos em sua pele, e sua respiração prendeu quando deslizou seu corpo intimamente contra seu membro excitado. Ele a observou se sentar, seus cabelos, um punhado de cachos dourados, em torno de seu lindo rosto, seus olhos azuis olhando para ele com tanto amor, que sentiu que seu coração iria explodir. Ela se inclinou e pressionou sua boca na dele, e Lucian agarrou seus quadris, assumindo o controle, querendo que Matilda tivesse prazer com ele.

Ela suspirou e fechou os olhos novamente. Lucian a observou, imprimindo a visão em sua mente, enquanto Matilda se remexia sobre seu membro, até gritar, agarrando seus ombros, ele não conseguiu mais se conter, a puxou para perto e a abraçou forte, naufragando na tempestade, até que ela os separasse, para sempre.



Querida Ruth,

Não sei se terá a sorte de interceptar esta mensagem na sua viagem para Londres, mas, se conseguir, por favor, venha imediatamente para Matlock Bath. Matilda está lá e vai precisar de todas nós.

Venha rápido, com muito amor,

— Trecho de uma carta da Sra. Bonnie Cadogan para a Sra. Ruth Anderson.



9 de maio de 1815, The Old Bath Hotel, Matlock Bath, Derbyshire.

— Eu gostaria que a senhorita também pudesse vir. — Phoebe disse, com um suspiro.

— Eu também. — Matilda respondeu — Queria muito visitar os moinhos e ver tudo o que seu tio tem feito para melhorá-los. Mas deve me contar tudo sobre isso, depois, então, pegue seu chapéu e luvas e prepare-se. Não quer deixar seu tio esperando.

Matilda observou a garotinha correr, levantando os olhos, um momento depois que Lucian entrou no quarto. Ele roubava seu fôlego sempre que fazia isso, impecavelmente vestido e bonito, exalando poder, como nenhum outro homem que já conheceu. Matilda sorriu para ele quando se aproximou e pegou sua mão, curvando-se sobre ela e beijando seus dedos, um gesto cortês que a fez sorrir.

— Bom dia, meu amor.

— Já me deu bom dia, hoje. — ela observou, ousando lembrá-lo de como a acordou aquela manhã e tudo o que se seguiu.

— Já sim. — disse, o fogo em seus olhos trazendo uma faísca de calor para o interior de seu corpo.

— Está levando Phoebe contigo. — comentou, arrancando os olhos dele, antes que a tentação de se jogar em seus braços e desarrumar sua gravata perfeita se tornasse muito avassaladora.

— Desaprova?

— Não. — disse, franzindo um pouco a testa — Pelo menos, acho que não, mas... se for um lugar muito horrível...

Lucian assentiu, entendendo imediatamente, como sabia que ele faria — Não é mais o lugar desumano que já foi, mas também não é confortável para se estar, mas quero que Phoebe veja. Vivemos vidas douradas e é perigoso acreditar que qualquer coisa além da sorte nos separa delas. Phoebe deve

apreciar o privilégio com que nasceu e as responsabilidades que a acompanham. Não é mais justo do que eu não poder me casar com a mulher que amo do que eles viverem do jeito que vivem, mas é o mundo em que nascemos.

Matilda o olhou, um pouco surpresa, mesmo depois de tudo o que aprendera sobre ele — Acredita que não é nada mais do que sorte o que o separa de um mendigo das ruas?

Lucian deu de ombros — Sorte, circunstância, como quiser chamar. Um acidente de nascimento, do destino.

Ele riu quando a boca dela se abriu, e Matilda a fechou, com um estalo.

— Nunca ouvi ninguém de sua posição falar assim, nunca ouvi ninguém que não acreditasse em seu próprio sangue, na criação que os tornou superiores.

Um bufo zombeteiro foi sua primeira resposta, e ela viu o brilho de Montagu em seus olhos, altivo e aristocrático.

— Naturalmente, a classe produz vantagens, a educação superior sendo apenas uma parte delas. Meu sangue é mais azul do que a maioria das pessoas fora da família real, mas quem decidiu que nasci para ser Lucian Barrington, e que destreza poderia ter me feito crescer em um lar de pobres? Não pretendo entender se essa é a mão de Deus, do destino, da biologia...

Fez um gesto desdenhoso, o pesado anel de sinete de ouro que usava no dedo mindinho brilhando — Mas todos nós temos dois olhos, duas mãos, dois pés, um coração e todas as outras partes componentes, que nos tornam iguais.

— Sempre o achei tão convencido. — disse Matilda, balançando a cabeça — Toda a conversa sobre a superioridade dos Barrington, sobre procriação e poder, nunca veio de você, não é mesmo? Herdou tudo.

Ele deu de ombros — Fui criado para acreditar nisso.

— No entanto, não acredita.

— Não mais do que acredita. — rebateu — Sei que tratou todas as suas amigas com a mesma gentileza, a mesma lealdade extraordinária, não importando quem fossem ou as circunstâncias de seus nascimentos.

— Eu já tive um bom nome. — disse Matilda, seu tom pensativo — Um que a *ton* acolhia, e isso tudo desapareceu, em um piscar de olhos. No entanto, não mudei nem um pouco. É tudo uma invenção. Essas regras que criamos para nós mesmos e que nos aprisionam, de uma forma ou de outra. Deveríamos abandoná-las todas.

— Faria isso se eu fosse mais poderoso. Faria. Mudaria o mundo se pudesse. — disse, com tanto anseio em sua voz, que seu coração doía. Então, ela sorriu, tentando aliviar o clima.

— Sim, acredito que sim. Que sujeito extraordinário é.

Lucian riu, seguindo-a, antes que suas palavras desviassem suas emoções.

— Finalmente ela percebeu. — disse, com um suspiro, seguido por um movimento peculiar de seus lábios, que lhe deu um vislumbre tentador de uma daquelas covinhas indescritíveis.

Matilda riu, desejando poder fazê-lo sorrir com mais frequência, e que não fosse um prazer tão fugaz, desejando poder afastar a solidão e o fardo da responsabilidade pelo bem de Lucian, não apenas em razão dos dias que lhes restavam. O baile de sua tia miserável estava, sem dúvida, sendo planejado, com precisão militar. Dia dezenove, dissera. Isso queria dizer que restavam dez dias, até que Lucian anunciasse seu noivado. Matilda se perguntou se ele já havia feito sua escolha e mordeu a língua contra o desejo de se torturar ainda mais, perguntando.

Phoebe correu de volta para o quarto, arrumada e bonita, em um simples Spencer azul escuro, que combinava com o casaco de seu tio, e um gorro liso com uma fita azul.

— Como os dois ficam bonitos juntos. — disse Matilda, estabilizando um tremor repentino em sua voz, ao notar a semelhança entre eles. Não era apenas na aparência, embora as maçãs do rosto altas e a pele clara fossem certamente da mesma linhagem, mas na inclinação de suas cabeças, um gesto descuidado de suas mãos, uma graça e elegância na maneira como se moviam, que era inerentemente natural e que não podia ser aprendida.

— Se estivesse conosco, teríamos um conjunto que combinasse. — Phoebe observou, seu sorriso caindo quando Matilda teve que desviar o olhar para conter as lágrimas.

— Venha, querida. — Lucian disse, sua voz suave — É melhor irmos. Nos vemos esta tarde, Matilda.

Matilda respirou fundo e se recompôs, balançando a cabeça e retribuindo um sorriso, que parecia falso e desconfortável — Certamente, e espero ouvir tudo sobre isso.

Phoebe foi até ela e beijou sua bochecha, antes de sair correndo do quarto. Lucian olhou para Matilda, por um longo momento, mas não se aproximou. Sabia que ele não confiava em si mesmo, mais do que ela confiava em si mesma, para não se agarrar às lapelas dele e não o perder de vista, nunca mais.

— Até mais. — disse, na esperança de facilitar as coisas para ele.

Ele fez uma leve reverência, o vislumbre de um sorriso em seus lábios, e então se foi.



Lucian suprimiu um arrepio quando a carruagem os levou para mais perto de Liddon Mill. Não acreditava em magia ou fantasmas, mas sentiu o peso de toda a maldade feita aqui, quando o moinho apareceu. Apesar de tudo, puxou Phoebe para mais perto e pegou a sua mão. Ela foi de bom grado e Lucian pensou que talvez também sentisse, embora não tivesse lhe contado os detalhes do que havia acontecido ali. Algumas verdades eram muito sórdidas para os ouvidos de uma criança, e a protegeria o quanto pudesse.

Phoebe não saberia, como ele, das abominações que haviam ocorrido naquele lugar. Parecia impossível acreditar, pois a beleza tranquila de seus

arredores era de tirar o fôlego.

O Water-Cum-Jolly Dale, como era deliciosamente chamado, deveria ter sido um lugar onde as crianças corriam, brincavam e riam, mas isso nunca aconteceu ali, embora Lucian estivesse se esforçando para mudar isso. Essas crianças foram roubadas de Londres, todas órfãs, e abandonadas aos seus destinos aqui, pelos “Guardiões dos Pobres”.

O estômago de Lucian revirou quando conheceu a história, como, com a promessa de aprender um ofício, o Sr. Burton havia levado crianças como aprendizes contratadas. Os orfanatos dos quais ele as havia tirado estavam felizes, pois pagou pelas crianças, e estas acreditavam que aprenderiam um ofício útil e, portanto, abandonariam suas vidas de miséria, embora não soubessem ler nem escrever. Para isso, Lucian descobriu que haviam aguentado trabalhos perigosos, levantando-se às cinco da manhã e laborando por quinze horas, de segunda a sexta-feira, e dezesseis horas nos sábados, sendo uma hora gasta limpando as máquinas perigosas. Estavam famintas e exaustas, então mutilações e acidentes fatais se tornaram comuns, com doenças e epidemias abundantes. Os corpos eram, então, carregados sob o manto da escuridão e enterrados em valas, sem identificação. Lucian fez o que pôde, criando um memorial para os desaparecidos, mas era uma compensação lamentável, por muitas vidas perdidas. Aqueles pobres coitados que sobreviveram ao regime bárbaro de Burton eram desligados quando chegavam ao final da adolescência e retornavam às ternas misericórdias das casas dos pobres. Afinal, havia um suprimento pronto de pequenos órfãos, que eram mais baratos de alimentar e mais fáceis de controlar do que seus colegas adultos.

As punições corporais, mesmo para os menores delitos, eram cruéis e viciosas, e deixaram Lucian doente, quando ouviu falar delas. Foi a coisa mais difícil não cortar o Sr. Burton em pedaços minúsculos, quando teve a chance, não fazer sua própria justiça, sabendo de quem era a mão que havia direcionado tal tratamento. Se não fosse pelo risco de seu tio encontrar uma maneira de usar o crime contra ele, Lucian teria feito.

Respirou fundo, quando a carruagem finalmente parou e se virou para olhar para Phoebe — Está pronta, querida?

Phoebe assentiu, seu pequeno rosto solene, e Lucian apertou sua mão.

— Então, é melhor irmos.



Matilda colocou o livro de lado, quando ouviu a porta se abrir. Lucian entrou, segurando a mão de Phoebe, e um olhar lhe dizia tudo o que precisava saber. Estendeu os braços para Phoebe e a garotinha correu para eles.

— Está bem, querida? — Matilda perguntou, gentilmente.

— Estou. — Phoebe disse, parecendo um pouco abalada — Mas espero que o tio tenha machucado muito aquele homem perverso. Muito mesmo.

Matilda a abraçou.

— Acredito que ele já fez isso. — respondeu, incerta se essa era a coisa correta a dizer a uma garotinha, mas ciente do suspiro de alívio de Phoebe com suas palavras, a tensão diminuindo de seu corpo esbelto.

— Vamos consertar as coisas, não vamos? — Phoebe disse, olhando para Lucian, em busca de confirmação — Já melhorou bastante, mas o tio vai construir novas casas para os trabalhadores e tornar as condições dentro do moinho mais seguras para eles, e com melhor remuneração.

— Sim, amor. — disse Lucian — Faremos tudo isso, prometo.

— Gostaria de tirar o chapéu e as luvas, agora? — Matilda perguntou, soltando Phoebe por fim e puxando as fitas do chapéu, quando a menina assentiu.

— Sim, obrigada, e acho que gostaria de ver Pippin.

Matilda assentiu, sorrindo, ciente de que Pippin também dava excelentes abraços — Pode ir, então.

Esperou até que a porta se fechasse e se levantou, indo em direção a Lucian — Precisa de um abraço também?

Ele deu uma risada instável e assentiu — Preciso.

Matilda estendeu os braços e Lucian se moveu para dentro deles, apoiando a cabeça sobre a dela, com um suspiro — Não haverá dúvida da história, agora. Será publicada em todos os principais jornais do país, e Burton será processado por sua participação. Deus, Matilda, se alguma vez existiu um lugar assombrado...

Balançou a cabeça, como se estivesse tentando se livrar dos pequenos fantasmas.

— Vai consertar as coisas. — disse, acreditando nele — E permitirá que os fantasmas descansem em paz.

— Tem tanta fé em mim. — disse, espantado, tocando um dedo em sua bochecha — Como Phoebe, acreditando que posso consertar tudo.

Ela devolveu um sorriso melancólico — Talvez não tudo, mas isso sim.

Ele assentiu e a segurou com força, até que uma batida soou na porta. Com um suspiro pesaroso, a soltou e colocou alguma distância entre os dois.

— Entre.

Para surpresa de Matilda, Flash Jack entrou, olhando em volta do luxuoso quarto de hotel, com os olhos quase nos talos. Perguntou-se o que ele acharia do Palácio de Dern, quando o visse. Ele agarrou seu chapéu de tricórnio surrado nas mãos, anéis de prata brilhando em seus dedos carnudos.

— O encontro *tá* pronto como pediu, lorde. — disse Jack — O sujeito *tá* escondido numa cabana pequena, *nas alturas*, então *num* tem como ele *encontrá* seus jornalista. Tenho *cumpanhêros observano* ele de perto, por precaução.

Lucian assentiu — Irá encontrá-lo hoje à noite?

— Sim, seis hora, antes que escureça. Mais *nóis* tem o *pobrema* da prova. Usei essa camisa, como o *sinhô* disse. — acrescentou, enfiando a mão em um dos bolsos espaçosos de seu sobretudo e puxando uma camisa de linho fina,

encharcada de sangue seco.

Matilda exclamou com choque, quando Jack estendeu a mão para acalmá-la.

— *Num* se preocupe, moça. É só *sangui* de porco, mas a camisa é do *sinhô* seu lorde, pra que o *vêio* tio acredite que ele foi morto. E o *sinhô* disse que me daria seu sinete e tudo, lorde.

Lucian assentiu, dando a Jack o benefício de um de seus olhares mais frios — Sim, e espero que me seja devolvido prontamente, ou nossa associação será curta, assim como sua expectativa de vida.

Jack devolveu um olhar reprovador, seu rosto abatido se acomodando o mais próximo possível da afronta inocente que era capaz de alcançar — Ah, veja bem agora, meu lorde. Jurei fidelidade *pro sinhô* e eu estava *falano* de verdade.

— É *milorde*. — Lucian disse friamente, puxando o anel de sinete de ouro, com dificuldade — Eu sou um marquês, não Deus Todo-Poderoso, embora possa não apreciar a diferença, se renegar nosso acordo.

A boca de Jack se curvou.

— Sim, *sinhô*. — disse, gravemente.

Lucian respirou fundo e jogou o anel para ele. Jack o pegou habilmente em uma mão do tamanho de um jarrete de presunto e o enfiou em um bolso interno.

— Tem certeza de que *num* quer que eu corte a garganta dele e acabe com isso? — perguntou para Lucian, um brilho perverso nos olhos — Devo isso *pra* ele, por *enganá* eu.

— Uma oferta tentadora. — Lucian respondeu secamente — Mas decidi, há muitos anos, que não permitiria que ele me fizesse à sua própria imagem. Não vou mudar de opinião nesta fase final do jogo.

— Jogo? — Jack repetiu, uma sobrancelha escura levantando-se.

— Um jogo. — Lucian concordou, sua expressão sombria — E perigoso. Não subestime meu tio e acredite que ele é o velho agradável que parece ser. Ele surgirá assim, garanto, mesmo que saiba que ordenou que minha garganta fosse cortada. Acredita que você e seus homens são as únicas testemunhas do assassinato de seu sobrinho, os únicos que podem implicá-lo. O matará, sem pensar duas vezes. Não lhe vire as costas ou lhe dê a oportunidade.

— Ah, *sinhô*, tá ensinando o padre a rezar a missa. *Mais* eu aprecio a preocupação. Vou *voltá* em breve, com o seu aro, *dô* minha palavra.

Cuspiu na mão e estendeu-a para Lucian, que olhou para ela com nojo e indignação misturados.

— Certo. — Jack disse, limpando a palma da mão apressadamente nas calças — Então eu já *vô ino*.

Matilda observou enquanto o grande homem saía correndo do quarto e virava o olhar para Lucian.

— Aro? — indagou com interesse.

Lucian sorriu para ela, aquele olhar malicioso firmemente de volta em seus

olhos — Acredito que seja uma expressão para anel.

— Ah. — disse Matilda, acenando com a cabeça — As coisas que se aprendem na sua companhia, Lucian Barrington. Dificilmente posso lhe dar crédito quanto a isso.



Os três tinham acabado de terminar o jantar, quando Flash Jack voltou.

— Mande-o entrar. — Lucian disse alegremente ao gerente de hotel, bastante irritado, que acabara de parar de protestar por ter um bandido entrando e saindo de seu belo estabelecimento.

A mandíbula do Sr. Elliot estava rígida e determinada, até Lucian fixar o olhar gelado no homem. Depois de um momento desconfortável, o gerente empalideceu, curvou-se e saiu correndo. Jack entrou, alguns momentos depois, com um rosto como um trovão.

— Maldita doninha escamosa fedorenta. — Jack disse furioso, quando se aproximou da mesa — Queria me *dá* vinte conto em vez de cinquenta por *trabaiá* o *sinhô*. Como se eu fosse *vendê* meu pescoço por quase nada de retorno. Eu deveria ter botado ele *pra durmi* com uma pá, o canalha, mas fiz como o *sinhô* me pediu, embora me doesse muito.

— Cuidado com a língua, seu velho patife. — Lucian disse suavemente, enchendo uma taça de vinho e entregando-a a Jack, que se animou perceptivelmente.

— Perdão, moça. — disse à Matilda, tirando tardiamente o chapéu da cabeça, antes de se virar para Phoebe e sorrir — Princesa.

Matilda assentiu e escondeu um sorriso.

— Boa noite, Jack. — disse Phoebe — Nós avisamos que o tio Theodore iria enganá-lo. Ele é um homem muito astuto.

— Sim. — Jack disse amargamente — *A genti* não pode *confiá* em ninguém, hoje em dia. — acrescentou, sem sequer um traço de ironia.

Matilda chamou a atenção de Lucian e viu o vislumbre de diversão ali.

— Meu anel? — Lucian perguntou e estendeu a mão.

— Ah, sim, o facínora queria *ficá* com tudo, mas eu não queria, não quando ele tava me *deveno* trinta guinéus. — a expressão de Jack era de justa indignação quando se atrapalhou com o bolso do casaco e pegou o anel de sinete, devolvendo-o a Lucian.

— Se saiu bem, obrigado, Jack. — Lucian respondeu, deslizando o anel de volta — Será recompensado, como prometido. Teve algum problema?

Jack balançou a cabeça — Não, mas foi como o *sinhô* disse. *Vêio* assustador... É como o diabo quando *ocê* sabe como ele é. Como se fosse sincero, mas eu sei que ele tinha *uns ferro* debaixo da mesa e *tava* pronto pra *usá*, se eu tivesse dado a chance. *Mais* o *vêio* Jack é muito astuto, e *escapamo*, sem *dá* a chance deles *alcançá* nós.

— O que disse a ele?

— Como disse, *sinhô* lorde. — Jack tomou um gole apreciativo do vinho

— Isso é bom, ah, como é bom. — disse, batendo os lábios.

— Jack. — Lucian pressionou.

— Sim, *sinhô* lorde, *descurpa*. Eu disse *pra* ele que ia me limpar e vir visitar a linda moça que estava com o *sinhô* quando eu, er...

Ele fez uma pausa, franzindo a testa, enquanto olhava para Matilda e Phoebe.

— Quando cortou a garganta do tio? — Phoebe disse, prestativamente.

— Sim. — respondeu Jack, limpando o rosto — Disse *pra* ele que *nóis* tinha uns negócio *pra resolvê*, porque ela não queria que *as pessoa* soubesse que estava com o *sinhô* e se meter em algum escândalo, e eu queria manter minha cabeça em cima do meu pescoço. Disse *pra* ele que *nóis ia fazê* um acordo, mas não o que era.

— Acha que ele acreditou?

— Oh, sim. Deixei um *dos menino* lá e ele vai *corrê* na frente, assim que o homem estiver em movimento, vindo aqui, esta noite. Acho que ele sabe que a moça percebeu quem estava por trás disso, e vai querer calar ela.

Lucian assentiu — Muito bem. Me informará no momento em que ele chegar. Acho que mal posso esperar para ver a expressão em seu rosto, quando me vir ressuscitar, como Lázaro, dos mortos. Enquanto isso, leve a Srta. Hunt e a Srta. Barrington para seus quartos e as proteja com sua vida. Meu tio não vai chegar perto delas, está me ouvindo?

— Sim, *sinhô* lorde.

— Não.

Ambos olharam para cima, quando Matilda balançou a cabeça.

— Não, Lucian, isso não vai funcionar. Seu tio deve vir armado, e já foi baleado uma vez, este mês. Não vamos arriscar outra bala, por favor.

— Devo concordar. — disse uma voz da porta, quando Pippin entrou — Não vou querer todo o incômodo de remendá-lo novamente, milorde.

Caminhou até a mesa, franzindo os lábios em descontentamento, enquanto olhava para Jack. Jack retribuiu o favor, embora não parecesse nem um pouco descontente. Seus olhos escuros brilharam, apreciativamente.

Lucian balançou a cabeça — Meu tio espera lidar contigo, Matilda. Vai acreditar que pode assustá-la e silenciá-la, com histórias de escândalo. Quando perceber seu erro, e que estou muito vivo, ficará furioso, mas não atirárá em mim, na frente dos criados e hóspedes do hotel, pois será enforcado por isso. Então, teremos uma pequena conversa, e Jack e seus homens o escoltarão até as docas mais próximas, onde o mandarei de volta, sob guarda armada, para a Índia, e, desta vez, não será tratado tão gentilmente quanto antes. Não vai voltar.

Para surpresa de Matilda, Jack sorriu-lhe reconfortante.

— Não se preocupa, moça. *Sinhô* lorde *tá* certo. O *véio* diabo não pode *fazê* isso em público e *meus homem* vai *protegê ocês*, não se preocupa.

Pippin fez um som mordaz de desacordo, e Matilda franziu a testa, igualmente infeliz com o arranjo e prestes a dizer isso, quando vozes altas

soaram do lado de fora da porta.

Lucian olhou para Jack, que balançou a cabeça.

— Não é seu tio. *Meus homem* teria avisado. — protestou.

Jack estava certo, e Matilda deu um grito assustado de surpresa, quando a porta se abriu e seu irmão apareceu, seguido, em rápida sucessão, por... por *todo mundo*, aparentemente.

— Por Deus, Nate! — Matilda exclamou, levantando-se — O que está fazendo aqui?

Nate avançou sobre a mesa, ignorando-a completamente e perseguindo Lucian, que levantou lentamente, com o rosto inexpressivo.

— Miserável. — rosnou Nate, seu tom enraivecido — Nomeie seus padrinhos.

— Nate! — Matilda gritou, colocando-se entre os dois homens, um momento antes de Nate agarrar a gravata de Lucian — Pare com isso, imediatamente!

Houve uma espécie de luta, quando seu irmão foi contido entre o Conde de St. Clair e Gabriel Knight, e Matilda observou o acontecimento, espantada.

— Qual é o significado disso? — ela exigiu, incerta se deveria estar tocada ou indignada com a interferência deles.

— Viemos levá-la para casa, Tilda. — disse Nate, arrancando os braços do aperto dos dois homens — Sua reputação foi destruída por esse desgraçado e por todas as histórias desprezíveis que circulam na *ton*.

— Não foi por *isso* que viemos. — Alice disse, olhando para o marido, correndo para Matilda e pegando sua mão — Viemos para ficar ao seu lado, Matilda, porque... porque achamos que vai precisar de todos nós. Nate está certo, querida. As histórias são simplesmente horríveis, embora Helena nos tenha assegurado que não são verdadeiras. — acrescentou, olhando para Lucian, com um olhar duvidoso.

— Como pôde?

Matilda olhou em volta e viu que o marido de Prue, o duque, havia se dirigido a Lucian, embora Prue não estivesse ao lado dele. Lucian estava muito quieto, sua expressão tão fria e séria como já vira antes. Olhou para Phoebe, que estava com Pippin e estendeu os braços. Ela correu até ele, que a pegou, antes de se virar para Bedwin.

— Eu gostaria que minha sobrinha voltasse para o quarto, antes de ser submetido a um interrogatório.

— *Agora* pensa na sua sobrinha e deseja zelar pela propriedade? — Bedwin disse, com óbvia aversão.

Como ele se atrevia.

Matilda sentiu uma raiva protetora dominar sua língua.

— Com licença, Vossa Graça. — disse, surpreendendo-se com a força de sua própria fúria — Me perdoe a observação, mas isso não é da sua conta. Vossa Graça não tem a menor ideia do que está acontecendo, e eu sou uma mulher adulta. Tomo minhas próprias decisões. Não preciso que o

duque, ou você, Nate, — acrescentou, virando-se para encarar o irmão — falem por mim. Lucian não me pediu para vir com ele, assim como não me pediu para segui-lo até Dern. Na verdade, se esforçou muito para me fazer ir embora. *Eu* recusei. *Minha* decisão, e embora esteja mais do que tocada por todos terem vindo até aqui, não preciso nem quero ser resgatada.

— Que poder tem sobre ela, seu desgraçado? — Nate disse furioso, enquanto Jasper e o Sr. Knight o agarravam novamente.

— Não fale assim com ele! — Phoebe gritou, soltando a mão de Lucian e correndo para chutar a canela de Nate — Tio Monty a ama, e ela o ama também.

Nate gritou, tanto pelo choque quanto pela dor, Matilda pensou, e Phoebe prontamente começou a chorar.

— Oh, Phoebe, minha querida. — disse Matilda, com o coração partido, quando a garotinha correu de volta para Lucian, que a abraçou e a segurou com força, acalmando suas lágrimas.

Virou-se para o irmão, furiosa — Nate, viu o que fez?

Nate olhou-a, boquiaberto.

— Ela me chutou! — reclamou, indignado.

— Insultou o tio dela. — Matilda retrucou, cruzando os braços.

— Matilda.

Matilda se virou ao som da voz baixa e sorriu aliviada, quando Aashini deu um passo à frente, ladeada por seu marido, Lorde Cavendish, e sua avó, Dharani. Matilda correu para os braços que estavam abertos para ela e teve que se esforçar para não chorar, enquanto Aashini a abraçava forte.

— Parece bem, apesar de tudo isso. — observou Aashini, seu belo rosto calmo, ao soltá-la do abraço, segurando Matilda, à distância de um braço — Está bem mesmo?

Matilda assentiu — Estou. Obrigada. Mas não temos tempo para explicações. Aashini, sabe o que é lutar contra um homem que a prejudicou, e Lucian está fazendo o mesmo. Acreditamos que o tio dele é um homem perigoso e está a caminho daqui, e... e... Por Deus, é tudo muito complicado, mas, se fizerem o que peço, acho que talvez possamos consertar as coisas.

— Então faremos o que pedir. — disse Aashini simplesmente — Mas Dharani deseja conhecer a curandeira que está viajando contigo. E não me pergunte como sabe sobre ela, pois não me disse.

— Pippin? — Matilda respondeu, surpresa, olhando para a mulher em questão, que estava ajudando Lucian a confortar Phoebe — Claro, mas depois, não temos tempo agora. O Sr. Barrington chegará em breve.

Aashini assentiu.

— Se fizermos o que pede, virá para casa conosco, Matilda? — Nate perguntou, parecendo estar lutando para manter a voz equilibrada — Se vier agora, podemos amenizar os piores rumores, se todos ficarmos juntos.

— Não.

— Sim.

Matilda se virou, quando a resposta de Lucian se sobrepôs à sua.

— Não! — disse novamente, com a voz firme — Dez dias, Lucian. Ainda faltam dez dias...

— Não, amor. — disse, balançando a cabeça, embora o tom calmo de sua voz e sua expressão sem emoção não a enganassem — Seu irmão está certo. A senhorita não deveria estar aqui. Eu nunca deveria ter permitido, não importa o que queiramos. Agora devemos fazer tudo o que pudermos para salvá-la dessa bagunça. Não vou arruiná-la.

Nate bufou de desgosto, mas segurou a língua quando Matilda lançou um olhar afiado para ele, apertando a mandíbula, contra tudo o que queria dizer. Não discutiria isso agora, diante de todos. Ainda não conseguia acreditar que quase todas as suas amigas estavam aqui. Apenas Prue, grávida, Ruth e Kitty pareciam não estar presentes. Uma batida rápida na porta foi pontuada pela aparência de rosto cicatrizado e afiado de um dos homens de Flash Jack.

— Ele está a caminho, Flash. — gritou o sujeito.

— Certo.

Tardiamente, todos voltaram sua atenção para Jack, seus olhos arregalados de surpresa.

— Quem, diabos, é esse? — Nate exigiu.

Apesar de tudo, Matilda não resistiu em apresentá-los — Nate, este é o Flash Jack. Jack, meu irmão Nathaniel Hunter.

Os olhos de Jack se iluminaram.

— O sinhô é dono *do Hunter's*? — perguntou, com óbvio temor.

— Matilda? — Nate disse fracamente, mais do que surpreso por estarem junto de tal companhia — O que, diabos, tem aprontado?

— Deve me perdoar. — Lucian disse friamente, colocando Phoebe no chão, embora ainda segurasse sua mão, seu olhar gelado pousando em Nate — Mas isso deve esperar até mais tarde. Sr. Hunt, se deseja me desafiar a um duelo, é seu direito, mas deve entrar na fila. Meu tio está prestes a descobrir que não estou morto, como ele esperava, e temo que fique bastante desapontado. Se puder me dar licença.

— Lucian, não! — Matilda exclamou, correndo para ele — Me escute. Precisa de testemunhas. Precisa fazer seu tio confessar seus crimes.

Lucian bufou — Ele não é bobo, amor. Nunca foi, o que é uma pena.

— Não, mas, se ele não souber que tem gente ouvindo, não terá tanto cuidado. — disse, impaciente — Peça a alguém para avisá-lo que vou encontrá-lo no salão de festas, e depois o encontre lá, se precisar tomar o meu lugar. Há varandas com cortinas com vista para o andar de baixo. Se um duque, um conde, um visconde e todos nós pudéssemos confirmar que ouvimos sua confissão...

— Ele não fez nada, Matilda. — Lucian disse, frustrado — Ainda estou vivo.

— Mas ele pagou para que alguém o matasse! Flash Jack poderia

testemunhar isso.

Jack prontamente ficou branco como um pudim de leite e balançou a cabeça.

— Não se preocupe, Jack. — Lucian disse, sorrindo um pouco — Eu não lhe pediria isso.

— Eu pediria! — Matilda disse furiosamente — Poderíamos dizer que pedimos a Jack que fingisse concordar com isso, não que ele tivesse alguma intenção de ir em frente. Poderíamos dizer que ele já estava a seu serviço. Salvou Galloping, seja qual for o nome verdadeiro dele, da força, não foi? — Matilda se virou para Jack — Deve a ele!

Jack se moveu de um pé para o outro, uma grande mão esfregando a parte de trás do pescoço.

— O que, diabos, está acontecendo? — o irmão do conde, Jerome, resmungou, claramente insatisfeito com a explicação, até agora — Está dizendo que Theo Barrington pagou esse patife para matar Montagu?

— Sim! — Matilda disse, furiosa.

Todos olharam para Jack com os olhos arregalados e alarmados e Matilda observou, um pouco surpresa, quando a cor subiu às bochechas de Jack.

— Era um *negóciu*. — protestou — Nada *peçoar*.

— Oh, está tudo bem, então. — o conde disse, ganhando uma cotovelada de Harriet.

— Jack! — gritou Matilda, à beira de bater o pé.

— Tudo bem! — o sujeito gritou de volta — Tudo bem, mas só se me *prometê*, palavra de honra, não vou *quebrá* meu pescoço por *pobremas*.

— Eu prometo, Jack. — Lucian disse, estendendo a mão.

Jack olhou para ele surpreso, quando o choque do gesto percorreu a sala. A nobreza *não* apertava a mão de ninguém, a menos que fossem de igual estirpe. Montagu certamente não apertava. *Nunca*. Foi um gesto de compromisso, e até Jack pareceu perceber.

Pegou a mão de Lucian e o acordo foi feito.

— E agora devo ir. — disse Lucian — Se me derem licença. — levou Phoebe até Matilda, seus olhos prateados encontrando os dela — Cuide dela para mim.

Matilda ouviu o significado em suas palavras. Cuide dela, não apenas por enquanto, mas se algo der errado. Seu coração apertou.

— Sabe muito bem que vou.

Ele assentiu, um olhar que falava mais do que qualquer coisa que poderia ter dito, antes da atual reunião desastrosa.

— Os salões de festa, Lucian.

Lucian suspirou, seus lábios se contorcendo.

— Sim, amor. — disse, obedientemente — Jack, mantenha-as seguras.

— Sim, *sinhô* lorde. — disse Jack, sua expressão séria.

Matilda esperou até que a porta se fechasse — Devemos chegar às varandas, em cima dos salões de festa.

Jack balançou a cabeça — *Eles pode* ir. Eu tenho que *levá as senhorita pro* quarto.

Matilda devolveu um olhar mordaz.

— Não. — respondeu sucintamente, satisfeita em descobrir Pippin ao seu lado, parecendo igualmente determinada — Talvez a senhora devesse levar Phoebe para o quarto dela. — acrescentou Matilda, sentindo-se infeliz com a fúria nos olhos da garotinha.

— Não! — Phoebe disse, cruzando os braços — Eu me escondi quando o Sr. Burton chegou, não vou me esconder de novo. Estarei segura, com todos aqui. Jack vai cuidar de mim, não vai, Jack?

O grande homem suspirou e assentiu — Acho que vale mais do que minha vida se eu *num fizé* isso, princesa.

— Pronto, está vendo? — disse, com os olhos largos e azul-acinzentados esperançosos.

— Ela sabe que tipo de homem é seu tio-avô. — disse Pippin, pegando a mão de Phoebe — Acho que ela deveria vir, se esse grande palerma jura cuidar dela.

— Vou cuidar *docês* três. — disse Jack, estufando um pouco o peito.

Pippin bufou, o que sugeriu que gostaria de vê-lo tentar protegê-la, antes de atravessar a porta.

— Eu mesma tenho poucas e boas a dizer para Theodore Barrington — murmurou — Uma vez que Sua Senhoria tenha dito sua parte.

— Guarde um pouco para mim. — Dharani entrou na conversa, ganhando um olhar avaliador de Pippin, que estudou a pequena indiana com interesse — Não suporto valentões.

— Nem eu. — respondeu Pippin, dando um aceno de aprovação — Especialmente aqueles que machucariam uma criança.

— Ah, uma alma gêmea. Devemos corrigir alguns erros, não devemos?

Os olhos escuros de Dharani brilharam de antecipação e Pippin sorriu em troca, algo como reconhecimento brilhando em sua expressão. Todos os pelos da nuca de Matilda ficaram arrepiados. Pippin ofereceu o braço a Dharani, e a velha o pegou.

— Já ouviu falar de mim?

Dharani assentiu — Passamos algum tempo em Sussex, quando Aashini era criança. Ouvi murmurinhos sobre a curandeira do Palácio de Dern.

Os lábios de Pippin se contraíram — E isso a interessou.

Dharani sorriu.

— Venham todos. — disse Matilda, empurrando-os para fora, sem ter tempo de analisar a estranha sensação de formigamento que corria por sua espinha, enquanto moviam-se para as escadas que levavam aos andares superiores dos salões de festa.



Querida Harriet,

Espero que esta carta chegue antes de mim, mas sei que me perdoará se isso não acontecer, pois espero que possamos dispor da sua hospitalidade. Luke e eu estivemos em Stratford-upon-Avon e ficamos com a mãe dele, que estava doente. A vaca desgraçada se recuperou agora, e está horrorosa, como sempre, para piorar as coisas.

Este castelo miserável parece estar isolado do mundo em geral, mas ouvi, esta manhã, sobre todos os rumores horríveis sobre Montagu e a pobre Matilda. Não sei o que podemos fazer para ajudar, mas estamos indo, imediatamente.

—Trecho de uma carta da Sra. Kitty Baxter para Harriet Cadogan, Condessa de St Clair.



9 de maio de 1815, The Old Bath Hotel, Matlock Bath, Derbyshire.

Lucian esperou por alguns momentos, depois de ouvir seu tio entrar no grande salão de festa. Era apenas um homem, lembrou-se, cada vez mais idoso. Não era mais, na verdade, o monstro que o perseguia em seus sonhos quando menino, tão monstruoso quanto suas ações ao longo dos anos. Era o homem que transformou a sua vida em um jogo de sobrevivência, um pesadelo vivo, onde nada era o que parecia, mas era de carne e osso, apenas um velho, e, desta vez, Lucian não seria tão misericordioso. Ele não mataria o homem a sangue frio, pois não era farinha do mesmo saco, mas Theodore perderia qualquer ilusão de liberdade. Lucian o manteria prisioneiro na confortável casa que lhe dera e o vigiaria de perto, e que Deus guardasse qualquer um que pensasse em trair sua confiança novamente. Theodore morreria sozinho e sem ser notado, e Lucian não teria que pensar nele novamente.

Respirou fundo, abriu a porta e entrou. Seu tio estava parado ao lado de uma mesa onde dois grandes candelabros haviam sido colocados, sua luz dourada se espalhava em volta deles, mas não iluminava mais do que uma fração do salão.

— Boa noite, tio.

Theodore se virou e, por um momento, Lucian experimentou a satisfação

de tê-lo surpreendido. Seus olhos se arregalaram e a cor deixou o seu rosto, então soltou uma rajada de riso e bateu palmas, o som ecoando pelo salão.

— *Touché!* Bem jogado, meu garoto, bem jogado. Homessa, mas realmente pensei que tinha vencido, dessa vez. Muito bem, então o jogo continua.

— Não. — Lucian respondeu — Não tenho mais paciência para este jogo, e o senhor não tem mais cartas para jogar. Dito tudo isso, irá embora.

— Mas eu tenho uma carta na manga, ou queria que o mundo tivesse provas de que a adorável Srta. Hunt é sua prostituta?

Lucian reprimiu o impulso de reagir, sabendo que era o que seu tio desejava.

— O senhor manterá essa sua boca imunda fechada e não falará o nome dela novamente, tio, ou farei com que não consiga falar mais nada, daqui em diante.

Lucian falou calmamente, ciente de que suas ameaças eram mais potentes quando não havia nenhuma emoção subjacente.

— Não. — a voz de seu tio estava séria e zangada agora — Não é o único que se cansou deste jogo. E está no meu caminho, Lucian, assim como seu pai. Estou cansado de esperar. Estou ficando velho e, de uma forma ou de outra, terei esse maldito título, o dinheiro e todas as coisas que você, seu pai e seus irmãos roubaram de mim.

Lucian enrijeceu quando seu tio puxou uma pistola de dentro do casaco. Apesar do que dissera para Matilda, sabia que havia o risco de que Theodore fosse louco o suficiente para agir movido pela impaciência e pela raiva. Não se safaria, mas isso era um pequeno conforto.

— O senhor será enforcado se me matar agora. Há testemunhas, pessoas que sabem que o senhor está aqui, esta noite. Pode ser que consiga ser o marquês que tanto deseja, mas apenas até o dia em que morrer, o que será mais cedo do que acredito que esteja esperando.

— Acredito que não. — respondeu o tio, sorrindo, a expressão tão gentil e segura, que o estômago de Lucian se revirou — Pois nunca conseguiram me pegar antes.

Lucian fez uma pausa, uma sensação desagradável subindo pela espinha — O que quer dizer com isso?

Theodore sorriu para ele, e havia o lampejo do mal, que Lucian sempre soube que estava lá, mas que ninguém jamais acreditou. Apenas Pippin, e, eventualmente, Denton e a Sra. Frant. Estudou seu tio, notando que suas roupas estavam amassadas e que não havia se barbeado. Parecia doente, na verdade, seu rosto forrado de tensão, sua cor alta.

— Não achei que funcionaria tão admiravelmente, admito. — Theodore disse — Quero dizer, eu só esperava me livrar do seu pai. Nunca sonhei em remover dois da sucessão de uma só vez. Mas admito que sempre me arrependi sobre sua mãe, ela era uma criatura tão bela. Tinha esperanças de conquistá-la.

O coração de Lucian bateu forte no peito e teve que lutar para manter a

respiração equilibrada.

— Não. — disse, balançando a cabeça, recusando-se a acreditar. Theodore era apenas um homem, um homem mau, não um monstro dessas proporções. Não como em seus sonhos — Não. Foi um acidente, um acidente horrível.

— Claro que foi um acidente. — respondeu o tio, seu tom calmante, como se Lucian fosse menino de novo — Eu só... ajudei um pouco, apenas isso.

— Não. — disse Lucian.

Seu tio sorriu, removendo uma mancha de fiapos da manga amassada do casaco, como se estivesse vestido com roupas elegantes para um grande baile — Seu pai nunca prestou a mínima atenção aos seus criados, não é? Eles não eram nada mais do que insetos, pequenos insetos, correndo de um lado para o outro, formigas, que faziam o que ele queria. Mas eu não sou assim. Percebi, percebo tudo.

O peito de Lucian estava apertado, uma sensação como água gelada escorrendo por suas veias. Matilda não disse, uma vez, que ele tinha gelo nas veias?

— Percebi que seu cocheiro gostava de uma gota de conhaque a mais do que deveria. — Theodore continuou sorrindo — Então dei-lhe um pequeno presente. Receio que tenha sido uma boa garrafa, mas dosada com ópio. Se lembra daquela noite, a noite em que seu pai, sua mãe e seu irmão saíram para jantar com amigos, todos vestidos com suas roupas mais elegantes?

Lucian assentiu, porque estava incapaz de falar. Ele se lembrava, se lembrava de cada momento, em detalhes terríveis. Sua mãe arrumada, as joias cintilantes, impossivelmente bonita, e ele e Thomas parados nos degraus, acenando para eles. Lucian passou muito tempo de sua infância se perguntando o que havia acontecido naquela noite, como ele poderia ter impedido aquilo, como poderia, pelo menos, ter salvado Philip de não ir àquele maldito jantar. Ele não queria ir, o irmão apenas foi, porque o pai insistiu.

— Consegue se lembrar do seu irmãozinho, Thomas, naquela noite? — Theodore continuou, uma nota triste e cantada em sua voz, que nauseou Lucian.

Isso o fez querer parar a história desprezível, antes que pudesse ouvir mais, e o fez querer agarrar o pescoço de seu tio e apenas... *apertar*.

— Ele sempre adorou dar pedras de açúcar para os cavalos. Se lembra, Lucian?

Lucian não respondeu, uma sensação de frio nauseante rodopiando em suas entranhas. Não queria ouvir aquilo.

— Deveria ter visto o rosto de Thomas, quando eu finalmente disse que ele havia envenenado os cavalos de seu pai. Eu disse aquilo, uma semana ou um pouco mais, antes dele morrer, acredito. Ficou bastante chateado ao descobrir que era o responsável por todas aquelas mortes sem sentido, porque... eu não estava lá, não é mesmo?

— Não. — Lucian disse novamente, negando, balançando a cabeça,

enquanto finalmente entendia o que acontecera, mesmo quando o chão parecia se mover sob seus pés, como a maré arrastando a areia de debaixo deles — Meu Deus. O senhor fez isso...

— Sim. — Theodore respondeu calmamente — Não que consiga provar agora. Foi outra pessoa que colocou a garrafa de conhaque na mão do cocheiro, outra pessoa que deu ao pequeno Thomas os pedaços de açúcar, mas eu era a aranha tecendo a teia, guiando todos os pequenos insetos que seu pai não notava, até que peguei a grande mosca suculenta que queria. Três moscas, afinal...

— Matou a minha família.

— Sim. — Theodore disse, todos os vestígios daquele velho cordial se foram agora, seu rosto duro e implacável — E agora vou matá-lo. Causou muitos problemas, Lucian. Nunca conheci um garoto que fosse tão difícil de eliminar. Thomas foi muito mais fácil de destruir, mas você... era como se houvesse algum amuleto dourado o protegendo.

— Porque havia.

Theo se virou, embora mantivesse a pistola apontada para Lucian.

— Pippin. — Lucian disse alarmado, lutando contra o choque de tudo o que acabara de descobrir — Pelo amor de Deus, saia daqui!

— Não, meu cordeiro. Eu disse que precisava haver um acerto de contas, e já era hora.

— Passou da hora. — disse uma voz alegre, com um forte sotaque estrangeiro vindo de cima.

Lucian levantou os olhos e viu que as cortinas da galeria haviam sido puxadas para trás e todos os convidados indesejados de Matilda estavam lá, incluindo a avó de Lady Cavendish, que parecia ser a fonte do comentário e estava olhando para eles, como se estivesse assistindo a uma fascinante produção teatral.

— Acho melhor abaixar a arma, Sr. Barrington. — disse a voz dominante do duque de Bedwin — Todos ouvimos sua confissão. Não tem para onde fugir.

Enquanto falava, os homens de Jack apareceram nas portas de cada extremidade do salão, suas pistolas brilhando sob a luz fraca das velas. Lucian levantou a mão, dizendo-lhes silenciosamente para esperar, para não atirar, a menos que não houvesse outra escolha.

Viu o olhar implacável nos olhos de seu tio e sabia o que pretendia fazer. Se Theodore morresse, aqui ou no cadafalso, por assassinato, poderia muito bem levar Lucian com ele.

— Abaixar a arma, Sr. Barrington. — disse Pippin, sua voz e sua presença surpreendentemente impressionantes para uma cozinheira.

Lucian sorriu para ela, lembrando-se de todas as vezes que cuidara dele, todas as pequenas gentilezas e os abraços de que tanto precisara, depois que seus pais e Philip morreram..., depois de *serem assassinados*.

— Vá embora, Pippin. — disse, suavemente — Não quero que se

machuque.

Pippin bufou — Ele não pode me machucar, esse velho tolo. Não é inteligente o suficiente para isso.

— Matilda! — gritou uma voz masculina de cima.

— Lucian!

Lucian se virou mais uma vez, olhando para trás, desta vez vendo Matilda voar pela porta, correndo em sua direção, enquanto seu irmão rugia de terror, da galeria.

Mas que inferno!

— Jack, seu desgraçado inútil. — Lucian gritou, enfurecido.

— Ela escapou, *sinhô* lorde. — Jack gritou.

Ele segurava Phoebe firme, no entanto, graças a Deus.

— Tire Phoebe daqui! — Lucian gritou, seu coração batendo descontrolado. Meu Deus, não deixaria Phoebe vê-lo morrer diante de seus olhos.

— Sim, *sinhô* lorde.

— Não! — Phoebe gritou, chutando, mordendo e se debatendo loucamente, nas garras do grandalhão — Não, eu não vou!

— Lucian!

— Maldita seja, Matilda. — praguejou, enquanto ela se atirava nele — O que, diabos, estava pensando?

— Ela o está protegendo, Lucian, porque o ama. — Pippin disse, sorrindo

— Como suas amigas que vieram por ela.

— Maldição infernal, estão todos loucos. — exclamou, empurrando Matilda para trás dele.

Uma risada baixa ecoou pelo espaço mal iluminado. Ele ergueu os olhos novamente e viu Aashini pegando a mão da avó e a mulher gesticulando para que Helena pegasse a outra. Pippin olhou para ela e a velha assentiu. Os pelos da nuca de Lucian formigaram.

Ele se voltou para o tio.

— O senhor matou minha família. Foi tudo o senhor, todos aqui sabem disso. Eu o teria deixado viver, mas será enforcado, agora. Aconteça o que acontecer.

— Ah, bem. — Theodore disse, com um encolher de ombros — Serei o marquês durante o julgamento. O Marquês Louco soa muito bem, não é, meu garoto? — sorriu, uma expressão que fez a pele de Lucian arrepiar — Minha nossa, como seu pai teria desprezado o escândalo, sem mencionar o fim de nossa ilustre linhagem. É por isso que ele me odiava. Sabe disso, não sabe? Porque nossa mãe era uma prostituta. Conseguiu seu herdeiro e esqueceu de ter um sobressalente, antes de pular na cama de outro homem. Nosso pai nunca disse uma palavra, naturalmente, não queria um escândalo, mas todos me tratavam como se eu fosse uma doença, um membro podre, que deveria ter sido cortado, então eu os cortei primeiro.

— Sinto muito. — Lucian disse, pensando apenas que deveria mantê-lo

falando — Eu não fazia ideia.

— Ou o quê? — zombou o tio — Teria agido diferente? Teria me tratado com respeito?

— Sim. — Lucian disse — Eu teria. Nós o amávamos, Theodore. Thomas e eu o amávamos. Isso nunca teria mudado, não importa o quê.

— Mentiroso.

— Não. — Lucian disse, balançando a cabeça — Por minha honra.

O rosto de seu tio ficou branco, embora suas bochechas ainda estivessem enrubescidas. Parecia doente, mas seus lábios se afinaram em uma linha tensa, seu aperto na pistola se firmou — O que está feito, está feito.

— Não! — Matilda gritou, os braços envolvendo o peito de Lucian, sobre o coração dele, tentando protegê-lo — Não, não o machuque.

Lucian afastou suas mãos e observou Theodore levantar a pistola mais alto, aliviado por Phoebe e Matilda estarem seguras. Se ele morresse agora, seu tio seria enforcado, e Phoebe e Matilda criariam uma nova vida para elas. Lucian morreria sabendo o que era amar e ser amado, e isso era mais do que esperava. Matilda agarrou-o novamente, tentando protegê-lo, mas Lucian a segurou firmemente atrás dele, sentindo-a tremendo contra seu corpo.

— Sim, Theo, o que está feito está feito, e não pode ser remediado. — disse, com o coração batendo mais forte — Mas pode parar agora, antes que piore ainda mais as coisas.

Theodore balançou a cabeça, um brilho febril nos olhos — Não, é tarde demais.

— É tarde sim. — Pippin concordou, algo em sua voz deixou Lucian inquieto — Tarde demais.

Olhou-a, imaginando agora se ela estava tentando matá-lo.

— Pippin. — disse Lucian, empurrando Matilda de volta, enquanto ela lutava para sair de trás dele.

— Tarde demais! — gritou a avó de Aashini, suas palavras ecoando as de Pippin, de alguma forma misteriosa.

Seu tio estava suando agora, respirando com dificuldade, enquanto olhava entre as duas mulheres, alarmado — Sobre o que, diabos, estão falando?

Lucian olhou para elas também, tão nervoso quanto seu tio, diante da certeza em suas vozes.

— Pippin? — chamou e Pippin apenas sorriu para ele, calma e tranquilizadora.

— Eu disse que ela cuida de você, falou Matilda.

— Pippin. — alertou Lucian, agora zangado com ela — Não seja tola, não agora.

Ele estremeceu quando Matilda riu levemente, algo como alívio em suas palavras — Pippin é curandeira.

Uma estranha sensação de formigamento estalou na espinha de Lucian, embora soubesse que era tudo bobagem. Matilda falou novamente, sua voz mais alta desta vez, mais segura.

— Uma de suas ancestrais foi enforcada por bruxaria. Não sabia disso, Sr. Barrington?

— Matilda, fique quieta, por favor. — Lucian murmurou, desejando que essas malditas mulheres se salvassem, então viu o temor nos olhos de seu tio e se perguntou a razão.

— O senhor entendeu, não é? — Pippin perguntou, confiante no que estava dizendo, tão confiante e certa, que Lucian se sentiu um pouco assustado — Todos aqueles anos atrás. Eu soube que o senhor sabia. Eu o avisei para não voltar, não foi? O avisei que o senhor pagaria um preço.

— Bobagem. — Theodore disse, embora seus olhos estivessem amedrontados.

— Entendeu o quê? — Lucian perguntou, olhando entre Pippin e seu tio, que começou a desfazer a gravata.

— Cale a boca, garoto! — Theodore gritou, lutando para levantar a pistola novamente, enquanto sua mão tremia.

Retirou a gravata e limpou o rosto com ela. Lucian puxou Matilda para trás, enquanto ela tentava se soltar dele, mais uma vez.

— Eu lhe disse, mais cedo ou mais tarde. — Pippin falou, parecendo incrivelmente presunçosa — O tempo acabou. Esse seu coração velho está cedendo, como eu disse que aconteceria. Restam apenas algumas batidas, agora.

Theo cambaleou e agarrou o braço que segurava a pistola, um grito de dor saindo de sua garganta. A arma disparou, o som ecoando pelo vasto salão, enquanto gritos rasgavam o ar, mas a bala havia se enterrado no chão de madeira polida. A pistola caiu em seguida, assim que Theodore ficou de joelhos.

— Fez isso. — disse ele, olhando para Pippin, com os olhos arregalados de terror.

— *Eu?* — disse Pippin, zombando da acusação — Sou apenas uma velha cozinheira.

— Uma velha cozinheira. — a avó de Aashini ecoou de cima, satisfeita com as palavras — Apenas uma velhinha boba.

Lucian olhou para cima, fitando as mulheres, as duas de mãos dadas, olhando para o tio, com uma firme concentração. Não. Isso era ridículo. Seu olhar voltou-se para o tio, quando Theodore engasgou-se e agarrou seu peito, caindo para trás, seu rosto, um rito de agonia. E então ele ficou imóvel. Ninguém se mexeu para ajudá-lo.

— Ele se foi. — disse Matilda, segurando a mão de Lucian com força — Não pode mais machucá-lo.

— Ele matou minha família. — disse, entorpecido demais para absorver qualquer outra coisa — Foi ele. Meus pais e Philip. Foi tudo ele.

— Sinto muito, Lucian, sinto muito mesmo, meu amor.

— Tio! Tio Monty!

Lucian se virou quando Phoebe correu para ele com força total e a

balançou em seus braços, segurando-a o mais forte que pôde, afastando-a da visão do homem morto.

— Acabou, querida. Acabou tudo. — sua voz tremeu e ele respirou fundo, inalando o cheiro dela, sabão e inocência e tudo o que havia sido bom em sua vida.

— Sim. — soluçou, enterrando o rosto no pescoço dele — O monstro se foi. Pippin o matou.

— Ele se foi. — Lucian concordou, mal acreditando — Mas não teve nada a ver com Pippin, amor. Seu coração parou, foi só isso.

Phoebe balançou a cabeça — Não. Era Pippin, com todas elas, especialmente a senhora indiana de seda rosa. Eu quero conhecê-la. Posso ir falar com ela, agora?

— Agora não, meu cordeiro, talvez de manhã. A senhorita vem comigo, agora. — disse Pippin, enquanto Lucian colocava Phoebe no chão — É tarde e foi um dia cheio de emoções. Hora de um bom banho quente e cama, acredito, enquanto os adultos resolvem todos os problemas. Venha comigo e pedirei leite quente e biscoitos, acredito que merecemos.

Lucian observou, chocado demais para dizer ou fazer qualquer coisa, enquanto Pippin levava Phoebe com ela.

— Seu coração parou. — repetiu entorpecido, enquanto Matilda apertava sua mão — Eu podia ver que ele não estava bem, quando chegou. Foi apenas seu coração...

— Sim, amor. — disse, dando-lhe um sorriso apaziguador — Venha agora.

Lucian foi com ela, sentindo-se exausto, de repente. Tudo o que queria era ir para a cama e levar Matilda com ele, abraçá-la firme, sabendo que todos estavam a salvo, agora. Pela primeira vez, desde os onze anos de idade, ele e aqueles que amava estavam em segurança. Queria dormir com Matilda em seus braços, tendo aquele conhecimento, mas sabia que não poderia. Nunca mais poderia abraçá-la como queria. Seu irmão e suas amigas estavam aqui, vieram atrás dela, vieram como um exército furioso para salvá-la do mal, salvá-la dele. Eles a amavam e queriam protegê-la, e ele também, então tinha que deixá-la ir. Não, não *a deixar* ir. Matilda não iria de bom grado, era corajosa demais para isso, amorosa demais. *Devia* fazê-la ir. Sua alma uivava de sofrimento com a ideia, a dor em seu coração era tanta, que imaginou que seguiria seu tio e teria a mesma morte, pois, certamente, não poderia suportar aquele sofrimento.

— O que foi?

Ele levantou os olhos e encontrou Matilda o estudando, preocupada, só então percebendo que havia parado de se mover.

Lucian balançou a cabeça negativamente, os olhos fixos nela, guardando seu lindo rosto na memória.

— Eu a amo. — disse, querendo dizer mais, desejando ter palavras suficientes para explicar tudo o que queria e o que sentia.

Ela se aproximou e deu um beijo suave na sua boca, terno e persistente,

ignorando o rosnado furioso vindo de trás deles. O irmão dela, sem dúvida.

— Assim como eu o amo. — sussurrou.

Lucian assentiu, aceitando aquilo, mesmo que fosse extraordinário demais para ser verdade, e forçou-se a retomar seus passos.



Milorde Marquês.

Escrevo para implorar seu perdão pelo papel que, involuntariamente, desempenhei nas ações de seu tio, Sr. Theodore Barrington. Ele e eu fomos amigos por décadas, e nunca, em meus sonhos mais impossíveis, o imaginei capaz de atos tão desprezíveis. Estou chocado e triste e sinto um fardo de culpa e responsabilidade por tudo o que passou. Infelizmente, acreditei em tudo o que ele me disse sobre o senhor e não duvidei, nem uma vez, de sua sinceridade. Não consigo imaginar o que sofreu nos últimos anos, mas, se houver algo que eu possa fazer para reparar essa situação, considere-me seu aliado.

—Trecho de uma carta do Sr. Charles Adolphus, Barão Fitzwalter, ao Muito Honorável Lucian Barrington, Marquês de Montagu.



10 de maio de 1815, The Old Bath Hotel, Matlock Bath, Derbyshire.

— Pare de me olhar assim. — Nate protestou, pousando a xícara de chá, com um tintilar — Estou tentando protegê-la, pelo amor de Deus.

Matilda fitava furiosamente o irmão, de sua posição na janela.

— Bem, tem sorte de eu não ter protegido Alice de estar contigo, Nathaniel? — disse, sua voz pingando sarcasmo — Que sorte por eu ter acreditado que ela era uma mulher adulta, capaz de tomar suas próprias decisões, ou as coisas poderiam ter sido um pouco diferentes.

— Não é a mesma coisa. — Nate insistiu, e Matilda ouviu a raiva em sua voz — Eu queria me casar com Alice, não arruiná-la.

— No entanto, a teria arruinado, — Matilda retrucou, furiosa demais para ser razoável — se não fosse por Lucian, mas suponho que tenha esquecido disso, assim como já esqueceu que ela teria sido violentada em Vauxhall Gardens, se não fosse por sua intervenção. No entanto, ainda persiste em ver somente o que quer, julgando-o como um vilão.

— Por favor, não briguem. — Alice disse, inquieta, presa entre os dois irmãos.

Nate teve a graça de parecer desconfortável, pelo menos. Suspirou — Admito que ele tem sido difamado, e não consigo imaginar que tipo de vida

deve ter vivido, mas, ainda assim, Matilda, sabe muito bem como a tratou. Permitiu que a *ton* a arruinasse... e os ajudou a fazer isso.

Matilda balançou a cabeça, sabendo que não poderia contar sobre Thomas, sobre as circunstâncias de sua morte, e como Lucian havia trabalhado para proteger o nome de seu irmão — Não sabe de nada sobre isso, Nate. Não entende, e não posso explicar, sem quebrar a confiança de Lucian. Por que não acredita em mim quando digo que ele é um homem bom e que me ama?

— Se ele a ama tanto, onde está o pedido de casamento? — exigiu, batendo o punho na mesa e chacoalhando a porcelana.

O gemido baixo de um bebê chorando soou do quarto ao lado. Alice lançou ao marido um olhar de pura exasperação, antes de correr para o filho.

Matilda respirou fundo, cansada dessa discussão, que esteve prestes a acontecer, desde o momento em que se sentou para tomar o café da manhã, com o irmão e Alice. Nate garantiu que mudassem seu quarto para perto do conjunto de quartos deles, sem o seu conhecimento, deixando-a extremamente furiosa. Ele a estava vigiando, como um cachorro a um osso, Matilda não tinha certeza se algum dia perdoaria o irmão. Para piorar a situação, Lucian parecia cúmplice de suas ações. Matilda podia senti-lo se afastando dela, colocando distância entre ambos, forçando-a a deixá-lo. Embora soubesse que era inevitável, não enxergava dessa maneira. Imaginou que seus últimos dias juntos seriam agrídoces, passados um com o outro, arrebatando cada segundo de cada dia, em mútua companhia, até a noite daquele maldito baile, quando Lucian sairia de seu alcance para sempre.

— É uma pergunta justa. — disse Nate, embora sua voz agora fosse gentil.

Matilda olhou pela janela, para a paisagem deslumbrante diante dela. Prometia ser um belo dia, o nascer do sol pintando o céu em tons de ouro, mas, por enquanto, uma névoa etérea se agarrava ao chão, dando à paisagem uma característica irreal de conto de fadas, que era bastante encantadora.

— Não é uma pergunta justa, ao menos poderia ser para o Sr. Bennet ou alguém como ele.

— Quem é o Sr. Bennet?

Matilda sorriu e balançou a cabeça — Não importa, só que Lucian não é o Sr. Bennet, ele é Montagu, e, a menos que tenha sido criado para ser Montagu, não entenderia o que isso significa. Não é apenas sobre a expectativa de um nobre quanto a se casar bem. Esse nome é carregado sob o fardo da culpa e da responsabilidade que sente pelos mortos, em honrar suas memórias, deixá-los orgulhosos e cumprir o dever que estabeleceram para sua linhagem às gerações anteriores. Especialmente agora, depois do dano que seu tio causou ao nome da família.

— Então, ele não pode se casar contigo. — disse Nate, inflexível.

Matilda balançou a cabeça, traçando um padrão na vidraça embaçada, o coração de bruxa com a cauda torta — Lucian não conseguirá manter tudo em segredo, e, na verdade, fico feliz por isso. As pessoas devem saber o que sofreu, o quanto o julgaram mal, mas, primeiro, deve se casar com uma jovem

perfeita, que o ajudará a reparar todo dano causado.

— Então deve deixá-lo, Matilda.

Não respondeu, não podia, pois a verdade queimava em sua garganta. Matilda o ouviu se mover, sentiu suas mãos em seus ombros, Nate a virou para que o encarasse.

— Sinto muito, Tilda. Faria qualquer coisa para livrá-la dessa dor. Qualquer coisa, mas não tem como escapar disso. Seu nome está sendo arrastado pela lama, e não há muito que possamos fazer para consertar isso, mas devemos tentar, minha querida. Pense em Alice e Leo, se não quer pensar no seu próprio futuro, pense em como será difícil para eles serem vistos em sua companhia. Precisamos mitigar os danos.

— Eu sei. — disse, sentindo a miséria subir em uma onda, engolindo-a inteira — M-mas... oh, Deus, N-Nate, isso dói. Eu o amo tanto, que dói.

Matilda não conseguiu mais se conter e as lágrimas escorreram, feias e poderosas demais para serem paradas. Agarrou-se ao irmão, enquanto uma tristeza profunda ameaçava arrastá-la para baixo.

— Eu sei. — Nate a consolou, abraçando-a forte, e depois disse com a voz embargada, enquanto a embalava, como se fosse uma criança — Eu sei e sinto muito. Sinto muito, mas não há mais nada que possamos fazer. Precisamos ir.

Matilda chorou mais forte, mal percebendo quando a porta se abriu.

— Oh, minha querida.

Ela olhou para cima, piscando entre as lágrimas e viu Ruth, que correu em sua direção com os braços abertos. Matilda soltou o irmão e caiu neles, sentindo mais braços em sua volta, quando as outras meninas se aproximaram, fechando-a em um círculo.

— Estamos aqui, querida. — Helena sussurrou, abraçando-a também — E nós a protegeremos, todas nós cuidaremos. Não está sozinha, prometo. Prue queria muito estar aqui, mas Bedwin não permitiu que viajasse, pois está muito próximo de dar à luz, mas ela a está esperando.

— E tenho certeza de que Kitty também está a caminho. — acrescentou Ruth.

— Mas nós estamos todas aqui. — Bonnie disse, encontrando a mão de Matilda e apertando-a fortemente — E vamos arruinar toda e qualquer pessoa que diga qualquer coisa negativa a seu respeito, não é mesmo meninas?

— Nós vamos. — disse Jemima, sentindo que seu coração estava partido.

— Com certeza. — concordou Harriet, a voz abafada, enquanto assoava o nariz em um lenço rosa.

— De fato, vamos. — disse Aashini com os olhos tristes, quando os seus encontraram os de Matilda.

Matilda riu, apesar de tudo. A dor era esmagadora demais para ser aliviada, mas suas amigas estavam aqui com ela, emprestando-lhe força, conforto e apoio, e isso significava o mundo, isso significava a diferença entre suportar sozinha e sobreviver.

— Eu as amo. — disse de alguma forma, forçando as palavras, embora sua

garganta estivesse doendo, estava fechada demais para conseguir engolir.

— Nós também a amamos, Tilda. — disse Minerva, lágrimas escorrendo pelo rosto — E nós vamos protegê-la e mantê-la segura. Sempre faremos isso.

Matilda assentiu e aceitou o lenço que Jemima pressionou em suas mãos, depois enxugou os olhos.

— Vamos acompanhá-la. — disse Jemima — Vamos voltar para Londres. As carruagens estão quase prontas.

Matilda se endireitou, o pânico a atravessando — Tão cedo, mas..., mas preciso ir até ele, preciso me despedir, preciso...

— Oh, querida, — disse Ruth tristemente, sua voz tremendo — sinto muito, mas ele já se foi.



Minha querida, meu amor,

Espero que possa me perdoar por ir embora dessa forma. Deve estar pensando que sou um covarde, e isso não passa de ser verdade. Não poderia me despedir, Matilda. Não tenho coragem de dizer as palavras olhando nos seus olhos e depois ir embora. Bastaria ver seu rosto debulhado em lágrimas, para que minha fachada desmoronasse, assim como está desmoronando agora.

Sei como é a sensação de perda, minha querida. De que vale ter o mundo aos seus pés, se tudo o que deseja lhe é arrancado, ainda assim, não conheço dor maior que essa. Como vou suportar, ainda não sei. Vou usar a dor da minha perda como uma penitência, para que possa sempre me lembrar da alegria também, do extraordinário privilégio de que me ame. Talvez minha única graça salvadora seja saber que nunca fui digno desse amor, embora desejasse ser, mais do que qualquer coisa.

Se existe outra vida, como Pippin insiste que há, eu a encontrarei novamente e, talvez, nessa vida, achemos um caminho.

Não consigo imaginar como olharei Phoebe nos olhos e explicarei tudo isso para ela, ou se algum dia me perdoará, pois eu não consigo. Rezo para que ela não me odeie.

Nunca haverá outra em meu coração, meu amor, minha alma sofre por tudo de que devo me afastar. Gostaria que fosse de outra forma. Serei seu para sempre.

M.

— Trecho de uma carta de O Mais Honorável Lucian Barrington, Marquês de Montagu para a Srta. Matilda Hunt.



Lucian,

Não há nada que eu possa dizer. Claro que o perdoo, embora sinta que roubou de mim os últimos dias de felicidade que terei. No entanto, entendo como os mortos pesam sobre sua alma, como moldam sua vida. Apenas lembre-se de que a vida é para os vivos, meu amor, e tente encontrar um pouco de felicidade. Não acalma meu coração saber que será tão miserável quanto eu. Eu o amo demais para querer que sinta tanta dor.

Viva, Lucian. Viva por Phoebe e pelos filhos pelos quais faz esse sacrifício ou então, qual seria o objetivo disso tudo?

Às vezes me pergunto se já contemplou seu herdeiro como algo mais do que uma ideia abstrata. Já pensou que ele será uma criança, seu filho, e que o amará como ama Phoebe, que vai querer protegê-lo e desejar a felicidade dele, mais do que a sua? Não o crie como um dever de honra, mas como seu propósito na vida. Não o condene, nem a todos os que o seguem, a viver como viveu. Há mais na vida. Sabemos que há muito mais.

Adeus, Lucian.

Eu o amarei para sempre.

Sempre sua,

Matilda.

— Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para O Mais Honorável, Lucian Barrington, Marquês de Montagu.



16 de maio de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

Lucian leu a carta pela décima vez, apenas naquela manhã, deslizando-a com cuidado no bolso do casado, em seu peito. A carta estava borrada em alguns trechos, mas agora estava quase ilegível. Não que isso importasse. Sabia de cor. Depois de alisar o papel amarrotado, traçou a forma do nome dela com o dedo.

Sabia que doeria deixá-la, que seria como morrer, e, ainda assim, não esperava que fosse tão amargo quanto estava sendo. A cada dia, a dor só piorava, com a percepção de que outro dia se seguiria, e outro, e depois outro, e nenhum deles lhe traria seu sorriso, o som de sua risada, o aroma de flor de laranjeira e a suave pressão de seus lábios.

Lucian fechou os olhos contra a dor excruciante que cortava seu coração, se assustando quando a porta da biblioteca se abriu e sua tia-avó, Marguerite, entrou, sem sequer bater. Ele se levantou e virou as costas para ela, secando os olhos e guardando a carta, antes que pudesse fazer algum comentário afiado sobre sentimentalismo. Poderia matá-la se ela fizesse aquilo.

— O baile é em três dias, Lucian. — disse, sem preâmbulo — Como é incapaz de decidir, já passou da hora de ajudá-lo a chegar ao ponto. Escolhi três garotas, e terei uma resposta sobre qual delas tomará como sua marquesa.

— Vá embora, Marguerite. — disse, lutando para alcançar o gelo com o qual estava tão acostumado.

O problema era que Matilda derreteria tudo, e o talento parecia escapar dele agora. Suas emoções estavam tumultuadas, sempre à flor da pele, prontas para transbordar, e ele não sabia como fazer aquilo parar.

— Eu não vou embora. Esses rumores desprezíveis sobre Theodore, sem mencionar aquela... aquela *mulher*...

— *Não*. — Lucian se virou com os punhos cerrados, e sua tia deu um passo para trás, com o que viu em seus olhos — Não se atreva a falar dela.

Marguerite hesitou, mas levantou o queixo e, uma a uma, colocou três pequenas pinturas emolduradas sobre a mesa.

— Essa, — disse, apontando para a primeira pintura — é, sem dúvida a melhor escolha disponível. Lady Constance Rivenhall, filha do duque de Sefton. Ela é uma herdeira, trará cinquenta mil libras, mais a associação com Sefton, e uma riqueza de propriedades, que é dela através da linhagem de sua mãe. Seria a união do século, Lucian. Sem contar que ela é jovem e bonita, e tem quatro irmãos. Estoque bom e fértil.

— Saia daqui!

Marguerite congelou em resposta ao comando gelado de Lucian, o dedo suspenso sobre a segunda pintura.

— Lucian. — disse, embora sua voz estivesse um pouco menos segura do que antes.

— Saia aqui!

Lucian rugiu com tanta fúria, que ela saltou, em choque. Marguerite empalideceu, pegou suas saias e saiu apressada, com o farfalhar de bombazina preta. Lucian parou na mesa e olhou para as pinturas, para as belas pinturas de sua provável futura noiva, seja quem for que escolhesse.

Com um uivo incoerente de raiva e dor, passou o braço pela mesa e jogou tudo no chão. Ficou olhando para aquela destruição por um bom momento, respirando com dificuldade, antes de se virar para o decantador de conhaque. A pesada rolha de cristal atingiu a lareira com um baque satisfatório, enquanto

ele pegava o decantador e deixava o escritório.



17 de maio de 1815. Dern, Sevenoaks, Kent.

— Tio? — Phoebe cutucou o ombro do tio, incerta.

Sabia que ele não estava morto, porque seu peito estava subindo e descendo. Phoebe ficou chocada quando não voltou para casa na noite passada. Persuadiu Denton a ir com ela procurá-lo, quando amanhecesse, e agora o sol estava mais forte. Denton estava esperando com o pônei e o cabriolé, pois Phoebe sabia que seu tio não gostaria que ninguém o visse daquele jeito, eis que certamente estava bêbado. Entendeu para onde ele devia ter ido, quando encontrou o decantador vazio nos estábulos, na noite passada, mas já estava escuro e sabia que o tio queria ficar sozinho, então não comentou com ninguém e levou o decantador de volta para o escritório. Ainda assim, sentiu uma profunda onda de alívio, quando o encontrou sentado sob o grande carvalho, em Mast Head.

Quando ele a levou de Matlock Bath, sem permitir sequer que se despedisse de Matilda, Phoebe ficou com raiva dele. Por um tempo muito curto, queria puni-lo, até perceber que ele já estava sendo punido. Ela já ouvira falar sobre corações partidos antes, mas nunca pensou que era possível realmente ver um.

Era possível.

— Tio Monty, acorde. O senhor ficou aqui a noite toda.

Suas pálpebras se abriram relutantemente, o cinza prateado de seus olhos não tinha brilho, tentou se concentrar nela.

— Bee?

Sua voz estava pesada e rouca, e Phoebe piscou para conter as lágrimas.

— Sim, sou eu.

Ele gemeu e apertou a cabeça com as mãos.

— Receio que esteja com uma terrível dor de cabeça. — disse, estendendo a mão para acariciar seu cabelo loiro — Pippin está fazendo algo para que se sinta melhor.

Deu uma risada incrédula, que não era nem um pouco engraçada, o que fez seu coração doer. Ela o abraçou, jogando os braços em volta do seu pescoço.

— Sinto muito. Eu também sinto falta dela. Terrivelmente.

Ele assentiu e a segurou forte, o cheiro de conhaque e de uma noite ao ar livre emanavam dele. Quando Lucian falou, sua voz estava instável — Eu a quero de volta, Bee.

— Eu sei.

Ele colocou a cabeça entre as mãos e Phoebe mordeu os lábios. Parecia tão simples para ela, mas sabia que as regras pelas quais os adultos viviam não eram tão fáceis de ignorar. Pippin havia explicado tudo para ela, mas ainda não fazia sentido.

— Ele será meu filho. — disse, um tempo depois, as palavras arrastadas e

não totalmente claras.

— Quem? — perguntou, confusa.

Ele olhou para cima e estendeu a mão para tocar sua bochecha — Significa o mundo para mim, Bee. Sabe disso, não sabe?

Phoebe sentiu os olhos formigarem com lágrimas e assentiu — Sim.

— Vou amá-lo como a amo.

— Quem? — perguntou de novo, sem entender.

— Meu filho. — disse, com a voz firme — Meu herdeiro.

— Ah.

Sua expressão ficou intensa e lágrimas brilharam nos seus olhos — Por que ele deve fazer essa escolha, e o filho dele também? Por que eu deveria?

— Tio? — Phoebe olhou para ele, não entendendo bem o que estava dizendo, apenas que estava magoado e zangado, porque amava Matilda e o mundo não permitiria que ficassem juntos.

Olhou para a luz de um novo dia, um novo nascer do sol, transformando a prata em ouro.

— *Não.* — disse de repente, a palavra tão certa e contundente, que Phoebe deu um pulo. Ele pegou a mão dela e apertou — Vai me ajudar, Phoebe?

— Claro, tio. — respondeu imediatamente, como se precisasse perguntar — Mas ajudar com o quê?

Ele esfregou a mão no rosto, a barba raspando sob a palma da mão. Nunca o tinha visto tão desganhado antes, sem se barbear, usando apenas uma camisa, as roupas amarrotadas e sujas. Lucian olhou para cima, com os olhos focados, a sensação de certeza, que ela sempre confiara, plenamente renovada.

— Tem medo de fantasmas?

— Sim. — admitiu — Tenho.

Lucian assentiu, ainda segurando a sua mão — Eu também, Bee, mas talvez... talvez, juntos, possamos enfrentá-los.

Ela assentiu, determinada a ser corajosa, não importa o que acontecesse. Faria qualquer coisa, se isso significasse trazer Matilda de volta às suas vidas.

— Nós podemos. Sei que podemos.

Phoebe o ajudou a se levantar e depois fingiu estar interessada em colher flores para Pippin, enquanto ele desaparecia pela vegetação ao redor, para colocar tudo para fora. Parecia péssimo quando reapareceu, mas a sombra que escurecera seus olhos, desde que deixaram Matlock Bath, havia desaparecido, e estes estavam brilhando novamente. O coração de Phoebe deu um salto no peito. Correu para ele e pegou sua mão, enquanto o tio lhe sorria.

— Está pronta? — perguntou baixinho — Temos pouco tempo e precisarei de sua ajuda.

— Estou pronta para qualquer coisa. — disse Phoebe sorrindo para ele.

— Graças a Deus, eu a tenho, Bee. — Lucian disse impetuosamente, levantando a garota no colo e a abraçando — Graças a Deus eu a tenho.



17 de maio de 1815. South Audley Street, Londres.

— Quem é o menino mais bonito? Sim, é você.

Matilda sorriu, enquanto observava Prue abraçando Leo, sobre sua barriga já grande, sob a supervisão de Alice, que sorria indulgentemente.

— Pegue outra, Tilda. — insistiu Bonnie, tentando pressionar outra das pequenas iguarias, que a maravilhosa cozinheira de Ruth enviou, para tentar seu apetite.

Matilda balançou a cabeça — Não, obrigada, Bonnie. Não agora.

Todas as suas amigas haviam estabelecido algum tipo de cronograma, o que significava que nunca estava sozinha. Enchiam a sua casa com o som de conversas, Helena tocando piano, Minerva e Harriet discutindo algum livro obscuro, que não fazia sentido para mais ninguém. Até Kitty havia chegado e estava discutindo com Bonnie, sobre qual delas deveria comer a última *pain à la duchesse*.

Hoje estavam todas aqui, cada uma das Senhoritas Peculiares, que assistiu fazendo novas amizades e se apaixonando, descobrindo suas próprias forças e tudo o que eram capazes de fazer nesse tempo. Se tivesse energia, poderia invejar a felicidade delas, pois não era santa e, embora não se permitisse ser uma pessoa amarga, ressentia-se pelo que lhe fora negado e o que elas tinham. No entanto, estava cansada demais para sentir ressentimento, para sentir qualquer coisa. Uma estranha letargia se instalou nela, como um cobertor de lã molhado, e não se importava o bastante para sair dela.

Então observava suas amigas, grata por estarem ali com ela, certamente, mas não conseguia se envolver, participar das conversas e dos planos para o futuro. Matilda ficaria grata, algum dia, prometeu a si mesma. Um dia voltaria ao mundo e se lembraria de que era possível encontrar felicidade, até mesmo aventura, quando começasse suas viagens, mas não agora. Ainda era muito cedo.

Estava ciente de seu mordomo conversando com Ruth, ao longe, mas não se importou, até que um rosto pequeno e familiar aparecesse bem na sua frente.

Matilda piscou — Phoebe?

— Senhorita Hunt!

Matilda levantou os braços a tempo, quando a garota se lançou em sua direção, jogando os braços em volta do seu pescoço.

Abraçou-a por um momento, antes de soltá-la — O que está fazendo aqui, meu amor?

Phoebe se endireitou novamente e alisou as saias, seu rostinho ficando sério. Apertou os lábios, como se estivesse se lembrando do que deveria dizer. Pegando vários convites dourados de sua pelisse, os entregou a Matilda.

— São convites para a senhorita e todas as suas amigas, para o baile. A senhorita tem que vir. É muito importante. O tio vai consertar as coisas, mas a

senhorita tem que atender ao baile.

Matilda piscou para ela — O que quer dizer?

— Não posso dizer mais do que isso. — Phoebe disse, seus olhos azul-acinzentados muito ansiosos, suas mãozinhas enluvadas se contorcendo — Apenas prometa que virá. Ele não pode consertar as coisas, se a senhorita não vier.

— Mas... — Matilda protestou, balançando a cabeça — Eu... eu não posso, meu amor. Ele anunciará seu noivado e... não... não, perdão, é que...

Ela balançou a cabeça negativamente e Phoebe pareceu entrar em pânico. A garotinha procurou por Helena, entre as amigas.

— Helena! — Phoebe correu até ela e pegou suas mãos, puxando-as com urgência — Ela deve vir. — disse, implorando — Simplesmente *tem* que fazer isso. Por favor. *Faça-a* ir!

Matilda balançou a cabeça em negativa para Helena, avisando-a para não tentar, mas Helena olhava apenas para Phoebe, com uma pequena carranca entre as sobrancelhas.

— Ela está certa. — disse Helena, e Matilda a odiou naquele momento.

Odiava que Helena estivesse casada e feliz, com o homem que queria, que nada a separaria do Sr. Knight, apesar da desigualdade de prestígio social. Helena se virou para ela, porém, não permitindo que escapasse.

— É a melhor maneira de terminar com isso. Estaremos ao seu lado para apoiá-la, Matilda, e, se Montagu puder ajudá-la, ele deveria. Além disso, ainda tem que completar seu desafio.

— O desafio! — exclamou Kitty, com os olhos arregalados — Não sei qual é.

— Fazer algo que a assuste. — disse Helena, sorrindo um pouco para Matilda.

— Esse era um dos meus. — exclamou Ruth — Embora, deva admitir, quando escrevi, pensei mais em algo como encostar em uma aranha ou escalar uma árvore.

Kitty bufou e revirou os olhos — Bem, isso resolveria o desafio e mostraria para todas aquelas alcoviteiras maldosas que as Senhoritas Peculiares não se curvam aos seus ideais estúpidos. Não nos importamos com a *ton* ou com suas regras, temos as nossas próprias!

— Oh! — Phoebe exclamou, batendo palmas alegremente — Que ideia maravilhosa. Pronto, consegue ver, Srta. Hunt, deve ir ao baile.

Matilda olhou entre as amigas, procurando uma que a apoiasse, dizendo que aquilo era uma ideia terrível.

Aashini estendeu a mão e pegou a sua — Às vezes, devemos enfrentar o que mais nos assusta, antes de podermos seguir em frente, Matilda. Uma vez feito isso, saberá que não há nada que a quebre, que poderá superar qualquer coisa. E, se Montagu realmente tem um plano para ajudá-la, não deveríamos dar-lhe uma chance? Confia nele, não confia?

— Sim. — disse, embora se perguntasse por que Lucian a faria passar por

uma provação daquelas, quando sabia o que lhe custaria.



— E nós estaremos contigo. — acrescentou Jemima, sorrindo para ela — Não estará sozinha, Tilda.

Matilda respirou fundo e se voltou para Phoebe.

— Parece que sou voto vencido. — lamentou, tentando manter a voz leve e ouvindo a amargura, mesmo assim — Pode dizer ao seu tio que estarei lá.

O alívio nos olhos de Phoebe era dramático, o sorriso que envolveu seu belo rosto era tão largo, que Matilda se maravilhou. Talvez tivesse sido arrogante ao supor que era importante na vida da criança, que Phoebe sentiria sua falta, pois a garotinha parecia entusiasmada por ter providenciado isso para o tio. No entanto, Phoebe sabia o motivo daquele baile e odiava a ideia de Lucian se casar com outra pessoa. Porém, Matilda estava muito cansada e infeliz para pensar mais além, então depositou um beijo na bochecha da menina e a observou ir embora.

Bem, veria Lucian mais uma vez. Suportaria os olhares acusadores e os cochichos de todos os convidados, desesperados para avistar a futura noiva de Montagu e sua amante no mesmo ambiente.

Deixe-os olhar. Naquela noite, Matilda levantaria a cabeça e agiria como se ela e Lucian não fossem nada mais do que amigos, como se seu coração não tivesse sido arrancado de seu peito, e se Lucian pudesse reparar sua reputação, que o fizesse.

De qualquer forma, não importava.



Phoebe desceu os degraus correndo, acenando para Jack no banco do cocheiro, antes de subir na carruagem, onde seu tio a esperava.

— Bem? — Lucian perguntou, com a expressão tensa e preocupada.

— Ela irá ao baile! — gritou, pulando para cima e para baixo, no assento.

— Graças a Deus. — recostou-se e soltou um suspiro aliviado e depois sorriu — Muito bem, Phoebe. Não sei como fez isso, mas obrigado. Muito obrigado.

— Foi fácil. Ela ainda tem um desafio para completar, como os que suas amigas tiveram, e elas disseram que a Srta. Hunt precisava completar no baile.

— Qual é o desafio? — perguntou, franzindo a testa.

— Fazer algo que a assuste.

Ela observou seu rosto escurecer e suas sobrancelhas loiras se unirem. Phoebe mudou de assento e sentou-se ao lado do tio, pegando a sua mão — Vai ficar tudo bem, e o senhor também está com medo, não é? Então, é justo.

Ele se virou, olhou para ela e deu uma pequena gargalhada.

— Não estou com medo, estou aterrorizado. — admitiu.

— Bem, está vendo? — Phoebe sorriu para ele, aliviada, quando sua

expressão amenizou.

— Vamos ver, Phoebe .— disse, sorrindo em troca, e então seu rosto caiu novamente, e apertou ainda mais a mão dela.

— Como ela estava?

Phoebe mordeu o lábio e deu de ombros.

— Como o senhor.

Ele assentiu, paralisando por um momento — Bee, e se...

Ela revirou os olhos e agarrou a bengala prateada que ele costumava carregar, quando estava na cidade. Deu algumas batidas no teto da carruagem e se virou para ele, ao passo que o veículo se afastava.

— Pare de se preocupar. — ordenou ao tio, balançando o dedo para ele — O senhor assustou tanto a tia-avó Marguerite, que duvido que ela se aproxime de nós novamente. Ela não sabe de nada, ninguém mais sabe. Está tudo sob controle, o senhor só precisa fazer o que planejamos, então, pare de se preocupar com isso.

Ele bufou e recostou-se, balançando a cabeça.

— Muito bem, se diz. — comentou, e Phoebe soube que só estava sendo sarcástico porque estava nervoso.

— Confie em mim. Vai ficar tudo bem, melhor do que bem. — emendou — Vai ser perfeito.

— Perfeito. — assentiu, segurando o olhar dela — Sim.

— Então, agora temos que ver a duquesa de Bedwin.

Ele gemeu e colocou a cabeça entre as mãos — Bem, a ideia foi sua. — ela retrucou.

— Eu sei.

— Ela ainda está com Matilda no momento, então, isso significa que o senhor tem tempo para me levar ao Gunter.

Lucian bufou — Ah, é mesmo?

— Eu mereço, o senhor não acha? — Phoebe sorriu, enquanto ele ria de sua expressão presunçosa.

— Acho. Pode tomar todo o sorvete de chocolate que quiser, o bastante para passar mal, com a minha bênção.

— Excelente, e depois podemos ver a duquesa.

Seu tio suspirou — Espero que o duque não esteja em casa enquanto estivermos lá. Bedwin será insuportável.

Phoebe deu de ombros — O senhor é muito mais insuportável quando quer ser. Pode ganhar qualquer concurso dessa natureza, o senhor sempre ganha.

Lucian sorriu para ela, uma expressão que Phoebe tinha visto tão raramente ultimamente, que seu coração saltou — Obrigado, Bee. É bom saber que tem tanta fé em mim.

— É claro. — disse, escondendo o sorriso, e entusiasmada com antecipação.



Ah, estou tão animada que poderia explodir!

—Trecho de uma anotação da Srta. Phoebe Barrington em seu diário.



19 de maio de 1815. Montagu House, St James's, Londres.

Lucian andava de um lado para o outro na biblioteca. Todos estavam aqui, esperando por ele, aguardando seu anúncio. Phoebe estava sentada na cadeira atrás da mesa, com um lindo vestido rosa, as sandálias de cetim balançando para frente e para trás, ela o observava placidamente.

— Qualquer um pensaria que o senhor está nervoso.

Lucian deu-lhe um olhar estreito, e ela apenas sorriu.

— Criatura terrível. — murmurou — Deveria estar me encorajando.

— Ora! Certamente o senhor não precisa disso.

Ele riu um pouco e balançou a cabeça — Não, embora deva confessar que estou com um pouco de...

— Medo?

Lucian assentiu e Phoebe pulou da cadeira e caminhou até ele.

— Ela ama o senhor.

Ele soltou a respiração que estava segurando — Sim.

— E o senhor a ama.

— Eu amo.

— Muito bem, então.

Lucian riu e se agachou para abraçar com força a sobrinha — Muito bem, meu amor, e vai assistir tudo e vibrar por mim?

— É claro! — exclamou — Pippin, a Sra. Frant e eu vamos nos esgueirar até a galeria e assistir lá de cima.

Houve uma batida na porta, e o coração de Lucian deu um salto em seu peito. Apesar de tudo, se sentiu enjoado. Lucian se aprumou e foi até o espelho, verificando seu reflexo, antes de voltar para Phoebe.

— Bem? — perguntou, esperando enquanto Phoebe o analisava criticamente, andando em círculo ao seu redor.

— Está muito bonito, tio. — declarou — Ela vai ficar tão orgulhosa do senhor. Eu estou.

— Obrigado, Bee. Não sei o que faria, se não estivesse comigo.

— Nem eu. — respondeu com um suspiro, os lábios se curvando.



Isso foi um erro. Nate estava com o rosto branco de raiva e Jasper

conversava seriamente com ele, tentando, em vão, acalmá-lo. Quase impediu o irmão de Matilda de assassinar algum idiota que pensara em fazer um comentário malicioso sobre seu relacionamento com Montagu.

— Todo mundo está me encarando. — disse Matilda.

Aashini deu uma risada leve — Querida, claro que estão. Está incrivelmente linda nesse vestido.

Matilda bufou e olhou para seu traje. Era adorável. A bela gaze de algodão branco era bordada com lantejoulas e fios dourados. Puro e etéreo. Admirou-o imediatamente na vitrine de uma loja, e Lucian se ofereceu para comprá-lo para ela, para a sua amante. Matilda o comprou e o transformou no vestido mais deslumbrante que já vira. Custou-lhe uma pequena fortuna, e fez isso por causa de Lucian. Na época, tinha sido para esfregar, na sua cara, o fato de que não precisava ou queria o dinheiro dele, que não podia ser comprada. Agora, simplesmente queria que Lucian visse, queria que a visse usar, queria que se lembrasse dela assim.

Respirou fundo e se virou para Aashini.

— *Não é por isso que eles estão olhando.* — respondeu amargamente.

Todos estavam olhando para ela, porque acreditavam que era a amante de Lucian. Sabiam que ele anunciaria seu noivado, aquela noite, e Matilda sabia que todos os olhos se voltariam para ela, esperando por sua reação ao anunciado.

Lady Constance Rivenhall estava presente e continuava lançando olhares mordazes para ela. Matilda ficou fortemente tentada a arrancar seus belos olhos. Sem dúvida, era a noiva pretendida de Lucian. Marguerite sempre a favoreceu, em detrimento das outras. Seu estômago revirou e respirou fundo.

Não choraria.

— Não é a única razão pela qual estão olhando. — Aashini respondeu, com um leve sorriso — Também não é a única razão pela qual olham para mim.

Matilda assentiu e estendeu a mão, pegando a da amiga e segurando-a forte.

— Oh, olhem, lá estão Prue e Bedwin. — Bonnie disse.

Matilda se virou e viu o casal correndo em sua direção, embora correndo fosse um termo relativo, já que Prue parecia um navio a todo vapor, com suas saias volumosas fazendo pouco para disfarçar sua gravidez, estava magnífica e, cada centímetro, uma duquesa, atravessando a multidão.

— Matilda! — disse com urgência, os olhos brilhando com excitação.

— Prue, devagar, meu amor. — murmurou Bedwin, acalmando a esposa, enquanto ela ofegava.

— Prue, o que foi? — Matilda perguntou, um pouco alarmada.

— Oh, Matilda! — Prue enxugou os olhos com um lenço bordado de renda e depois segurou suas mãos — Querida, vai ficar tudo bem...

— O Marquês de Montagu.

As palavras de Prue foram interrompidas quando Lucian foi anunciado, e a multidão caiu em silêncio, cada pescoço esticando para observá-lo, parado no

topo da escada, que dava para o vasto salão. A respiração de Matilda ficou presa e seu coração acelerou tão rápido no peito, que temeu que pudesse desmaiar. Aashini pegou sua mão, segurando-a firme.

— Estamos aqui, Matilda. — disse Helena calmamente, ao seu lado.

Matilda sabia que estavam. Podia sentir a presença de todas as suas amigas, o amor delas lhe dando coragem e a capacidade de olhar para o outro lado do salão e encontrar aqueles olhos prateados, talvez, pela última vez.

Meu Deus, ele era magnífico, resplandecente em seu fraque, o severo preto e branco, um florete perfeito para sua beleza austera. Estava olhando para ela, como se não pudesse desviar os olhos, um rubor subiu por suas bochechas.

Pare com isso, Lucian.

Por que estava olhando para ela daquele jeito? Deveria salvá-la, não piorar as coisas.

De repente, começou a se mover com a graça de uma pantera e desceu as escadas para o salão, a multidão se abrindo, como uma presa diante de um predador. As pessoas começaram a sussurrar em antecipação, quando perceberam para onde estava indo, esperando que um escândalo delicioso se desenrolasse diante de todos, enquanto Lucian ia até a mulher que acreditavam ser sua amante.

— O que ele está fazendo? — Matilda exigiu, agarrando a mão de Aashini.

— Coragem, Matilda. — ordenou Prue — Vai ficar tudo bem.

Matilda queria olhar para a amiga, exigir que lhe dissesse como sabia disso, mas não conseguia tirar os olhos de Lucian, enquanto vinha em sua direção. Parecia tão frio e intocável como sempre, gelado e remoto, e, ainda assim, viu algo em seus olhos, quando se aproximou, algo que fez seu coração dar pulos desgovernados dentro de seu peito. O brilho das luzes das velas nos lustres acima atraiu seu olhar para a lapela dele. O coração de bruxa de rubi e diamante, que ele lhe enviara, uma vez, reluzia em seu fraque preto. Lucian havia dito que ela o enfeitara, quando mandou o presente. Ela o recusou e mandou de volta. Por que, diabos, ele estava usando isso?

Matilda não teve tempo para considerar a questão, porque Lucian parou bem na sua frente.

— Boa noite, Srta. Hunt. — Lucian cumprimentou, fazendo-lhe uma reverência profunda e respeitosa, enquanto os murmúrios chocados e o fascínio encantado ficavam mais altos.

— O que está fazendo? — exigiu, com a voz trêmula.

Lucian sorriu para ela e retirou o broche da lapela.

— A senhorita me repreendeu da última vez que tentei lhe dar isso. — começo, segurando a peça de coração na palma da mão — A senhorita disse que um cavalheiro de verdade jamais ousaria enviar um presente, de tanto valor e intimidade, a uma dama, a menos que estivessem noivos. Não se ele tivesse algum respeito por ela.

— E eu estava certa. — respondeu, furiosa agora, consciente das centenas de olhos sobre eles, assistindo-o arruiná-la para sempre, anunciando ao mundo

a intimidade de seu relacionamento.

Para seu horror, ele deu um passo à frente e tocou seu vestido, ganhando suspiros escandalizados de todos os cantos do salão. Matilda estava chocada demais para reagir, vagamente ciente de Bedwin lutando para conter seu irmão. Com perfeita calma, Lucian prendeu o coração no decote de seu vestido, as mãos enluvadas roçando a sua pele, fazendo-a estremecer de anseio. Seus olhos prateados brilharam satisfeitos, quando olhou para ela.

— Tem meu coração agora, Matilda, para sempre, e, desta vez, gostaria que o guardasse.

— Lucian. — Matilda começou, perplexa, lágrimas se acumulando em seus olhos, quando a declaração fez seu coração badalar, mesmo enquanto ele a expulsava da sociedade para sempre, depois fez a coisa mais extraordinária.

Matilda observou, espantada, quando Lucian Barrington, o Marquês de Montagu, se ajoelhou.



Suas mãos tremiam tanto, que ele não tinha a menor ideia de como havia prendido o maldito broche. Quando a viu parada no salão, orgulhosa como uma rainha, cercada por todas as pessoas que a amavam, pensou que seu coração fosse parar. Sempre teve que se afastar das coisas que queria, sempre teve que escolher seu dever, em vez do prazer, da felicidade. Poderia realmente fazer uma escolha diferente, desta vez? Seu peito estava apertado de pânico, de terror, pois, certamente, Matilda não poderia ser dele, certamente não tinha direito a um prêmio desses. Todos aqui pensavam que ele era o maior prêmio, mas isso porque eram todos uns tolos e não conseguiam enxergar a verdade.

Deus, ela estava linda.

O vestido que usava brilhava sob a luz das centenas de velas, fazendo-a parecer uma rainha das fadas, vestida com as luzes das estrelas. Tinha certeza de que não respirava, desde o momento em que a viu, seus pulmões trancados, enquanto cruzava o salão. O mundo inteiro estava assistindo e, se ela o recusasse, seria motivo de chacota, ridicularizado até o fim dos tempos. Era por isso que ele tinha que fazer dessa maneira, tinha que dar a Matilda o poder, pois tirara isso dela, todos aqueles anos atrás. A amava demais para fazer qualquer coisa menos do que isso, uma declaração pública de seu amor e estima, diante de todos aqueles que a desprezaram. Deixe-os pensar menos dela, agora, da mulher que levou o Marquês de Montagu a ficar de joelhos. Lucian esmagaria qualquer um que olhasse para ela, com qualquer coisa menos que respeito.

Podia ver a dor em seus olhos enquanto se aproximava, sua confusão, e rezou para que ela não fugisse dele. Matilda manteve o queixo erguido e o porte orgulhoso, até que ele pudesse deixar suas intenções claras.

— Tem meu coração agora, Matilda, para sempre. — disse, ciente de que sua voz tremia tanto quanto suas mãos — E, desta vez, eu gostaria que o

guardasse.

— Lucian...

Ela começou falar, mas parou quando ele se ajoelhou diante dela e pegou sua mão.

— Meu amor. — disse, todos os outros desapareceram e só restara ela à sua frente, a mulher que derreteu o gelo, que ficou ao seu lado, enquanto ele enfrentava o monstro de sua infância, e todos os fantasmas que o assombravam — Tenho morrido um pouco mais a cada dia, sem sua presença. Não posso viver assim, não posso suportar mais um dia sem tê-la ao meu lado. *Por favor*, Matilda, me daria a grande honra de se tornar minha esposa?

Sua boca se abriu, seus lindos olhos azuis marejados com lágrimas, arregalados de espanto. Não disse nada, apenas olhou para ele, e o coração de Lucian bateu descompassadamente, quando o pânico nasceu em seu peito.

— Diga sim, Matilda! — gritou uma vozinha da galeria. Ambos olharam e viram Phoebe pairando sobre a balaustrada, acenando loucamente — Aceite!

Matilda deu uma risada assustada e se virou para ele, o sorriso largo e glorioso.

— Sim! — sussurrou, e Lucian soltou a respiração, aliviado. Repetiu a resposta, mais alto dessa vez — Sim. Sim, sim, sim!

— Graças a Deus.

Lucian se levantou, quando um grito de horror ecoou pelo salão, mais alto até que o barulho das conversas animadas e o choque da plateia. Lucian viu sua tia Marguerite desmaiar, envolta em uma onda de bombazina preta.

— Oh, minha nossa! — disse Matilda, encontrando seus olhos.

Lucian só podia sorrir para ela, enquanto pegava suas mãos, segurando firme. Sentiu que era uma expressão que não sairia de seu rosto, por um tempo considerável.

— Eu a amo. — disse, desejando que estivessem sozinhos, desejando poder abraçá-la, beijá-la e nunca mais deixá-la ir.

— Eu também o amo. — respondeu, embora parecesse perplexa — Mas, Lucian, tem certeza? Seu nome, o título...

Lucian balançou a cabeça.

— Meu filho. — disse, apertando os dedos dela — Não vou condenar meu filho à vida que levei, à vida que meu pai esperava de Philip. Gostaria que ele fosse feliz, amado. Eu também sei como é, Matilda. Para sempre.

Matilda fez um som sufocado, lágrimas transbordando, e Lucian sentiu seu coração apertado de felicidade. Fez um gesto para a orquestra, instruindo-os a tocar.

— Posso ter o prazer desta dança, meu amor?

— Sim. — disse, rindo e chorando ao mesmo tempo, enquanto ele a conduzia para a pista de dança. Enxugou os olhos, com uma mão enluvada, tentando se recompor — Por Deus, Lucian. Todos olham para nós. Achem que enlouqueceu.

Ele encolheu os ombros e a pegou nos braços — Não há nada de novo, meu

amor, e eu não me importo. Você e Phoebe são tudo com o que me importo. O resto do mundo, que vá para os infernos.

A música inflamou e a puxou para perto, muito mais perto do que era apropriado, olhando para essa mulher extraordinária, sabendo que todo mundo podia ver o que ele sentia, podia ver o quão forte havia se apaixonado, e não se importando com nada disso. Passou a vida inteira escondendo suas emoções, mantendo-se afastado, mas não neste momento. Não esconderia isso, pois era vasto demais para ser contido, e queimava forte demais, para ser escondido sob camadas de gelo.

— Eu não pude suportar a dor, meu amor. — disse desejando poder levá-la dali naquele momento, naquele instante — Senti tanto a sua falta, não sabia o que fazer comigo mesmo.

— Nem eu. — disse, olhando para ele — Estava tão furiosa por ter me deixado daquela forma.

Ele assentiu, seu coração doendo pela dor que havia lhe infligido — Sinto muito. Eu estava com muito medo de ficar. Sabia que não poderia dizer adeus, então fugi. Mas voltei, Matilda, e nunca mais a abandonarei. É tudo o que eu quero, apenas você, e farei tudo ao meu alcance para fazê-la feliz.

— Já está fazendo. — disse, rindo, as palavras dele fazendo seu coração acelerar — E sei que sempre fará.



A música acabou, mas Lucian não a soltou. Ficaram imóveis, Lucian não conseguia parar de olhar para ela, a expressão de Matilda era tal, que ele não conseguia desviar os olhos.

— A dança acabou. — ela sussurrou, mas ele balançou a cabeça.

— Está apenas começando.

Ela riu de novo, entontecida e borbulhando de felicidade.

— Se isso é um sonho, não me deixe acordar.

— Nunca. — prometeu — Vamos sonhar juntos.

Juntos. Eles ficariam juntos. Lucian a pediu em casamento, na frente de todo mundo! De repente, estavam cercados por suas amigas, e houve uma moção de felicitações, risos e lágrimas de felicidade, enquanto Matilda abraçava e era abraçada, e a mão de Lucian apertada, em cumprimentos. Matilda reprimiu uma risada, quando Gabriel Knight cumprimentou Lucian com um tapinha nas costas, e Lucian deu-lhe um olhar divertido, pelo gesto amigável e masculino. Teria que se acostumar com coisas como amigos, agora. O pensamento animou seu coração. Ela o faria feliz, encheria aquele vasto palácio com o som de risos, com seus filhos e amigos, e os sons de uma vida vivida ao máximo.

Lucian estendeu a mão para ela, segurando-a firme, como se temesse que ainda pudesse escapar dele. Com o canto do olho, ela viu Lady Constance Rivenhall e sua mãe deixando o baile, enojadas. Deveria sentir simpatia, talvez, mas... não aquela noite.

— Oh, Tilda!

Matilda cambaleou, forçada a soltar a mão de Lucian, enquanto Bonnie a abraçava ferozmente, quase derrubando as duas no chão.

— Essa foi a coisa mais romântica que já vi, em toda a minha vida. — Bonnie proclamou a plenos pulmões, pressionando a mão contra o coração de forma dramática, enquanto as amigas riam, e todas as velhas alcoviteiras sussurravam e balançavam a cabeça em negativa.

— Oh, só um momento, amor. — protestou Jerome — Veja bem, eu também sou terrivelmente romântico.

Bonnie bufou — Sim, claro que é. — disse, suavemente — Mas, mesmo assim... Montagu, de todas as pessoas, de joelhos. Oh, minha nossa, quase desmaiei.

— Eu também. — Kitty suspirou, balançando a cabeça — Oh, Matilda, as pessoas vão falar disso, por décadas. Que conquista, e o olhar dele! Por Deus, ele a adora.

— Sim. — Matilda respondeu, decidindo que tinha todo o direito de se sentir presunçosa nas circunstâncias — Prue! — exclamou, vendo a amiga se aproximar.

— Parabéns. — disse Prue, radiante.

— Já sabia. — Matilda a acusou.

Prue parecia um pouco tímida e extremamente satisfeita consigo mesma, enquanto assentia.

— Sim, mas só desde ontem à tarde, e jurei segredo. Queria dar-lhe uma dica, antes que Lucian chegasse, mas esse doce querido estava me causando muita dificuldade. — disse, alisando uma mão carinhosamente sobre sua barriga — E, então, chegamos atrasados.

— Mas como? — Matilda perguntou, perplexa.

Prue a puxou para o lado e falou baixinho — Montagu veio me ver com uma ideia de como a história dos dois deveria ser contada. Para que as pessoas se apaixonassem por você, como ele se apaixonou, palavras dele.

— E pediu que escrevesse. — Matilda disse, encantada.

Prue assentiu — Só com sua bênção, Matilda, e os dois devem ler cada palavra, antes de ser impressa. Claro, mudarei todos os nomes e não será publicado como sua história, mas todos saberão, mesmo assim.

Matilda olhou para Prue. — Ele realmente quer isso?

— Ele quer que as pessoas saibam como sofreu, como foi julgada erroneamente, e como tem sido forte e corajosa. É bastante inteligente, na verdade. Acho que, se eu fizer direito... e, claro que o farei, naturalmente... não só irá reparar a sua reputação, como acho que se tornará a figura mais amada da *ton*. Afinal, sou uma escritora maravilhosa. — acrescentou seriamente, os olhos maliciosos.

Matilda riu, feliz pela amiga, e pela ideia de Lucian.

— Sim, é. — disse, abraçando Prue o melhor que pôde, devido a sua barriga — Mas não vai estar com as mãos um pouco cheias, em breve, para se

preocupar com essas coisas?

Prue deu de ombros.

— Honestamente, estou gorda demais para fazer qualquer outra coisa, no momento, e tão entediada, que quero chorar. Sua história tem tudo: triunfo sobre o mal, amantes malvados... e essa cena de hoje à noite. — Prue deu um suspiro contente — Se eu tivesse uma pena na mão, começaria imediatamente.

Matilda riu, ciente de que sua amiga estava falando sério — Bem, o que quer que a faça feliz, minha querida. Mal posso esperar para ler!

Ela olhou para cima, quando Lucian se aproximou novamente, com os olhos brilhando.

— Posso roubá-la por um momento, Srta. Hunt? — perguntou Lucian, pegando a mão dela — Acredito que há alguém que está morrendo de vontade de falar contigo.

— É claro. — disse imediatamente.

Ele se desculpou e a guiou para fora do salão, para um elegante salão azul. No momento em que a porta se abriu, houve um grito de alegria e Phoebe correu em direção aos dois.

— Ela disse sim! — gritou, lançando-se em Lucian, que a pegou e a girou, rindo, tão abertamente, que Matilda corria o risco de chorar novamente.

— Ela disse, Bee, com uma pequena ajuda sua.

— Eu ia dizer sim, de qualquer maneira. — Matilda protestou, imaginando se seu coração poderia aguentar mais, pois já estava borbulhando de felicidade — Fiquei apenas um pouco chocada.

— Bem, seja qual for a razão, quase fez meu coração parar. — admitiu Lucian, beijando a bochecha de Phoebe — Eu quase morri lá, Bee.

— Eu sei, eu conseguia ver. — Phoebe disse gravemente, abraçando seu pescoço — Foi por isso que dei uma dica para ela.

— Parabéns, milorde.

Lucian olhou para trás e viu Pippin, que estava no canto, dando-lhes um pouco de tempo juntos. Colocou Phoebe no chão, e ela correu imediatamente para abraçar Matilda, enquanto Lucian ia em direção a Pippin. Matilda observou, segurando Phoebe nos braços e sentindo sua garganta ficar apertada, quando Lucian puxou a mulher para um abraço.

— Eu nunca disse isso com tantas palavras, Pippin, mas acho que não estaria aqui, se não fosse por sua causa. — olhou-a e se inclinou, beijando sua bochecha — Obrigado. Obrigado por estar sempre presente, por cada pequena gentileza, por todos os abraços, biscoitos e palavras de conforto. Nunca os esquecerei, e sempre haverá um lugar em Dern, pelo resto de seus dias, Pippin, pois não poderia aceitar que se afastasse agora.

— Ah, Lucian. — disse Pippin, enxugando os olhos com um lenço, quando ele a soltou — Foi um prazer. Me orgulho de ter feito isso, e mais ainda de tê-lo servido, milorde.

Lucian assentiu e Matilda aceitou, aliviada, o lenço que Phoebe lhe

ofereceu.

— Pippin. — disse, sua voz mais séria agora — Há uma coisa que tem me incomodado. O que enviou para o meu tio?

O rosto de Pippin ficou sério e ela cruzou os braços — Quando o senhor o mandou de volta para a Índia, coloquei algo em seus baús, junto com uma carta, alertando-o de que seu coração dispararia como um relógio descontrolado, se ele voltasse a pisar na Inglaterra.

— O quê, Pippin? — exigiu.

Pippin franziu os lábios — O senhor não acredita nas minhas bobagens, milorde, então, não faz sentido saber, não é?

— Foi problema no coração. — disse, teimosamente — Ele sempre foi refém de comida gordurosa e vinhos. Uma vida inteira de tal excesso e indulgência teria cobrado seu preço.

— Provavelmente. — Pippin encolheu os ombros, embora o brilho em seus olhos não correspondesse à sua resposta.

Lucian se virou para Matilda, em busca de confirmação, e ela mordeu o lábio, sem saber como responder — Bem, foi estranho, Lucian. — disse, desculpando-se — Helena disse que todas sentiram a sensação mais estranha, quando deram as mãos. Algo poderoso.

— Claro que era poderoso. — Pippin zombou — Elas a amam, Srta. Hunt. Acredite no que quiser, milorde, Theodore sabia o que eu havia previsto. Sabia que havia perdido o jogo, e podia sentir o quão protegidos os dois estavam. Talvez, perceber aquilo, tenha feito seu coração acelerar, talvez fosse algo mais... O que isso importa? Ele está morto, e a vida é para os vivos. Para os dois. Aproveitem ao máximo, meus queridos.

Lucian riu, balançando a cabeça — Nós vamos, sua velha bruxa. Então, não vá lançar nenhum feitiço sobre nós.

Pippin piscou para ele — Não faço promessas que não me importo de cumprir, milorde. Agora venha, Phoebe. A Srta. Peabody comerá minhas entranhas, se não a levar para cama, agora.

— Srta. Peagoose. — disse Phoebe, sorrindo para ela.

Pippin apertou os lábios, apontando um dedo para ela — Eu disse para não repetir isso, sua diabinha. Venha logo.

Phoebe deu uma gargalhada e correu para beijar Lucian e depois Matilda.

— Este é o dia mais feliz da minha vida. — anunciou, e Matilda teve que recorrer ao lenço novamente.

— É isso, meu cordeiro. — Pippin disse, pegando a mão dela — Enquanto penso nisso, milorde, estaria tudo bem se Dharani Das viesse me visitar aqui, amanhã à tarde? É o meu dia de folga.

Lucian olhou para ela, uma pequena carranca entre as sobrancelhas.

— Com a única condição de que não conjure feitiços na minha cozinha. Não desejo olhos de salamandra para o meu jantar, garanto.

Pippin devolveu um sorriso bastante perverso.

— Como se o senhor soubesse. — disse, rindo, e acompanhou Phoebe para

fora da sala.

— Essa é a coisa mais aterrorizante que já ouvi. — Lucian disse, quando a porta se fechou atrás dela.

Matilda riu e correu para os braços dele. Abraçou-o forte e Lucian a puxou para mais perto ainda, lhe dando um sorriso.

— Meu amor.

— Sim. — respondeu, a voz tremendo de felicidade — Sempre.

— Sempre. — repetiu baixinho.

— O que o fez mudar de ideia? — perguntou, ainda incapaz de acreditar que realmente estava acontecendo, que seria sua esposa.

— Eu a amo demais para deixá-la ir. — disse simplesmente — E sua carta me fez perceber que não era só eu que sofreria, se me afastasse. Se eu a perdesse, condenaria gerações a viver sem amor. Eu li suas palavras, cem vezes pelo menos, e cada vez pareciam ecoar ainda mais alto, em meu coração.

— Oh, Lucian. — disse, apoiando a cabeça em seu peito e o segurando firme.

Acariciou o cabelo dela, respirando o aroma inebriante de flor de laranjeira e da mulher que amava.

— Estava certa. — sussurrou — Eu nunca tinha considerado meu filho como outra coisa, senão o próximo Montagu. Não o considerava uma pessoa real, como um menino, tal como Philip ou Thomas... ou como eu. A ideia dele viver a vida que eu vivi, ou qualquer coisa próxima a isso...

Balançou a cabeça e se afastou para olhar para ela, seus lindos olhos sérios e cheios de adoração.

— Quero que eles sejam amados, Matilda, que cresçam em uma família onde nunca duvidem que cada um deles será tão valorizado quanto o outro. Quero que eles saibam o que é felicidade e que têm a liberdade para encontrá-la.

— Então, devemos dar o exemplo.

— Sim. — disse, sorrindo para ela — Devemos.

Então a beijou.



Minha querida Prue,

Foi tão bom vê-la e sua linda filha, na semana passada. Como Bedwin parecia orgulhoso também. A criaturinha já o enrolou no dedo dela, menina inteligente.

Apenas escrevo para dizer o quanto estou gostando de “A águia e o Cordeiro”. Chorei litros e me apaixonei profundamente pelo herói. Pelo amor de Deus, não conte a Jerome, ou ele ficará terrivelmente zangado. Toda a ton está agitada com isso, para não mencionar o restante do Reino Unido. Ouvi os criados discutindo a respeito, esta manhã. As criadas da cozinha estavam todas alvoroçadas, desfalecendo por causa do marquês frio, cujo coração foi derretido pelo cordeiro. Acredito que haverá uma grande multidão do lado de fora de St. George, amanhã. Será o casamento do século e não se engane. Todos se apaixonaram perdidamente por Matilda e Montagu, e mal podem esperar para ver seu final feliz.

— Trecho de uma carta da Sra. Bonnie Cadogan para Sua Graça, Prunella Adolphus, Duquesa de Bedwin.



19 de junho de 1815. Igreja de St. George, Hanover Square.

— Meu Deus, essa multidão é ridícula. — Nate reclamou, esticando o pescoço, para ver melhor a estrada, pela janela — Nesse ritmo, a águia não verá seu cordeiro, até a próxima semana.

Matilda corou um pouco com a referência ao livro escandalosamente romântico de Prue, que vendeu aos milhares, quando os primeiros capítulos foram publicados. Estava sendo lançado em parcelas e a antecipação do final feliz, em conjunto com um casamento na vida real, causou bastante furor.

A águia era uma versão mal disfarçada de Lucian e se referia ao brasão Montagu, ou seja, uma águia com asas estendidas. Matilda protestou um pouco, por ser comparada a um cordeiro. Prue, no entanto, garantiu que as imagens eram necessárias, para capturar o coração do público, e que o cordeiro teria o coração de uma leoa, à medida que a história avançasse.

Estava certa, é claro, e Matilda ficou impressionada com sua recém-descoberta celebridade. Todos queriam conhecê-la e, na verdade, estava se tornando um pouco cansativo. Ansiava por Dern, pela paz e tranquilidade da bela paisagem e pelo início de sua vida com Lucian.

Matilda ficou amargamente desapontada quando Lucian se recusou a adquirir uma licença especial, e determinou que eles deveriam conduzir o rito do casamento exatamente como deveria ser feito. Lucian insistiu que eles se casassem para toda a *ton* ver, sem nenhum indício de constrangimento, ou qualquer coisa apressada ou escondida. Quando ele disse que queria que o mundo visse o quanto a amava e admirava, todos os seus argumentos evaporaram. Embora o tempo que ele a forçou a esperar tenha sido excruciante, um longo mês, estava feliz por isso. Através de seus esforços, sua exibição pública na noite do baile e a bela história de Prue, sua reputação foi restaurada. Havia se tornado os queridinhos da sociedade, suas presenças procuradas em todos os eventos, seus nomes nos lábios de todos e folhetos com suas imagens, em todas as vitrines das gráficas.

Phoebe implorou por uma imagem em particular, Lucian teve que entrar em uma gráfica para comprar para ela, para o deleite das páginas de escândalo. Representava-o de joelhos, com Matilda caindo em um desmaio. Enquanto isso, Phoebe balançava precariamente sobre a borda da balaustrada, gritando para encorajar Matilda, e Pippin a segurava pelos tornozelos. Phoebe ficou encantada com a imagem e imediatamente a colou na parede atrás de sua cama.

Por fim, a carruagem parou do lado de fora da igreja, depois de lutar contra a multidão. A porta foi aberta e Nate pegou a mão de sua irmã.

— Estamos atrasados. — disse ele, parecendo satisfeito com o fato — Montagu vai pensar que mudou de ideia.

— Não, ele não vai. — Matilda retrucou, dando a Nate um olhar de advertência, que o instruiu a ser gentil.

O que quer que Nate pudesse ter dito em resposta, foi abafado pela onda de aplausos da multidão reunida do lado de fora da igreja, quando tiveram seu primeiro vislumbre dela. As pessoas estavam acenando com impressões dela e de Lucian e gritando extasiadas, e Matilda riu, balançando a cabeça, maravilhada.

— Eles estão todos loucos. — seu irmão reclamou, ajudando-a com a cauda volumosa de seu vestido, enquanto seus lacaios abriam caminho. Finalmente, chegaram sob o grande pórtico apoiado por suas seis colunas coríntias e às portas da igreja.

— Bem, então. — disse Nate, enquanto uma onda de música podia ser ouvida de dentro — Última chance para mudar de ideia.

Matilda suspirou e beijou sua bochecha — Não, obrigada, Nate. Gostaria muito de me casar, agora.

— Ah, muito bem. — disse o irmão, com um suspiro pesado — Se insiste. Já era hora de o sujeito tirá-la das minhas mãos.

Matilda resistiu ao desejo de chutá-lo, enquanto avançavam, seu coração bateu forte de excitação. Ela ia se casar com Lucian. Estava acontecendo, e mal podia esperar.



Lucian olhou para o relógio, pela quinta vez, em poucos minutos — Ela está atrasada.

Gabriel deu um sorriso divertido e balançou a cabeça — Prerrogativa da noiva, não é? — disse suavemente e depois riu — Não entre em pânico. O mundo e sua esposa estão descendo a Hanover Square, esta manhã. A carruagem deve estar lutando para passar.

— Isso deveria ter sido contabilizado. — Lucian murmurou sombriamente, sabendo que parecia um menino mal-humorado, mas esperou o máximo que seus nervos puderam suportar. Um mês inteiro era suficiente para qualquer homem aguentar, mais cinco minutos e perderia qualquer aparência de sua compostura lendária, para sempre. Seu padrinho não estava ajudando, particularmente, parecendo ter grande prazer na sua incapacidade de esconder seu nervosismo.

Lucian lançou outro olhar discreto para o relógio, antes de colocá-lo de volta no bolso. Levantou os olhos e viu Gabe rindo para ele, com pena.

— Amigos são superestimados. — disse, cruzando os braços.

Gabe apenas riu e entregou-lhe um pequeno frasco de prata.

— Temos nossas compensações. — assegurou a Lucian — Eu tenho o anel e o conhaque, o que mais poderia querer?

Felizmente, Lucian não teve tempo de pensar em uma réplica apropriada. Phoebe, como sempre, salvou-o de um rápido mergulho na escuridão, a garota levantou as saias e estava correndo pelo corredor, gritando “*ela está aqui!*”, a plenos pulmões.

Lucian soltou um suspiro e sorriu para ela, ignorando os murmurinhos de todas as matriarcas sobre o comportamento terrível de Phoebe.

— Obrigado, Bee. — disse, empurrando-a de volta à sua posição de dama de honra.

O órgão começou a tocar, o som ressoava em seus ouvidos, enquanto a congregação se levantada para receber a noiva. A respiração de Lucian ficou presa em sua garganta. Matilda resplandecia, enquanto caminhava pelo corredor, raios de sol alcançavam os fios de prata de seu vestido, fazendo com que brilhasse, *fazendo-a* brilhar. Havia diamantes no seu pescoço, orelhas e pulsos e uma tiara pesada combinando; joias que estavam em sua família há gerações, e usadas por todas as marquesas de Montagu, no dia do seu casamento. Lucian sabia, sem dúvida, que nenhuma dessas mulheres havia sido amada por seu marquês, como ele a amava. Quebrariam a regra, os dois juntos, e teriam uma família grande e poderosa, embora não através da riqueza, da política ou de casamentos brilhantes, mas vivendo a vida ao máximo. O sucesso deles viria ao encontrar felicidade, amor e alegria. E todas

as coisas que percebeu agora que não podiam ser compradas ou tomadas, mas tinham que ser dadas abnegadamente e com todo o coração.

De repente, ela estava ao seu lado e, como sempre, quando Matilda estava perto, o resto do mundo sumiu.

— Meu amor. — cumprimentou-a, pegando sua mão.

Ela sorriu, seus olhos iluminados de felicidade e a segurou firme.



— Bee, se comer outra fatia de bolo, ficará doente. — Lucian alertou, embora estivesse sorrindo para ela.

Phoebe encolheu os ombros e colocou outro pedaço na boca.

— Eu não me importo. — disse, enquanto mastigava o bolo.

Matilda escondeu um sorriso, Lucian respirou fundo — É inútil. — lamentou — Ninguém jamais se casará com uma menina ruidosa e impetuosa assim. Vou ter que mandá-la para um convento.

— Eles também não me aceitariam. — Phoebe disse, alegremente — Além disso, eu fugiria. Flash Jack me ensinou como abrir fechaduras.

Lucian gemeu — É isso. Ninguém nunca vai tirá-la das minhas mãos.

Phoebe riu e subiu no colo dele, sem se importar com os dedos pegajosos em suas roupas imaculadas — O senhor disse que não se separaria de mim, a menos que fosse alguém de quem eu gostasse muito, o suficiente para que eu não pudesse suportar a ideia de não estar casada com ele.

— Tenho certeza de que não disse uma coisa dessas. — observou Lucian — É uma criança diabólica e sabe disso.

Olhou-o, batendo os cílios descaradamente — Eu o amo, papai.

Os olhos de Matilda queimaram, seu coração apertou no peito. Pelo brilho descontrolado nos olhos de Lucian, ele estava igualmente afetado.

— Phoebe, querida. — ele começou, mas Phoebe o interrompeu.

— Eu sei que o senhor não é meu pai de verdade. — disse ela suavemente — Eu sei que é Thomas, e nunca esquecerei disso, mas nunca o conheci de verdade, nem minha mãe, e... e eu gostaria muito de ter uma mãe e um pai. Não poderíamos fingir de novo, como antes?

Matilda pegou a mão de Lucian e apertou, e ele a olhou, seus lindos olhos não estavam mais frios, mas cheios de calor e amor. Matilda assentiu e ele sorriu, um sorriso cheio e largo, que mostrava as covinhas que ela adorava ainda mais, a partir de agora. Achava que, talvez, fossem mais familiares, mais frequentes, daqui para frente.

— Bem, Bee, — disse, com a voz um pouco grossa — talvez possamos ver como oficializar, não apenas fingir. Se... Se tiver certeza de que é o que gostaria?

Phoebe olhou para ele, com os olhos arregalados de admiração, e então jogou os braços em volta de seu pescoço — Ah, sim! Ah, sim, por favor.

Lucian a abraçou forte e beijou sua bochecha, antes que ela caísse de seu colo.

— Devo contar a Pippin! — gritou, correndo a todo vapor pela sala, até a porta.

— Não se importa? — perguntou a Matilda e segurou sua mão firme.

— Claro que não. — respondeu, dividida entre risos e lágrimas por quão perfeito o dia tinha sido — É uma ideia maravilhosa e vai deixá-la muito feliz.

Ele soltou uma risada e falou baixinho e misteriosamente, malícia brilhando em seus olhos.

— Falando em fazer as pessoas felizes, acho que já suporrei o suficiente. Quero ficar sozinho com a minha esposa.

— *Já* suportou o suficiente? — retrucou, indignada — Foi sua ideia esperar tanto tempo.

Matilda corou um pouco quando Lucian deu-lhe um sorriso, que fez algo quente e líquido irromper dentro dela.

— Ah, sim, teria me seduzido em Matlock Bath, se eu não tivesse protegido minha virtude, tão ferozmente.

— Oh, seu diabo! — sussurrou, enquanto seu rubor aumentava e a tornava escarlate — Não acredito que disse isso.

— Honestamente? — respondeu, todo inocente — Ora, está chocada, esposa? Tenho muitas coisas que quero dizer, que a farão corar muito mais do que isso.

Encontrou o olhar dele e o segurou, reconhecendo o desafio ali.

— Eu gostaria de vê-lo tentar. — disse, observando seus olhos escurecerem, como uma baga de abrunho, a prata quase engolida por completo.

— Gostaria? — perguntou, inclinando-se, a respiração tremulando contra a orelha dela.

Matilda estremeceu e se virou para ele, retribuindo o favor, roçando os lábios em sua orelha, enquanto falava.

— Eu o desafio...

Houve um breve silêncio ensurdecedor e então ele se levantou, tão rápido que sua cadeira teria caído para trás, se Gabriel não tivesse pegado, quando estava passando por ela.

— Com pressa, Lucie, meu velho? — disse, sua voz quente de diversão e obviamente um pouco inebriado.

Lucian se virou para encarar Matilda, indignado.

— Eu não contei! — ela gritou, percebendo que ele achava que havia contado a Gabe o nome de estimação, pelo qual Thomas o chamava — Juro, Lucian, nunca contei a ele.

Gabe riu do olhar estreito de Lucian.

— O senhor tem sorte de eu ter coisas mais importantes para fazer. — Lucian resmungou — Mas prometo consequências terríveis, se repetir esse nome em voz alta novamente.

— Sim, milorde, marquês. — respondeu Gabe, com a maior falta de sinceridade que conseguiu reunir.

Lucian rosnou para ele, impaciente, pegou a mão de Matilda, apressando-a para fora da sala, antes que alguém mais os impedisse.

— Gosta dele. — disse alegremente, enquanto Lucian a arrastava pelo corredor, em direção às escadas, Matilda tinha dificuldade de acompanhá-lo, pois suas saias eram pesadas e com muitas camadas.

— Ele é insuportável! — Lucian respondeu, sucintamente — É rude, tem quase tantos inimigos quanto eu, não respeita a minha posição, e insiste que eu entre em algum esquema horrível de fazer dinheiro, com o que está muito animado.

Virou-se então, seus olhos prateados brilhando.

— Claro que gosto dele.

Matilda riu quando chegaram ao topo da escada e depois gritou em choque, quando foi arrebatada para os braços dele.

— Está muito devagar. — disse, sorrindo para ela, enquanto a carregava pelo corredor, até o quarto.

— Essas malditas saias são muito pesadas.

— Então é melhor dispensá-las, imediatamente.

Matilda deu um suspiro feliz, enquanto os sons da recepção do casamento abaixo ficavam mais tênues, à medida que se afastavam. Lucian fechou a porta do quarto atrás deles e a colocou suavemente no chão, as mãos em sua cintura. Matilda o olhou e Lucian se inclinou, pressionando a testa na dela.

— Eu a amo, Lady Montagu.

Matilda soltou um suspiro — Como é bom ouvir esse nome.

— Sim. — ele concordou — E está magnífica, meu amor. Acho que meu coração parou quando a vi entrar naquela igreja. Estava tão primorosa.

— É um belo vestido. — disse, acariciando com uma mão o fino material prateado — Eu sabia que tinha que tê-lo, no momento em que o vi. Tem a cor dos seus olhos.

Ele franziu a testa um pouco, balançando a cabeça — Meus olhos são cinzas.

Matilda riu, e ainda mais forte, com a expressão perplexa dele.

— São cinzas. — insistiu.

— N-não, meu amor. — disse, balançando a cabeça impotente — Eu prometo, eles não são, e sou sua esposa, agora, então, deve concordar comigo.

— Ah, é assim que funciona?

— É sim. — disse, gravemente — E se não me falhe a memória, tem um desafio para completar.

— Tenho, de fato. — disse, e, de repente, sua pele ficou viva de antecipação — Então é melhor eu começar logo. Vire-se.

Lucian tomou seu tempo, desfazendo cada botão e cada presilha, com o que pareceu à Matilda ser um cuidado excessivo.

— Apresse-se. — reclamou.

Lucian apenas riu e balançou a cabeça — Não, minha querida esposa perversa. Desta vez, é minha. Minha para fazer o que eu quiser, não há mais

escapatória. Vou fazer com que implore por mim, minha querida.

— Imploro agora, se quiser. — disse, frustrada, mas ele apenas riu de novo, um som misterioso, que estremeceu sobre sua pele, como uma carícia.

Finalmente, seu chemise deslizou para o chão, com uma vibração suave, se juntando à poça de tecido prateado em seus tornozelos. Ela estava nua, menos por suas meias e as fitas de prata, que as mantinham no lugar. Lucian andou em círculo ao redor dela, seus olhos brilhavam, enquanto a olhava.

— Lucian. — disse, sem fôlego, desesperada para que ele a tocasse.

— O quê, amor? — perguntou, uma peculiaridade agora familiar em seus lábios, que fez seu pulso tremer — Quer alguma coisa?

Ela soltou um suspiro — Está apenas querendo que eu diga.

— Claro que sim. Quero ouvir o que quer que eu faça contigo. Preciso saber se realmente quer isso, que me quer.

— Não acho que haja dúvida nisso. — disse, sentindo a verdade de suas palavras, enquanto o calor se acumulava dentro dela.

Ele se moveu, mas não a tocou, seus lábios se aproximando dos dela, em uma carícia provocante — Não?

Matilda balançou a cabeça.

— Mostre-me então, mostre-me seu desejo.

Matilda viu o desafio em seus olhos e sentiu sua pele corando, florescendo por toda parte.

— Uma cor tão bonita. — ele murmurou, perseguindo-a pelas bochechas, pelo pescoço, até o pico de um mamilo, com a ponta do dedo.

Matilda estremeceu.

— Mostre para mim. — ele sussurrou, movendo-se para ficar atrás dela, seu comando suave fazendo cócegas em seu pescoço, enquanto lhe beijava a nuca.

Reunindo coragem, Matilda pegou sua mão e a colocou contra o estômago, e então a levou lentamente para baixo, guiando-a entre as pernas. Ela ouviu sua expiração lenta, enquanto seus dedos deslizavam pelos cachos macios, encontrando o calor úmido abaixo.

— Me quer. — as palavras eram presunçosas, ditas contra sua pele e fazendo arrepios correrem por ela — Muito.

— Sim. — concordou, recostando-se contra ele, enquanto seus dedos encontravam a fonte de seu prazer e circulavam o pequeno pedaço de carne, com carícias hábeis.

Ela fechou os olhos, a cabeça caindo contra seu ombro enquanto ele beijava seu pescoço.

— Lembra-se do baile de Natal da sua amiga, Prue? — perguntou, e Matilda lutou para abrir os olhos, para considerar a pergunta, enquanto seus dedos elegantes comandavam seu corpo a sucumbir ao prazer de seu toque.

— Hmmm. — foi tudo o que ela conseguiu responder, e ele riu.

— Eu a levei para passear pela casa. Pretendia seduzi-la naquela noite, que Deus me perdoe. Estava tão desesperado e louco de ciúmes, sempre que

dançava com outro homem.

Riu daquilo — Poderia ter me enganado.

— Não, eu não poderia. Descobriu logo, uma vez que estávamos presos atrás daquelas cortinas. E adorou, não foi, meu anjo perverso?

Ele se aproximou e o comprimento duro de seu membro roçou quente contra ela, mesmo através de suas roupas. Assim como naquela noite, quando sentiu a evidência de seu desejo por ela, pela primeira vez.

O rubor queimou suas bochechas. Ela foi incapaz de negar, tinha adorado. Os sons do outro casal fazendo amor e o braço de Lucian em volta de sua cintura, segurando-a perto, prendendo-os na escuridão, foi a coisa mais erótica que ela já tinha passado. Não que tivesse muita experiência com essas coisas, embora suspeitasse que isso estava prestes a mudar.

— Responda à pergunta, Matilda.

— Sim. — disse, enquanto uma mão preguiçosa acariciava seu seio, mexendo no mamilo, até ela arfar, a outra ainda ocupada entre suas coxas, lentamente a deixando louca — Eu adorei.

— Também me queria. Me disse que não, mas não queria que eu parasse. Não é verdade?

Ela balançou a cabeça, mas isso não o satisfaz.

— Diga-me.

— Não. — respondeu sem fôlego, enquanto o desejo a deixava tonta e seus joelhos fracos — Queria que me tocasse.

— Como? Como queria?

— Desse jeito. Queria suas mãos, sua boca, queria que me tocasse, que me fizesse gritar de prazer, como a mulher do outro lado das cortinas.

Ele gemeu e deslizou um dedo dentro dela. Matilda gritou, quando o prazer daquela carícia a invadiu, seu corpo se apertando ao redor dele, enquanto Lucian a levava para as alturas. Impotente, ficou aliviada quando Lucian a pegou, antes que seus joelhos cedessem completamente. Ele a carregou até a cama e a deitou.

Matilda desabou contra os lençóis macios, seu corpo flexível, seus membros largados, em abandono. Quão devassa devia estar parecendo, não que se importasse... até que viu os olhos de Lucian, a fome que estava ali. Então começou a se importar e adorar aquilo.

— Estava com ciúmes? — indagou alegremente, olhando-o, enquanto tirava lentamente o casaco, jogando-o de lado, e seus dedos longos e elegantes desabotoavam o colete.

— Eu estava. Louco de ciúme. — concordou, sua voz sombria.

— Me queria? — provocou Matilda.

— Mais do que já quis qualquer coisa. Pensei que fosse morrer quando me disse não.

— Pensou naquela noite com frequência? — perguntou, sentindo a curva de um sorriso decadente passar pelos lábios.

Ele riu então, baixo e perverso — Oh, isso a agrada, milady. Sim. Sim,

pensei naquilo com frequência, embora, em meus sonhos, nunca tivesse me negado. As coisas depravadas que fez. Nos meus sonhos, me dava tudo o que eu pedia e muito mais.

— Então vou compensá-lo. — disse, abrindo mais as pernas, um convite desavergonhado.

As mãos dele pararam e olhou fixamente para ela, a respiração pesada.

— Sim. — afirmou — Vai.

Matilda foi tomada por uma excitação sem limites. Observou-o, enquanto se livrava do resto de suas roupas, tomando seu tempo, deliberadamente, o malvado.

— Lucian.

Matilda chamou seu nome em um apelo, uma reclamação, desejando que ele se apressasse. Lucian ignorou e se aproximou da cama, com uma gravata em uma das mãos, enquanto com a outra desenhava círculos preguiçosos sobre sua pele, até que ela tremeu.

— Por favor. — implorou.

— Eu a amo.

Ela suspirou e se esticou, sentindo o prazer de suas palavras, como uma carícia. — Eu sei, quero que me mostre.

— Vou mostrar. — prometeu — Confia em mim?

— Cegamente.

Ele sorriu e subiu na cama — Pode dizer “não” para mim, Matilda. A qualquer momento. Não tenha medo de fazer isso.

— Não tenho. — disse, um pouco confusa com o que ele estava dizendo, incapaz de compreender a que poderia dizer “não”. Não havia nada que quisesse negar a ele.

Ele riu, então — Sim, isso é verdade, acredito. Nunca teve vergonha de me negar o que eu quis, no passado.

— O que quer, Lucian? — perguntou, intrigada com o calor nos olhos dele diante da pergunta. Ele se inclinou e roçou os lábios nos dela.

— Tudo. — murmurou — Mas, por enquanto, gostaria de vendá-la.

As sobrancelhas de Matilda se arquearam — Por quê?

— Porque eu quero vê-la assim, porque é erótico. Se um sentido é negado, os outros se intensificam.

— Verdade? — ficou intrigada, ansiosa demais. quando ele assentiu — Sim, então. Eu gostaria que fizesse isso.

Matilda estremeceu quando ele passou o tecido macio sobre seus olhos e o mundo ficou escuro. Não havia nada, então, nada além da sensação de suas mãos sobre ela, gentis e carinhosas, tocando-a com tanto cuidado, fazendo seu coração e sua alma cantarem com o conhecimento de que era amada. Gritou quando a boca dele se juntou ao ataque aos seus sentidos, e Lucian estava certo, é claro. A escuridão era libertadora e ela deixou suas inibições desaparecerem, contorcendo-se com abandono sob ele, pedindo-lhe o que queria... *mais e mais e não pare...* até que estivesse tremendo, com a força

de mais um clímax, agarrando-se aos forros de cama e gritando seu nome.

Estava ofegante, exausta, quando a venda foi cuidadosamente retirada e piscou na meia-luz.

— Tão linda. — murmurou, beliscando sua orelha, acariciando seu pescoço, até que ela estremeceu — E toda minha.

— Sim. — concordou, um pouco atônita com a maneira como seu corpo respondeu imediatamente, quando Lucian subiu sobre ela, tomando seu lugar entre suas pernas, deslizando seu membro sobre a carne escorregadia, que ainda latejava de prazer — Ah, sim, Lucian, por favor.

— Diga-me o que quer. — sussurrou — Como fez antes. Me peça.

Matilda olhou para ele, envolveu os braços ao redor de seu pescoço e puxou sua boca para a dela, em um beijo intenso — E se eu pedir, vai me negar?

Ele riu da pergunta e balançou a cabeça — Nunca mais lhe negarei nada, meu amor. Eu lhe daria o mundo, se me pedisse.

— É quem eu quero, Lucian. Somente você. Preciso tê-lo dentro de mim.

Ele soltou um som áspero e respondeu imediatamente, entrando nela. Matilda paralisou com a invasão repentina. A sensação de plenitude que ela tanto desejava era muito maior. Um pouco demais. Ele parou, imediatamente.

— Matilda? — sua voz estava tensa, cheia de preocupação.

— Sim. Não pare.

— Relaxe. — ele murmurou, exalando de alívio, distraíndo-a com um beijo, que roubou o pouco que restava de sua mente, e então Lucian penetrou mais fundo e era delicioso.

Suspirou e envolveu as pernas nos quadris dele, incitando-o ainda mais fundo, querendo mais. Ele gemeu de prazer e o som vibrou por todo o seu corpo.

— Sim. — disse, agarrando seus ombros, deslizando uma mão na seda quente de seus cabelos.

Lucian suspirou e abaixou a cabeça, fechando a boca sobre o seio dela, chupando, até que ela gritasse, o prazer era quase insuportável. Ela riu porque estava feliz e ele olhou para cima, com os olhos inebriados.

— Perdoe-me. Provavelmente não deveria rir em um momento como esse. — conseguiu dizer, mas ria, de qualquer maneira.

Ele balançou a cabeça.

— Adoro ouvi-la rindo, ouvir seu prazer. Quero fazê-la feliz, sempre. — a respiração dele prendeu, quando ela inclinou os quadris, buscando o próprio prazer e exclamou, ao mesmo tempo que ele — Meu Deus, amor.

Lucian se moveu novamente, repetindo o ângulo, para que ela atingisse o ponto que havia descoberto e Matilda viu estrelas.

— Ah! — gritou — Ah, isso me deixa feliz. Faça de novo.

Lucian riu. — Aqui? — perguntou, segurando-a no lugar e a penetrando onde a fazia ofegar — Ah, sim.

Matilda não conseguiu mais rir, estava muito extasiada, muito

comprometida em perseguir a sensação enquanto se agarravam, até que o corpo de Lucian ficou tenso e ele estremeceu em seus braços, gritando seu nome e segurando-a, firme. Seu prazer nela era fascinante, o líquido quente de sua semente dentro dela, o suficiente para fazê-la cair do precipício com ele e deixá-la ofegante e atordoada em seus braços.

— Ah. — disse, assim que conseguiu falar de novo, assim que conseguiu lembrar das palavras — Finalmente.

Matilda sentiu os ombros dele tremendo sob suas mãos, ele estava rindo, impotente de alívio, amor e felicidade.

— Finalmente. — Lucian ecoou, rolando de costas e levando-a com ele — Finalmente. Graças a Deus.

Epílogo

Querido diário,

Foi o melhor dia de todos!

Sei que já escrevi isso antes, mas todas as vezes é verdade.

Hoje foi meu aniversário e tenho amigos. Vieram comemorar comigo, comemos bolo, ganhei presentes, e mamãe organizou jogos de salão. Brincamos de blefe e dragão cego e foi maravilhoso. Amanhã os adultos vão chegar e teremos mais bolo e mais presentes e papai diz que estou sendo terrível e demasiadamente mimada. Sorri quando diz isso, então sei que não está falando a sério. Sorri o tempo todo, agora.

— Trecho de uma anotação da Srta. Phoebe Barrington em seu diário.



7 de fevereiro de 1816. Dern, Sevenoaks, Kent.

Sete meses depois...

Gabe deu um grito de triunfo, quando a bola de neve atingiu Lucian na cabeça, derrubando seu chapéu.

— Oh, ótimo lançamento! — Helena gritou, batendo palmas com entusiasmo.

Matilda bufou, ganhando um olhar de reprovação do marido.

— Acha isso engraçado, não é? — exigiu, pegando um grande punhado de neve.

— Não. — disse, levantando as mãos e recuando, interpretando corretamente o olhar dele, que dançavam maliciosamente — Não, Lucian, não...

Gritou, levantando as saias para escapar, enquanto o marido a perseguia.

— Não se atreva! — gritou novamente, esquivando-se atrás de uma árvore.

— Pegue-a, papai! — Phoebe gritou, depois gritou ainda mais, quando Bonnie enfiou uma bola de neve em sua nuca — Ah, vai se arrepender disso!

Bonnie disparou para longe, as saias subindo até os joelhos, gritando de tanto rir.

Matilda pressionou-se contra a vegetação rasteira, o som de seus amigos aproveitando a neve desaparecendo, até que nada além do estalo de galhos e da neve foi ouvido. Paralisou, inclinando-se sem fôlego contra uma árvore, enquanto Lucian vinha em sua direção.

— Agora está em apuros. — Lucian disse satisfeito, brandindo a bola de neve.

Matilda balançou a cabeça, sorrindo — Não estou, farei um acordo contigo.

— Um acordo? — disse, os olhos prateados brilhando — Que tipo de acordo?

— Do tipo que fará com que não enfie essa bola de neve no meu pescoço. — disse, rindo.

— Intrigante. — respondeu e se aproximou — O que tem em mente?

— Um beijo. Um beijo pela bola de neve.

Ele bufou e balançou a cabeça — Posso ter um beijo quando quiser. Minha esposa é muito prestativa, entende.

— Ela é? — perguntou, arqueando uma sobrancelha para ele.

— Ah, sim. — murmurou, se aproximando — Muito. Ela vai me dar o que eu quiser.

Apoiou uma mão enluvada na árvore, ao lado da cabeça dela, a que segurava a bola de neve levantada do outro lado.

— Por que ela faria isso? — Matilda perguntou, os lábios se contraindo.

— Porque ela também quer. — Lucian falou as palavras tão perto, que Matilda estremeceu, inclinando-se e dando um beijo na pele sensível sob sua orelha — Ela é insaciável.

— Você também. — Matilda retrucou, e então o olhou, um pouco ansiosa com a verdade que ele estava dizendo.

— O que foi? — perguntou de imediato, instantaneamente ciente da mudança de humor dela. Largou a bola de neve e a pegou nos braços — O que aconteceu?

Matilda balançou a cabeça e riu — N-não tem nada errado.

— Então por que parece tão preocupada? — perguntou, os olhos aflitos, analisando os dela — É o bebê?

Matilda olhou para ele, boquiaberta.

— Sabia! — Matilda exclamou espantada — Quase não me atrevi a acreditar, e... ora, mas que droga, Lucian. Queria fazer uma surpresa.

Ele riu e a puxou para mais perto dele, embalando sua cabeça no seu peito — Eu sei fazer contas, amor. Passamos todas as noites juntos, e já faz algum tempo, desde que me disse que estava indisposta.

Matilda corou, tão consciente quanto ele de que nunca lhe diria que estava indisposta, se fosse possível — Bem, poderia ter fingido. Estava tão ansiosa para lhe contar.

— Estava ansiosa é? — perguntou, seus lindos olhos perturbados — Por que pareceu tão preocupada, agora pouco?

Matilda fez um beijo e depois bufou, frustrada — Porque ficarei *indisposta* por algum tempo, e gorda também, e não vai me querer mais.

Estava bem ciente da nota chorosa de sua revelação e olhou para cima, um pouco afrontada mesmo assim e encontrou Lucian lutando para manter um rosto sério.

— Não se atreva a rir de mim. — repreendeu-o.

Ele balançou a cabeça, fazendo um esforço hercúleo para manter seu rosto sereno.

— Não estou rindo. — conseguiu dizer, embora sua voz tremesse um pouco — Mas realmente, amor. Como pôde pensar algo assim? Não querê-la mais, sinceramente. Enlouqueceu?

Matilda olhou para ele, o nó de preocupação que a mantinha acordada nas últimas noites se esvaindo.

— Tem certeza?

Ele sorriu e se moveu para o seu lado, para que pudesse colocar a mão sobre a sua barriga, o lugar onde seu filho estava crescendo.

— Nunca tive tanta certeza, em toda a minha vida. Eu a amo, amo os dois, muito. Então, pode engordar o quanto quiser, e ainda vou encontrar novas maneiras de fazê-la gritar meu nome a plenos pulmões e assustar os fantasmas, não importa quão deselegante fique.

Matilda bufou e enterrou o rosto no casaco dele — Eu não sou barulhenta assim.

— Sim, é. — murmurou, beliscando a orelha dela — E eu adoro isso.

— Papai!

Eles se viraram e viram Phoebe correndo em sua direção, o rosto rosado com o frio, os cachos dourados soltos.

— É hora do bolo. — disse, olhando para eles, frustrada — Venham. Está todo mundo esperando.

Lucian olhou para Matilda — Podemos contar para ela? — perguntou baixinho.

Matilda assentiu, acrescentando — Mas apenas se ela conseguir guardar segredo.

Phoebe arregalou os olhos e se aproximou, puxando o casaco de Lucian — Eu posso. Eu posso. Oh, sabe muito bem que eu posso, papai. Conte.

Lucian sorriu e se ajoelhou na neve.

— Tenho um último presente para lhe dar hoje, Bee, mas não chegará por... — olhou para Matilda — Um pouco mais de seis meses?

Matilda bufou, revirando os olhos para ele, mas assentiu.

Phoebe olhou para Lucian, depois para Matilda e de volta para ele.

— Um bebê! — gritou, jogando os braços em volta do pescoço de Lucian, com tanta força, que ele quase caiu para trás.

— Silêncio. — disse, pressionando um dedo nos lábios dela — Guarde o segredo por um pouco mais de tempo, Bee.

Phoebe devolveu um sorriso tímido e depois dançou no lugar.

— Um irmão ou irmã. — gritou baixinho.

— Sim. — Lucian disse, e Matilda ouviu a emoção em sua voz — Embora nada irá mudar. Sabe disso, não sabe? Eu nunca poderia amá-la menos, não importa quantos irmãos e irmãs tenha.

Phoebe deu uma gargalhada, como se isso fosse óbvio.

— Eu sei disso. — disse, beijando sua bochecha e soando um pouco exasperada — Como pode me amar menos? Sou adorável.

Com uma risada travessa, deu um empurrãozinho em Lucian, jogando-o sobre a neve, antes de fugir, rindo loucamente, saias voando enquanto corria.

— Apressem-se, eu quero meu bolo. — gritou por cima do ombro.

Lucian olhou para cima, com um sorriso pesaroso — Deus nos ajude.

Ele se levantou, e Matilda o ajudou a tirar a neve de suas roupas.

— Bem, é melhor irmos comer bolo. — disse, pegando a mão dele, mas Lucian a parou e sua expressão ficou séria.

— Há algo que devo contar sobre Phoebe. Eu pretendia contar antes, só que...

Ele riu.

— Só que nunca apareceu a oportunidade de conversar sério. Todos os dias foram muito cheios, extraordinários demais para não dizer outra coisa, mas preciso que saiba sobre ela, sobre sua origem.

Matilda segurou a mão dele forte e sentiu a sua tensão — Ela é ilegítima.

— Matilda disse.

Lucian assentiu.

Certa vez, a ideia do Marquês de Montagu trazer uma criança bastarda para sua casa, teria sido extraordinária, mas ela o conhecia agora. Sabia que sua repulsa pela ideia não era pelo bebê em si, mas por aqueles que seriam tão imprudentes, a ponto de criar uma criança, que deveria carregar o fardo daquela cruz, em um mundo que poderia ser cruel.

— Ela sabe?

Ele assentiu — Sim.

— Phoebe é forte e corajosa e sabe que é amada, Lucian. O que quer que o futuro lhe reserve, enfrentará de cabeça erguida.

— Ela vai. — concordou — Quando recebi a carta do meu irmão, que escreveu antes de morrer, soube que Thomas não sabia nada dela. Ele havia se perdido na escuridão até então, e raramente ficava em um lugar por muito tempo. A mãe da criança tinha vergonha de entrar em contato comigo, um fato pelo qual me considero inteiramente responsável. Se eu tivesse sido mais acessível...

Matilda beijou sua bochecha — Não sabia, Lucian, e tinha seus próprios problemas para se preocupar.

Ele sorriu e a abraçou — Quando Thomas descobriu que tinha uma filha, a mãe havia morrido. Ela nunca se recuperou totalmente do parto e contraiu gripe. Thomas deixou Phoebe aos cuidados dos avós da menina. Boas pessoas, mas velhas demais para lidar com uma garotinha agitada. Ele me implorou para que cuidasse do futuro dela, para que ela tivesse tudo o que precisava. Eu só... Eu queria que soubesse que Thomas não a abandonou. Ele teria se casado com a mãe dela.

Respirou fundo e Matilda esperou, apertando sua mão, sabendo que contaria o resto.

— Fui vê-la, acreditando que encontraria uma boa família para criá-la e dar uma mesada mensal o suficiente, para que não lhe faltasse nada.

— Mas não foi assim que as coisas aconteceram? — perguntou gentilmente.

Lucian balançou a cabeça — Entrei na casa para ver minha sobrinha pela primeira vez. Era apenas um bebê, balbuciante, com cachos loiros e bochechas rosadas. No momento em que me viu, correu para mim e levantou os braços. *Colo*, disse ela. — riu da lembrança, a voz embargada, quando retomou a história — Lá estava ela, essa menininha com a vozinha imperiosa, e os olhos do meu irmão, me encarando. Eu estava acabado. Não poderia negar nada a ela. Phoebe me teve na mão, desde então.

— E então a trouxe para casa.

Ele assentiu — Esta é a casa dela, e agora eu sou seu pai, e nós vamos cuidar do seu futuro, para que tenha segurança, seja feliz e não lhe falte nada. Qualquer homem que deseje se casar com ela, quando chegar a hora, deverá ser digno dela, deverá provar que a merece.

Matilda riu e passou o braço pelo dele, enquanto voltavam para a casa, para o aniversário de Phoebe e o delicioso bolo que Pippin havia feito.

— Faremos tudo isso, meu amor. — concordou — Mas não posso deixar de sentir que Phoebe será a única a julgar seu próprio valor. Na verdade, tenho pena do homem que se apaixonar por ela. Terá uma grande batalha em suas mãos para provar a si mesmo. Afinal, — disse, olhando para ele com adoração — terá um padrão muito alto com quem competir.

Fim.

Próximo e final da série

Dentro de cada solteirona está o coração pulsante de uma leoa, um ser apaixonado, disposto a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem de começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Doze garotas. Doze desafios em um chapéu. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Dançando até o amanhecer



Damas Ousadas, Livro 12

O último livro da série Damas Ousadas, mas quem sobra para continuar os desafios? Descubra nesta última e deliciosa aventura.

Mais informação em breve

Aviso: *Este livro tem uma heroína teimosa, obstinada e mal-humorada. Haverá algumas cenas com palavras de baixo calão e sexo graficamente descritivo, mas nem mesmo beirando o erotismo!*

Mais Damas Ousadas

Livro 1



9786599019845

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Desafiando um Duque

Sonhos de amor verdadeiro e felizes para sempre.

Sonhos de amor são todos muito bons, mas tudo o que Prunella Chuffington-Smythe quer é publicar seu romance. O casamento a custo de sua independência é algo que ela não considerará. Experimentou o sucesso escrevendo sob um nome falso na revista semanal The Ladies, onde seu álter ego está alcançando notoriedade e fama, a qual Prue gosta bastante.

Um dever que tem que ser suportado...

Robert Adolphus, o duque de Bedwin, não tem pressa em se casar, ele já fez isso uma vez e repetir esse desastre é a última coisa que deseja. No entanto, um herdeiro é um mal necessário para um duque e não pode se esquivar disso. Uma reputação sombria o precede, visto que sua primeira esposa pode ter morrido jovem, mas os escândalos que a bela, vivaz e rancorosa criatura forneceu à sociedade não a acompanharam. Devia encontrar uma esposa. Uma esposa que não seria nem bonita nem vivaz, mas doce e sem graça, e que com certeza ficasse longe de problemas.

Desafia a fazer algo drástico

O súbito interesse de um certo duque desprezível é tão desconcertante

quanto indesejável. Ela não vai jogar suas ambições de lado para se casar com um canalha assim como seus planos de autossuficiência e liberdade estão se concretizando. Se mostrar claramente ao homem que ela não é a florzinha que ele procura, será suficiente para dar fim às suas intenções? Quando Prue é desafiada por suas amigas a fazer algo drástico, isso parece ser a oportunidade perfeita para matar dois pássaros.

No entanto, Prue não pode deixar de ficar intrigada com o ladino que inspirou muitos de seus romances. Normalmente, ele desempenhava o papel de bonito libertino, destinado a destruir sua corajosa heroína. Mas será realmente o vilão da trama desta vez, ou poderia ser o herói?

Descobrir será perigoso, mas poderá inspirar sua melhor história até o hoje.

**** Atenção: Este livro contém uma seleção cuidadosa de determinação silenciosa, boca firmemente fechada e níveis (quase) intransponíveis de tensão. Embora acoplado à presença de encontros sexuais ocasionalmente descritivos, temos o prazer de destacar que este livro - e série - não está de modo algum próximo da erótica. ****

Livro 2



9786588382103

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Roubando um Beijo

O desejo de arriscar e arrebatado a felicidade.

Ser ousada e beijar um homem ao luar é uma boa ideia, mas os homens e o luar não caem do céu à vontade.

Até aconteça.

Sob instruções de uma amiga, a monótona Alice Dowding permanece sozinha numa varanda iluminada pelo luar. Não é o curso de ação mais sensato para uma jovem geralmente sensata. No entanto, sendo sensata, Alice ganhou um lugar entre as isoladas e sua única chance provável de se casar, é com um homem que acha repulsivo.

Tinha que fazer algo.

Uma consciência culpada e um homem mau.

Quando a irmã de Nathaniel Hunt implora por um favor, ele dificilmente pode recusar. Nathaniel, coproprietário de uma das mais escandalosas casas de apostas em Londres, é responsável pela reputação destruída de Matilda, e ela sabe que ele não está em posição de lhe negar nada.

Ela implora para que ele beije sua amiga tímida em uma noite de luar. No entanto, uma série de eventos aos quais nenhum deles poderia ter previsto é desencadeada.

Quando um pequeno favor incendeia um inferno.

Incendiada por um beijo que lhe rouba a alma, a tímida, sensível e enfadonha Alice, está soltando faíscas por onde quer que seus pés passem, e tudo o que Nathaniel pode fazer é rezar para que ele não se queime.

Livro 3



9786588382295

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Quebrando as regras

Um enigma irresistível...

A Srta. Lucia de Feria é possivelmente a mulher mais bonita do mundo e, sem dúvida, a mais bonita que o visconde de Cavendish já viu.

No entanto, essa beleza misteriosa está tramando algo, algo que convenceu Cavendish de que seus motivos são menos do que puros.

O visconde não precisa de mais motivação para passar seu tempo na companhia adorável de Lucia, mas desejo e intriga criam tentações profanas.

Um amante perigoso...

Lucia não é tudo o que parece ser. Ela tem segredos... segredos pelos quais um homem a mataria.

Agora, com a vingança em seu coração e uma fortuna em jogo, ela está perto de ter tudo ou perder a vida.

Mas, em cada curva, o Visconde Cavendish está lá, com o seu sorriso de pirata e aqueles olhos azuis perversos.

Um círculo ousado de amigos...

Quando um incomum clube do livro traz para sua vida damas peculiares, Lucia fica encantada e atraída por sentir, pela primeira vez, que pertence a algo. Entre suas novas amigas e um homem pelo qual corre o risco de se apaixonar, seus planos começam a dar errado.

Essa linda Srta. passou a vida inteira desejando vingança, mas nunca esperou encontrar ao longo do caminho, algo com o qual se importaria mais.

Lucia não poderia se permitir distrações, amigos ou um nobre desconfiado. No entanto, de repente, ela tinha os três.

Talvez fosse a hora de quebrar suas próprias regras.

Livro 4



9786588382486

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Seguindo seu Coração

Um amor perdido ...

Kitty Connolly passou toda a última temporada assegurando que seu tio tem tentado encontrar um marido, mas há um problema que ele desconhece.

Ela já tem um.

É verdade que tinha apenas onze anos quando a cerimônia foi realizada na presença do cão de sua família, e seu noivo tinha apenas treze anos. No entanto, os votos foram trocados e, no que diz respeito a Kitty, uma promessa é uma promessa. Luke Baxter prometeu amá-la até que a morte o separasse e ele não vai escapar disso.

Os problemas não param por aí, no entanto, pois Luke desapareceu de sua vida apenas semanas após seu casamento secreto, e Kitty nunca mais o viu.

Até agora.

As esperanças reacenderam ...

Quando Luke aparece do nada na festa na casa de verão do Conde de St. Clair e anuncia seu noivado com a bela herdeira, Lady Francis Grantham, Kitty fica atordoada ...

... e a honra deve mencionar o problema.

Um coração determinado ...

Todo caos se instala quando Kitty ameaça processar por quebra de promessa e ela tem uma questão de dias para convencer Luke de que sua

namorada de infância vale mais do que a fortuna da Srta. Grantham.

Mas este Luke não é o menino despreocupado de sua infância, e lembrá-lo do que significa viver por amor, pode significar arriscar mais do que apenas seu coração.

Livro 5



9786588382776

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Apostando um Amor

Gato escaldado...

Harriet Stanhope é inteligente e séria, o tipo de moça que lê Platão e gosta de longas caminhadas na chuva. Não é adequada para salões de baile e flerte e acha a temporada uma horrível perda de tempo. No entanto, certa vez se apaixonou, confiou seu coração a um homem que a beijou e sussurrou doces palavras... e depois riu com um amigo sobre ter feito isso.

Com o coração partido e humilhada, Harriet jurou que usaria seu cérebro no futuro e nunca mais confiaria em seu coração estúpido.

Uma paixão não correspondida...

Jasper Cadogan, O Conde de St Clare, está irremediavelmente apaixonado, por uma mulher que o odeia.

O amável Jasper é bonito, charmoso, simpático e amado pela Ton, o homem mais elegível no mercado de casamentos, mas não consegue corrigir o

problema com sua amiga de infância Harriet Stanhope. Embora já tenham sido próximos, Jasper sabe que há alguns anos fez algo que endureceu o coração de Harriet contra ele, mas, pela sua vida, não consegue se lembrar do que foi.

Jasper sabe que Harriet acredita que é, na melhor das hipóteses, um idiota frívolo, e, deslumbrado com seu cérebro superior, Jasper está lutando para provar o contrário. Determinado a descobrir o que foi que afastou Harriet dele, usará de meios honestos, ou desonestos, para chegar à verdade.

Uma aposta que arriscará seus corações.

A Dama peculiar Harriet ousa apostar algo que não quer perder e quando sua amiga de boca grande, Kitty, conta a Jasper, ela reconhece que está em apuros.

Teimosa demais para recuar, Harriet aceita a chocante aposta de Jasper e mergulha ambos em um escândalo que arriscará tudo, inclusive a dois corações.

Livro 6



9786580754267

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Dançando com um Diabo

Uma jovem desesperada para escapar de seu destino.

O tempo de Bonnie Campbell está quase acabando. À luz de ofertas

melhores, seu tutor, o conde de Morven, a está forçando a se casar com seu primo, Gordon Anderson. A vivaz Bonnie não terá outra opção a não ser obedecer, condenando-se a passar o resto de sua vida na selva das Highlands escocesas, longe de seus amigos e de qualquer possibilidade de diversão. Durante suas últimas semanas de liberdade, no entanto, ela viverá como se estes fossem seus últimos dias na terra e encontrará a coragem de mostrar ao homem que ama de verdade, como se sente.

Um jovem determinado a provar que seu irmão mais velho estava errado.

Jerome Cadogan, irmão mais novo do conde de St. Clair, é um canalha jovial. Sua aparência, com belos cabelos loiros e olhos azuis, não é minimamente prejudicada por seu nariz quebrado, sua reputação de encenqueiro, nem sua predileção por se apaixonar por mulheres inadequadas. Recuperando-se de um sermão doloroso proferido por seu irmão, o conde, Jerome corre o risco de ter sua mesada cortada se não ceder e mudar seus modos. Determinado a provar que pode ser tão maduro e sensato quanto St. Clair, Jerome promete parar de beber e se embriagar e não se meter em mais em encrencas.

Um escândalo em busca de um lugar para acontecer.

Infelizmente, sua querida amiga Bonnie tinha outras ideias. Cambaleando de um desastre para o próximo, Jerome estava arrancando seus cabelos e sabia que devia terminar sua amizade, antes que seu irmão acabasse com ela.

No entanto, a montanha de um homem aparece para reivindicar Bonnie, e Jerome, que deveria respirar aliviado pelo livramento, acaba descobrindo algo imperdoável: seu maldito coração se apaixonou pela mulher mais inadequada de todas.

Livro 7



9786580754267

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Inverno em Wildsyde

Um desafio que mudaria a sua vida...

A Srta. Ruth Stone, uma herdeira rica, está lutando para realizar o sonho de seu pai de se casar dentro da nobreza, apesar de seu grande dote. Ousada, pelas Senhoritas Peculiares, a “dizer algo ultrajante a um homem bonito”, Ruth se supera e propõe casamento ao herdeiro de um condado.

Uma decisão da qual ela poderia se arrepender.

Antes que pudesse pensar melhor e retirar a proposta, seu belo e desajeitado futuro marido a empurrou para dentro de uma carruagem e a carregou para seu castelo remoto e em ruínas, lugar onde ele pretendia dar um bom uso ao dote dela.

Um casamento ou um negócio...

Ruth não tem ilusões. É uma mulher forte, sensata e não uma donzela frágil e tem total conhecimento de que seu marido nunca se apaixonará perdidamente por ela, pois seu casamento é de conveniência; seus filhos herdarão o título e a legitimidade entre a ton, e ela terá sua própria propriedade para cuidar, assim como sempre sonhou. No entanto, seu marido, cabeça-dura e obstinado, desperta seu temperamento e suas paixões como ninguém jamais antes.

Seu primeiro inverno em Wildsyde está prestes a incendiar o velho castelo.

Livro 8



9786554440394

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Experimentando o Desejo

Uma atração que ela não pode ignorar...

Minerva Butler está cansada da ambição de sua mãe, de vê-la casada com um duque, seguindo os passos de sua inteligente prima Prue. Linda, loira e com um dote admirável, graças à generosidade de sua prima, parece que Minerva pode, finalmente, escolher entre os cavalheiros elegíveis da ton. Então, naturalmente, é este o momento em que ela fica apaixonada pelo brilhante e pobre filósofo natural, Inigo de Beauvoir.

Uma mulher que ameaça sua paz de espírito...

Inigo de Beauvoir é um homem motivado, consumido por seu trabalho, em detrimento de todo o resto, até mesmo da sua própria saúde, até que uma bela dama da alta sociedade começa uma guerra sedutora contra sua crença de que o amor não é nada mais do que luxúria com um anel em seu dedo.

Uma ligação perigosa...

Aparentemente, a Srta. Butler é a única que tem tudo a perder, mas Inigo logo percebe que experimentar o desejo representará uma ameaça real para seu coração.

Livro 9



9786554440394

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Dormindo com o Barão

Uma mulher jovem desesperada...

Jemima Fernside é a epítome de uma dama bem-comportada, criada para se casar com um cavalheiro e fazer o papel da esposa perfeita. Até que se encontra sozinha no mundo sem um centavo em seu nome. Com poucas opções disponíveis, Jemima tem pouca escolha a não ser aceitar uma proposta escandalosa de se tornar a companheira paga de um homem que ela nunca sequer conheceu.

Um homem desesperadamente solitário...

Salomão 'Solo' Weston, o Barão Rothborn, está farto da sociedade e das pessoas em geral que o deixam irritável e impaciente. Como Tenente-Coronel do 15º Dragões do Rei, depois que uma bala o deixou coxo, ficou inválido fora do exército. Assombrado pela culpa, por companheiros mortos e um amor perdido, está se tornando cada vez mais recluso, encontrando fuga através de seus amados livros.

E uma paixão que nenhum dos dois esperava encontrar.

Quando levado a buscar conforto de sua existência sombria, Solo acredita

que tem pouco a oferecer além de segurança financeira em troca da virtude de uma dama. Mas Jemima não é o tipo de mulher que deixará os fantasmas adormecidos, e logo o passado e o futuro não parecerão nada do que Solo imaginava.

Livro 10



9786554441339

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Cavaloando com o cavaleiro

Uma beleza imprudente...

Lady Helena Adolphus não é estranha a escândalos. Seu irmão pode ser um duque, mas sua reputação sombria uma vez ameaçou suas próprias chances de fazer um bom casamento. Agora de volta ao seio da ton, Helena é banqueteada e cortejada tanto por sua beleza e seus olhos verdes selvagens quanto por seu dote robusto. No entanto, os solteiros elegíveis a deixam fria, e sua respeitabilidade é mortalmente monótona. Há apenas um homem que faz seu pulso saltar, e ela sabe que seria uma tola em persegui-lo.

Um homem impiedoso...

Gabriel Knight compreende o desespero. Nascido na pobreza e criado em uma casa de enjeitados, Gabriel aproveitou todas as oportunidades para sair da

sarjeta. Agora um dos homens mais ricos da Inglaterra, o malvado Knight está consternado ao descobrir que seu sucesso não lhe trouxe felicidade. Inquieto e entediado, ele culpa os aristocratas pomposos que despreza, aqueles que ainda lhe fecham as portas na cara.

Um caso imprudente ...

Embora Helena esteja ciente da animosidade de Gabriel em relação à ton que o evita, o homem sedutor a tenta além de qualquer razão. Ele provavelmente quer arruiná-la, e ela sabe disso, mas seu orgulho estúpido não a deixa recuar a cada confronto. Antes de saber o que está fazendo, Helena abre a boca e o desafia a fazer algo escandaloso. À medida que o calor da atração se acende entre eles, o risco de se queimar só torna a cavalgada com o Cavaleiro ainda mais atraente.

Aviso: Este livro tem uma heroína teimosa, voluntariosa e combativa e um cavaleiro digno de baba. Haverá algumas cenas de sexo amaldiçoadas e graficamente descritivas, mas de maneira alguma beirando o erotismo!

Prequel Matilda



9786554441674

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Matilda E Montagu

Este livro não é uma nova história, mas uma compilação de todas as instâncias da série Girls Who Dare em que Matilda Hunt e Lucian Barrington, Marquês de Montagu, interagiram e/ou se corresponderam, bem como trechos em que Matilda, Lucian ou Phoebe, sobrinha de Montagu, podem ter sido lembrados ou comentados.

Dito isso, esse é um maravilhoso prequel para a história de Matilda, Caçando o Caçador, e realmente destaca como o relacionamento deles começou e como progrediu ao longo do tempo.

Matilda e Montagu, a história até agora!

Lendas Francesas

Ordem de Leitura:

A Lenda Francesa dos Vampiros

- *A chave do Erebus* - Lançado

- *O Coração de Arima* - Lançado

A Lenda Francesa do Fae

- *Príncipe Sombrio* - lançado

- *Coração Sombrio* - 2024

- *Engano Sombrio* - 2024

- *Noite mais Sombria* - 2024

A Lenda Francesa dos Vampiros

- *O Fogo de Tartarus*

- *O Filho das Trevas*

Lendas Francesas

Livro 1

A Lenda Francesa dos Vampiros Livro 1



9786580754854

A verdade pode te matar.

Tirada quando criança de uma vida onde vampiros, Faes e outras criaturas míticas são reais e traiçoeiras, a bela jovem bruxa, Jéhenne Corbeaux, fica totalmente despreparada, quando retorna à França rural, para viver com sua excêntrica avó.

Jogada de cabeça em um mundo que ela não conhece, procura entender a

verdade sobre si mesma, descobrindo os segredos mais chocantes do que qualquer coisa que ela poderia ter imaginado, além de, também, descobrir que não é, de forma alguma, impotente para proteger aqueles que ama.

Apesar das terríveis advertências de sua avó, ela é inexoravelmente atraída pela figura sombria e aterrorizante de Corvus, um antigo vampiro e mestre da vasta família Albinus.

Jéhenne está prestes a encontrar suas respostas e descobrir que, não só Corvus é muito mais perigoso do que ela poderia imaginar, mas que detém muito mais do que a chave para o seu coração...

Confira a emocionante série de fantasia de Emma, elogiada por Kirkus “Uma série de fantasia encantadora, com uma heroína agradável, intriga romântica e uma narrativa inteligente que floresce.”

Livro 2

A Lenda Francesa dos Vampiros Livro 2



9786580754854

Unidos por toda a eternidade. Mas ele nunca poderá perdô-la.

Corvus, o vampiro antigo e poderoso mestre da família Albinus, está começando a perder a paciência. Jéhenne Corbeaux já se foi há muitos séculos e agora, seu tempo acabou.

Uma visão que ameaça destruir tudo o que ama, assombra Jéhenne. Forçada a fazer o impensável, arrisca-se a perder tudo, mas finalmente se

conforma com seus próprios poderes incríveis.

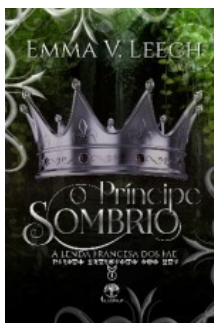
Ainda de posse da chave do submundo, em débito com um anjo, perseguida tanto pelo Príncipe de Alfheim quanto por um homem tão aterrorizante que não consegue imaginar o que ele é, Jéhenne está enrolada até o pescoço... como sempre.

Sacrifícios terão que ser feitos, mas quem vai pagar o preço?

**** Advertência: Este livro contém temas sombrios e místicos entrelaçados com cenas de sexo mágicas e suavemente gráficas. Estamos muito satisfeitos, entretanto, que o livro - ou série - não se enquadre na categoria de erotismo. ****

Livro 3

A Lenda Francesa dos Fae Livro 1



9786554441353

Dois príncipes Fae.

Uma mulher humana.

E um mundo pronto para separá-los.

Laen Braed é o Príncipe dos Dark Fae, com um temperamento e uma reputação que combinam com seus olhos negros e um coração que despreza a raça humana. Quando é enviado de volta, através dos portões sagrados entre os reinos, para recuperar um antigo artefato Fae, ele volta para casa com muito mais do que esperava.

Corin Albrecht, o mais poderoso príncipe Fae já nascido. Dizem que seus olhos dourados são uma dádiva dos deuses, e o destino o chama. Com um amor profundo pelo mundo humano, seu relacionamento com Laen está sendo destruído pelos preconceitos de seu amigo.

Océane DeBeauvoir é uma artista e encadernadora que sempre confiou em sua imaginação fértil para superar uma vida infeliz e sem aventuras. Um punhal com joias exposto em um museu próximo chega às manchetes com especulações sobre uma outra raça, os Fae. Mas a descoberta também inspira Océane a criar uma extraordinária obra de arte que não pode ser confinada às páginas de um livro.

Com dois homens poderosos disputando sua atenção e a amizade deles chegando ao limite, Océane precisa decidir em quem confiar... e qual deles é realmente o Príncipe Sombrio.

O homem de seus sonhos está chegando... ou são seus pesadelos que ele visita? Descubra no primeiro livro das Lendas Francesas dos Fae.

Sobre a Autora

Pela autora:



Comecei essa incrível jornada em 2010 com *A chave para o Erebus*, mas não tive coragem de publicá-lo até outubro de 2012. Para quem já passou por isso sabe que publicar seu primeiro trabalho é uma coisa assustadora. Ainda fico nervosa quando um novo trabalho é lançado, mas, agora esse terror diminuiu um pouco. Hoje o meu pavor é quando minhas filhas tiverem idade o suficiente para lê-los.

Que horror! (para ambas as partes, suponho)

2017 marcou o ano em que fiz minha primeira incursão em Romance Histórico e no mundo do Romance da Era Regencial, e meu Deus, que ano! Fiquei encantada com a resposta a esta série e mal posso esperar para adicionar mais títulos

Sou muito influenciada pelo belo interior da França onde vivo. Apesar de ser nascida e criada na Inglaterra, moro no sudoeste francês há vinte anos. Minhas três filhas lindas são todas bilíngues e a mais nova, de apenas seis anos, está mostrando sinais de seguir os meus passos após produzir *The Lonely Princess* totalmente sozinha.

Um passarinho me disse que o livro dois estará disponível em breve...

Informações Leabhar

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books@](mailto:Leabhar Books@)